



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO ESPÍRITO SANTO

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS (CCHN)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS (PGCS)

**Quando o tempo parou o Congado – Rupturas culturais diante das
mudanças temporais**

DANIEL LUIZ ARREBOLA

Vitória
2024

Daniel Luiz Arrebola

**Quando o tempo parou o Congado – Rupturas culturais diante das
mudanças temporais**

Tese de doutorado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Sociais, do Centro de Ciência Humanas e Naturais, da Universidade Federal do Espírito Santo, como parte dos requisitos para obtenção do título de doutor em Ciências Sociais.

Orientador: Profº. Dr. Marcelo Fetz.

Vitória
2024

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de
Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

A774q Arrebola, Daniel Luiz, 1986-
Quando o tempo parou o Congado : Rupturas culturais diante
das mudanças temporais / Daniel Luiz Arrebola. - 2024.
215 f. : il.

Orientador: Marcelo Fetz.
Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade
Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e
Naturais.

1. Antropologia. 2. Prospecção. 3. Cultura popular. 4.
Congadas. I. Fetz, Marcelo. II. Universidade Federal do Espírito
Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 316

Daniel Luiz Arrebola

QUANDO O TEMPO PAROU O CONGADO – RUPTURAS CULTURAIS DIANTE DAS MUDANÇAS TEMPORAIS

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais do Centro de Ciências Humanas e Naturais, da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do Grau de Doutor em Ciências Sociais.

Aprovada em 22 de maio de 2024.

Comissão Examinadora:

Prof. Dr. Marcelo Fetz de Almeida (UFES)
Orientador e Presidente da Sessão

Prof. Dr. Osvaldo Martins de Oliveira (UFES)
Examinador Interno

Profª Drª Eliana Santos Junqueira Creado (UFES)
Examinadora Interna

Prof. Dr. Estevão Mota Gomes Ribas Bosco (ACM)
Examinador Externo

Profª Drª Andréa Lucia da Silva de Paiva (COC/UFF)
Examinadora Externa





Ficha de aprovação - Daniel Luiz Arrebola - PGCS

Data e Hora de Criação: 20/05/2024 às 18:57:55

Documentos que originaram esse envelope:

- Ficha de aprovação_Daniel.pdf (Arquivo PDF) - 1 página(s)



Hashs únicas referente à esse envelope de documentos

[SHA256]: cadc022e31f2a8cd3587b6222a46b05163e7a2ffd566650642c93075529ceca1

[SHA512]: 648ff92947bd5992d48badc19b14d184f97edea037c9ec5ab5e81cba0b674cdc19298e8373f5ee8f2fbbdd990c991c6532ce0a0677a46a55b98b830c43ca04bc

Lista de assinaturas solicitadas e associadas à esse envelope



ASSINADO - Andréa Lucia da Silva de Paiva (andreapaiva@id.uff.br)

Data/Hora: 22/05/2024 - 18:14:06, IP: 177.47.141.15, Geolocalização: [-21.758317, -41.328446]

[SHA256]: 7b75a5f34111152e0e2eabed7bebfecd0a442e981d95f08121ffe8e84fca83c



ASSINADO - Eliana Creado (eliana.creado@ufes.br)

Data/Hora: 22/05/2024 - 18:44:36, IP: 186.233.129.183

[SHA256]: 554c91c8c1ba619eeac4fe607ff2e7c6b99815ec1ceede25090241959863e327



ASSINADO - Estevão Bosco (estevao.bosco@iau.edu)

Data/Hora: 22/05/2024 - 18:02:36, IP: 31.221.227.185

[SHA256]: e4dd04f84432abd638b81cf56a0e2f6b52a7ccae19b02c7db3cf6dfd55ca5519



ASSINADO - Marcelo Fetz (marcelo.fetz@ufes.br)

Data/Hora: 27/05/2024 - 09:47:01, IP: 187.113.179.57, Geolocalização: [-20.281038, -40.290871]

[SHA256]: 81bcde59d44d086c561c1105373cb79196650b3d5b0892ef721021726c529385



ASSINADO - Osvaldo de Oliveira (oliveira.osvaldomartins@gmail.com)

Data/Hora: 22/05/2024 - 22:48:57, IP: 177.133.81.92, Geolocalização: [-20.357187, -40.304979]

[SHA256]: ab3fc372c5866c4d32784da02f36bcb76440ff9694b7298e9dbcf7daffa1ed1

Histórico de eventos registrados neste envelope

27/05/2024 09:47:01 - Envelope finalizado por marcelo.fetz@ufes.br, IP 187.113.179.57

27/05/2024 09:47:01 - Assinatura realizada por marcelo.fetz@ufes.br, IP 187.113.179.57

22/05/2024 22:48:57 - Assinatura realizada por oliveira.osvaldomartins@gmail.com, IP 177.133.81.92

22/05/2024 22:48:50 - Envelope visualizado por oliveira.osvaldomartins@gmail.com, IP 177.133.81.92

22/05/2024 18:44:36 - Assinatura realizada por eliana.creado@ufes.br, IP 186.233.129.183

22/05/2024 18:44:14 - Envelope visualizado por eliana.creado@ufes.br, IP 186.233.129.183

22/05/2024 18:14:06 - Assinatura realizada por andreapaiva@id.uff.br, IP 177.47.141.15

22/05/2024 18:13:49 - Envelope visualizado por andreapaiva@id.uff.br, IP 177.47.141.15

22/05/2024 18:02:36 - Assinatura realizada por estevao.bosco@iau.edu, IP 31.221.227.185

22/05/2024 18:02:22 - Envelope visualizado por estevao.bosco@iau.edu, IP 31.221.227.185

22/05/2024 15:00:08 - Envelope registrado na Blockchain por notificacao@astenassinatura.com.br

22/05/2024 15:00:08 - Envelope encaminhado para assinaturas por notificacao@astenassinatura.com.br

20/05/2024 18:57:56 - Envelope criado por barbara.g.goncalves@ufes.br, IP 200.137.65.108

DEDICATÓRIA

Dedico esta pesquisa acadêmica ao que mais me fez acreditar na antropologia: nossa cultura popular brasileira.

Sem esta, este trabalho não teria sido defendido, acreditado, escrito.

Sem os sons das gungas dos Moçambiques, eu não me tornaria doutor em ciências sociais.

Sem a desenvoltura do Catupé Tamboril, eu não me tornaria mestre em políticas sociais.

Sem o bailar dos Reis da Folia de Cordisburgo, eu não seria especialista em adolescência e juventude no mundo contemporâneo.

Sem as flores das bandeiras das Folias de Reis de São José dos Campos, eu não seria antropólogo.

Sem as fitas do mastro de São Benedito do Ticumbi de Conceição da Barra, eu não sentiria prazer algum.

Portanto, a toda expressão de nossa linda cultura popular, dedico todas as palavras deste trabalho e de todos os que virão.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, destaco que, novamente, este é mais um trabalho que não foi feito somente pelo antropólogo Daniel Luiz Arrebola, mas por muitas pessoas que passaram por meu caminho como pesquisador e ser humano e que, das formas mais variadas, contribuíram pela efetividade desta tese de doutorado.

Agradeço, novamente e felizmente, aos agora grandes amigos e amigas do meu campo de pesquisa, Dores do Indaiá. Agradeço às devotas Viviane e Emiliani Giordani que sempre me acolheram em sua casa fazendo me sentir como se esta também fosse minha. Desde 2018 sinto-me como se estivesse em visita à casa de queridas familiares no centro-oeste mineiro. As portas, literalmente, sempre estiveram abertas. As da casa e as do coração.

Agradeço, novamente e felizmente, a doce Rainha Perpétua, Dona Ivanir, que com um grande sorriso sempre me ajudou contando suas histórias, mostrando seu amor imensurável pelo Congado, colocando-me estrategicamente ao seu lado para fazer especiais registros da Festa. Essa é uma verdadeira majestade, a que de fato está à serviço do seu povo.

Agradeço aos devotos e congadeiros que em nenhum ano faltaram com seu apoio às minhas pesquisas, em especial Ewamir de Souza, o soldado de Maria; Capitão Derli Batista e aos meus amigos da fotografia, Eduardo Caetano e Sueli Santos.

Com grande carinho, novamente e felizmente, agradeço a William Monteiro, o neto do herói do Congado, Antônio Martins. Todas as vezes que entrei em sua casa, a casa do lendário congadeiro avô, me senti como se adentrasse em um templo da cultura popular e lá minhas baterias eram renovadas pela paixão pela antropologia. Entre conversas, muitas risadas e grandes histórias, parte significativa desta pesquisa foi tecida.

Também agradeço, com especial carinho, ao falecido Capitão Carlinhos, do Moçambique o reino do Juiz de Fora, que desde 2018 abriu as suas portas para me contar com riqueza de detalhes todos os segredos do Congado e em suas alvoradas me abençoou com suas orações e a garrafada. Que este agradecimento chegue aonde ele estiver agora.

Agradeço também aos membros do corpo docente e discente do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo. Foram anos de dedicação acadêmica e partilhas importantes para traçar meu caminho nesta pesquisa. Agradeço aos grandes professores e professoras que me auxiliaram com seus conhecimentos: Dra. Cristiana Losekann, minha primeira coordenadora da pós-graduação; Dra. Eliana Creado; Dra. Maria Cristina Dadalto e Dra. Patrícia Pavesi, que esteve presente em minha

banca de qualificação e defesa e concedeu valoroso apoio a esta pesquisa com seus conhecimentos.

De maneira especial, agradeço a meu orientador, Profº Dr. Marcelo Fetz, que assim como meus orientadores anteriores me concedeu o que julgo mais importante para um aluno de pós-graduação, espaço para arriscar. Graças a isso, esta pesquisa foi concluída. Agradeço a ele também o apoio em suas orientações, sempre certas e que me apontavam novos desafios.

Agradeço também às professoras, agora de outros programas de pós-graduação, que novamente me auxiliaram com seus conhecimentos sobre o Congado, Dra. Lilian Sagio, minha ex-orientadora e membra das bancas de qualificação e doutorado, mas agora, também, uma grande amiga, e Dra. Andrea Paiva, ambas também colaboradoras do grupo de peritos da metodologia desta pesquisa.

Agradeço aos amigos, amigas e colegas de trabalho que ao longo destes anos colaboraram de alguma maneira a essa pesquisa, sobretudo minha ex-coordenadora e atual coordenadora, consecutivamente, Sandra Miscali e Lidiene Cardoso que sempre me concederam o tempo necessário para as pesquisas de campo.

Agradeço minha grande amiga Aline Craveiro que mesmo entre um tempo escasso e o cansaço de um trabalho turbulento, aceitou ler minha pesquisa e dar suas contribuições de uma jovem cientista social.

E claro, não poderia deixar de agradecer, novamente, meus familiares que ao longo destes anos apoiam e torcem pelo antropólogo Daniel Arrebola. Agradeço a minha mãe, Dirce Arrebola, que se orgulha de quem me tornei e mesmo com suas limitações físicas enfrentou 10 horas de ônibus para prestigiar o lançamento do meu primeiro livro. Agradeço meu falecido pai, a quem por seu desconhecimento um dia disse que eu nunca me tornaria doutor e que eu queria era viver uma aventura, e este desafio e essa afirmação me encorajaram a chegar até aqui, nesta grande aventura que é a antropologia.

Agradeço, profundamente, minha companheira Ana Paula Pereira, que me apoiou em absolutamente todas as decisões necessárias para esta pesquisa e por toda a minha trajetória acadêmica. Que sempre fez a questão de destacar o quanto me admira e sei de sua sinceridade e amor.

Dessa vez, não poderia deixar de fazer um agradecimento muito especial, nunca percebido antes, mas agora com os imbricamentos da vida é visto como fundamental. Agradecer a mim. Com a pandemia, e outras dinâmicas da vida, houve tempos difíceis nestes

anos, tempo de pensar em desistir, tempos de duvidar. Consegui contornar tudo isso por acreditar que eu sou capaz e ter a certeza de que ainda tenho muito a conquistar. Este é o Daniel do futuro que diz ao Daniel do passado: “Obrigado, Daniel!”

Não posso deixar de agradecer mais dois atores, fundamentais para essa pesquisa: O Congado e o Tempo. O Congado por me apaixonar e me fazer sentir vivo e certo de que optei por uma carreira que tenho amor. A cada ano, ao se aproximar a Festa do Rosário, sinto-me entusiasmado como os congadeiros, mas diferente destes, não por aguardar o bater de caixas ou dança para Nossa Senhora, mas por ter o prazer de assistir tudo isso.

O Tempo, por me mostrar o quão importante é a espera, o afligir e o acalmar, o caminhar e seguir adiante, ou mesmo retornar quando necessário. Agradeço a ele por permitir conquistar isso tudo e poder viver a antropologia da forma que eu sempre quis. Agradeço, sobretudo, a todos os mistérios que ele ainda guarda e que irão me surpreender das formas que nem ao menos posso imaginar neste momento.

Por fim, agradeço por mais uma vez ter tanto a agradecer.

RESUMO

Trabalho de tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo onde pesquiso, no campo da Antropologia do Tempo, a influência do tempo nas relações socioculturais através de uma ruptura temporal. O objetivo geral da tese é, a partir do exercício de campo, criar um cenário de futuro com base nas metodologias de prospecção de Grumbach, Porter e Schwartz e que, por sua vez, deverão dialogar com as análises antropológicas de tempo e cultura. Pretendo abordar novas formas de realizar a pesquisa etnográfica com o uso de metodologias não comumente utilizadas pela antropologia, mas que, entretanto, tem muito a contribuir para as Ciências Sociais ao trazer a multidisciplinaridade de conhecimentos ao fazer antropológico. A partir destas metodologias, foram criados cenários de futuro e, por sua vez, apresentados em campo aos Congadeiros, estudo de caso deste trabalho, para que fosse feita uma etnografia que olhasse o futuro possível. No trabalho também é apresentada a etnografia do próprio método aplicado, observando sua efetividade em campo. Ao final, o trabalho discute e apresenta elementos que mostram a ruptura temporal ocorrida em Dores do Indaiá no cenário pandemia, destacando o elemento da perda. A ontologia base que acompanha todo o percurso da escrita são as contra antropologias e o conceito SULear.

Palavras-chave: Antropologia do Tempo, metodologia de prospecção, cultura popular, congados, Dores do Indaiá.

ABSTRACT

Doctorate thesis presented to the Social Sciences Program at the Federal University of Espírito Santo where I research, in the field of Anthropology of Time, the influence of time on sociocultural relations. The general aim of this research is, from a field exercise, to create a future scenario based on prospecting methodologies of Grumbach, Porter and Schwartz which, in turn, should dialogue with the anthropological analyzes of time and culture. In this thesis, I intend to approach new ways of carrying out ethnographic research with the use of methodologies not commonly used by anthropology, but which, however, have much to contribute to the Social Sciences by bringing the multidisciplinary knowledge to anthropological practices.

Keywords: Anthropology of Time, prospecting, popular culture, congados.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Vista da comunidade Antônio Martins.....	21
Figura 2 - Momento do passamento das coroas do Reinado de 2023 para o futuro Reinado de 2024.....	22
Figura 3 - Moçambique do bairro Juiz de Fora.....	24
Figura 4 - Congo Vilão do reino Antônio Martins, após apresentação na quadra do bairro para os Reis e Rainhas.....	26
Figura 5 – Membros do Catupé Tamboril durante a caminhada da procissão congadeira....	27
Figura 6 - Contra-dança do reino Antônio Martins chegam ao Ginásio do mesmo bairro para apresentação aos Reis e Rainhas.....	28
Figura 7 – Cavaleiro corre em seu cavalo para laçar a argola.....	30
Figura 8 - Devotos seguram a bandeira do Congado Mirim da escola do bairro São José.....	32
Figura 9 – Capitão Carlinhos, do Moçambique do bairro Juiz de Fora na ocasião da visita a casa de uma devota.....	35
Figura 10 – Túnel no universo criado por uma Ponte de Einstein-Rosen.....	43
Figura 11 – Primeira reunião do grupo de peritos.....	155
Figura 12 – Segunda reunião do grupo de peritos.....	157
Gráfico 1 – Função dos entrevistados no Congado ou no município.....	143
Gráfico 2 - Reino ou comunidade em que os congadeiros atuam.....	143
Gráfico 3 - Tipo de grupo que os congadeiros dançam.....	144
Gráfico 4 – Idade dos entrevistados.....	144
Gráfico 5 – Sexo dos entrevistados.....	145
Gráfico 6 - Influência familiar.....	145
Gráfico 7 - Tempo de participação nos ternos de Congado.....	146
Gráfico 8 – Cor da pele dos entrevistados.....	146
Gráfico 9 - Impactos sentidos em Dores do Indaiá durante a pandemia.....	148
Gráfico 10 - Efeitos da pandemia na festa em 3 anos.....	149
Gráfico 11 - Efeitos da pandemia na Festa em 5 anos.....	150
Gráfico 12 - Efeitos da pandemia na Festa em 10 anos.....	150
Gráfico 13 - Mudança de vida caso fim permanente da Festa.....	151
Gráfico 14 - Permanência na cidade caso haja o fim da Festa.....	151

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Modelo hierárquico dos ternos de Congado de Dores do Indaiá.....	32, 33
Tabela 2 - Tabela Matriz PESTEL.....	82
Tabela 3 - Fatores políticos.....	88 - 90
Tabela 4 - Fatores econômicos.....	91 - 93
Tabela 5 - Fatores socioculturais.....	94 - 96
Tabela 6 - Fatores tecnológicos.....	97, 98
Tabela 7 - Fatores ambientais.....	99, 100
Tabela 8 – Fatores legais.....	100, 101
Tabela 9 - Fatores e variáveis encontradas.....	102
Tabela 10 – Fatores de futuro.....	102
Tabela 11 - Possíveis eventos.....	106
Tabela 12 - Categorias de futuro a partir da etnografia.....	173 - 176

LISTA DE ABREVIATURAS

BH – Belo Horizonte MG

BR – Brasil (abreviatura utilizada para designar as rodovias de concessão federal)

LGBTQPNIA+ - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Questionando, Intersexuais, Curioso, Assexuais, Aliados e demais integrantes do grupo não CIS.

ICMS - Imposto sobre Operações relativas à Circulação de Mercadorias

MACTOR - Método, Atores, Objetivos, Resultados de Forças

MIT - Massachusetts Institute of Technology

OMS – Organização Mundial de Saúde.

PESTEL – é um acrônimo para Political (P), Economic (E), Socio-Cultural (S), Technological (T), Environmental (E) and Legal (L)

PGCS – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais

PPGPS – Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais

ProPEd – Programa de Pós-Graduação em Educação.

SWOT - É uma sigla em inglês para Forças (Strengths), Fraquezas (Weaknesses), Oportunidades (Opportunities) e Ameaças (Threats)

UENF – Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro

UERJ – Universidade Estadual do Rio de Janeiro

UFES – Universidade Federal do Espírito Santo

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	1
INTRODUÇÃO.....	4
Noção de tempo natural ou tempo físico.....	4
Antropologia do tempo e culturalização dos conceitos naturais	5
SULação e contra antropologia da antropologia do tempo - a contribuição pedagógica de Márcio Campos e de autores "não mais objeto"	7
Metodologias de prospecção e construção de cenários	15
Cenários e etnografia do futuro.....	16
Etnografia do método.....	19
Congado.....	20
Desafios da pesquisa.....	36
Estrutura da tese.....	36
 CAPÍTULO 1 – TEMPO: QUEM É ELE?	39
1.1 – Tempo Físico ou Natural e suas possibilidades. Podemos driblar o tempo ou não?	41
1.2 - Tempo e cultura	49
1.2.1) Tempo e contra antropologia	58
1.2.2) Tempo e religiosidade negra.....	61
1.3 - De quais tempos estou falando?.....	63
 CAPÍTULO 2 - METODOLOGIA DE PROSPECÇÃO NA ANTROPOLOGIA	65
2.1 - Método de Godet: Método integrado de cenarização	69
2.2 - Método Peter Schwartz: lógico intuitiva	72
2.3 - Método de cenários de Grumbach.	75
2.4 - Matriz PESTEL.....	80
2.4.1) Quais as variáveis dessa pesquisa?	87
2.5 - Meu passo a passo metodológico.....	103
2.6 - Formação do grupo de agentes e grupo de peritos virtual.....	109
 CAPÍTULO 3 - DORES DO INDAIÁ E A INVERSÃO DO TEMPO - CENÁRIO .	114
3.1 – O Congado dorense	114
3.1.1) Dores do Indaiá - A Terra do Congado.....	114
3.1.2) O tempo de Festa.....	116
3.2 – Dores do Indaiá pandêmica e pós-pandêmica - Quando o tempo para	118
3.3 - As entrevistas do grupo de agentes	129
3.4 – Validação dos dados e criação de cenários	141
3.4.1) Construção dos cenários de futuro do Congado de Dores do Indaiá.....	152
3.4.2) Validação dos peritos.....	154

CAPÍTULO 4 - ETNOGRAFIA DO FUTURO	159
4.1 – As observações de campo	159
4.2 – A perda e ruptura temporal.....	167
4.3 - Por que essa é uma etnografia do futuro?	171
4.4 – Etnografia do método.....	179
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	 183
Ruptura tempo x cultura.....	183
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	 190

APRESENTAÇÃO

Quando fiz a apresentação do projeto de pesquisa durante o processo seletivo de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo – PGCS/UFES – a minha proposta de pesquisa era realizar o debate/problematização do possível colapso sociocultural causado por uma futura tecnologia de viagem no tempo. Este tema tinha como arcabouço teórico autores como o físico Ronald Mallet (2006) e reafirmado por outros conceituados pesquisadores da física, como Brian Cleg (2013).

Ao iniciar as disciplinas do programa, bem como as reuniões de orientação, e, mediante a baixa realização de pesquisas em antropologia do tempo nos departamentos de Ciências Sociais ou de Antropologia no Brasil, o que dificultaria o diálogo mais próximo com outros pesquisadores para auxílio em um trabalho tão complexo, percebi, portanto, a necessidade de retroceder a um objeto de pesquisa mais inicial, que mostrasse as possibilidades de imbricamentos entre as ciências exatas e a antropologia, e, posteriormente, à qualificação, às relações entre tempo e cultura, mas que ao mesmo tempo não abandonasse de vez a proposta apresentada durante a seleção.

Eis que no início do ano de 2020, meu ano de entrada no doutorado do PGCS/UFES, o mundo foi surpreendido com a pandemia do COVID-19, o que obrigou a paralização de diversas atividades mundo afora. Após longo período de planejamento e percepção da conjuntura da doença no estado do Espírito Santo, a UFES optou pela realização das aulas em formato on-line, iniciadas com rotina semanal a partir do segundo semestre de 2020. Em meio a isso, soube por intermédio de amigos e outros pesquisadores dos problemas causados pela pandemia na pequena cidade do centro-oeste mineiro, Dolores do Indaia, onde durante 2018 e 2019 realizei pesquisas etnográficas com o congado mineiro, objeto de pesquisa de minha dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais da Universidade Estadual do Norte Fluminense – PPGPS/UENF. A intensificação da doença ao longo dos meses em 2020 obrigou a não realização da Festa do Rosário dolorense após décadas de dedicação da comunidade congadeira, o que veio a se repetir no ano de 2021. Diversos impactos foram sentidos na cidade, para além da tristeza provocada pela impossibilidade do exercício da fé por meio da cultura popular dos congados.

Sendo assim, percebi uma oportunidade de continuidade da minha pesquisa com a cultura popular congadeira e de diálogo com a antropologia do tempo por meio de um

exemplo de ruptura cultural/temporal ocorrido em Dores do Indaiá devido a pandemia de COVID-19. Meu novo questionamento para a escolha deste objeto de pesquisa era: qual metodologia utilizar para mostrar o efeito da ruptura do tempo neste cenário? O tema me indicava que seria necessário trazer algum método que possibilitasse o que até então eu julgava impossível para a antropologia: olhar para o futuro. Somente assim seria possível mostrar como os efeitos do tempo podem impactar a cultura. Era preciso pensar em cenários que mostrassem o efeito do tempo sob algum elemento aplicado no futuro. Desta forma, minha palavra-chave para pensar a metodologia era esta: “cenários de futuro”. Iniciei o estudo sobre as metodologias de pesquisa que olhassem o futuro na perspectiva da construção de cenários e me deparei com as chamadas metodologias de prospecção. Amplamente usadas nas ciências administrativas e econômicas e que possibilitavam o estudo de diversos recortes de pesquisa, desde que aplicadas a um rigoroso ritual de observação.

Perfeito..., mas, e a antropologia? Já havia “entrado nessa” em algum momento? Minhas pesquisas nos canais de dados disponíveis dos trabalhos em ciências humanas me disseram que não, o que era bom para a originalidade da tese, mas não para que eu pudesse me espelhar em algo. Contudo, em meio a estas pesquisas encontrei o importante e interessante trabalho etnográfico de Luis Borges, intitulado “o futuro da escola” (2021), onde o antropólogo, por meio de um exercício etnográfico e da aplicação de entrevistas abertas com estudantes e professores, buscou identificar quais seriam os possíveis futuros das escolas públicas brasileiras usando como estudo de caso escolas públicas do município de Nova Iguaçu, baixada fluminense. O trabalho de Borges, portanto, era um importante parâmetro que, somado às metodologias de prospecção, me possibilitasse aplicar a etnografia em Dores do Indaiá de forma prospectiva, ou seja, buscando enxergar possibilidades de futuro junto aos congadeiros que viveram a situação de ruptura pandêmica.

Após a qualificação, a banca examinadora me trouxe o desafio de considerar algumas perspectivas, as quais julguei pertinentes, tratando-se de um recorte de pesquisa de uma cultura popular negra. Apontamentos que se repetiram da banca de defesa da dissertação em 2020. Portanto, optei por não trazer com tanta profundidade a este trabalho o debate sobre o tempo natural, deixando somente alguns elementos pertinentes para que, enquanto antropólogos e cientistas sociais, possamos compreender que ele existe e não temos como nos desconectar dele; sobre os autores e a discussão ontológica que irá reger este trabalho, optei por centrar na contra antropologia, e esta, sobretudo, de autores e pesquisadores negros. Essa é uma corrente que surgiu com efervescência nos últimos anos e que ainda se mostra

um grande desafio para antropologia ao colocar os próprios agentes de pesquisa como narradores da sua história, mesmo que isso já ocorresse a algumas décadas, como podemos observar em “quarto de despejo”, de Carolina Maria de Jesus, lançado em 1960. Desta forma, optei por construir esta tese baseada nas opiniões dos próprios participantes da Festa do Rosário. Ninguém melhor do que eles para dizer o que é ou não possível para o futuro. Suas falas foram incluídas ao máximo, sempre em diálogo com pesquisadores e com atores que são pesquisados e pesquisam com suas tradições, saberes e fazeres. Sendo assim, autores renomados na antropologia e nas ciências sociais como um todo, em sua maioria americanos ou europeus, e quando brasileiros, brancos de classes média a alta, serão utilizados neste trabalho somente quando seus apontamentos forem considerados essenciais ou outros autores negros e da contra antropologia tiverem importantes contrapontos a fazer com estes.

Além da contra antropologia, lanço mão do uso amplo do conceito SULear, do antropólogo e querido amigo Dr. Márcio Campos. Assim como seu amigo, Paulo Freire, percebo nesta metodologia a necessidade de esperar sobre um novo futuro para a antropologia, onde possamos continuar nesta caminhada de mais ouvir do que sermos ouvidos. Toda contra antropologia é uma SULearção que nos diz quem realmente somos e para onde estamos indo.

Sei que parece um tanto quanto contraditório e questionável o uso das metodologias de prospecção, cunhada por autores eurocentrados, em um trabalho que se propõe a DESNORTEar nossos olhares, por isso, nesta pesquisa defendo a reconstrução desta metodologia ao passo que o contexto do meu estudo dite como a metodologia se dará, e não o contrário. É hora de decolonizar as formas de se fazer pesquisa em antropologia! SULear as metodologias impostas!

Sendo assim, apresento a seguir os capítulos desta nova pesquisa.

INTRODUÇÃO

“Você desenhou e fixou essas palavras em peles de papel, como pedi. Elas partiram, afastaram-se de mim. Agora desejo que elas se dividam e se espalhem bem longe, para serem realmente ouvidas. Eu lhe ensinei essas coisas para que você as transmita aos seus; aos seus mais anciãos, aos seus pais e sogros, aos seus irmãos e cunhados, às mulheres que você chama de esposas, aos rapazes que irão chamá-lo de sogro. Se lhe perguntarem: “Como você aprendeu essas coisas?”, você responderá: “Morei muito tempo nas casas dos Yanomami, comendo sua comida. Foi assim que, aos poucos, sua língua pegou em mim. Então, eles me confiaram suas palavras, porque lhes dói o fato de os brancos serem tão ignorantes a seu respeito”.

David Kopenawa (A queda do céu, 2015, p.64)

Minha pesquisa, no campo da antropologia do tempo, tem como objetivo principal discutir a relação entre tempo e cultura, usando o exemplo de uma ruptura temporal. Meu desafio é, para apresentar tal relação, fazer a união das metodologias de prospecção, as quais explicarei nesta tese, com a etnografia.

Para avançar o debate sobre os desafios e possibilidades desta soma de metodologias, explicarei antes alguns conceitos chaves desta pesquisa, sendo eles o próprio tema do tempo, a partir do seu conceito para a física, do campo de estudos da antropologia do tempo e do conceito SULear que vai ao encontro da corrente epistêmica da contra antropologia, importante para se pensar o trabalho do antropólogo a partir das vivências, experiências locais e temporalidades individuais e coletivas.

Noção de tempo natural ou tempo físico

Tempo, assim como espaço, parecem conceitos simples quando pensamos a partir do campo das ciências naturais ou exatas. Mesmo nestas ciências, entretanto, as possibilidades para se trabalhar com contrapontos, mesmo que remotos, são possíveis. Físicos, em especial os que pesquisam mecânica quântica ou os universais paradigmas da astrofísica, há muito

têm planejado maneiras de realizar, ou somente descobrir, as tão sonhadas brechas nas leis naturais que até hoje só existem na ficção científica (HAWKING, 2016).

Trazendo aqui uma breve e objetiva explicação que será importante para esta pesquisa, baseado em Hawking (2016), o conceito de tempo é uma das quatro dimensões do que conseguimos observar e vivenciar no mundo real: largura, altura, comprimento e, ele mesmo, o tempo. Ele passa de forma linear junto às outras dimensões e não pode ser descolado da vivência humana. Viver “sem tempo” significaria viver também sem outros elementos básicos de nossa vida, como a luz, já que a movimentação de fótons depende da existência do tempo. Diferentemente das outras dimensões, o tempo não é “observável” como a estrutura do espaço, que é onde acontecem todos os eventos, mas está tão solidificado em nossas vidas que podemos percebê-lo com extrema facilidade: basta olharmos no espelho ao longo dos dias para percebermos nosso envelhecimento corporal através do tempo.

Trazer o conceito das leis naturais não é um exercício difícil, já que estas são postulações fechadas. Sendo assim, desafiá-las não é nada fácil, ainda que, para muitas delas, não seja algo que não possa ou que já não tenha sido feito. Nas ciências humanas, dentre elas a antropologia, por sua vez, é possível que façamos outros olhares sobre o tempo, observando os embricamentos entre natureza e cultura.

Antropologia do tempo e a culturalização dos conceitos naturais

A antropologia não poderia ficar de fora do debate sobre o tempo e suas relações com a cultura. Johannes Fabian (2013) e Alfred Gell (2014) são duas importantes referências na antropologia para este campo de discussão. Estes autores conceituaram outras “formas possíveis” de se pensar o tempo, que não são novidades para nós, seres humanos, e problematizaram os olhares da antropologia com trabalhos de outros autores que, no passado, abordaram a temática de diferentes formas.

Fabian (2013) apresenta tipos distintos de tempo. O *Tempo Físico*, ou natural, “serve como uma espécie de parâmetro ou vetor na descrição do processo sociocultural” (FABIAN, 2016, p. 57). De acordo com o autor, apesar de ser um parâmetro, ele não é sujeito às variações que as culturas exercem sobre outros “tipos” de tempo. O *Tempo Mundano*, que possui uma relação mais próxima à cosmopolítica do tempo, já que, mesmo compreendendo

as funções físicas do tempo, não está ligado a uma cronologia trivial, mas sim à marcação de grandes concepções, como eras e estágios. Este tipo de tempo serve tanto para a compreensão das mudanças humanas como das formas mais tradicionais do pensamento. *Tempo Tipológico*, que não segue uma escala linear, mas é cronometrado por meio de eventos socioculturais. Aqui ele se despoja totalmente das leis naturais e se aproxima da história dos povos. Entretanto, é importante compreender que o *Tempo Tipológico*, por sua maleabilidade e dinâmica, é facilmente modificável, o que pode ser bom ou ruim. É nesta classe de tempo que repousa o poder do discurso e de todas as modificações que ele pode fazer. No nascimento da antropologia do século XIX, os chamados “povos sem história” eram assim classificados por conta de um discurso hegemônico que não reconhecia o passado fora da Europa como legítimo e portador de outras identidades e temporalidades possíveis.

Ainda em Fabian (2010), podemos trazer outra problematização para a pesquisa antropológica que se relaciona com o *tempo tipológico*, as coleções. O autor aborda em uma conferência acadêmica, transformada em artigo, o uso de objetos simbólicos como artefatos meramente colecionáveis e que se transformam em peças de mercado na medida em que são visados pelos Museus ou adquiridos no mercado de “artes”¹. Se pensarmos que cada objeto carrega histórias, memórias e simbologias, o uso de pesquisas antropológicas destes povos é também usar outras temporalidades de indivíduos e coletivos. Podemos dizer, então, tratar-se de uma verdadeira “apropriação do *tempo tipológico*” de civilizações passadas ou presentes. Para o autor, as construções temporais de povos com outras epistemes que não as eurocêntricas necessitam ser legitimadas pela antropologia como fontes subjetivas de pensamento do tempo, expandindo, assim, o próprio universo de pensamento acerca da natureza e da cultura. Não considerar estes outros tempos tornaria a pesquisa antropológica *alocrônica*, termo cunhado pelo autor para se referir a uma antropologia que usa como base somente o modelo temporal dos povos ditos “modernos” e que deteria uma espécie de monopólio sobre o discurso legítimo.

¹ Utilizo aqui a palavra arte entre aspas por compreender a problematização existente sobre o uso de comercialização de tais peças.

SULeação e contra antropologia da antropologia do tempo – a contribuição pedagógica de Márcio Campos e de autores “não mais objeto”

Márcio D’Olne Campos (2019), físico de formação e antropólogo “autodidata”, como se refere o próprio autor², criou, em 1971, o termo SULear, que posteriormente, em 1972, seria usado na obra “Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido”, de seu amigo Paulo Freire. Campos argumenta que, assim como há uma forma própria e coerente de se encontrar e compreender o espaço para os habitantes do Hemisfério Norte, o mesmo deve ocorrer para os do Hemisfério Sul. Por exemplo, não há lógica em posicionar-se para encontrar o referencial Norte diante da Estrela Polar, ela não pode ser vista abaixo da linha do Equador, o correto então seria encontrar primeiro o Sul, usando como referencial estelar o Cruzeiro do Sul, então às costas do observador estará o ponto cardeal norte. Mesmo esta sendo a forma mais coerente, até alguns anos atrás era comum encontrar livros didáticos de educação básica com o modelo cartográfico da Estrela Polar. SULear, ao invés de NORTEar, não é se posicionar e compreender o mundo só pelo Sul cardeal, mas olhar o mundo tomando-se como referencial onde estamos, ou seja, compreender nossa visão de mundo a partir do chão em que se pisa, da cultura na qual se vive. O mesmo exemplo é contado por Santos (2023) sobre sua aprendizagem:

“No tempo em que eu estudava, diziam: fica em pé, abre os braços. Para o lado de seu braço direito está o Leste, para o lado do esquerdo está o Oeste, às suas costas está o Sul. Enfim, era uma maneira de nos orientarmos. Ora, se o lugar onde estou é um ponto de referência, para a frente de onde estou é o Norte, para trás de onde estou é o Sul. Mas se eu caminhar para a frente, este lugar vai passar a ser Sul. Se eu for para trás, este lugar vai passar a ser Norte. Então Norte ou Sul dependem de onde estou. (Santos, 2023, p.32)

Santos (2023) destaca que as pessoas de mentalidade colonialistas são subjulgadas por outros colonialistas e “da mesma forma que outros colonialistas brasileiros são submissos aos colonialistas dos países do Norte” (SANTOS, 2023, p. 50, 51).

Outro apontamento trazido por Campos (2015) é a importância de falar do mundo com base no que realmente vemos. Um exemplo dado pelo autor é a observação de um copo no centro de uma mesa de bar. Se questionado as pessoas sentadas em volta da mesa qual o

² Entrevista realizada com o autor em 20/05/2020.

formato da boca do copo, a resposta convencional será: “é um círculo”, sendo que quando olhamos da posição de quem está ao lado do objeto e não observando pelo alto, a boca do copo tem o formato de uma elipse. Com este exemplo, Campos (2015) problematiza a forma como falamos do mundo a partir de ideias NORTEadas, ou seja, de conceitos pré-concebidos a partir das correntes de pensamento dos países colonialistas.

É preciso, assim, que a própria antropologia do tempo, área deste estudo, passe por um “processo de SULEação”. Mesmo trabalhando com base no *Tempo Tipológico* que pode e deve ser visto a partir de cada local e cultura, o trabalho do antropólogo ainda permanece preso à concepção do “superior”, ao “outro”. É o etnógrafo que vai a campo, olha, pergunta, anota, “compreende” e conclui seu trabalho dizendo: “A sociedade observada funciona da maneira descrita neste trabalho!”. Voltando as preocupações de Fabian (2013) na pesquisa antropológica, escrever sobre o “outro” sem considerar sua visão de mundo e, portanto, o seu próprio tempo, é continuar vivendo no “pecado” do *alocronismo*. Por outro lado, inserir o sujeito da pesquisa na construção da mesma é possibilitar que, a partir da sua vivência e de suas palavras, se compreenda melhor o seu mundo e o seu tempo. SULEar a pesquisa antropológica é nos reconhecer no tanto no nosso espaço, cultura e temporalidade como na do outro.

As chamadas “contra antropologias”, trabalhos antropológicos feitos e escritos pelos até então naturalmente “objetos de pesquisa”, indígenas, quilombolas, pescadores, ribeirinhos e outros atores que sempre foram usadas pelos etnógrafos como a fonte de suas informações, agora tem tomado a cena de novas etnografias e nos tirado da nossa histórica zona de conforto de poder ditar o que é ou não é o correto sobre o objeto estudado. Algumas destas pesquisas tornaram-se referências na literatura dos últimos anos. Destaco entre elas as obras de Kopenawa (2015, 2023), Krenak (2020), Antônio Bispo do Santos (2020, 2023). E não só as escritas podem ser encaradas como contra antropologias, mas saberes xamânicos, quilombolas, das periferias, da oralidade dos terreiros de candomblé e umbanda, e todas as outras formas de expressões orais carregadas de conhecimentos tradicionais e naturais. Sendo assim, conforme apontado por Grunewald (2020), “é preciso multiplicar antropologias. Ao limite mesmo da quantidade de descrições etnográficas distintas que se possa produzir. (GRUNEWALD, 2020, p. 333). Estes autores, junto com outros e com os próprios congadeiros, serão amplamente usados neste trabalho compreendendo como a linha epistemológica mais coerente para tal estudo, com pensamentos afrocentrados e periféricos, conforme a realidade da população negra dorense. Estes escritos são mostras de como o

processo de SULEação pode nos trazer novos olhares ao cotidiano da antropologia, e, como nossas ideias de tempo são ainda muito fechadas a um parâmetro branco e estadunidenseurocentrico³.

Sobre a contra antropologia, contribuições no campo dos estudos antropológicos tem surgido com mais afinco nas pesquisas do século XXI, com pensadores de diversas origens e culturas, com seus distintos olhares e, desta forma, possibilitam a realização de uma antropologia que crítica a ela própria. Essa corrente epistêmica pode ser interpretada também na mesma linha pelo que Viveiros de Castro chama de perspectivismo. Para o autor “o perspectivismo é assim ao mesmo tempo um objeto para a antropologia e é uma outra antropologia, um interlocutor, um contra-sujeito. As implicações epistemológico-políticas dessa maneira de definir o perspectivismo são, penso eu, óbvias” (VIVEIROS DE CASTRO apud BULL, 2014, p. 157)

Krenak (2020) é o primeiro a provocar a própria ideia de metodologia e teoria. Para o autor “toda teoria é um esforço de explicar para cabeças-duras a realidade que eles não enxergam” (KRENAK, 2020, p.20) e para ele toda a ciência esta sendo subjugada pelas técnicas, metodologias e teorias. Sendo assim, todas as pessoas que podem contribuir com novos conhecimentos acabam sendo puxadas para a máquina de “fazer mercadorias”, como salienta Kopenawa (2015, 2023) e Santos (2015, 2023) sobre nosso mundo e os saberes julgados válidos. Estes modelos fixados de métodos e teorias, bem como o próprio escopo educacional e acadêmico vigente, são criticados por estes autores. Krenak (2020) interpõe que as falas dos pensadores originários e periféricos não entusiasma o ambiente acadêmico devido a uma narrativa globalizante e superficial. Essas pessoas são o que ele chama de “sub-humanidade”, os que “ficaram meio esquecidos pelas bordas do planeta, nas margens dos rios, nas beiras dos oceanos, na África, na Ásia ou na América Latina. São caiçaras, índios, quilombolas, aborígenes” (KRENAK, 2020, p. 21), ela é uma camada mais bruta, rústica e, como chamado por Santos (2023), orgânica da humanidade. Este termo ainda é muito conhecido na antropologia como “subalternidade”, pela obra “Pode o subalterno falar?” de Spivak (2018), contudo, compreendendo que é necessário SULEar essa pesquisa, optarei pelo uso do termo cunhado por Krenak, em terras e realidades brasileiras. Fu (1991) lembra o como muitos destes povos fizeram grandes feitos e “submetido aos poderosos,

³ Utilizo este termo por compreender que, mesmo na antropologia, atualmente não só a Europa é um centro que dito conceitos acadêmicos, mas os Estados Unidos da América também.

o ser humano que construiu impérios, reinos, pirâmides, etc, foi declarado sem inteligência pelo invasor. (FU, 1991, p.7).

Krenak (2020) indaga que isso que vivemos no campo universitário, da criação de “conhecimento” não é educação, mas uma fábrica de loucura e, para ele, os antropólogos também são responsáveis por manter esse mecanismo ao não observar que esses povos não são apenas cultura, assim como destacado por Sobrinho (2023), o conhecimento procurado por eles é o que as comunidades tradicionais possuem, sendo elas então o “professor dos professores” (SOBRINHO, 2020, p. 46). Além disso, a própria transmissão de saberes passou a ser agenciada. Para Krenak “os pais renunciaram a um direito, que deveria ser inalienável, de transmitir o que aprenderam, a memória deles, para que a próxima geração possa existir no mundo com alguma herança, com algum sentimento de ancestralidade” (KRENAK, 2020, p. 102).

Santos (2023), diz que deve ser feita também uma problematização sobre o próprio uso da escrita frente ao esquecimento da linguagem oral, principal meio de transmissão de saber desses povos. O autor aponta que a instalação da escrita na vida das comunidades trouxe problemas de substituição dos saberes tradicionais:

“A escrita queria, a qualquer custo, se instalar e passar a ser a linguagem predominante. Enfrentamos um grande desafio porque os nossos contratos, que eram feitos pela oralidade, sofreram um ataque brusco para que fossem transformados em contratos escriturados. As nossas mestras e os nossos mestres da oralidade foram considerados desnecessários pelo sistema, e tentaram substituí-los pelos mestres da escrituração”. (Santos, 2023, p. 12, 13)

O autor chama então essa nova versão dos diálogos do que chamamos de contra antropologia de contra colonialismo, que é o momento necessário para as estruturas organizativas locais, micropolíticas (DELEUZE; GUATARRI, 1995). Sendo assim, para Santos (2023), é necessário a “contra colonização de todos os processos de resistência e de luta em defesa dos territórios dos povos contra colonizadores, os símbolos, as significações e os modos de vida praticados nesses territórios” (SANTOS, 2019, p. 48). Mas, assim como Krenak (2020), Santos (2023) aponta que a contra antropologia, ou contra colonialismo, esta conseguindo seu intento de destacar dentro e fora do campo acadêmico nestes últimos anos pela organização dos povos. Para o autor, o contra colonialismo é um conceito orgânico,

presente na vida das comunidades, enquanto o decolonialismo é um conceito sintético, criado pelo pesquisador, majoritariamente branco. Para ele:

“Os seres estão começando a falar em autogestão. Estamos em um momento muito especial. Falamos de cosmologia em vez de falar de teoria ou ideologia. Falamos de território, em vez de falar de fábrica. Falamos de aldeia, quilombo e terreiro, em vez de espaço de trabalho. O mundo do trabalho não é mais o mundo em debate, não está mais impondo a pauta, está sendo substituído pelo mundo do saber, pelo mundo do viver” (Santos, 2023, p. 32).

Fato que para o autor pode ser destacado a partir do acesso a essas próprias populações a ferramentas de conhecimento até então tradicionais do ambiente acadêmico e de produção de conhecimento colonialista, como o livro. Ele diz que:

“Se alguém me pergunta se nossos livros estão chegando aos quilombos, respondo que eles não são feitos para os quilombos, eles saíram dos quilombos e têm que chegar aos Alphavilles! Chegar às universidades e aos shoppings. No quilombo, somos da oralidade, compomos o nosso saber nos bares de ponta de rua” (Santos, 2023, p. 43).

Esses livros, chamados por Kopenawa (2015, 2023) de “peles de papel”, nem sempre são uteis a esses povos. O xamã, bem como Santos (2023), reforça que ainda é preciso se ouvir a fala dos mestres e mestras, xamãs, pajés e outros detentores do conhecimento popular para que “se grave suas palavras neles”. Contudo, o autor ainda assim reconhece a importância de que as obras escritas cheguem até os homens brancos já que esta é a forma como nós compreendemos o mundo a nós informado. Rememoro aqui a pontuação de Paulo Freire (2003), bem como de seu amigo, Márcio Campos (2015), de que é preciso se conhecer o mundo a partir do que se vê e, o que é visto deve ser descrito em palavras não de maneiras compreensíveis a outras realidades, sociedades e culturas, mas a de quem lê. Sendo assim, a contra antropologia é um movimento de traduzir para a escrita a oralidade, como informa Santos (2023) que foi o processo vivido por ele a pedido dos mestres e mestras do quilombo. Dialogando com Freire e Deleuze, Aguiar (2020) aponta que é:

“Impossível pensar esses caminhos de fazer diferente em processos de formação sem nos remeter às práticas de educação popular. Lembro as inúmeras e valiosas contribuições de pessoas, coletivos, movimentos que, por décadas, fizeram e fazem proliferar a ideia de que “ensinar não é transmitir conhecimento, mas criar condições para a sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 2003, p. 52). Nesses percursos, as “histórias de vida” são, ao mesmo tempo, matéria-prima para a construção de

conhecimento e pontos de apoio que podem abalar a versão da história que insiste em nos dominar. Com elas, são despertados afetos e marcas de nossas experiências, dos encontros de nossos corpos com as forças do mundo, sempre variáveis e singulares. Um despertar de outro tempo (Aión) e intensidades que interpelam o mundo e suas normativas, abrindo um tempo oportuno (Kairós) a processos de subjetivação que “só valem na medida em que, quando acontecem, escapam tanto aos saberes constituídos como aos poderes dominantes” (DELEUZE, 1991, p. 217)” (Aguiar 2020, p. 92, 93)

Sobrinho (2020) problematiza também a própria falta de retorno do campo acadêmico sobre as pesquisas desenvolvidas entre os povos tradicionais. Ele indaga que:

“Com relação à pesquisa, acredito que a universidade esquece de devolver para os povos indígenas aquilo que foi produzido. Acho que falta compromisso de alguns alunos quando eles concluem seu projeto. Muitos querem fazer só por curiosidade e alguns para enriquecimento do seu currículo, mas esquecem de devolver para a comunidade” (Sobrinho, 2020, p. 46)

O debate contra antropológico tem se aproximado também desta necessidade de dar retorno aos pesquisados sobre as pesquisas nas quais foram envolvidos. O autor reforça que é importante que as universidades abram suas portas para esta “sub-humanidade”, dando a eles o verdadeiro lugar de detentores do saber. Moura (2020) denuncia como nas favelas, as pesquisas acadêmicas e os pesquisadores, também tem usurpado dos conhecimentos populares como forma de perpetuação da colonização do conhecimento. O autor diz que:

“(…) à pesquisa por meio desses espaços de favela, que muitas vezes se precisa expropriar o conhecimento, classificando esse conhecimento como subalterno ou, outro exemplo, com a palavra “popular” – parece que tudo que é popular é ruim. Então a gente tem um problema com isso, na minha perspectiva, saber é saber, se é popular ou não, é um outro esquema. Nós tentamos classificar os saberes, exatamente, para poder expropriá-los. Se Classifica para expropriar e depois se apropria do conhecimento que se expropria. Não sei se fui claro. Então se tem um regime em que nós primeiro expropriamos o conhecimento, colocamos ele como menor, mas, na hora, nós nos servimos desse conhecimento que julgamos ser menor para fazer nossas teses, dissertações” (Moura, 2020, p.59).

Portanto, é essencial a menção e falas das pessoas entrevistadas nas pesquisas acadêmico para, assim, dar o devido crédito a quem é o detentor do saber usado nos trabalhos feitos. Moura (2020), sobre isso, reforça que:

(...) um saber científico tende a suplantar outro qualquer tipo de saber. Se você leva o seu título de doutor, parece que você tem um emblema naquilo; ele é emblemático, você é doutor. E a gente tem que considerar que existem tantos doutores fora da academia, que a gente precisava, inclusive, fazer o que a UFRJ fez agora com Martinho da Vila, reconhecer doutores honoris causa, até mesmo aqueles que nunca entraram numa universidade, mas são produtores de conhecimentos indispensáveis (Moura, 2020, p. 60).

Da mesma forma, Leila Gonzalez já denunciava o cansaço das comunidades negras ao ver que as produções escritas acadêmicas pouco mencionavam sobre os povos negros, da “sub-humanidade”, a autora vocifera que:

“Estamos cansados de saber que nem nos livros onde mandam a gente estudar se fala da efetiva contribuição das classes populares, da mulher, do negro e do índio na nossa formação histórica e cultural. Na verdade, o que se faz é folclorizar todos eles. E o que fica? É a impressão de que só os homens, os homens brancos, social e economicamente privilegiados, foram os únicos a construir esse país. A essa mentira tripla se dá o nome de sexismo, racismo e elitismo” (Gonzalez apud Aguiar, 2023, p. 1645).

Sobre a expropriação dos saberes tradicionais, Moura (2020), assim como Santos (2023), diz que as pesquisas seguem uma prática hierárquica onde o pesquisador, professor, mestre, doutor, é sempre o algoz do conhecimento popular, usando de uma fala, nem sempre bonita, mas julgada “correta” e que vem, como o encanto da sereia, fazer a cabeça das comunidades para que abram suas portas a usurpação dos seus saberes. Para o autor esses pesquisadores ainda consideram que o “saber popular é menor, isso não tem validade acadêmica, e blablablá. Isso não é um saber racional. E aí, expropria-se para, depois, o pesquisador colocar na pesquisa dele como se fosse ideia sua. Isso é roubo. Isso é expropriação e apropriação indevida. Se quiser, isso é plágio” (MOURA, 2020, p. 64). Passos (2020) destaca que essa expropriação é algo verticalizado e vem de uma relação de dominação, já que fazer uma pesquisa participativa é totalmente diferente de se pesquisar alguém. Para o autor, o modelo ideal de pesquisa é o que ele chama de “lateralidade”, que é:

“A atitude de lateralidade, de estar ao lado, é a atitude que temos quando nossos objetos são sujeitos. O sujeito – e esse sentido está na etimologia da palavra – é esse que está ao meu lado, que me interpela, me coloca questões e que, conseqüentemente, pode ser convidado a participar do processo de produção de conhecimento e não estar ali apenas como objeto ou informante. Não está ali apenas como um objeto de quem colete dados, mas está ali como um participante do processo de produção de conhecimento. O desafio é desenvolver metodologias participativas, maneiras de produzir conhecimento que pressupõem protagonismo dos diferentes sujeitos

implicados nesse processo: o pesquisador da universidade e também esse que está se apresentando como um novo integrante da pesquisa, como sujeito da pesquisa” (Passos, 2020, p.70).

Portanto é preciso lutar pelo lugar da escrita pelas mãos da comunidade, trazendo o autor, antes objeto da pesquisa, o lugar de verdadeiro interlocutor do tema apresentado. Como reflete Carolina de Jesus (1960), somente quem passa fome sabe falar sobre ela. Moura (2020) faz a afirmação de que:

“O texto científico é uma forma, não é a forma, é uma possibilidade e não a possibilidade, com o artigo definido. Tem uma possibilidade, bacana, mas tem outras tantas possibilidades de apreensão e de produção do conhecimento, que nós precisamos disputar. Disputar esse lugar inclui “nós”, aí vou falar “nós”. Nós, enquanto pesquisadores, devemos ter mais do que a consciência de que nós não sabemos tudo, ter a sensibilidade de entender que o mundo é formado por uma pluralidade, e não apenas pelo meu ponto de vista” (Moura, 2020, p.68).

Chavez (2020), ao tratar sobre o projeto de uma escola pan-africana no Rio de Janeiro que trará as crianças uma educação diferente da construída pela história branca e eugênica, diz que “eu (ela) não tenho curso superior, mas eu tenho a vivência, que é uma escola, principalmente, de mulher, preta e da favela, nascida e criada. Então, a gente tem uma vivência que forma bastante a nossa consciência. (CHAVEZ, 2020, p. 58). Dessa forma, Chavez (2020) e Passos (2020) defendem que é preciso construir um novo modo de conhecer, desenvolvendo novas metodologias e modos de produção dentro das universidades e, alerta, que é preciso se compreender a qual raça a universidade historicamente “pertenceu”:

“(A) universidade que é branca. E essa cor não é só cor de uma etnia, de uma pele, é a cor também de certa maneira de pensar e de produzir conhecimento de forma verticalizada e hierárquica. É uma maneira de pensar o conhecimento a partir não só da distinção, mas da separação entre aquele que conhece e aquilo ou aquele que é conhecido, entre o sujeito do conhecimento e o objeto do conhecimento. Mudar essa paisagem, iniciar um novo ciclo, é assumir o desafio de pesquisar de outra maneira, de produzir conhecimento de forma mais lateralizada, produzir conhecimento de forma menos verticalizada, menos hierarquizada” (Passos, 2020, p. 69, 70).

Desta forma, para que não haja o que Aguiar (2020) e Santos (2020, 2023) chamam da continuidade da colonialidade dentro da sala de aula, a criação de um exercício de escuta

ativa das comunidades, como tratado por Freire (2003) e Campos (2015), ou seja, um verdadeiro exercício de SULEação. Aguiar (2020) ainda lista todas as ações que os pesquisadores devem tomar, que são “criar condições de experiência, germinar acontecimentos, implica soltar as contenções, abdicar de domínios, deslocar lugares, desmanchar territórios, desarmar as amarras do reconhecimento, engendrando novos espaços-tempos de cuidado e de afirmação de contrapedagogias (ou contra antropologias)⁴ da crueldade” (AGUIAR, 2020, p. 94). Santos (2023) destaca que todo saber é orgânico quando ele vem a aquisição do conhecimento por uma forma de transmissão tradicional, como a oralidade, ou natural, pelo contato com o cosmos, então a escrita precisa fazer também o exercício de voltar para a oralidade quando ela cria conversar, o que, para o autor, é a mostra de que o conhecimento esta sendo bem desenvolvido.

Metodologias de prospecção e construção de cenários

As metodologias de prospecção de cenários, como o método de Godet, de Porter, de Grumback e de Schwartz, é crucial para criar conjecturas futuras sobre fenômenos pesquisados, visando estabelecer condições iniciais que possam influenciar ou modificar esse futuro, ou, somente observá-lo. Essas técnicas, quando combinadas adequadamente, fornecem um panorama detalhado e plausível do cenário futuro, o que possui potência para estudos de diversos campos das ciências humanas, incluindo a antropologia. Apesar da antropologia tradicionalmente se concentrar no presente e no passado, é fundamental explorar métodos que permitam dialogar também com o futuro e as metodologias de prospecção oferecem essa possibilidade. Algumas áreas da antropologia já têm se desafiado a falar sobre futuro, como a antropologia especulativa ou futurista, contudo, não foram identificadas pesquisas que utilizassem métodos de criação de cenários como fonte de construção de dados.

Em um contexto de constantes mudanças sociais e humanas, a prospecção se mostra mais adequada para capturar a complexidade e dinamismo dessas realidades. Conforme Godet (2000) destaca que a prospecção desafia os pesquisadores a olharem longe, com amplitude e profundidade, tornando a pesquisa mais desafiadora e alinhada com a natureza

⁴ Grifo do autor.

dinâmica das sociedades. Ao invés de ser uma previsão do futuro, a prospecção é um estudo das possibilidades, inserindo no presente as aspirações do que se espera do futuro. Esse enfoque metodológico, conhecido como "desordem criativa", permite que as ações presentes sejam justificadas pelos projetos que visam construir essas aspirações futuras. Assim, ao adotar metodologias de prospecção em estudos etnográficos, eu pude capturar e compreender a complexidade e a multiplicidade de futuros possíveis que influenciam o estudo, os Congados.

Diferentemente de minhas pesquisas anteriores, por compreender a complexidade de trabalhar com tantos protocolos metodológicos em campo, nesta tese os registros visuais, fotográficos e vídeos, serviram somente como apoio para fins de acesso aos dados das entrevistas e como fonte visual de informação sobre o Congado, a fim de apresentar uma melhor compreensão aos leitores que não são familiarizados com a organização social presente nesse fenômeno cultural popular.

Cenários e etnografia do futuro

A proposta metodológica de cenários e de prospecção é desafiadora pela quantidade de etapas a serem seguidas, tratando-se de uma metodologia com alto potencial de desenvolvimento para a pesquisa etnográfica caso seja bem estruturada e mostre plausibilidade de ocorrência do cenário estudado na visão de mundo da população estudada. Como destaquei nos objetivos desta pesquisa, sei do enorme desafio de se pensar tais metodologias em conjunto com a etnografia. Creio que esta dificuldade seja fruto da própria falta de pesquisas anteriores que se desafiassem a fazer a aproximação acadêmica desses métodos e, acredito que, neste momento, tendo em vista meu tema de pesquisa, este desafio coube a mim. Ressalto que, na busca por outros estudos que versassem sobre a temática do tempo, não encontrei nenhum que utilizasse os métodos de prospecção. Portanto, meu desafio agora é criar uma primeira etnografia prospectiva. Uma etnografia do futuro feita a partir de cenários pré criados pelos próprios agentes de campo.

Se não há pesquisas que unam estas metodologias, o que me possibilita dizer que é possível se pensar o futuro por meio da etnografia? Analisando o estudo feito por Borges (2021) sobre a análise do futuro das escolas públicas da baixada fluminense por meio da

etnografia realizada em um colégio do município de Nova Iguaçu, e, em diálogo feito com o autor em 26 de fevereiro de 2022, é possível destacar que, em entrevistas feitas com os alunos sobre suas perspectivas de futuro, as suas falas acabam por mostrar como o próprio equipamento público da educação possibilita que os agentes possam tomar decisões de futuro que acabam por destacar qual o destino que a própria escola terá. A pesquisa foi realizada com perguntas semiestruturadas e/ou abertas onde os jovens puderam falar sobre como viam a escola em sua relação de vida e, assim, viam o seu amanhã, o que acabou por criar um cenário de futuro aos envolvidos na pesquisa. No trabalho de Borges, vejo como é possível realizar pesquisas de campo com questões que me ajudam a caminhar para o desenvolvimento de uma metodologia capaz de articular sistematicamente um futuro plausível para os investigados nessa pesquisa.

Sendo assim, escolhi, baseado na construção de pesquisa feita por Santiago (2001), mesclar os elementos dos métodos de Godet, Schwartz e Grumbach de forma a elaborar a melhor forma de analisar os possíveis cenários de futuro do meu campo. Apesar de ser uma maneira “costurada” de construção metodológica, é possível ver no trabalho do autor que esta forma de criação do recorte metodológico foi efetivo, possibilitando que o autor construísse uma exaustiva análise dos futuros possíveis do acervo digital da Casa de Oswaldo Cruz em 2001 e, hoje, como servidor da mesma, coordena e garante que estes acervos, de suma importância para a ciência brasileira, estejam bem preservados.

Por que fiz tais escolhas diante de uma pesquisa de viés antropológico? Os recortes feitos de cada método, quando somados, são os que mais se aproximaram do exercício da etnografia. Primeiro, uma metodologia de prospecção da família dos cenários possibilita que os próprios agentes entrevistados se vejam presentes no cenário construído ao perceberem que eles mesmos darão as deixas para que esta construção virtual seja feita. Importante lembrar, conforme apontado por Godet (2000), que quando falamos de cenários estamos basicamente falando de um reflexo já construído por nossas mentes quando pensamos sobre o futuro. Segundo, o método Grumbach é escolhido por desenvolver uma forma de construção de cenários que olha de forma panorâmica as diversas possibilidades que envolvem o problema. Terceiro, escolho a Análise Estrutural do Ambiente e a Análise das Estratégias dos Atores de Godet para que seja possível olhar o cenário criado a partir de dois elementos, que são caros também a antropologia, cenário e sujeito. Como dito acima, este estudo tem como proposta também a prática da reanálise de campo sobre as epistemes da contra antropologia e do conceito SULear. Sendo assim, analisar estruturalmente o ambiente

permite ao mesmo tempo maior confiabilidade no cenário criado e uma real aproximação com os atores envolvidos na pesquisa. Quarto e último, narrar o cenário criado, aproximando a pesquisa até mesmo de uma forma de literatura, possibilita que, ao narrar, visualizemos o cenário criado ao ponto de poder dizer: “este cenário é real ou não? É plausível ou não?”.

Estes princípios metodológicos usados possibilitam verificar que o exercício etnográfico será possível em duas etapas, pré e pós construção dos cenários. Será preciso realizar um primeiro exercício de campo para que eu, pesquisador, compreenda bem de qual local estou falando. É necessário que se conheça as dinâmicas sociais, culturais, conflitos e potencialidades existentes no território. Feito isso, parte-se para a construção dos cenários, onde obviamente os atores envolvidos no local farão parte do processo. Com o cenário elaborado metodologicamente, será necessária uma nova ida a campo, desta vez munido dos cenários construídos que apresentem aos atores problematizações sobre o futuro do local e como isso irá influenciar a cultura da comunidade. Os cenários trarão os elementos que apontarão potências e conflitos/problemas prováveis. Creio que mesmo entrevistando os mesmos atores no processo pré e pós, as entrevistas baseadas nos novos cenários poderão mostrar novas nuances à visão de mundo das pessoas sobre o futuro da comunidade.

Para esta pesquisa, o cenário escolhido se passa em Dolores do Indaiá, pequena cidade de pouco mais de 13mil habitantes localizada no centro-oeste mineiro, onde realizei minha dissertação de mestrado pelo programa de Pós Graduação em Políticas Sociais da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro e, anualmente, entre a segunda e terceira semana do mês de agosto, comemora-se a tradicional Festa de Nossa Senhora do Rosário, conhecida como Festa do Congado, onde as manifestações de tradição afro são instrumentos para a devoção à virgem e também os santos negros, São Benedito e Santa Efigênia. A festa movimenta e reúne outras milhares de pessoas todos os anos na pequena cidade. No ano de 2020, devido a pandemia do COVID-19, não foi possível a realização da festa, assim como em muitos outros locais do Brasil e do Mundo que viram suas tradições congelarem em razão das medidas sanitárias empregadas para frear o avanço do vírus e criar tempo suficiente para o desenvolvimento de uma vacina. Apesar de não parecer, Dolores do Indaiá foi um fato isolado diante de tantas outras grandes paralizações do tempo ao redor do globo. Pela potência e entranhamento da cultura popular congadeira na dinâmica da cidade, a população dolorense sofreu de tal forma como se o Congado tivesse desaparecido do dia para a noite gerando dias de profunda tristeza e descrença, como se a pandemia fosse na verdade um anunciador do fim, não das vidas, mas da cultura local. Sendo assim, utilizo este recorte

de pesquisa por compreender que ao não realizar uma manifestação, devido a pandemia, tão tradicional que nunca foi parada, nem mesmo no período de perseguição da Igreja Católica no início do século XX, a pequenina Dores do Indaiá não viveu somente um momento de reclusão, mas também uma ausência repentina do seu tempo de Festa que alterou o cotidiano de tal forma como se a cidade não fosse mais a mesma. Uma verdadeira ruptura temporal.

Etnografia do método

Realizar uma etnografia do próprio método aplicado ao utilizar metodologias de prospecção de cenário em um estudo etnográfico é fundamental já que nos dá a oportunidade de compreender profundamente as nuances, desafios e potenciais vieses inerentes às técnicas de prospecção e sobre os cenários criados e aplicado ao campo. Isso permite uma reflexão crítica sobre a eficácia do uso destas duas metodologias juntas e a reflexão sobre como podem ser aprimoradas e adaptadas de acordo com o contexto específico de cada campo de estudo, compreendendo a multiplicidade de possíveis aplicações na antropologia, bem como, nas ciências humanas em geral.

Uma etnografia do próprio método proporciona uma compreensão mais completa do processo de pesquisa em si. Ao examinar de perto como as metodologias de prospecção de cenário são aplicadas e interpretadas pelos entrevistados, é possível identificar padrões de comportamento, como foi feito durante a etnografia de 2023, tomadas de decisão e influências externas que podem impactar os resultados que eram esperados por mim. Isso contribui para uma análise mais precisa das observações, já que analisar a metodologia aplicada promove a transparência e a validade desta pesquisa etnográfica. Ao documentar detalhadamente os processos, procedimentos e reflexões envolvidos na aplicação das metodologias de prospecção de cenário, isso fortalece a credibilidade e confiabilidade dos resultados apresentados. Isso é essencial para garantir a qualidade e a relevância da pesquisa etnográfica e sua contribuição para o avanço do conhecimento antropológico quando se utiliza metodologias não usualmente usadas nas ciências humanas.

Para efetuar a etnografia do método fiz a análise de como se deu a aplicabilidade do cenário com os entrevistados observando suas reações e falas e, desta forma, comparando com a perspectiva que eu mesmo possuía sobre como os mesmos agiriam sendo interpelados

sobre tais possibilidades. Desta forma, foi possível mensurar se os cenários apresentados faziam sentido com a criação deles a partir dos próprios entrevistados e, como a sua reação mostrava a eficácia do método.

O Congado

O Congado é uma tradição, como muitas outras, hierarquizada em uma estrutura onde cada agente tem um papel fundamental para a realização da festa congadeira. A Rainha Perpétua é a figura central, de onde partem todas as ações do programa da Festa, já que sua casa é sempre a primeira a ser visitada e ela está em todas as ações do roteiro, desde a subida à descida dos mastros e todas as ações que precedem o início oficial da festa. Reis do Mastro e Rainhas da Bandeira do Mastro são as figuras seguintes do “reinado” de maior importância, sendo eles os responsáveis pela confecção e administração destes dois objetos de extrema sacralidade no ritual desta cultura popular. Além destas três figuras, também existem o Reinado de Promessa que são os devotos que recebem os ternos em suas casas para cafés da manhã (Príncipes e Princesas) almoços ou jantares (Reis e Rainhas). Quando os Reis e Rainhas de Promessa oferecem a refeição para mais de um terno eles passam a ser denominados de Reis e Rainhas da Coroa Grande, tendo em vista que sua Coroa de Promessa pode abarcar mais ternos devido a um maior poder aquisitivo ou então pela reunião de mais membros da família ou amigos, devotos ou não, para a alimentação dos dançantes. Como observado em campo, em grande maioria, os membros do Reinado são pessoas brancas, também em maioria membros das classes mais ricas da cidade ou da região, donos de grandes fazendas ou comércios locais de destaque, que trazem ainda o papel perpetuado desde o final do século XIX, onde os brancos eram os Reis e Rainhas da Festa do Rosário das fazendas onde os negros das irmandades faziam o Congado e que permitiam aos negros a realização das festas em louvores aos Santos e Santas (Soares, 2000).

Figura 1 – Vista da comunidade Antônio Martins.



Fonte: do próprio autor, 2023.

Hoje em Dores podemos observar nos bairros de população de classes mais baixas e periféricas, como o bairro que leva o nome do antigo capitão Antônio Martins, Reis e Rainhas de Promessa negros e negras, porém ainda poucos, como podemos ver de forma destoante no dia do “Passamentos das Coroas”, onde os Reis e Rainhas do ano vigente passam suas coroas para os novos Reis e Rainhas do ano que virá. Quando estão todos e todas unidos e unidas é muito nítido a ainda pouca presença de pessoas negras. Reis e Rainhas do Mastro, devido a sua ligação com a tradição da festa por meio da ancestralidade com antigos congadeiros negros, muitos deles, no início da tradição congadeira, ainda escravizados, são hoje em grande maioria pessoas negras. É perceptível nesta comparação a perpetuação da lógica escravista onde os Reis e Rainhas concedentes da alimentação aos congadeiros negros, ainda permanecem sendo as pessoas brancas e de classe social alta, enquanto os guardiões das tradições da cultura popular do congado e, os que recebem de comer, são os negros e negras, descendentes dos antigos e antigas escravizados e escravizadas da região.

Figura 2 – Momento do passamento das coroas do Reinado de 2023 para o futuro Reinado de 2024.



Fonte: do próprio autor, 2023.

Sobre os grupos de Congados, em Dores do Indaiá eles são divididos em cinco tipos diferentes: os Moçambiques, os Congos (Congo Vilão, Congo Penacho e o Congo Real), as Contradanças e os Catupés, sendo estes últimos divididos em de origem e de enfeite. Os quatro primeiros grupos sempre são de origem, o que significa que estão diretamente ligados as mais antigas tradições da festa, já os ternos de enfeite são aqueles diferentes das tradições e considerados apenas como grupos a mais para dar volume ao número de grupos locais e auxiliar no entretenimento dos devotos e espectadores. Estes ternos de origem, por seu passado ancestral, são em maioria compostos ou liderados por pessoas negras e este é o principal mecanismo de transmissão de saber que mantém o Congado vivo.

Entre os grupos de origem, os Moçambiques são considerados pelos devotos e congadeiros o mais importante de toda a estrutura da festa. Segundo a histórica mítica local da origem em torno da festa, seguida pelos congadeiros e devotos e que justifica a tradição do Congado na região, e, abaixo, narrada pelo capitão Carlos Henrique de Souza,

conhecido localmente como Capitão Carlinhos, do Moçambique do bairro Juiz de Fora:

“Tinha uma image de Nossa Senhora numa praia né, dai vieru os índiu e cântaro e dançaro pra ela sair dali, ela veio, mas dai eles viraro as costa e ela voltaru. Depois viero os escravo du Congo, eles batero os tambor deles, cântaro, dançaro, mas não sairo *de fasto* e a santa também não veio. No final veio os escravu du Moçambique. Eles bateru tambor, cântaru, dançaru e sairu *de fasto* pra Nossa Senhora, dai ela seguiu eles”.⁵

Sobre essas origens relatadas na narrativa mítica, Abdias Nascimento (2019) no ABC do quilombismo lembra sobre de uma distinta originalidade africana trazidas ao Brasil, o:

“Banto denomina-se um povo ao qual pertenceram os primeiros africanos escravizados que vieram para o Brasil de países que hoje se chamam Angola, Congo, Zaire, Moçambique e outros. Foram os bantos os primeiros quilombolas a enfrentar em terras brasileiras o poder militar do branco escravizador” (Nascimento, 2019, p. 269).

E como forma linguística o “Kimbundo, língua do povo banto, veio para o Brasil com os escravos procedentes da África meridional. Essa língua exerceu notável influência sobre o português falado neste país” (Nascimento, 2019, p. 271). Estas influencias das linguas africanas, mescladas com as já presentes no território e, convertidas atualmente a simplicidade da fala das classes populares como vemos nas narrativas dos congadeiros, são o que Leila Goncalves (2018) chamou de “pretoguês”, para a autora o ““pretoguês”, “que nada mais é do que a marca da africanização do português falado no Brasil” (Gonzalez, 2018, p. 323).

Sendo assim, seguindo a narrativa, o Moçambique passa a ser o grupo mais respeitado e responsável pelas principais ações da Festa, como retirar os santos e santas de um local para o outro, conduzir a Rainha Perpétua, Rei do Mastro e Rainha da Bandeira do Mastro, conduzir a subida e a descida dos mastros e caminhar a frente das procissões. Os cantos do Congado, sobretudo do Moçambique, fazem alusão direta ao período escravista, portanto, são melodias antigas, muitas vezes sem nem se saber sua autoria. Santos (2023), aponta sobre o Congado quilombola piauiense que “Ninguém sabe quem compôs as cantigas do Congado, não existe uma patente, todo mundo pode cantá-las. Todo mundo pode tocar as caixas do Congado nos ritmos e nas músicas que o povo compôs. Não se sabe a autoria da maioria das cantigas cantadas no quilombo” (Santos,

⁵ Entrevista realizada com o congadeiro em 08 de agosto de 2018.

2023, p.11). Os capitães destes grupos devem ser pessoas com notório saber sobre a ancestralidade da tradição. Seus dançantes se vestem todos de branco e com as gungas amarradas aos pés⁶. Segundo Brandão (1985), para os congadeiros há um sistema de razões religiosas que:

“(...) atualizam os termos e as relações do mito de origem e conservam pela vigência, no modo como são a crença de todos, os motivos consagrados, pela fé e pela tradição local, de reprodução do ritual com o envolvimento dos seus figurantes, quase sempre antigos “pagadores de promessa” a Nossa Senhora do Rosário”” (Brandão, 1985, p. 83).

Figura 3 - Moçambique do bairro Juiz de Fora



Fonte: do próprio autor, 2023.

Os grupos de tradição sempre dançam com seus componentes formando duas grandes filas paralelas e caminham em direção as casas dos devotos que irão visitar, e,

⁶ Gungas são instrumentos com pedras ou contas dentro de latas de metal que, amarrados aos pés, emitem som choroso ao bater dos pés no chão pelos congadeiros. A intensão do instrumento é fazer alusão ao choro dos antigos escravizados através do som melancólico emitido.

no caso do Moçambique, ou em marcha nas procissões, levantamentos e descidas de mastros e pagamento de promessas. Presos nos tornozelos dos Moçambiqueiros estão sempre presentes as gungas. No centro do terno, tocadores de tambores, bumbos, zabumbas e patangomes⁷ dão o tom da caminhada dos componentes. Ao meio das fileiras dos dançantes vem o capitão e as vezes os sub-capitães, ou os fiscais, conduzindo tanto os instrumentos como a marcha.

Já os Congos, que variam de nomenclatura de local para local, têm funções específicas para cada. Os principais, hierarquicamente, são o Congo Vilão, Congo Penacho e o Congo Real. O Congo Penacho, muitas vezes chamado somente de Penacho, leva esse nome porque seus componentes utilizam na cabeça um chapéu, no estilo de um capacete, feito com longas penas de pavão ou faisão, devido a exuberância singular que a pena dessas aves dá às fardas. A dança do Congo Penacho é marcada por um passo ritmado, acompanhado pelo som de tamboretes, triângulos ou xique-xiques. No Congo Real, os dançadores utilizam enormes capacetes e roupas com adereços de flores, feitas com papel crepe. As danças são semelhantes ao do Congo Penacho e em ambas causam um ritmo próprio ao corpo que faz com que estes adereços tenham um chacoalhar que dá significado ao fardamento, tornando-o alegre.

O Congo Vilão é um dos que possui uma função específica na dinâmica da Festa, que é a da guarda real da Rainha Perpétua ou dos Reis e Rainhas que servem almoço aos congadeiros. Suas roupas são similares a dos cowboys de filmes de faroeste e desenvolvem um bailado lento que acompanha o ritmo do canto dos capitães, também lento e melodioso, contudo, seus dançantes usam pequenas e finas varinhas de madeira, como espadas, que em momentos de apresentação são usadas com muita destreza pelos seus treinados componentes, simulando batalhas em honra ou em defesa do Reinado.

⁷ Um tipo de chocalho de ferro em formato redondo e achatado.

Figura 4 - Congo Vilão do reino Antônio Martins, após apresentação na quadra do bairro para os Reis e Rainhas.



Fonte: do próprio autor, 2023.

Os catupés de tradição estão na terceira posição da hierarquia da Festa do Congado, sendo sua função a dos chamados “congos de luta”, conforme explica o Rei do Mastro William Monteiro. Eles são como a terceira guarda do Reinado do Congado. No centro oeste mineiro os grupos também se vestem com fardas semelhantes às roupas de faroeste e utilizam instrumentos e danças variadas, conforme as batidas dos instrumentos.

Figura 5 – Membros do Catupé Tamboril durante a caminhada da procissão congadeira.



Fonte: do próprio autor, 2023.

Além dos Moçambiques, Congos e Catupés tradicionais existe uma quarta classe de grupos tradicionais que são as Contradanças. Até poucas décadas atrás as mulheres não podiam participar dos grupos de Congados, ficando a elas somente as tarefas organizativas da festa, sendo assim, foi criado um grupo específico onde os homens se vestiam de mulheres com saias, sapatilhas e chapéus, e dançavam fazendo evoluções coordenadas, em um bailado totalmente diferente dos demais ternos e em torno dos Paus de Fita. William Monteiro diz que “estes grupos representam também as crianças, da época em que as crianças também não podiam dançar da Festa. Por isso eles dançam em volta do pau de fita”. Do final dos anos 80 para cá as mulheres passaram não só a poder integrar as Contradanças, como os demais ternos e até mesmo criar ternos únicos de mulheres. Nas procissões as Contradanças vem sempre a frente como anúncio animado da chegada dos ternos de cada bairro. A estes grupos também cabe o papel de condução dos Príncipes e Princesas do reino. As baterias das Contradanças e o carregamento do Pau de Fita continua sendo tarefa atribuída aos homens.

Silva (2010) destaca que após a reconciliação entre Congados e Igreja Católica

Apostólica Romana, superando um desentendimento entre seus sacerdotes e os congadeiros da diocese de Luz - MG ocorrido em meados dos anos 60, outros elementos foram aceitos nos ternos, entre eles a entrada gradativa das mulheres, deixando somente o papel de auxílio logístico aos ternos de seus familiares.

Figura 6 - Contra-dança do reino Antônio Martins chegam ao Ginásio do mesmo bairro para apresentação aos Reis e Rainhas.



Fonte: do próprio autor, 2023.

Todas estas guardas são expressões da cultura popular que guardam específicas narrativas míticas e religiosas de devoção, em especial à Nossa Senhora do Rosário e aos Santos e Santas negros, como São Benedito e Santa Efigênia. Essa tradição é marcada pelo sincretismo de culto dos escravizados, de louvor aos deuses e deusas africanas por intermédio dos Santos e Santas Católicas. Estes quatro grupos hierárquicos existem em todos os bairros, chamados também de “reinos”, sendo fundamental para a consolidação de um “reino” a existência de ao menos um grupo de Moçambique. Alguns bairros possuem mais de um Moçambique ou convidam grupos desses das cidades vizinhas para

participar naquele ano da festa em seu “reino”.

Para além destes quatro grupos de tradição, existem na região centro oeste mineiro uma quinta classe de ternos, que não são da tradição histórica do Congado, mas de uma necessidade do aumento de grupos para que outras pessoas pudessem dançar na Festa, tendo em vista que os ternos de origem, com exceção dos Moçambiques, não têm um número muito grande de dançantes⁸, e, também, como outras formas de divertimento ao reinado e aos devotos. São os chamados, sobretudo pelos congadeiros mais antigos, “ternos de enfeite”, já que sua não existência não implicaria na dinâmica da tradição da Festa do Rosário. Esses grupos usam roupas variadas, assim como cantos e danças distintos. Em Dolores do Indaia a vestimenta usual dos ternos de enfeite é semelhante à da região dos pampas do Rio Grande do Sul, inclusive existem grupos que usam essa nomenclatura, ou então as típicas vestimentas “cowboy”, com chapéus de couro, bombachas e outros adereços. Para William Monteiro “os ternos de enfeite vieram quando não havia mais espaço para ternos nas comunidades. Porque os grupos já eram muito grandes. Os ternos de enfeite não representam a história da Congada”.

Segundo os congadeiros, os ternos de enfeite femininos são mais importantes já que antigamente as mulheres não podiam dançar nas Congadas. Segundo o Capitão Carlinhos Souza “a função das muié era de ficar na cozinha fazendo comida”. Para William Monteiro era uma função: “(...) extremamente machista. (...) Nos grupos só há homens nas baterias (...) simplesmente por uma questão física, de força para bater o bumbo. A gente tem que perceber que elas (os ternos femininos)⁹ vieram para embelezar a Festa de certa maneira”.

Além destes ternos, há também em Dolores do Indaia uma outra expressão de cultura popular que ocorre concomitantemente à programação da Festa do Rosário como forma de “diversão do reinado”, que são as Cavalhadas, promovidas em alguns dos bairros e com auxílio da organização de alguns dos congadeiros. As Cavalhadas representam uma brincadeira equestre onde os cavaleiros correm por uma pista sobre seus cavalos, enfeitados com flores e fitas de papel machê ou crepom, e tem o desafio de, com sua lança, conseguir pegar uma das “prendas” colocadas em umas argolas enfeitadas presas ao mastro. Uma barra de ferro acima da altura dos cavaleiros fixa as argolas que serão laçadas pelos cavaleiros. O cavaleiro deve vir com seu cavalo em alta velocidade.

⁸ Em média os ternos possuem entre 12 e 20 componentes, contando com os instrumentistas.

⁹ Grifo meu.

Em geral, a primeira “prenda” conquistada é dada a Rainha Perpétua, que para iniciar a Cavallhada é conduzida pelo Congo ou Moçambique do bairro até a pista onde será realizada a apresentação.

Segundo Barbosa (2016), as Cavallhadas são expressões de cultura popular que fazem alusão aos antigos torneios equestres da península ibérica e que, no Brasil, se tornaram uma manifestação das culturas populares, sobretudo no Sudeste e centro-oeste do país. Desde Portugal e Espanha, as Cavallhadas têm o propósito do divertimento da Corte. Cascudo (1984) aponta que em outros locais essa cultura popular também é chamada de Jogo de Canas ou Jogo de Argolinhas, sendo este o “prêmio” a ser conquistado pelo cavaleiro.

Figura 7 – Cavaleiro corre em seu cavalo para laçar a argola.



Fonte: do próprio autor, 2023.

E além dos ternos, das Cavallhadas e do reinado, ainda fazem parte da estrutura da festa os devotos e devotas, tendo em vista que sem esses os grupos de Congado não teriam a quem se apresentar, já que o reinado é também composto por devotos. Para a visita dos grupos às casas dos devotos e devotas, em sua frente é montado um altar com a imagem dos Santos escolhidos pelos mesmos, sendo a imagem de Nossa Senhora a mais

escolhida, mas é comum também São Benedito e Santa Efigênia ou outros Santos e Santas não glorificados nesta festa, como a Sagrada Família ou Nossa Senhora Aparecida. É comum também ter fotos de parentes e banners com dizerem de agradecimentos por graças alcançadas, muitas vezes atreladas as promessas feitas nas edições anteriores da Festa do Rosário.

O Reinado sempre servirá aos ternos de congadeiros alguma refeição, seja um café da manhã ou lanche no caso dos príncipes e princesas ou um almoço ou jantar para os Reis e Rainhas. A alimentação na festa congadeira é algo sagrado, inicialmente pelo próprio alimento. Santos (2023) aponta que:

“A comida alimenta o corpo e alimenta a alma – a comida para nós não é só comida. O feijão que sai do supermercado e vai para as nossas festas passa a ser outro produto, incorporando outras vidas, outros espíritos. Não é mais aquele feijão, passa a ser outra coisa”. (Santos, 2023, p.27)

Em seguida, pelo sentido comunitário da alimentação. Segundo Santos (2023) esse é “O grande momento da festa é a comida: é ela que agrega todo mundo. E é quem cozinhou que coordena aquele grande momento” (Santos, 2023, p. 40). A hora da refeição servida pelo Reinado é o momento da congregação de congadeiros e devotos em torno de uma partilha comum. Da mesma forma, perpetuasse a lógica de período escravista de uma elite branca que da de comer aos negros para que esses, em troca, façam o intermédio com as divindades por bençãos e prosperidade a família da casa grande.

Na chegada do terno a frente da casa do devoto ou da devota, o bandeireiro, ou a bandeireira, passa aos donos da casa a bandeira do grupo para que ela seja beijada, pedindo bençãos e, em seguida, entrega o objeto sagrado na mão deles para que eles possam colocar em local de destaque enquanto o terno se apresenta e depois faz a devida refeição de agradecimento. É comum que, ao portar a bandeira, os donos da casa passem ela por cômodos e objetos da casa pedindo bençãos aos santos. Segundo Bitter (2010), as bandeiras dos grupos de cultura popular são objetos sagrados que realizam a conexão direta do divino com o plano humano por meio da sacralidade dada a ele por devotos e praticantes das manifestações populares religiosas (Bitter, 2010)

Figura 8 - Devotos seguram a bandeira do Congado Mirim da escola do bairro São José.



Fonte: do próprio autor, 2023.

A Festa de Nossa Senhora do Rosário de Dores do Indaiá pode ser compreendida hierarquicamente, portanto, conforme o quadro abaixo, atualizado de minha dissertação de mestrado defendida em 2020 (Arrebola, 2020):

Tabela 1 - Modelo hierárquico dos ternos de Congado de Dores do Indaiá.

Posição hierárquica	Terno	Função
1º	Moçambique	Proteger e carregar a Senhora do Rosário, conduzir o Rei do Mastro e a Rainha da Bandeira e subir e descer o mastro. Proteger a Rainha Perpétua
2º	Congos (Real, Vilão e Penacho)	Guarda do Reinado, carregar São Benedito ou Santa Efigênia e conduzir Reis e Rainhas

3º	Catupés	Guarda do Reinado, carregar São Benedito ou Santa Efigênia e conduzir Reis e Rainhas
4º	Contradanças	Anunciantes dos reinos e conduzir Príncipes e Princesas
Sem posição	Cavallhada	Divertimento do Reinado e devotos (não é praticado em todos os reinos)
Sem posição	Ternos de enfeite	Enfeite da Festa
Devotos e devotas	Não atuam em terno	Agentes de conexão entre o sagrado por intermédio do Congado. Compõe o Reinado, portanto, alimentam os ternos em troca de benções e pagamentos de promessas

Fonte: do próprio autor.

Em todos os ternos de tradição se pode notar nitidamente a presença de elementos que vão para além da religiosidade cristã. Segundo Soares (2000), no Rio de Janeiro de 1783 os escravizados vindos do atual Benin, os Mina Maki, já possuíam um zelo congregacional nas irmandades das Igrejas dos Santos negros, como Santa Efigênia, São Benedito e São Elesbão, trazendo os elementos da África na devoção das figuras divinas católicas.

Ferretti (1998) diz que no Brasil pós-escravista o sincretismo religioso está profundamente marcado nas culturas populares, como é o caso do Congado, tendo em vista que a cultura é uma maneira de resistir aos embates religiosos atuais. Esse sincretismo está fortemente marcado nos Congados dorenses e do centro oeste mineiro em geral, onde todas as ações têm seu marco da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, Santa louvada desde o século XVIII na Irmandade do Rosário pelos escravos da região. Santos (2023) aponta que:

“Tendo a religiosidade se apresentado como fator preponderante no processo de colonização e também por acreditar que a religião é uma dimensão privilegiada para o entendimento das diversas maneiras de viver, sentir e pensar a vida entre os diferentes povos e sociedades, busquei compreender as diferenças e a interlocução entre a cosmovisão monoteísta dos colonizadores e a cosmovisão politeísta dos contra colonizadores, refletindo sobre os seus efeitos e consequências nos processos de colonização e de contra colonização”. (Santos, 2019, p. 20).

Portanto, a conclusão chegada pelo autor quilombola é que os modelos de religião monoteístas impostos no território brasileiro eram usados como um protótipo de justiça,

onde a punição era dada aos que não aceitavam tal fé, enquanto o modelo religioso politeísta era e ainda é o modelo da Festa, onde a celebração e a devoção é constantemente realizada de forma efusiva. Dialogando com o Congado, Santos (2023) aponta ainda que:

“As manifestações culturais dos povos afro-pindorâmicos pagãos politeístas são organizadas geralmente em estruturas circulares com participantes de ambos os sexos, de diversas faixas etárias e número ilimitado de participantes. As atividades são organizadas por fundamentos e princípios filosóficos comunitários que são verdadeiros ensinamentos de vida. É por isso que no lugar dos juízes, temos as mestras e os mestres na condução dessas atividades. As pessoas que assistem, ao invés de torcerem podem participar das mais diversas maneiras e no final a manifestação é a grande vencedora, porque se desenvolveu de forma integrada, do individual para o coletivo (onde as ações e atividades desenvolvidas por cada pessoa são uma expressão das tradições de vida e de sabedoria da comunidade)” (Santos, 2019, p. 41, 42).

Para muitos congadeiros mais velhos, principalmente os ligados ao terno do Moçambique, o sincretismo pode ser compreendido a partir de influências religiosas do Candomblé e da Umbanda enquanto religiões que historicamente sistematizaram e transmitiram saberes pautados em matrizes culturais africanas e da qual muitos dos congadeiros também participam. O Capitão Carlinhos de Souza contou que antes de sair para a apresentação do Moçambique ele faz suas orações para a “falange dos Pretos Velhos”¹⁰. No primeiro dia oficial da festa com o fardamento, antes da saída de seus devidos ternos, muitos congadeiros vão a casa do Capitão Carlinhos XX para tomar a sua “garrafada” com ervas e água ardente e receber sua benção especial. O congadeiro também pode optar por ter o sinal da cruz marcado em sua testa com o uso do dedo do capitão, que passa este na infusão de ervas, enquanto ele faz orações e assopra fumaça de seu charuto sobre o congadeiro benzido. Da mesma forma, em muitas casas de capitães ou sedes de ternos é comum antes da saída uma oração, que tanto pode ser cristã como de religiões de matriz africana, como ocorre em alguns Moçambiques. As vezes as orações são seguidas de cantos que remetem ao período da escravidão e que foram transmitidos por gerações aos congadeiros.

¹⁰ Entrevista realizada em 10 de agosto de 2018, na residência do Capitão.

Figura 9 – Capitão Carlinhos, do Moçambique do bairro Juiz de Fora na ocasião da visita a casa de uma devota.



Fonte: do próprio autor, 2022.

Assim como ocorria nas irmandades negras, e como aponta Silva (2010), a Igreja Católica assume a posição central da festa, seja com as suas estruturas sendo usadas como marcos da realização dos atos festivos, como a Igreja de Nossa Senhora do Rosário e a Capela de São José (de onde saem as procissões), ou seja, pela “voz de comando” do Pároco, que informa o momento certo de subir e descer os mastros, abençoar os objetos da festa, iniciar e encerrar a própria festa.

Mas para refletir sobre o eixo central desta tese, é primordial debater também sobre o tempo em que a Festa do Rosário e dos Congados acontece. Quais os marcadores socioculturais que fazem com que cada ação da cultura popular congadeira tenha um tempo certo?

Desafios da pesquisa

Não é preciso falar o quão desafiador será a pesquisa proposta pela soma de tais metodologias. Acredito que posso afirmar que, para as Ciências Sociais, a soma de metodologias de prospecção com etnografia será algo novo e, sendo assim, não possuo parâmetros até mesmo para compreender se estarei no caminho certo ou não. Este já é um dos desafios que enfrento para o desenvolvimento deste estudo. Ainda assim, com as leituras realizadas sobre os autores e estudos citados é possível me desafiar a realizar tal exercício antropológico.

A pesquisa a ser desenvolvida no programa de pós-graduação da UFES visa, desde seu processo seletivo, trazer novos olhares para a antropologia do tempo e inovar a forma de olhar até mesmo dos autores considerados basilares a este campo. Afinal, conforme bem coloca Gell (2014), o antropólogo que faz uma pesquisa, mas sem trazer novos olhares para a antropologia, já começou seu trabalho errando.

Além da dificuldade da falta de trabalhos anteriores com as metodologias de prospecção, acredito que outros desafios que terei estarão voltados para a compreensão dos atores e peritos sobre a proposta metodológica, haja visto sua complexidade, assim como o tempo para executar tais levantamentos e depois os exercícios etnográficos. Para driblar estes desafios, foi elaborado e adotado um detalhado cronograma montado junto a minha orientação que serviu de bússola para a aplicação da técnica construída e para a análise das evidências coletadas ao longo das duas visitas a campo realizadas ao longo dos quatro anos de trabalho.

Estrutura da tese

Esta tese é dividida em quatro capítulos, os quais são encerrados por meio das considerações finais. Para o primeiro capítulo será feita uma abordagem panorâmica sobre o conceito de tempo natural, compreendendo a importância de ter um marco referencial do que tratamos por este tema fora das ciências humanas. Em seguida, será tratada a temática do tempo pelo olhar da antropologia do tempo e como ela é abordada na contra antropologia e como essa, assim como o conceito SULear, podem nos ajudar a conceituar outros tempos possíveis que dialoguem com os Congados.

O capítulo dois terá como objetivo destrinchar a metodologia utilizada nesta pesquisa para conseguir demonstrar, por meio do trabalho de campo, os embricamentos existentes e possíveis rupturas entre o tempo humano/cultura e o tempo físico. Para tal, irei detalhar as metodologias de prospecção. Essas metodologias podem e devem ser mescladas para que se tenha o cenário mais plausível e detalhado possível. Ao final do capítulo, apresentarei quais pontos de cada método utilizarei para criar o cenário de futuro do meu objeto de pesquisa. Como fonte de análise das variáveis envolvidas na pesquisa, este capítulo também tratará do uso da Matriz PESTEL e de quais foram as variáveis encontradas nesta pesquisa. A Matriz PESTEL é uma matriz de levantamento de variáveis que podem influenciar um cenário estudado. Nela são observadas as áreas: Política, Econômica, Social, Tecnológica, Ecológica e Legal (PESTEL). Para cada um destes itens são elencadas todas as situações que podem influenciar de alguma maneira, para bem ou para mal, o objeto de estudo. Após a apresentação das metodologias de prospecção e da Matriz PESTEL do congado dorense, detalharei o porquê deste recorte específico da cultura popular mineira ter sido escolhido como fonte de pesquisa para esta tese, detalhando o momento observado e as justificativas plausíveis ao tema.

O capítulo três é dedicado à descrição, em linhas gerais, do que estamos falando em relação ao estudo: os congados. O que são? De onde surgem? Qual seu papel sociocultural? E falar sobre o cenário específico de Dores do Indaiá. Por que, dentre tantos locais que possuem a manifestação do congado, esta foi a cidade escolhida? Qual a sua particularidade? Feitas estas apresentações, é a hora de narrar a “ruptura temporal” abordada aqui como objeto de estudo, no caso, a pandemia da COVID-19. Quais efeitos tal fato histórico teve sobre a cidade e sobre a manifestação do congado? Por que defendo que os congadeiros e devotos viveram um verdadeiro “corte” do tempo? Ainda neste capítulo, apresentarei como foi construído e qual o cenário de futuro do congado de Dores do Indaiá, a partir da Matriz PESTEL realizada previamente e aplicando cada ponto das metodologias de prospecção escolhidas, bem como, qual a influência do grupo de peritos na criação dos cenários aplicados.

No capítulo quatro foi feita a narrativa da “etnografia do futuro” com os congadeiros, devotos e demais envolvidos de Dores do Indaiá. Em especial, trarei um olhar panorâmico dos grupos entrevistados. Quais foram os pontos observados que dialogam com o cenário construído e porque justifico que tais pontos mostram o futuro em uma etnografia feita no presente? Esse capítulo também servirá para debater o tema da perda no contexto pandêmico

e sociocultural vivido pelos congadeiros e devotos e as histórias narradas por eles. Além disso, a proposta deste debate é aproximar e contextualizar as ideias de perda e ruptura do tempo.

Ao final, as considerações serão reservadas para o debate acerca da ruptura temporal gerada pela pandemia e como isso se desdobrou na cultura dos congados e, conseqüentemente, em toda a cidade de Dores do Indaiá através dos devotos, comércio, esfera política e demais. Quais os efeitos desta ruptura sobre a esfera cultural e como novas rupturas como esta podem abalar a existência de tal cultura popular e, com isso, impactar de forma profunda a própria dinâmica sociocultural da cidade e região? Como podemos observar outras rupturas parecidas em nossa sociedade e qual o impacto disso em nós? Como proposta final, trata-se de abordar os problemas gerados pela ruptura temporal em nós, sobretudo por meio de uma quebra de rotina que perpassasse pelos tempos culturais, modificando assim nossas formas de vida.

CAPÍTULO 1 TEMPO: QUEM É ELE?

A vida é o dever que nós trouxemos para fazer em casa.
 Quando se vê, já são seis horas!
 Quando se vê, já é sexta-feira!
 Quando se vê, já é natal...
 Quando se vê, já terminou o ano...
 Quando se vê perdemos o amor da nossa vida.
 Quando se vê passaram 50 anos!
 Agora é tarde demais para ser reprovado...(...)
 (Mario Quintana, O tempo)

Agora, e o agora são 14h22 do dia primeiro de novembro de 2022, quando eu percebi que tenho tempo do meu cotidiano laboral para sentar em meu escritório, abrir o laptop que foi usado para esta ação, e retomei a escrita deste primeiro capítulo do meu projeto de tese, me deparei com o primeiro problema a ser discutido nestas páginas. Justamente ele, o tempo!

Que desafio observo enquanto antropólogo em tratar de um assunto não usual nas ciências humanas e até mesmo complexo para as exatas. Me pego notando a minha volta as ações do tempo: as hélices do meu ventilador de chão correm em uma velocidade que chegam aos picossegundos ¹¹; enquanto as patas do meu gato no sofá se movimentam milímetros a cada 10 ou 20 minutos enquanto ele dorme pela, talvez, sétima vez do dia; minha internet banda-larga faz o auto salvamento deste trabalho na nuvem on-line em atualizações realizadas a cada cinco minutos; olhando pela janela do meu quintal observo meu jabuti percorrer um metro a lentos passos que levam pouco mais de seis minutos enquanto as gotas de chuva caem pelo seu casco, uma após a outra, em intervalos de alguns segundos; de tempos em tempos, os quais estes não consigo medir, o aroma do café na minha xícara é percebido pelo meu nariz; na minha conta de WhatsApp, minha mãe me contou o que fez ontem à noite e logo depois conversamos sobre o que faremos no dia do Natal; eu paro a cada três ou quatro minutos para raciocinar o como colocar toda essa dinâmica nestas frases e, tudo isso, acontece na fração de um instante, mesmo este trecho ter sido concluído após 23 minutos.

¹¹ Picossegundo é a unidade de tempo que equivale à trilionésima parte de um segundo, 10^{-12} do segundo, e abrevia-se ps

Algumas destas ações, como tempo que Catarina leva para percorrer um metro do quintal, são mensuradas pela física, já outros, como o tempo que meu sistema neurológico leva para processar a informação de que o cheiro do café está bom, envolve minha psique que esta dedicada entre escrever e ter vontade de apreciar o líquido antes que ele esfrie e, já outros, como o tempo que levei para elaborar meus pensamentos e perceber esses imbricamentos de diferentes tempos, está ligado a minha cultura de celeridade social que luta todos os dias contra os sistemas de comunicação de massa e o observar e sentir a vida. Quantos tempos, não?

Não é um exercício difícil perceber o como o tempo é dinâmico e mutável em suas formas de ser. Ele é físico ou humano e sendo humano ele pode ser psíquico/corporal ou cultural. Temos percepções diferentes sobre ele e que são notadas pelo nosso corpo e através de nossa cultura. Nós ditamos momentos do tempo para tudo. Temos os tempos de festas, de luto, de comer, de socializar, de estarmos sozinhos etc. Construimos nossos tempos como se, ao mesmo tempo, ele fosse constructo e um “material de construção” da vida. Posicionamos os tijolos, usamos ele como argamassa que passará por tudo e dará a “liga”. Damos a ele parâmetros que são diferentes para cada indivíduo. Para mim um bom banho quente deve levar ao menos 10 minutos, já para minha esposa, capixaba, esses 10 minutos de “quentura” é tempo demasiado.

Tudo tem tempo, o tempo esta em tudo. Não posso fazer esse trabalho sem ele e nem ele existir, como eu direi aqui nesta pesquisa, sem que eu use dele para assim dizer. Desta forma, como chamaremos ele então? É um elemento, objeto ou pessoa? Uma espécie de “entidade”? Podemos dizer que ele se faz presente em nós, nos objetos ou somente na natureza? Nós ajudamos a criá-lo? São muitas questões, a maioria nem um pouco fáceis, portanto, então este trabalho tem como primeira grande pergunta a ser respondida em seu primeiro capítulo: quem é o tempo?

Abaixo irei trazer os debates pertinentes ao chamado Tempo Físico ou Natural e o tempo como constructo sociocultural e seus desdobramentos no nosso cotidiano. Creio que posso dizer que essa sim será uma verdadeira viagem no tempo!

1.1 TEMPO FÍSICO OU NATURAL E SUAS POSSIBILIDADES. PODEMOS DRIBLAR O TEMPO OU NÃO?

O Tempo Físico ou Natural (ambas as nomenclaturas podem ser usadas para se referir a este tipo de tempo) é um conceito que podemos chamar de simples e complexo. No campo das ciências naturais os físicos atualmente, em especial os que pesquisam mecânica quântica e astrofísica, são os principais debatedores desta temática e pesquisadores das influências temporais sobre os seres vivos e o ambiente natural, como nosso planeta e o Universo como um todo.

Gleiser (2014, 2019) aborda que Durante a Revolução Científica, a física começou a estudar o tempo de forma mais rigorosa, com a publicação de obras como "Princípios Matemáticos da Filosofia Natural" de Isaac Newton, que estabeleceu as leis do movimento e a noção de tempo absoluto. Galileu Galilei abordou o tema do tempo de maneira influente em sua época. Ele foi um dos fundadores da física moderna e sua abordagem quantitativa para a física foi importante para o desenvolvimento da concepção moderna do tempo. Galileu acreditava que o tempo é uma grandeza absoluta, independente de eventos externos. Ele argumentou que o tempo é uniforme e inalterável e que pode ser medido de maneira objetiva. Além disso, Galileu usou uma noção de tempo para desenvolver suas teorias sobre a mecânica, incluindo a lei da queda livre e a teoria da inércia. Suas concepções sobre o tempo foram influentes na física e na filosofia da época e ajudaram a desenvolver a concepção moderna do tempo como uma grandeza absoluta e universal.

Isaac Newton foi um dos mais importantes físicos e matemáticos da história antiga e em sua obra "Princípios Matemáticos da Filosofia Natural", publicada em 1687, ele desenvolveu as leis fundamentais da física, incluindo a lei da gravitação universal e as leis do movimento. Newton definiu em suas obras o tempo como uma entidade universal e objetiva, que flui uniformemente e independentemente das coisas que acontecem no universo. Ele afirmou que o tempo é absoluto e imutável e que é uma dimensão do espaço, como comprimento, largura e altura. Segundo Newton, o tempo é a medida da duração das coisas, e pode ser medido com precisão por meio de relógios e outros dispositivos de medida. Sua visão do tempo como uma entidade absoluta e objetiva teve uma grande influência no pensamento científico e filosófico ocidental até os dias de hoje.

Em linhas gerais, o conceito newtoniano de tempo pode ser considerado o mais aceito até então e é colocado como uma das quatro dimensões do que temos a capacidade de perceber: largura, altura, comprimento e tempo. Diferente das dimensões espaciais, o tempo não é uma dimensão observável, porém, é facilmente notado já que ele funciona como uma espécie de “cobertura” das dimensões espaciais, correndo sempre em escala linear para o futuro (HAWING, 2016).

Quais são as possibilidades de contrapontos a essa conceituação tão fechada e cartesiana apresentada acima? Sabemos que vários sonhos permeiam o imaginário dos seres humanos há muitos séculos. Como voar por conta própria, ter superpoderes, ler pensamentos, e, talvez um dos mais curiosos e instigantes, a possibilidade de viajar pelo tempo. Há anos o cinema tem feito o papel de dar às pessoas o “gostinho” e a sensação de como seria fazer isso, desde formas cômicas, como em “De volta para o futuro” (1985), como em produções baseadas em teorias científicas lógicas e minimamente plausíveis, como em “Interestelar” (2014). Mas, para além da imaginação cinematográfica, podem existir possibilidades concretas, mesmo que ainda não alcançadas, de atravessar a tessitura do tempo-espço.

Segundo a Teoria da Relatividade Geral, do famoso físico alemão Albert Einstein, se um objeto qualquer atingisse a velocidade da luz, mantendo a sua massa original, ele acabaria por dobrar o tempo sobre si, criando assim um loop temporal. Ou seja, em algum momento o futuro acabaria sendo o que foi o passado, porém, se o objeto fosse uma pessoa, ela não perceberia isto da mesma forma. Para Einstein, e já comprovado atualmente, também existem ondas no Universo que viajam a velocidade da luz e espremam o tempo-espço por onde passam, chamadas Ondas Gravitacionais (STACHEL, 2005). Mas esse processo poderia levar anos, senão séculos, e essas ondas são dificilmente achadas para que se atravessassem elas, muito menos manipulá-las. Elas são geradas a partir da colisão de grandes objetos de potências gravitacionais relativamente grandes, como estrelas de nêutrons ou buracos negros. Isso sem contar a dificuldade da chegada até o local de passagem de uma onda gravitacional. Uma possibilidade de acelerar o encontro deste fenômeno, assim como atravessar o tempo, em termos espaciais, seria a viagem através de uma Ponte de Einstein-Rosen, ou como é popularmente chamado, um Buraco de Minhoca. Uma teoria criada pelos físicos estadunidenses John Wheeler e Kenneth Ford que, a partir das teorias de Einstein e Rosen, problematizam a possibilidade da existência de atalhos no contínuo tempo-espço que, em tese, pode levar um objeto diretamente a outro local do Universo ou mesmo do

tempo (WHEELER; FORD, 2000). O Buraco de Minhoca seria uma zona do espaço na qual poderia se atravessar por uma espécie de “túnel” que levaria o objeto que a atravessasse para um outro local que, se fosse feito de maneira convencional em uma nave, levar-se-ia a quantidade muito maior de tempo, conforme a figura 1.

Figura 10 - Túnel no universo criado por uma Ponte de Einstein-Rosen.



Fonte: <https://istoe.com.br/buracos-de-minhoca-ajudam-a-resolver-enigma-de-buraco-negro/> (2021)

Atualmente, alguns físicos defendem que a “boca” do Buraco de Minhoca poderia ser um Buraco Negro, o que explicaria um dos grandes mistérios da física: o que há além do Buraco Negro? Segundo Stephen Hawking (2015), físico inglês famoso pelos seus estudos das singularidades¹² e sobre o tempo-espaço, chegar próximo do Horizonte de Eventos¹³ esticaria qualquer objeto ao ponto do tempo em seu início não ser mais o mesmo de seu fim, contudo, o autor acredita que Buracos Negros supermassivos¹⁴ podem ter Horizontes de

¹² Singularidade é o nome científico dado aos Buracos Negros, sendo este o nome popular.

¹³ Nome dado a “borda” de acúmulo de matéria em torno da boca do Buraco Negro.

¹⁴ Buracos Negros Supermassivos são Singularidades de grandes proporções, como a que está no centro da Via-Láctea, o Sagittarius A.

Eventos grandes o suficiente para que uma nave pudesse se aproximar sem que fosse totalmente destruída pelo processo de espaguetificação¹⁵ (HAWKING, 2015).

Mas podemos chegar até um Buraco Negro ou criar um Buraco de Minhoca para atravessá-lo? A resposta é sim, e não! Para isso seria necessário produzir regiões de densidade de energia negativa, o que a física clássica impede, porém, para a teoria moderna da mecânica quântica, não. Para este campo da física, criada pelos alemães Werner Heisenberg e Max Born, não existem espaços vazios, pois todo espaço possui partículas em pares que entram e saem da existência, portanto, se fosse possível se criar um campo com menos pares de partícula esse local teria a densidade negativa para estabilizar um Buraco de Minhoca. O desafio agora é: como somar a mecânica quântica a Teoria da Gravidade de Einstein? Brincar com a escala colossal e diminuta ao mesmo tempo seria possível? Então, surge em cena a Teoria de Cordas. Segundo essa Teoria, e segundo o próprio Hawking (2018), devem existir na natureza ao menos 11 dimensões, sendo elas: a do próprio tempo em si, três para o espaço e as demais estariam invisíveis pela sua pequenez, mas enroladas nas quatro perceptíveis a nós. Uma verdadeira teia feita com “cordas” que conectam absolutamente tudo no Universo e, onde Hawking se mostrava esperançoso na possibilidade de uma viagem através destas dimensões “extras”. (HAWKING, 2018). Essa viagem na nossa percepção seria como viajar em uma grande Onda Gravitacional, porém sem ter que sairmos a caça de uma delas.

Ainda existe a possibilidade da Teoria dos Multiversos, a qual defende que existem muitos outros universos além destes, mas conectados de alguma forma (TEGMARK, 2009). Essa conexão entre os outros Universos poderia se dar através de uma das dimensões que não percebemos da Teoria de Cordas. Eles podem estar literalmente “abaixo” de nós, como adaptado ao cinema no seriado “*Stranger Things*” (2016), mas será que acessar um deles seria algo possível somente com superpoderes como faz a personagem *Eleven*? Além disso, segundo Einstein (2015) e Hawking (2015), a viagem no tempo se daria sempre em escala para o futuro, já que o retorno ao tempo seria impossível devido a impossibilidade de criar velocidade negativa que levasse uma pessoa a um período anterior do qual ela saiu. Quanto maior a velocidade que se obtém mais se avança no tempo.

Einstein e Hawking não são os únicos físicos a tratar o tema da viagem no tempo e há quem discorde deles, ou, então, os utilize como parâmetros para novas teorias, como o

¹⁵ Nome dado ao processo de esticamento de um objeto pela força gravitacional de um Buraco Negro.

astrofísico afro americano Ronald Mallett, conhecido como Ron Mallett (2006), que acredita que o século XXI será o palco do advento da tão sonhada viagem no tempo e que o passado é possível de ser deformado por meio de um equipamento que fará a defração do tempo e do espaço através de um conjunto de raios lasers, possibilitando assim a viagem tanto ao futuro como ao passado. Ele acredita que a viagem no tempo pode ser possível a partir da manipulação da gravidade, e que isso pode ser realizado através de meios científicos e tecnológicos. Uma verdadeira “máquina do tempo”. Sua teoria se baseia também na Teoria da Relatividade Geral e Relatividade Especial de Einstein, no qual a postulação de que a gravidade distorce o espaço, e, portanto o tempo, possibilitaria a criação de um equipamento chamado “anel de laser” que poderia fazer a distorção espacial, criando assim dois túneis de passagem. Um para o passado e outro para o futuro. As pesquisas de Mallett ainda estão em campo experimental e ele mesmo reconhece que talvez seu trabalho não de frutos durante sua vida, na qual já se encontra com 75 anos, entretanto o astrofísico ainda se mostra um afinho pesquisador na busca de tal advento que possibilitará rever seu pai, falecido quando ele possuía só 10 anos. Outros físicos, como Brian Clegg (2013), reconhecem a importância e potencialidade do trabalho de Mallett, bem como, também, apostam no advento de uma técnica de viagem temporal ainda no século XXI. Para Clegg, mesmo que os resultados de Mallett sejam pequenos, ainda assim serão mensuráveis para a evolução da ciência e mostrariam por onde devemos caminhar para alcançar melhores resultados.

O físico Ronald Mallet aborda o tema do tempo a partir da perspectiva da física teórica e busca entender como a natureza do tempo pode ser descrita matematicamente. Mallet acredita que o tempo pode ser visto como dinâmico e mutável, e que, a física, pode nos ajudar a compreender melhor como o tempo funciona em níveis microscópicos e macroscópicos. Em seu trabalho, Mallet (2006) argumenta que o tempo é uma propriedade fundamental da natureza e que ele é inseparável da gravidade. Além disso, ele defende a ideia de que o tempo pode ser manipulado e que essa passagem pode ter ações profundas para a física e para a tecnologia.

Apesar de todas estas possibilidades, Hawking (2018) afirma que atualmente as leis conhecidas da natureza impedem que essa viagem aconteça. Não possuímos nenhuma tecnologia de aeronave potente e forte o suficiente para chegar em tempo hábil até um buraco negro ou uma Onda Gravitacional e sem que ao chegar não seja feita em pedaços ou severamente esticada, muito menos uma forma de encontrar no Universo ou constatar de fato que um Buraco Negro é também uma Ponte de Einstein-Rosen. Assim como ainda não

temos nem ao menos a noção de como construir em laboratório a nossa forma “caseira” de criar uma destas estruturas ou de colocar a mecânica quântica em prática de forma a possibilitar que consigamos atravessar para outra dimensão, outro momento do tempo ou até mesmo outro Universo. Contudo, sempre otimista, Hawking afirma que em algum momento do futuro o homem pode aprender como lidar com estas brechas das leis naturais. Será que este grande físico estará novamente certo nesta proposição? (HAWKING, 2018).

Alguns profissionais do campo da física também alertam para os riscos da distorção do tempo no caso da realização destas viagens. Paul Sutter (2020) diz que, pela Teoria da Relatividade Geral, é potencialmente possível viajar no tempo, seja no futuro ou ao passado, entretanto temos que compreender sua gravidade. Sutter (2020), apesar de reconhecer o grande trabalho de Mallett, é um cético da eficácia de tal método. Contudo, assim como Sutter, Mallett também concorda que há riscos na realização da viagem temporal e que é preciso haver uma modelo de “regulamentação” para o uso dessa tecnologia, seja a de seu trabalho ou qual surja em um futuro, distante ou não.

Além disso, há outras leituras contemporâneas sobre o tempo físico abordadas por cientistas do campo das ciências exatas, sobretudo a partir de olhar investigativo de pesquisadores pretos e não europeus ou estadunidenses, o que nos levará a outras compreensões sobre a temática e irá possibilitar maiores aproximações com as ciências humanas.

Nergis Mavalvala (2006) é uma física paquistanesa que trabalha na área de cosmologia e astrofísica. Em suas pesquisas ela investiga as propriedades da gravidade e o comportamento da luz em regiões do espaço muito distantes da Terra. Mavalvala (2006) destaca-se por compreender a importância do papel das ciências humanas na compreensão do tempo na medida em que só as ciências exatas não bastariam para dar respostas a perguntas complexas. Para a autora, a física contemporânea tem o papel de se aproximar e dialogar estreitamente com as ciências humanas de forma a buscar e construir respostas coletivas que atendam aos anseios humanos. Em uma entrevista à revista Quanta Magazine, Mavalvala (2016) fala sobre o tempo e a relação entre a física e a filosofia:

"O tempo é uma das coisas mais misteriosas que conhecemos e também uma das mais fundamentais. A física lida com a medida do tempo, mas não pode responder à questão filosófica de como o tempo passa e por que ele flui na direção que flui. Essa é uma questão que está mais na esfera da filosofia e da psicologia. Como física, sou humilde o suficiente para saber que há coisas que a ciência não pode explicar, e que precisamos da filosofia e de

outras disciplinas para entender o mundo em sua totalidade". (Revista Quanta, 2016, p. 24).

Outra das pesquisadoras negras em física que também tem abordado o tema do tempo é Chanda Prescod-Weinstein (2021). Em seu livro "*The Disordered Cosmos: A Journey into Dark Matter, Spacetime, and Dreams Deferred*" (2021), ela discute como as concepções de tempo na física têm sido influenciadas pelas relações de poder na sociedade e como a perspectiva da física pode ser expandida ao considerar as experiências de pessoas marginalizadas. Além disso, ela argumenta que a ideia de "tempo universal" na física pode ser problemática e propõe abordagens alternativas para pensar sobre o tempo. Uma das abordagens que Prescod-Weinstein (2021) discute é a ideia de que o tempo não é universal, mas sim uma construção social e cultural que varia de acordo com o contexto histórico e as perspectivas dos grupos sociais. Ela argumenta que as concepções de tempo na física e na ciência em geral são influenciadas por noções de poder, hierarquia e exclusão, e que é preciso considerar as diferentes formas de conhecimento e saberes tradicionais para ter uma compreensão mais completa do tempo.

Outra abordagem alternativa de tempo que Prescod-Weinstein (2021) discute é a ideia de que o tempo não é uma entidade separada do espaço, mas sim uma dimensão intrínseca da geometria do espaço-tempo. Ela argumenta que essa abordagem, chamada de "geometrodinâmica", permite uma compreensão mais profunda da natureza do tempo e sua relação com a gravidade e outras forças fundamentais da física.

Prescod-Weinstein (2021) também discute a importância de levar em conta as perspectivas feministas e anticoloniais na física teórica, argumentando que a exclusão de mulheres e pessoas negras na física e da ciência em geral tem consequências para a compreensão do tempo e outras questões fundamentais da física teórica. Ela propõe uma abordagem mais inclusiva e colaborativa para a pesquisa científica que leve em conta a diversidade de perspectivas e saberes.

Stephon Alexander (2016) é um físico teórico e cosmólogo afro-americano importante neste debate também. Em seu livro "*The Jazz of Physics*" (2016), ele explora a interconexão entre o jazz e a física teórica, utilizando conceitos de tempo e ritmo para ilustrar as teorias da relatividade e da mecânica quântica. Alexander (2016), assim como Prescod-Weinstein (2021), também enfatiza a importância da diversidade na ciência e na física,

argumentando que diferentes perspectivas culturais e étnicas podem levar a novas descobertas e avanços na compreensão do universo. Uma das semelhanças entre jazz e física destacadas por Alexander (2016) é a ideia de que ambas são formas de expressão abstrata que utilizam simbolismos e estruturas matemáticas para representar conceitos complexos. Da mesma forma que uma composição musical pode ser vista como uma expressão de ideias e emoções por meio de notas musicais, a teoria física também é uma expressão matemática das leis que governam o universo.

Alexander (2016) também destaca a importância da improvisação tanto na música quanto na física teórica. Na música, a improvisação permite a criação de novas composições e arranjos a partir de uma base estabelecida, enquanto na física teórica a improvisação é essencial para o desenvolvimento de novas teorias e hipóteses a partir de observações e experimentos. Outra semelhança destacada por Alexander (2016) é a importância do diálogo e da colaboração em ambas as áreas. Na música, a colaboração entre músicos é essencial para a criação de novas composições e arranjos, enquanto na física teórica o diálogo entre cientistas é essencial para o desenvolvimento de novas teorias e a resolução de problemas complexos.

Shirley Ann Jackson (2015) é uma física teórica americana, a primeira mulher afro-americana a obter um doutorado em física nuclear pelo MIT. Jackson também é conhecida por seu trabalho pioneiro na física dos sólidos e pelas suas contribuições para o desenvolvimento da telefonia de fibra óptica, das células solares e da tecnologia de polímeros. Em uma palestra na New York Public Library em 2015, ela discutiu a natureza do tempo e sua relação com a física quântica. Ela afirmou que o tempo é uma das coisas mais misteriosas e mal compreendidas do universo e que a física quântica pode oferecer novas formas de entender o tempo. Jackson (2015) também destacou a importância do tempo em sua própria pesquisa em física teórica, especialmente em relação à teoria das cordas e à física de partículas. Ela explicou que o tempo é um fator crítico na física de partículas, uma vez que muitos fenômenos só podem ser observados por um curto período de tempo. Além disso, ela enfatizou a necessidade de entender o tempo em um nível mais profundo para avançar na compreensão da natureza do universo e seus processos fundamentais.

Todas estas abordagens e perspectivas vindas de pesquisadores provenientes de camadas sociais e étnicas até então usadas como fontes das pesquisas antropológicas nos ajudam a desconstruir olhares enviesados sobre o tempo e perceber as pontes que podem ser

construídas entre ciências exatas e humanas, que veremos a seguir, sobre o tempo e traremos outras abordagens.

1.2 TEMPO E CULTURA

O tratamento do tema do tempo nas ciências humanas tem evoluído ao longo dos séculos, sempre se mantendo com a preocupação do debate tempo x cultura. De maneira geral, conforme aponta Santos (2007), a filosofia grega antiga teve um grande impacto na forma como o tempo é entendido e debatido na filosofia e nas ciências humanas até hoje. Segundo o autor, Heráclito e Parmênides são filósofos pré-socráticos que abordam o tema do tempo de formas distintas. Heráclito, conhecido como o filósofo do fogo, acreditava que o tempo é inerente à mudança e ao fluxo constante da realidade. Para ele, tudo está em constante mudança e nada pode ser encontrado no mesmo estado duas vezes. Ele afirmava que "é impossível entrar duas vezes no mesmo rio". Nesta concepção, o tempo é compreendido como uma medida das mudanças e não como uma entidade estática e independente. Por outro lado, Parmênides argumentava que o tempo é ilusório e que a verdadeira realidade é a eternidade, a qual é imutável e permanente. Ele acreditava que o tempo é uma criação da mente humana e não existe na natureza. Para ele, a mudança é apenas uma aparência superficial e o verdadeiro é sempre o mesmo. Portanto, enquanto Heráclito enxerga o tempo como uma dimensão fundamental da existência, Parmênides o considera uma ilusão e nega sua existência real.

Aristóteles e Platão discutiram o tempo em relação à natureza, ao ser humano e ao universo. Platão argumentou que o tempo era uma ideia abstrata que existia independentemente dos eventos materiais. Para ele, o tempo era imutável e eterno, e os eventos eram meramente a expressão temporária do tempo. Aristóteles, por sua vez, argumentou que o tempo era um aspecto da realidade material e não tinha existência independente. Ele afirmou que o tempo era uma quantidade e podia ser medido.

Já na idade moderna, o debate tem continuidade na sociologia e na antropologia, o tempo é visto como uma construção social e cultural, que varia de acordo com as diferentes sociedades e épocas. Assim, o tempo é pensado não apenas como uma dimensão natural, mas também como uma dimensão social, política e econômica que influencia a vida das pessoas e resultado das relações sociais de época. Além disso, nas ciências humanas, o tempo

não é apenas como uma realidade objetiva. Isso significa que diferentes sociedades e culturas têm concepções diferentes do tempo, e que essas concepções são influenciadas por fatores históricos, políticos e psicológicos. Por exemplo, algumas sociedades concebem o tempo de maneira cíclica, enquanto outras concebem o tempo de maneira linear. Algumas sociedades concebem o tempo como sendo limitado, enquanto outras concebem o tempo como sendo infinito. Algumas sociedades concebem o tempo como sendo uniforme, enquanto outras concebem o tempo como sendo diferenciado, dependendo do contexto cultural e histórico.

O tempo e os seres vivos, entre eles o humano, possuem uma estreita relação que é também debatida pela antropologia. Autores como o belga Johannes Fabian (2013) e o inglês Alfred Gell (2014) são algumas das referências no campo da antropologia do tempo, termo usado pelo próprio Gell em uma de suas obras e agora utilizado por outros pesquisadores da área no Brasil e no mundo. Um dos objetivos de ambos os antropólogos é mostrar as formas de construir os “tempos” que nós vivemos, bem como, apontar e problematizar o como essa temática foi construída ao longo da história das ciências sociais.

Na sua obra “Antropologia do tempo – Construções culturais de mapas e imagens temporais”, Alfred Gell (2014) inicia abordando as conceituações temporais dos autores clássicos das ciências humanas: Alguns deles já debatidos, como Platão, e outros como Emile Durkheim, Evans Pritchard, dentre outros.

No funcionalismo de Emile Durkheim, um dos fundadores da sociologia, também tratou o tema do tempo em suas obras, em especial na publicação “Formas elementares da vida religiosa” (2001). Para Durkheim (2001), o tempo era visto como uma dimensão fundamental da vida social, pois ajudava a organizar e dar sentido às ações e relações humanas. O autor argumentou que as sociedades precisam de uma noção coletiva do tempo para que as pessoas possam agir de maneira coordenada e realizar as atividades necessárias para a sobrevivência e reprodução da sociedade. Ele também destacou a importância do calendário e do ritmo das atividades, semanais e anuais para a organização do tempo na sociedade. Além disso, Durkheim (2001) acreditava que a mudança social era concomitante por mudanças na concepção do tempo. Segundo ele, as sociedades tradicionais tinham uma noção mais circular e repetitiva do tempo, enquanto as sociedades modernas tinham uma concepção mais linear e progressiva do tempo. Essas mudanças na concepção do tempo estavam relacionadas à mudança na organização social e econômica. Em “As formas elementares da vida religiosa” (2001) o autor argumentou que, nessas sociedades, as

concepções de tempo estão intimamente ligadas às crenças religiosas e rituais, e que o tempo é visto como uma força sagrada que governa a vida dos indivíduos e da comunidade.

O antropólogo britânico evolucionista E. Evans-Pritchard tratou o tema do tempo especialmente em sua pesquisa sobre os Nuer no Sudão. Evans-Pritchard (2011) argumentava que as sociedades tradicionais tinham uma noção diferente do tempo em comparação com as sociedades modernas ocidentais. Ele destacou que os Nuer tiveram uma concepção mais cíclica e relativa do tempo, em vez de uma concepção linear e absoluta do tempo como encontrada na Europa Ocidental. Para os Nuer, o tempo era visto como algo que fluía e mudava ao longo da vida e não como algo fixo e imutável. Além disso, Evans-Pritchard (2011) argumentou que as concepções do tempo eram influenciadas por práticas e crenças sociais e culturais. Ele destacou que as concepções do tempo foram moldadas por crenças em eventos míticos, ciclos agrícolas e rituais religiosos. Evans-Pritchard (2011) também destacou que a noção de tempo era importante para a organização social e econômica das sociedades.

Retomando Alfred Gell (2014), fenomenologista, o autor argumentou que os conceitos do tempo são culturalmente construídos e não são obrigatórios. Ele destacou que as sociedades têm diferentes concepções do tempo, as quais são moldadas por suas práticas culturais e crenças. Para o autor, o tempo é influenciado por práticas artísticas, como a música, a dança e a pintura. Ele destacou que as práticas artísticas são importantes para a construção da noção do tempo, pois ajudariam a moldar a percepção do ritmo e da duração. Gell (2014) postulou que o tempo também pode receber influência das práticas sociais, como a divisão do trabalho e a organização da produção. Ele argumenta que as concepções do tempo são moldadas pelas práticas sociais, as quais ajudariam a estabelecer padrões de tempo para as atividades humanas.

Alfred Gell (2018), em seu livro *"Art and Agency: An Anthropological Theory"* (1998), aborda a relação entre tempo e trabalho na produção artística de sociedades não ocidentais. Gell diz que o tempo é uma dimensão importante na criação de objetos de arte, uma vez que o trabalho criativo envolve a organização de eventos temporais. Para ele, o tempo pode ser visto como uma ferramenta na produção de objetos de arte, permitindo que os artistas controlem e organizem o fluxo temporal de seu trabalho. Além disso, Gell sugere que o tempo é uma forma de agência na arte, pois permite que os objetos de arte tenham uma vida própria e continuem a ser valorizados ao longo do tempo. Na obra "Antropologia do

tempo” (2014), ele propõe uma abordagem antropológica do tempo que destaca a importância do trabalho como uma das principais formas pelas quais os seres humanos criam e experimentam o tempo. Segundo Gell (2014), o trabalho pode ser visto como uma forma de "organização do tempo" que permite às pessoas criarem um senso de continuidade e coerência em suas vidas. Ele argumenta que o trabalho envolve não apenas a produção de bens materiais, mas também a criação de estruturas temporais e simbólicas que moldam a maneira como as pessoas experimentam e compreendem o tempo. O trabalho pode ser uma forma de resistência contra a temporalidade imposta por estruturas sociais e econômicas dominantes. Ele sugere que o trabalho artesanal, em particular, pode ser uma forma de criar uma temporalidade alternativa que desafia as normas e valores dominantes.

Alfred Gell (2014) argumenta que, para Marx, o tempo é uma dimensão fundamental da experiência humana, sendo que a produção e a reprodução do tempo, socialmente necessário para a produção, são os principais determinantes da vida social e econômica. Gell (2014) também observa que o trabalho, para Marx, é uma atividade que transforma o tempo em valor econômico. Isso ocorre porque o trabalho é uma forma de produzir bens e serviços que podem ser vendidos no mercado e, portanto, transformados em capital. Dessa forma, o tempo de trabalho é convertido em valor econômico e é a base do sistema capitalista. Além disso, Gell (2014) aborda que a luta de classes é uma luta pelo controle do tempo de trabalho. Os trabalhadores lutam para reduzir o tempo de trabalho necessário para produzir bens e serviços, enquanto os proprietários de capital lutam para aumentá-lo. Isso ocorre porque o tempo de trabalho é o principal fator que determina o lucro na economia capitalista. Em suma, a relação entre o tempo e o marxismo apontada por Alfred Gell (2014) se baseia na ideia de que o tempo é central para a teoria marxista e que o trabalho é uma atividade temporalmente organizada que transforma o tempo em valor econômico. A luta de classes é uma luta pelo controle do tempo de trabalho, que é a base do sistema capitalista.

Joannes Fabian (2013), antropólogo belga pós-colonialista, defende que as concepções do tempo são culturalmente construídas e que as sociedades têm diferentes construções temporais. Ele destacou a importância da antropologia para compreender o tempo em diferentes sociedades. Fabian (2013) argumenta que as concepções do tempo são moldadas pela linguagem e pela narrativa, que são importantes para a noção de temporalidade pois ajudam a estabelecer padrões de tempo para as atividades humanas. Além disso, Fabian destaca que as concepções do tempo são influenciadas pelas relações de poder e pela história, pois ajudam a estabelecer as relações sociais.

Johannes Fabian (2013) abordou vários tipos de tempo em sua obra, incluindo o tempo social, o tempo histórico e o tempo pessoal. O tempo social é o tempo moldado pelas relações e pela cultura. Fabian (2013) diz que as concepções do tempo social são influenciadas pela linguagem, pela narrativa e pela história. O tempo histórico é o tempo que é moldado pela história, pela narrativa e pela memória. Por fim, o tempo pessoal é o tempo que é moldado pela experiência individual e pela percepção subjetiva do tempo. As concepções do tempo pessoal são influenciadas pela linguagem, pela narrativa e pela cultura.

Em Joannes Fabian (2013) vamos encontrar uma interessante classificação dos tipos de tempo, baseados nestas três classificações anteriores, que nos auxilia a compreender melhor a relação humano x temporalidade. Em “O tempo e o outro - Como a antropologia estabelece seu objeto” (2013), Fabian apresenta tipos distintos de tempo construídos pelo ser humano, ou modelos de tempos culturais que são subclassificações do tempo social. Primeiro, já tratado acima, o autor fala do Tempo Físico, ou natural, que para a antropologia serve, em especial, como um parâmetro na descrição do processo sociocultural, como que uma propriedade natural do mundo (Fabian, 2016, p. 57). Importante frisar que o *Tempo Físico* não pode ser moldado pelos outros parâmetros temporais que abordaremos, entretanto ele traz influência direta sobre eles já que “dita” as regras das nossas vidas, como se fosse um “tempo acima dos tempos”.

Em seguida o autor apresenta o, por ele nomeado, Tempo Mundano, que possui uma relação com a maneira cosmológica e política de como ditamos o tempo. O Mundano está ligado a toda a dinâmica física do tempo que nos perpassa, contudo ele é marcado por conceituações amplamente aceitas em nossa sociedade global, como eras, milênios, séculos, meses, semanas, horas, minutos e estágios. Este tipo de tempo serve tanto para a compreensão das mudanças humanas como das formas mais tradicionais do pensamento. Para Johannes Fabian, o tempo mundano é o tempo cotidiano e a rotina das atividades humanas. É o tempo que é moldado pelas relações sociais, pela cultura e pelas atividades humanas. Ele destacou que o tempo mundano é importante para compreender como as sociedades compreendem e experimentam o tempo. Além disso, Fabian (2013) abordou que o Tempo Mundano pode ser visto como um tempo “ocupado”, pois é influenciado pelas atividades humanas e pelas relações sociais.

Em terceiro lugar, o Tempo Tipológico, que não possui nenhum tipo de escalonamento, é percebido por meio de nossas ações socioculturais. É o tipo de tempo mais

distante do Tempo Natural e mais próximo possível das relações humanas, sobretudo, de nossa cultura, sendo, por isso, dinâmico, maleável, palpável e construtivo. Neste tipo de tempo as nossas ideologias, regras, leis, discursos e performances estão diretamente ligados, já que são as dinâmicas das sociedades que construíram este tempo. Por exemplo, o tempo de realização das festas dos congados, ou da Festa de Nossa Senhora do Rosário, acontecerão conforme uma tradição religiosa que dita qual a data em específico se comemorará os festejos de determinada entidade religiosa e, portanto, influenciará o tempo em que os congadeiros julgam pertinente ou não se manifestar com cantos, louvações e danças, conforme veremos mais a partir do capítulo três.

Para Johannes Fabian (2013), o Tempo Tipológico é o tempo moldado pelas categorias culturais e pelas relações sociais. É o tempo que é definido por tipos ou categorias específicas, como a idade, a geração, o status social, entre outros. Fabian (2013) destacou que o Tempo Tipológico é importante para compreender como as sociedades categorizam e compreendem o tempo. Além disso, Fabian (2013) argumenta que o tempo tipológico pode ser visto como um tempo "objetivo", pois é moldado por categorias e relações sociais objetivas.

Para Johannes Fabian (2013), o *alocronismo* é a ideia de que as sociedades experimentam o tempo de maneiras diferentes. Ele destacava que o *alocronismo* é uma das principais características da antropologia do tempo e argumentou que a compreensão do *alocronismo* é importante para verificar como as sociedades entendem e experimentam o tempo, bem como para entender as diferenças culturais no tempo.

Além disso, Fabian argumenta que o *alocronismo* é uma forma de enfatizar a importância da linguagem, da narrativa e da cultura na compreensão do tempo. O *alocrônismo*, termo usado para se referir ao trabalho antropológico que usa como base somente o modelo temporal dos povos ditos “modernos”, detém o poder sobre o discurso e, desta forma, desconsidera as formas temporais dos demais povos, muitas vezes os objetos de estudo da própria antropologia. Ao pesquisar sobre a expressão cultural do congado o pesquisador verá em primeiro plano que se trata de uma cultura que se manifesta em louvação a um grupo de personagens (os Santos) de uma religião hegemônica, sobretudo no campo de estudo brasileiro, o catolicismo. Mas é impossível adentrar a fundo o cenário do congado sem observar o pano de fundo da história negra presente nos congados que vem desde sua participação nas irmandades negras do período escravista onde, por fim, estão

presentes as entidades das religiões africanas das regiões de cada escravizado. Falar em congado sem considerar, por exemplo, o sincretismo religioso catolicismo e umbanda, olhando somente o modelo tradicional judaico-cristão, sem dúvida seria um grande “pecado alocrônico”.

Em diálogo com a pós-colonialidade de Fabian, Cheikh Anta Diop, filósofo senegalês afrocêntrico argumentou nas obras "*The African Origin of Civilization: Myth or Reality*" (1989), "*Civilization or Barbarism: An Authentic Anthropology*" (1991) e "*Precolonial Black Africa*" (1988) que a história e a cultura africanas foram desconsideradas e negadas pela história eurocêntrica. Ele defendeu a importância de recuperar e proteger a história e a cultura africanas, argumentando que isso é crucial para compreender o tempo e o lugar do continente na história da humanidade. Ele falou que a história deve ser vista como uma história comum que inclui todas as culturas e povos, e não apenas a cultura e os povos europeus. Ele argumentou que a compreensão da história africana é importante para compreender a história da humanidade como um todo e para aprimorar e aprender com a sabedoria e a riqueza da cultura africana.

Além disso, Diop (1991) destacou que a compreensão eurocêntrica do tempo é limitada e desconsidera a dimensão espiritual e filosófica do tempo, que é importante para compreender a história e a cultura africanas. Ele defendeu a importância de tolerar e reconhecer a dimensão espiritual e filosófica do tempo como forma de compreender a história e a cultura africana de maneira mais completa e justa.

Na mesma linha filosófica que Diop (1991), Aime Cesaire (2021), poeta e filósofo martiniquense dos estudos da negritude, em sua obra "*Cahier d'un retour au pays natal*" (2021) (Caderno de um retorno ao país natal¹⁶), aborda o tema do tempo em relação à colonização e à história da África. O livro foi publicado originalmente em 1939. Neste trabalho o autor argumentou que o colonialismo e o racismo têm distorcido e negado a compreensão da história e da cultura africanas. Ele defendeu a importância de proteger e defender a identidade e a cultura africanas como uma forma de resistir à opressão e à marginalização.

Aimé Césaire (2021) abordou o conceito de tempo em sua obra de maneira crítica e original, argumentando que o tempo é uma dimensão fundamental da existência humana e

¹⁶ Tradução própria.

da realidade. Ele enfatiza que o tempo é uma dimensão complexa e ambígua que pode ser compreendida de diversas formas, desde a compreensão linear e mecanicista do tempo, até a compreensão mítica e espiritual do tempo. Assim como Diop (1991), ele argumentou que a compreensão eurocêntrica do tempo é limitada e desconsidera as culturais e históricas do tempo e que é necessário ampliar a compreensão do tempo para incluir as culturais e históricas da realidade.

Césaire (2021) também abordou o tema do tempo na perspectiva da luta contra o colonialismo e a opressão, argumentando que o tempo é uma dimensão fundamental da luta pela liberdade e pela justiça. Ele ponderou que a compreensão do tempo é importante para compreender a história e a cultura dos povos oprimidos e para lutar contra as opressões e as desigualdades. Além disso, Césaire (2021) enfatizou a importância da memória e da história para compreender o tempo e a realidade, argumentando que a memória e a história são importantes para compreender a dimensão cultural e histórica do tempo e para preservar a memória e a história dos povos oprimidos.

Kwame Anthony Appiah (2007), filósofo político analítico ganês, destacou que as narrativas sobre o tempo e a história são construções sociais e políticas, e não são simplesmente filmadas objetivamente da realidade. Assim como Diop (1991), ele defendeu a importância de reconhecer a perspectiva plural e as narrativas alternativas, incluindo as narrativas africanas, como forma de compreender o tempo e a história de maneira mais abrangente e justa. Appiah (2007) abordou o conceito de tempo em sua obra de maneira interdisciplinar, combinando elementos da filosofia, antropologia e história. O autor abordou que as diferentes culturas e sociedades têm diferentes concepções do tempo, que estão interligadas com suas crenças e valores. O autor também defendeu que a compreensão do tempo é importante para compreender a identidade e a história das culturas e sociedades, e que é necessário considerar as diferentes concepções do tempo para compreender as diferenças culturais e a diversidade humana. Além disso, Appiah (2007) aborda o tema do tempo na perspectiva da ética, argumentando que a compreensão do tempo é importante para o entendimento da responsabilidade moral e da justiça histórica. Ele defendeu que a interpretação do tempo é importante para compreender as ações humanas no passado e no presente e para garantir a justiça no futuro.

Existe ainda uma corrente de interpretação do tempo, com enfoque no futuro, por autores e artistas africanos que olham a temática sobre a influência de suas cosmologias. O

chamado Futurismo Africano. Womack (2013) e Okorafor (2023) são grandes expoentes destes debates, nos Estados Unidos e na própria África, e junto com outros e outras artistas desenvolvem constantes produções visuais e de outros tipos que trazem uma visão de futuro sobre um continente negado e esquecido, no qual o pensamento eurocêntrico e colonialismo não está preocupado em perguntar: qual o futuro do continente Africano? O Futurismo Africano pode ser visto principalmente em produções de cinema Nigeriano ou em histórias em quadrinhos com personagens inovadores e marcados pelos traços culturais do continente.

As pesquisas de antropologia do tempo de Alfred Gell (2014) e Johannes Fabian (2013) lançam luz sobre importantes dimensões temporais nas sociedades estudadas pela antropologia, abordando como diferentes culturas percebem, vivenciam e concebem o tempo. Enquanto Gell (2014) destaca a natureza relacional e contextualizada do tempo, enfatizando como as práticas sociais e simbólicas contribuem para a construção de significados temporais, Fabian (2013) critica a visão eurocêntrica da temporalidade e questiona representações que retratam outras culturas como "primitivas" ou "atrasadas" temporalmente. Ambos os estudiosos contribuem para desafiar essas concepções hegemônicas do tempo, permitindo uma compreensão mais ampla e inclusiva das diversas maneiras pelas quais o tempo é entendido e vivenciado em diferentes contextos culturais. Essas pesquisas ressoam significativamente com os debates dos filósofos negros e africanos, Diop (1991), Appiah (2007) e Cesairé (2021), que rejeitam a supremacia epistemológica eurocêntrica e buscam valorizar as perspectivas próprias das culturas africanas, negras e diaspóricas, incluindo suas complexas concepções de tempo; ou autores como Womack (2013) e Okorafor (2023) que usam principalmente as artes como metodologia de valorização; estão sempre enfatizando a importância de reconhecer e respeitar a diversidade de saberes temporais tradicionais. Abaixo, tratarei os autores da corrente contra antropológica brasileira, que ampliarão este debate sob o olhar das temporalidades dos povos “sub-humanos” do Brasil.

O futurismo africano é um movimento cultural e literário que reimagina o futuro da África através de uma lente afrocentrada. Diferente da ficção científica tradicional, que frequentemente marginaliza ou exotiza culturas africanas ou dos povos não europeus. O futurismo africano coloca as narrativas africanas no centro, explorando futuros possíveis que emergem das experiências, mitologias e histórias do continente negro. Este movimento é uma resposta à necessidade de narrativas que desafiem estereótipos e apresentem uma visão

de África que não seja definida apenas por sua história de colonialismo e opressão, mas que celebre sua diversidade, inovação e resiliência de povos ricos em expressões culturais.

Um aspecto fundamental do futurismo africano é sua incorporação de elementos culturais tradicionais e mitológicos africanos em cenários futuristas. Isso pode incluir tecnologia avançada que se mescla com práticas espirituais ancestrais, ou sociedades futuras que prosperam baseadas em valores e sistemas de governança africanos. Através dessas narrativas, o futurismo africano busca criar um espaço onde as pessoas de ascendência africana possam ver futuros nos quais são protagonistas e não meros coadjuvantes.

Além da literatura, o futurismo africano também se manifesta nas artes visuais, na música e na moda, criando uma estética rica que mistura o tradicional e o futurista. Artistas como Sun Ra, com seu jazz afrofuturista, e a popularidade de filmes como "Black Panther", que apresenta um país africano tecnologicamente avançado e culturalmente rico, ilustram como o futurismo africano está moldando percepções contemporâneas sobre a África. Este movimento não é apenas uma reimaginação do futuro, mas também um ato de resistência cultural, afirmando a agência e a criatividade africana em moldar narrativas globais.

1.2.1 Tempo e contra antropologia

Na contra antropologia as aproximações a temática do tempo com os autores negros abordados acima mostram como se encontram com os debates brasileiros. David Kopenawa (2015), fala sobre a compreensão Yanomami do tempo a partir da perspectiva da cultura e das crenças de seu povo. Segundo o autor, a concepção Yanomami do tempo é diferente da concepção ocidental do tempo linear, cronológico e fragmentado. Em vez disso, a concepção Yanomami do tempo é circular, e está intrinsecamente ligada à natureza e às relações humanas. Para este povo, o tempo é visto como uma dimensão da vida que é constantemente renovada e que é moldada pelos ciclos da natureza, como a estação das chuvas, as mudanças de temperatura e o crescimento das plantas. Além disso, as relações humanas, como as cerimônias, os casamentos e os funerais, também são vistos como elementos importantes que moldam a concepção do tempo marcando quando é o momento de realizar cada uma dessas ações.

De acordo com Kopenawa (2015), a concepção Yanomami do tempo não se preocupa com a medida cronológica, mas sim com a qualidade do tempo. Por exemplo, para os Yanomami, um momento importante na vida é avaliado pelo significado e pela qualidade das relações humanas e da natureza, e não pela quantidade de tempo decorrido. Leituras como a de Kopenawa são fundamentais para trazer a antropologia novos olhares sobre as temporalidades possíveis e, desta forma, pensar outras formas de construção de ciência antropológica para o tempo.

Krenak (2020), sempre provocador, diz que o tempo também é um lugar de ausências criadas pela própria sociedade. Segundo ele “nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida” (Krenak, 2020, p. 26). Ele reforça que nossa sociedade se engana com a “(...) ideia de tempo, nossa maneira de conta-lo e de enxergá-lo como uma flecha – sempre indo para algum lugar - , está na base do nosso engano, na origem do nosso deslocamento da vida” (Krenak, 2020, p. 70). A antropologia pós evolucionista faz essa crítica a essa ideia linear e evolutiva de tempo, e, na contra antropologia autores como Ailton Krenak mostram que de fato essa ideia de uma flecha que corre para um único lado é incongruente com as formas de pensar e viver o mundo indígena. Da mesma forma, o autor problematiza também as relações tecno sociais e a nossa concepção de espacialidade, para ele “se é certo que o desenvolvimento de tecnologias eficazes nos permite viajar de um lugar para outro, que as comodidades tornaram fácil a nossa movimentação pelo planeta, também é certo que essas facilidades são acompanhadas por uma perda de sentido dos nossos deslocamentos” (KRENAK, 2020, p. 43). Para Krenak (2020) e Santos (2023), a ideia de avanço tecnológico e de transformação exacerbada de tudo em mercadorias tornou a sociedade ausente da verdadeira ideia de tempo na medida que esse é criado, recriado e calculado conforme precisa gerar lucro. Krenak (2020) problematiza até que perdemos a nossa relação do tempo com nossos próprios sonhos e que, o tempo vivido com qualidade de vida acabava por ser um “sonho acordado”. Ele diz que “em todo o resto do tempo você podia cantar, dançar, sonhar: o cotidiano era uma extensão do sonho” (Krenak, 2020, p. 46).

Assim como o sonho, e dialogando com Kopenawa (2015), Santos (2023) pontua que o tempo é construído na hora que ele precisa ocorrer e dialogando com a temática desta pesquisa, diz que o Congado (chamado Reinado no Piauí) acontece no tempo e na hora que a “brincadeira” precisa ocorrer, diferente do teatro que tem hora marcada. Para o autor, é

preciso que se analise quais são os “elementos” presentes no tempo. Para o que ele acontece? Qual a sua função? A que ação ele serve?

Assim como Santos (2023), Aguiar (2020) problematiza que a colonialidade presente e enraizada em nossa sociedade é quem dita a maneira como o tempo é conduzido. Segundo ela “a colonialidade, em nós, maneja o tempo sem dar chance para questionarmos se outro modo de nos colocarmos nele é possível, o que sempre nos resta é a queixa, o lamento pelo que nos falta: justo o tempo” (Aguiar, 2020, p.90). Esse tempo, que, como dito por Krenak (2020), se esvai em nossas mãos, é também cada vez mais volúvel e vazio dentro até das próprias pesquisas das ciências humanas, marcado pela lógica capitalista neoliberal. Aguiar (2020) aponta que “a temporalidade, nas atividades de pesquisa-intervenção que tenho acompanhado – na saúde, na educação, na assistência –, aparece marcada pela aceleração, produtividade e pelo utilitarismo – imposições que temos atribuído ao regime neoliberal e a seus controles biopolíticos” (Aguiar, 2020, p.90). A autora ainda denuncia sobre os modos universitários de lidar com o tempo que:

“O que nos é exigido em projetos e programas, com frequência, está referido a um tempo segmentado e sua agilização se faz no cumprimento de metas, na fabricação de produtos como finalidade. A perspectiva, nesse modo de habitar o tempo (Cronos), implica repartição e sequenciamento – passado, presente, futuro – na intenção de seu controle” (Aguiar, 2020, p. 90, 91).

Para ela, isso traz uma relação com o futuro de constante ameaça e predominância de um risco presente por conta das incertezas que esse modelo de temporalidade, voltada a um mercado de produção. Além disso, Aguiar (2020) aponta ainda que esse modelo de tempo particionado ainda é um problema dentro do próprio ambiente social acadêmico:

“Olhamos para os espaços onde desenvolvemos a formação de profissionais e vemos predominar aquele tempo sequencial organizando as relações. Salas de aula separam os discentes em períodos, currículos criam cisões entre teorias e práticas, fluxogramas canalizam saberes e expectativas, colocando pré-requisitos para a expansão de conhecimentos” (Aguiar, 2020, p.92)

É necessário, como apontado por Bull (2014) que se compreenda que a visão de tempo trazida pela contra antropologia é nada mais do que, praticamente, um processo de SULEação das teorias físicas amplamente aceitas de Einstein. O autor diz que:

“(...) a teoria da relatividade de Einstein é uma variação, uma versão científica do tema mítico do perspectivismo, na medida em que ela formula

matematicamente as condições de passagem de um referencial (um ponto de vista) para outro, assim como os índios estão preocupados em como se converte o ponto de vista da onça no ponto de vista do sujeito que a encontra no mato e vice-versa, para evitar ser devorado por ela” (Bull, 2014, p. 158).

Para estes autores da contra antropologia, podemos observar que o tempo está intrinsecamente ligado aos fazeres e às práticas cotidianas de suas comunidades. Em contraste com a abordagem tradicional do tema, que muitas vezes objetifica e descontextualiza as culturas estudadas, os autores da contra antropologia enfatizam a importância de compreender o tempo dentro de seu contexto cultural e social específico. Nesse sentido, o tempo não é apenas uma dimensão abstrata ou linear, mas sim um elemento vital que permeia todas as atividades e interações dentro da comunidade, moldando suas experiências, ritmos e ciclos de vida.

O debate sobre o tempo a partir de autores da contra antropologia, oriundos de comunidades tradicionais brasileiras, as nossas “sub-humanidades” é de suma importância para enriquecer e diversificar as perspectivas sobre essa temática. Muitas comunidades tradicionais, como os povos indígenas e quilombolas, possuem cosmovisões e práticas culturais que articulam o tempo de maneiras únicas e profundas, em contraste com a concepção linear eurocêntrica e NORTEada. Ao trazer as vozes desses autores para o diálogo acadêmico, abre-se espaço para o reconhecimento e dos conhecimentos tradicionais sobre a temporalidade.

1.2.2 Tempo e religiosidade negra

Para Prandi (2002), na religião do Candomblé, o tempo é visto como algo cíclico e interligado aos ciclos da natureza e da vida. As celebrações e rituais realizados pelos praticantes do Candomblé estão estreitamente ligados ao calendário lunar e aos ciclos de plantio e colheita. Além disso, a religião é baseada na crença em entidades espirituais que governam o tempo, a natureza e as fases da vida humana, e em como esses elementos se relacionam entre si. Para os seguidores do Candomblé, a compreensão do tempo é importante para a compreensão do universo e para a consecução da harmonia e da paz interior.

Na conferência proferida pelo professor Reginaldo Prandi (2001), ele aborda a concepção do tempo na sociedade iorubana tradicional, nos rituais do Candomblé e na sociedade capitalista. Para os africanos tradicionais, o tempo é uma composição dos eventos que já aconteceram ou estão prestes a acontecer imediatamente. Passado e presente se entrelaçam intimamente, com o futuro sendo visto como a continuação do presente, sem a ideia de um futuro remoto desconectado da realidade imediata. A sucessão linear de fatos e a projeção do futuro são conceitos estranhos, já que o tempo é vivido, acumulado e experimentado.

Os mitos desempenham um papel crucial na compreensão do tempo para os iorubás e outros povos africanos. Eles são repositórios dos acontecimentos passados, que explicam e justificam a vida presente, transmitindo um sentido de continuidade e identidade. Ao contrário da narrativa histórica ocidental, os mitos não são datados nem coerentes entre si, sendo narrativas parciais que atendem a necessidades específicas de explicação e justificação. No mundo mítico, os eventos não seguem uma linha temporal linear, mas são expressões do passado distante que se refazem no presente, não havendo um fio narrativo único.

A visão dos iorubás sobre o mundo dos mortos está intimamente ligada ao presente, onde os mortos são esperados para reencarnar. O mundo futuro imediato é conectado ao presente pela memória dos vivos, que mantêm vivas as lembranças dos antepassados através de rituais sacrificiais. Não há punições ou recompensas no mundo dos mortos, pois o foco está na coletividade e não no indivíduo, diferindo da concepção ocidental cristã. Os antepassados ilustres são cultuados como *egunguns*, habitando o passado mítico e transmitindo-se de geração em geração pela oralidade, fornecendo identidade grupal e valores essenciais para a sociedade.

No candomblé, o tempo mítico se torna vivo através dos rituais, como quando um filho-de-santo incorpora um orixá em transe, revivendo as aventuras míticas dessa divindade. O oráculo de *Ifá*, praticado pelos *babalaôs*, baseia-se no conhecimento de mitos que lançam luz sobre o presente e o futuro imediato, fornecendo fórmulas para controlar os eventos da vida. Essa concepção africana de tempo está ligada ao aprendizado, sabedoria e hierarquia, onde o conhecimento é adquirido ao longo da vida, através da vivência e da participação, refletindo-se nas estruturas sociais das confrarias profissionais. Segundo Prandi (2001), na Umbanda, o tempo é visto como algo cíclico e não linear, com influência das crenças

africanas e do espiritismo. A Umbanda acredita na reencarnação e na possibilidade de transcendência espiritual ao longo do tempo. Além disso, a prática de rituais e a comunicação com os espíritos é vista como uma forma de lidar com as questões temporais, tais como a morte e o renascimento.

Machado (2015), apresenta que o Rei de Angola, representado por símbolos como a bandeira branca presente nas casas de Candomblé de Angola, tem sua origem associada aos povos bantu nômades. A autora explica que a bandeira branca, ligada aos ritos de caça e à direção dos ventos, era usada como guia durante as jornadas dos povos bantu. Durante as caçadas, o líder erguia a bandeira para reunir os grupos dispersos, garantindo o retorno à tribo com abundância e alegria. Este *Nkisi*, conhecido como *Kitembo*, está associado ao tempo cronológico e ao ciclo da vida, sendo considerado o Rei do Candomblé de Angola, cujas ferramentas incluem uma escada e uma lança, simbolizando o crescimento e a evolução material e espiritual, além de possuir encantamentos poderosos para atender aos pedidos quando tratados corretamente.

Nestas matrizes religiosas vemos como a proposta de festejar o tempo, como salientado por Santos (2023), festejar em vida, é uma ideia encarnada. Ao fazermos parte do cosmos, nosso corpo e, portanto, nossa existência é uma eterna celebração que só pode ser feita enquanto vivo. Por isso, mesmo o Congado sendo uma manifestação ligada ao cristianismo, a ancestralidade negra tornou-o uma manifestação cultural de grande epifania. Essa religiosidade de natureza ancestral africana, presentes nos Congados, vem desde a conversão do Rei de Congo em 1485, Anzinga a Ancua, ao cristianismo. Portanto, passa a se tratar não só como uma manifestação cultural, mas uma verdadeira praxis. É uma organização sociocultural em torno de uma religiosidade colonial que se mescla com as religiões do continente africano.

1.3 DE QUAIS TEMPOS ESTOU FALANDO?

Baseado nestas correntes de pensamento e suas possibilidades e, tendo em vista o número crescente de pesquisadores dedicados a conseguir descobrir a “fórmula mágica de driblar o tempo”, desenvolvo este projeto, a partir de desejo próprio como afinco curioso das teorias do tempo e, acreditando no necessário diálogo entre as ciências sociais com outros campos do saber, nesta tese pretendo contribuir com a compreensão da diversidade

hermenêutica da noção de tempo e de sua relação com os aspectos cotidianos da cultura. Para isso, utilizarei como estudo de caso o congado da cidade de Dorés do Indaiá durante o período pandêmico, 2020 e 2021, quando não ocorreu a tradicional Festa de Nossa Senhora do Rosário.

Para os participantes da Festa do Rosário há diferentes distinções de tempo. i) O tempo dos congadeiros, dançantes e mestres, o tempo de Festa é aquele que como função, como destaca por Santos (2023), esta encarregado de levar as bênçãos dos Santos e Santas até as casas dos devotos e do Reinado. Ele é um tempo muito aguardado e que quando chega parece rápido demais, pois muitas ações acontecem em curtas janelas de tempo e pouco se para, se dorme, se descansa durante a Festa. O tempo congadeiro pode-se dizer que é 100% divino, pois as entidades cristãs estão presentes neles a todo momento. ii) o tempo dos devotos é, também, um tempo de muitas esperas pela visita das divindades, através dos ternos de Congado, para que sejam pagas as promessas feitas e se peça novas bênçãos. Este tempo tem como função o dar e receber a dádiva = dá-se de comer e recebe-se graças divinas. iii) o tempo dos demais expectadores é um tempo aguardado, mas não tanto como dos congadeiros e devotos, e que tem como função apenas a diversão de assistir as evoluções e ouvir os cantos dos ternos. Esse tempo não é essencial a dinâmica da Festa, contudo a sua existência esta somada aos demais tempos devido ao prestígio trazido ao momento.

No Congados, mesmo de raiz cristão católica, são profundamente influenciados pela religiosidade africana devido às suas origens históricas e às práticas religiosas trazidas pelos africanos escravizados durante o período colonial. Ao longo dos séculos, essas comunidades africanas preservaram e adaptaram suas crenças, rituais e símbolos religiosos, muitos dos quais incorporados nos congados. Elementos como o culto aos ancestrais, a veneração dos orixás e outras divindades, além da música, dança e vestimentas características, refletem a influência das tradições religiosas africanas nas festividades e rituais dos congadeiros, fato observado em campo desde 2018, sobretudo por parte de congadeiros mais antigos, como o Capitão Carlinhos que em entrevistas informava que antes de sair para as danças do terno ele rezava para os Santos e Santas e pedia proteção a falange dos pretos velhos. Muitos mestres mais antigos da região frequentam casas de cultos de matriz africana ou, eles mesmos são considerados mestres ou médiuns.

No próximo capítulo, trarei a apresentação das metodologias usadas na pesquisa, bem como, nas atividades de campo e como o percurso metodológico foi desenvolvido.

CAPÍTULO 2 METODOLOGIA DE PROSPECÇÃO NA ANTROPOLOGIA

"O sábio não é o homem que fornece as verdadeiras respostas; é quem faz as verdadeiras perguntas"

Claude Lévi-Strauss (O cru e o cozido, 2004, p. 26)

Este capítulo terá como objetivo destrinchar a metodologia utilizada nesta pesquisa para conseguir demonstrar, por meio das entrevistas, análises sobre o local e trabalho de campo, os embricamentos existentes e possíveis rupturas entre o tempo e cultura ocorridos em Dores do Indaiá. Para tal, irei detalhar os métodos abaixo, a saber, a metodologia de prospecção e cenários por meio de entrevistas semiestruturadas e abertas mescladas numa etnografia que terá como foco principal o olhar sobre o futuro.

As metodologias de prospecção e/ou, no caso desta pesquisa, metodologias de cenários, compõem um conjunto de métodos criados por profissionais de diversas especialidades, em sua maioria nas ciências administrativas e econômicas, onde o principal objetivo é a criação de possíveis conjecturas futuras acerca dos fenômenos pesquisados com o intuito de estabelecer as condições iniciais que impeçam ou modifiquem tal futuro, ou, como no caso desta pesquisa, mostrem a outrem (indivíduos, grupos ou instituições) algo ainda desconhecido. Os principais métodos de prospecção usados atualmente são: o método de Godet, o método de Porter, a metodologia de Grumbach e a metodologia de Schwartz. Tratarei aqui como cada um deles é aplicado. Essas metodologias podem e devem ser fundidas para que se tenha o cenário mais plausível e detalhado possível. Ao final deste subitem apresentarei quais pontos de cada método serão utilizados para a criação do cenário de futuro do meu objeto de pesquisa.

A antropologia tem por prática construir sua pesquisa a partir do discurso do presente, por meio da etnografia, por vezes com o uso do passado (memória) como referência ou a soma de outras metodologias. Poucas vezes, contudo, ousamos dialogar com o futuro. Algumas metodologias quantitativas e qualitativas possibilitam a pesquisadores de diversas áreas ousar sonhar, até estatisticamente, com cenários possíveis. Conforme dito, as principais

referências nesse campo de estudos são Raul Grumbach, mestre em Ciências Navais espanhol; Michel Godet, economista francês; Michael Porter¹⁷, economista estadunidense e Peter Schwartz, futurologista estadunidense. Utilizo estes autores por compreender que as contribuições metodológicas deles possam ser empregadas para o estudo de cenários futuros em outros campos das ciências humanas. Os trabalhos de Rosilvado Cardoso Santiago, pesquisador brasileiro da Fundação Oswaldo Cruz que desenvolveu estudo com estes quatro autores e que possui uma gama de artigos publicados sobre o tema, será a nossa principal referência local para a avaliação dos métodos em questão. Além de Santiago, outros pesquisadores brasileiros serão usados como fonte de interpretação dos quatro autores referenciais bem como para auxílio neste desafio de estruturar metodologias de prospecção de forma a aplicá-la à etnografia.

Antes de avançar no debate sobre esses métodos é importante apontar as diferenças entre projeção e prospecção. A projeção tem como parâmetro a fluidez entre passado, presente e futuro, sendo este último algo já certo. Por exemplo, um pintinho que nasceu há um mês, hoje já se tornou uma galinha e daqui a alguns meses ou anos certamente irá morrer, independente do como. Esta é uma projeção de algo já esperado. A prospecção olha o passado, dialoga com o presente e imagina futuros possíveis. Se esses futuros são somente possíveis, por que trabalhar com o conceito de prospecção e não projeção? Nas ciências humanas, sendo o ser humano um objeto de pesquisa em constante mudança, é impossível pensar na ideia de um futuro cristalinamente certo e objetivo, assim como não é o propósito desta pesquisa trabalhar com questões óbvias como a morte. Godet (2000) afirma que a prospecção olha longe, com amplitude, profundidade, de maneira diferente e olha os conjuntos presentes sob o objeto de pesquisa. Para o autor, trabalhar com prospecção torna a pesquisa mais desafiadora, mais próxima a do dinamismo presente nas sociedades.

Berger destaca que “o futuro que justifica o presente, pois grande parte das ações do presente é explicada pelos projetos que justificam estas ações” (Berger apud Santiago, 2011, p. 38). A Prospecção não é previsão de futuro, mas, sim, o estudo das possibilidades. Waskow (Waskow apud Mortiz, 2005) denomina o olhar metodológico sobre o futuro como

¹⁷ Ressalto que Porter, apesar de ter uma metodologia própria, não será analisado a fundo nesta pesquisa por não contemplar a construção metodológica pensada para minha pesquisa, entretanto, continua sendo importante apoio na análise de cenários.

sendo uma “desordem criativa” ao inserir no presente as aspirações do que se espera do futuro.

Sobre os métodos de prospecção, Porter, Skumanch e Sibernagel (1989) classificam-nos em famílias, sendo elas:

- i) criatividade - métodos baseados na criatividade de novas ideias que podem motivar realizações;
- ii) descritivos e matrizes - usam séries de dados e tecnologias da informação e comunicação;
- iii) estatísticos - medem os efeitos de variáveis independentes sobre o comportamento futuro de variáveis dependentes;
- iv) opinião de especialistas - método qualitativo que capta conhecimento com pessoas com familiaridade no tema. Pode ser um método auxiliar com outras informações;
- v) monitoramento e sistema de inteligência - conhecimento é dinâmico e pode alterar o futuro. Sistemas de inteligência são fontes de informação para o monitoramento. Porter diz que o monitoramento não é método, mas um insumo para as atividades prospectivas,
- vi) modelagem e simulações - faz interações de variáveis ao longo do tempo, baseado em hipóteses para identificar o funcionamento destas variáveis e seus impactos;
- vii) cenários - criação de histórias para representar possíveis futuros a partir da identificação da dinâmica dos sistemas e possíveis impactos sobre eventos hipotéticos,
- viii) análise de tendências - hipótese que o futuro é fruto do passado que não se altera. Futuro de séries temporais do passado;
- ix) tomada de decisão - reduz incertezas para que a decisão tenha elementos para o estabelecimento de prioridades de acordo com as suas preferências.

Cada família inclui métodos e técnicas próprios. Coelho (2009) sublinha que cada família terá pontos fortes e fracos, o que traz adaptabilidade específica para cada pesquisa. A escolha do método e da técnica dependem da situação do objeto, da temática, da ação ou do agente pesquisado. Para esta pesquisa, optei pela metodologia da família dos cenários, levando em consideração que a aplicabilidade do método etnográfico se dá a partir da observação de campo, sendo que este caminho exige que o agente pesquisado tenha uma referência sobre o que fala. Sendo assim, compreendo que ter um cenário escrito possibilitaria maior efetividade sobre o método escolhido.

Para Godet (2000), os cenários são “(...) um conjunto formado pela descrição de uma situação futura e do encaminhamento dos acontecimentos que permitem passar da situação de origem a situação futura (Godet, 1997, p. 48)”.

O objetivo é evidenciar tendências de forte peso. Para Porter (1992), criar cenários serve como forma de “expandir a mente e chegar a um futuro correto” (Porter, 1992, p.51). Moritz (2005) afirmou que os cenários permitem aos pesquisadores construir respostas rápidas às mudanças do ambiente. Heidjen (1996, Apud Kilian, 2009) apontou que construir bons cenários consiste no reconhecimento de eventos que apresentam diferentes graus de incerteza. Schwartz (2000) disse que os cenários são histórias do futuro, com “mitos do futuro” e personagens fictícios. David Ingvar (Apud, Schwartz, 2000) afirma que nossas mentes contam histórias a nós mesmos como memórias do futuro, que são criações de cenários feitas por nós humanos como uma forma de treinamento virtual. Para Brasiliano (2007) os cenários “são narrativas vivas de futuros diferentes, desenhados especialmente para ressaltar riscos e oportunidades (Brasiliano, 2007, p.6). Muito importante também ressaltar, conforme apontou Heijden (1992, Apud Brasiliano, 2007), que os cenários não devem ser pensados como uma espécie de ficção científica, mesmo que, conforme Schwartz (2000), sejam um “mito”, pois este mito é uma virtualidade do que projetamos para o futuro e podemos colocar em prática de alguma maneira.

Segundo Godet (2000), as características dos cenários são: visão global da realidade; ênfase nos aspectos qualitativos da realidade atual ou do futuro; as relações entre as variáveis e atores são concebidas como estruturas dinâmicas, que comportam mudanças qualitativas ao longo do horizonte projetado; concepção do futuro não como prolongamento inevitável da dinâmica do passado, mas como a motivação básica das ações e decisões do presente; visão plural do futuro; adoção de modelos conceituais, métodos qualitativos e de uma visão probabilística dos fenômenos; consideração explícitas dos atores envolvidos.

Ainda o autor, os cenários podem ser divididos em dois tipos: i) cenários exploratórios: partem das tendências do passado e do presente fazendo desdobramentos na busca da identificação de futuros mais prováveis; ii) cenários antecipatórios (desejosos ou normativos): buscam identificar os futuros desejosos para o objeto de estudo. Não são sonhos utópicos. É uma forma de antecipação metódica na tentativa de construir um futuro melhor ou evitar futuros identificados como possíveis, porém indesejáveis.

Para cada um destes dois tipos imaginados por Godet (2000), Porto (1988) irá criar uma estrutura de cinco componentes para todos os cenários: a.i) filosofia - movimento ou direção fundamental do sistema; a.ii) variáveis - elementos essenciais do sistema e contexto objetivo a que se destina o cenário; a.iii) atores - agentes que influenciam ou influirão no sistema; a.iv) cenas - estado ou situação do sistema no tempo, é a descrição dos vínculos entre os atores e as situações; a.v) trajetória - caminho ao longo do tempo, descreve o movimento partindo da cena inicial à final.

2.1 MÉTODO DE GODET: MÉTODO INTEGRADO DE CENARIZAÇÃO

Após estas importantes ponderações e estruturações, vamos a algumas considerações sobre os métodos dos autores referenciais desta seção. Primeiro, o método de Michel Godet, que é conhecido como Método Integrado de Cenarização. Neste método o objetivo é a mudança da mentalidade dos envolvidos no processo. Segundo o autor, o método “tem como princípio de que a prospecção e a gestão estratégica precisam andar juntas para serem adaptáveis e alcançarem metas estratégicas” (Godet, 2000, p.53).

No método de Godet, para se iniciar a pesquisa, deve sempre existir variáveis chave, pois são elas que abarcam todas as outras sub-variáveis possíveis que caracterizam o sistema. As variáveis chave são: atores fundamentais e meios que possuem para alcançar o objetivo; evolução do sistema estudado a partir da trajetória mais provável. Cada variável chave pode ser pensada como um módulo da pesquisa sendo que, no método, ela possui vida própria, independentes uma da outra. Leva de 12 a 18 meses o estudo sobre essas variáveis, sendo assim, deve-se dedicar ao módulo considerado mais importante.

Superada essa etapa, existem outros passos a serem realizados de acordo com Godet. Primeiro passo: identificar o problema que se pretende estudar e qual a técnica a ser utilizada. Essa identificação deve partir de uma série de discussões com os atores envolvidos na pesquisa. Segundo passo: transformar as discussões realizadas com os atores em objetivos e subobjetivos, com ações a serem seguidas durante a realização do método. Terceiro passo: Análise Estrutural do Sistema e do Ambiente. O objetivo fundamental da Análise Estrutural é ajudar a descortinar “a estrutura das relações entre as variáveis qualitativas [...] que caracterizam o sistema” (Godet, 1993, pag. 93). Esta análise deve novamente ser feita pelos

atores envolvidos ligados ao sistema estudado e especialistas com experiência comprovada no tema/problema abordado. O terceiro passo pode ser assim resumido:

Etapa 1 – Identificação das variáveis externas e internas que respectivamente circunscrevem o sistema estudado. Podem ser feitas entrevistas com os atores envolvidos. Depois, divisão das variáveis em internas (caracterizam o objeto de estudo) e externas (caracterizam o ambiente).

Etapa 2 – Descrição das relações entre as variáveis (o que pode unir uma ou mais variáveis?).

Etapa 3 - Identificação das Variáveis Chaves, ou seja, identificar as variáveis essenciais para o desenvolvimento do sistema existente por meio de uma classificação hierarquizada do grau de influência das variáveis, sendo quatro os perfis de Variáveis para análise da estrutura estudada:

- Variáveis Explicativas ou Motrizes ou Influentes (incertezas críticas). Estas Variáveis são ao mesmo tempo muito Motrizes e pouco Dependentes. Influenciam muito o comportamento dos sujeitos ou do ambiente analisado e de outras Variáveis, porém a dinâmica destas Variáveis não é dependente das outras.
- Variáveis de Ligação, Retransmissão ou Intermediárias. Estas Variáveis são muito motrizes e muito Dependentes. Como estas Variáveis são muito susceptíveis a serem influenciadas e a influenciar, desempenham um papel de propagar ou contaminar estas influências a todo o sistema. Como qualquer ação sobre estas Variáveis tem consequências nas outras, elas são fatores de instabilidade.
- Variáveis Dependentes ou de Resultado. Estas Variáveis são ao mesmo tempo pouco Motrizes e muito Dependentes. O comportamento destas Variáveis é muito condicionado pelas Variáveis Motrizes e/ou de Ligação e, portanto, facilmente explicadas.
- Variáveis Autônomas ou Excluídas. Estas Variáveis são ao mesmo tempo pouco Motrizes e pouco Dependentes, sendo, portanto, pouco relevantes como determinantes do futuro, podendo serem excluídas do estudo. Analisar a força também das variáveis externas, pois podem ser mais fortes que as internas.

Etapa 4 - Análise das Estratégias dos Atores (etapa batizada por Godet de Mactor: “Método, Atores, Objetivos, Resultados de Forças” e mesmo nome do software criado para executar esta análise): A etapa consiste na análise das forças políticas do sistema estudado e

sua dinâmica. Esta fase pode ser utilizada também como ferramenta de apoio à decisão estratégica da política de apoio de alianças e conflitos. O Mactor é utilizado para: i) colocar em evidência potenciais jogos de alianças e conflitos, ii) antecipar evoluções no papel desempenhado pelos atores, iii) relacionar, agrupar e hierarquizar, em termos de relações de poder e convergências/divergências globais, muitos atores implicados com um elevado número de objetivos.

Etapa 5 - Análise Morfológica: caracteriza-se pela etapa exploratória do campo de possibilidades e de redução de incertezas. Essa etapa pode ser decomposta em variáveis fundamentais, cada uma das quais assumindo um conjunto de estados ou valores (hipóteses). Faz-se, portanto, todas as combinações de futuros possíveis e se descartam todas as combinações ilógicas. Godet (2000) chama de “espaço morfológico” o conjunto de todas as combinações possíveis de futuro. Como o espaço morfológico é muito grande e pode conter combinações incompatíveis, incoerentes, prejudicando a qualidade dos cenários, o autor propõe introduzir critérios de exclusão e seleção para que somente sejam analisadas as combinações (cenários) mais relevantes para o fenômeno estudado.

Etapa 6 - Método de Peritos: serve para ajustar o grande número de cenários existentes. Devem ser questionados pelo menos 25 peritos, ou, caso os entrevistados sejam poucos, ao menos 10% da quantidade de indivíduos entrevistados. Os peritos devem, primeiro, se avaliarem; segundo, reconsiderarem da sua própria avaliação com justificativa; terceiro, fazer comentários sobre os cenários escolhidos.

Em seguida é o momento de fazer a análise das tendências e incertezas. Relacionar inicialmente todas as tendências e incertezas aparentes identificadas internamente e/ou mencionadas pelos peritos e observadores envolvidos na pesquisa. A análise é voltada para o entendimento das perspectivas de ocorrência de cada uma das tendências e incertezas identificadas e os impactos que podem provocar. Também é preciso buscar observadores externos que tenham condições de prever cenários futuros possíveis ou variáveis de interesse. Analisar os Elementos Incertos não perceptíveis para os que estão dentro do cenário estudado e que possam provocar grande impacto sobre o mesmo. Examinar se e como cada um dos processos em ação pode afetar a estrutura geral e/ou serem fatores de incertezas. Porter (2000) também destaca as seguintes fontes para identificar incertezas:

- i) os macros cenários podem expor mudanças nas variáveis sociais, políticas e/ou macroeconômicas que podem interferir na estrutura;
- ii) observação sistemática de como as tecnologias podem ser afetadas por desenvolvimentos externos;

- iii) identificação das possíveis transformações tecnológicas revolucionárias que podem causar um grande impacto;
- iv) exame das possíveis mudanças nos processos seguintes e seus possíveis impactos na estrutura.

Importante ressaltar ainda que parte do método de Godet é desenvolvido por meio do uso do software Mactor, criado pelo próprio autor. Este, contudo, não será usado nesta pesquisa, portanto, sob esta o considero válido para o ambiente onde essa pesquisa se desenvolve é a análise das variáveis chave e sub-variáveis, que utilizei como método a matriz PESTEL que será apresentada com maiores detalhes ainda neste capítulo, a análise da estratégia dos atores, o método de peritos e a análise de tendências e incertezas, o que, conluo, não gerou impacto sobre a pesquisa desenvolvida, conforme apresentarei de forma mais detalhada ao final deste capítulo.

Feitas as considerações gerais e passos do método de Godet, abordarei agora o método de Schwartz.

2.2 MÉTODO PETER SCHWARTZ: LÓGICA INTUITIVA

Uma das essências da metodologia de Cenários de Schwartz é a ênfase na utilização da linguagem histórica como ferramenta de conscientização sobre possibilidades de futuros. Para ele, as questões do futuro, por serem muito complexas e imprecisas, necessitam da linguagem da história e dos mitos, “pois traz um impacto psicológico que falta na linguagem tradicional que utiliza gráficos e tabelas, isto se deve”, segundo Schwartz (Schwartz, 2000, pag. 42), “pelo fato da linguagem histórica ser muito eficaz para dar explicações aos porquês, dar ordem e transmissão de significado aos eventos” (Santiago, 2001, p.90).

Assim como o método de Godet, a metodologia de Cenários de Schwartz também segue etapas, que são elas:

Etapa 1- Identificação da questão ou decisão principal. Feita de dentro para fora do cenário estudado, a partir do exame dos modelos pensados pelos atores envolvidos, seus valores, suas visões de mundo e suas implicações sobre a prospecção de futuros.

Etapa 2- Identificação dos fatores chaves (Análise do ambiente externo): trata-se de uma etapa caracterizada pela realização de uma pesquisa cujo objetivo é a identificação de fatores chaves que podem impactar a questão central da prospecção. Estes fatores chaves são

todas as “variáveis externas” que estão diretamente relacionadas com o objeto de pesquisa. Estes fatores chave estão relacionados ao microambiente do sistema estudado.

Etapa 3- Identificação das Forças Motrizes (Variáveis de Tendências): identificação e estimação das forças motrizes (causas das causas) que agem no macro ambiente dos fatores chave e que estão por detrás dos fatores chave do microambiente identificados no passo anterior. As forças motrizes são as molas propulsoras que promovem as mudanças. Estas forças são macrotendências ou “blocos de tendências” que agem na sociedade e, portanto, não se alteram no curto prazo. Para Schwartz (2003), são estas forças que determinam o caminho para o enredo dos cenários. É preciso fazer essa etapa em grupos com os atores envolvidos caracterizada por identificar quais destas forças são predeterminadas, como a demografia, por exemplo, e quais são muito incertas, como, por exemplo, a escolha ideológica política.

Etapa 4 - Hierarquização por importância da incerteza: ordenação dos fatores chave e das forças motrizes de forma hierárquica pelo critério de importância para os objetivos da prospecção e pelo critério da incerteza. Com esta classificação se objetiva identificar “dois ou três fatores e/ou forças” (Santiago, 2001, p. 94) mais importantes e incertos para o estudo.

Etapa 5 - Seleção da lógica dos Cenários: Schwartz (2003) enfatiza que sejam construídos somente três cenários em torno de uma lógica básica prevalecente. Sobre esses, existem tipos diferentes que podem surgir. Os possíveis tipos de cenários são:

- i) Vencedores e perdedores, onde se alguém perde o outro tem de vencer;
- ii) Desafio e resposta, a cada novo desafio à humanidade é desafiada a superação e nesta relação tem-se a oportunidade ao aprendizado e novos horizontes são abertos;
- iii) Evolução, nesta lógica o pressuposto é o processo de transformação e constante avanço do mundo e da sociedade. No mundo atual o processo mais comum é a tecnologia, que tem gerado novos produtos, processos, nichos de mercados, novos riscos, novas economias, novos valores, novas habilidades e, portanto, novas exigências que necessitam de tempo para serem atendidas;
- iv) Revolução, descontinuidades que acontecem no mundo. Nestes enredos são incluídas as possibilidades de desastres, golpes de Estados, mudanças climáticas súbitas, novas religiões, o surgimento de novas epidemias, um novo sistema político mundial;
- v) Ciclos, caráter cíclico da economia, do comportamento social, da tendência do fechamento para abertura e da abertura para o

- fechamento. Nesta filosofia o mundo gira em torno de ênfases, a economia vive eras de expansão e retração, riqueza e pobreza. Um dos desafios deste enredo está no tempo de duração de cada ciclo e na necessidade de se encontrar os sinais de que momento do ciclo se está vivenciando;
- vi) Possibilidades infinitas, clima de otimismo reinante e contagiante no mundo onde se crê que tudo é possível. Movidos por este clima, comportamentos se alteram, o consumo se intensifica, os investimentos se ampliam em proporções muito acima do esperado, a sociedade experimenta um nível de prosperidade geral incomum;
 - vii) O Cavaleiro solitário, um comportamento que enfrenta um sistema e uma tendência com uma missão transformadora. Os atores que se movem com esta missão possuem uma energia contagiante que influencia o sistema. Neste enredo o conflito se instaura quando se encontram dois Cavaleiros Solitários e neste momento se introduz a lógica dos vencedores e perdedores;
 - viii) Minha geração, influência que uma determinada cultura pode exercer na sociedade. Este enredo evidencia a predominância transformadora de uma geração que assume uma postura diferente dos antecessores.

Etapa 6 - Completando e descrevendo os Cenários: Schwartz (2003) sugere que cada um dos fatores chaves e tendências identificados nas etapas anteriores recebam algum tipo de destaque em cada um dos cenários. Este destaque serve para que nenhum fator seja esquecido ou desconsiderado.

Etapa 7- Análise das Implicações e Opções: caracteriza-se pela análise de quais são as implicações dos cenários identificados e detalhados para com as decisões ou questões que estão sendo levantadas. Se a decisão ou questão não for compatível com todos os cenários, quais seriam as implicações caso ocorra este cenário específico? Quais os riscos caso ocorra um cenário incompatível? Que estratégias podem ser implantadas caso ocorra algum dos cenários desfavoráveis para com os objetivos desejados?

Etapa 8 - Seleção de Indicadores e Sinalizadores Principais: O objetivo desta etapa é selecionar instrumentos que ajudem na identificação de quais dos cenários construídos é o mais provável bem como identificar indicadores que possam monitorar o desenvolvimento deste cenário.

Feitas todas as oito etapas dos cenários e concluídos os mesmos, é o momento de o pesquisador criar o cenário em si. Santiago (2001) e Schwartz (2003) destacam que este é

um verdadeiro exercício literário, de construção de uma “historinha” feita com base nos estudos e análises prévias. Concluída a história do cenário de futuro, é fundamental para a reanálise do cenário a sua narração para os agentes envolvidos na pesquisa. Schwartz (2003) aponta que a narração é uma forma de aproximar os entrevistados da pesquisa realizada, bem como mensurar pela opinião de todos se o cenário é de fato concreto e plausível como se espera que seja.

Dentre as etapas que constituem o método de Schwartz, para esta tese somente será utilizada a descrição das etapas voltadas para a análise de cenários, portanto não aprofundarei mais detalhes do método e, acima já destacado, estão os principais pontos necessários. Agora, finalizarei este tópico com ao método de Grumbach.

2.3 MÉTODO DE CENÁRIOS DE GRUMBACH

Para a elaboração dos Cenários Prospectivos, Grumbach (1999) cruza diversas técnicas e metodologias diferentes, inclusive dos autores mencionados acima, bem como de outros campos das ciências exatas e humanas. Ele emprega as técnicas de simulação de Monte Carlo, Impactos Cruzados e Pesquisa Delphi e, para as Interações Estratégicas, utiliza-se da Teoria dos Jogos, com base em análise de fatos novos obtidos por meio do método da Inteligência Competitiva. Não abordarei todos estes métodos nesta pesquisa pois a quantidade de detalhes presentes em cada um exige uma análise dedicada, bem como, nenhum deles por si só possui impacto ou relevância para a minha pesquisa.

Os passos a serem seguidos no método de Grumbach são idênticos aos de Godet e Schwartz, sendo importante destacar apenas a estrutura do método, a qual possui três critérios básicos:

- i) “Decisor Estratégico: quem toma ou encaminha a decisão final ou quem demanda o estudo e delimita prazos;
- ii) Grupo de Controle, ou Grupo de Agentes: grupo de pessoas ligados ao ambiente estudado, representando as principais áreas existentes da sociedade e que possuam a responsabilidade da condução de todo o processo;
- iii) Peritos: Pessoas de notório saber, convidados pelo pesquisador, que respondam as sucessivas consultas formuladas pelo grupo de Controle.” (Santiago, 2001, p. 98)

De acordo com a metodologia de Grumbach, compete ao Decisor Estratégico “(...) fixar os propósitos do estudo prospectivo, determinar a amplitude do sistema a ser analisado, estabelecer o horizonte do estudo, além da escolha do grupo de controle” (Santiago, 2001, p.134). Desta forma, coube a mim o papel do Decisor, por compreender que sou o pesquisador que irá direcionar o caminho desejado desta pesquisa, os elementos que serão analisados, quem serão os agentes envolvidos e os quais peritos serão convidados. Assim como Porter, Grumbach (1999) sugere que o grupo de peritos não seja nem menor, nem ultrapasse muito o valor de 10% do número de agentes entrevistados.

Diferentemente dos métodos anteriores, a metodologia de Grumbach é desenvolvida em sua grande parte em softwares criados pelo autor, ou outros pesquisadores, como o Puma e o Lince. Não optei em utilizar esses programas nesta pesquisa por entender que eles servem, principalmente, como validadores de dados e criação de percentuais de acerto para algumas informações e variáveis específicas. Ao analisar o todo das metodologias dos autores aqui apresentados, vejo que os métodos de cenários aplicados à etnografia podem ser executados sem a necessidades de tais ambientes virtuais, o que ficará evidenciado com mais propriedade no capítulo quatro.

Para além do uso dos softwares, a metodologia de Grumbach segue o seguinte passo a passo:

Etapa 1: Identificação do sistema – esta etapa exige que o decisor faça o levantamento de toda a estrutura e características do ambiente analisado: qual a quantidade de membros? Qual o objetivo geral e os específicos? Qual a missão? Como são dadas as relações de trabalho, de sociabilidade? Desta forma, esta etapa cria uma cartografia do ambiente de pesquisa de forma a auxiliar o decisor/pesquisador a compreender cada variável do cenário criado, bem como as informações suficientes sobre o ambiente para ajudar a desenhar o próprio cenário.

Etapa 2: Diagnóstico estratégico – esta etapa sugere que seja feita a investigação dos fatores externos e internos fortes ou fracos para o fenômeno em estudo e como estes podem impactar o futuro, observando inclusive quais destes fatores estão automaticamente atrelados ao futuro de algo, chamado pelo autor de “fatores de futuro”. Após a identificação do sistema, essa etapa tem como diferencial um olhar sobre variáveis, das mais complexas e interligadas em rede até as individuais.

Etapa 3: Visão estratégica – após o levantamento dos dados nos passos anteriores, esta etapa apresenta como premissa a geração de propostas para o objeto estudado em curto, médio e longo prazos. Para isso, deve-se usar como apoio dois modelos de visão:

- i) Visão do presente: quando identificado na fase de diagnósticos do Fatos portadores de futuro, com estes deve-se tentar mensurar quais as causas e consequências desses e a partir delas buscar medidas de curto e médio prazos.
- ii) Visão do futuro: a visão de futuro deve ser uma medida de longo prazo com base em futuros possíveis observados na fase de diagnóstico.

A partir da quarta etapa é de fato iniciada a construção do cenário na metodologia de Grumbach, que aqui é construída aos poucos, seguindo o seguinte passo a passo:

Etapa 4: Concepção de possíveis eventos – nesta etapa, o processo de geração de cenários futuros por meio da análise de relatórios de diagnóstico estratégico e fatos portadores de futuro. Os membros do grupo de controle realizam uma sessão técnica de *brainstorming*¹⁸ para criar uma lista preliminar de eventos externos à organização que possam impactar significativamente seus objetivos, incluindo eventos favoráveis e desfavoráveis. Utilizando a técnica de *brainstorming*, inicialmente são incentivados a listar eventos sem censura, desde que estejam ligados pelo menos a um fato portador de futuro. Após a geração "relativamente livre" de eventos, o método Grumbach sugere a depuração, reduzindo a lista para no máximo 15 eventos, que eventualmente serão reduzidos para 10 eventos definitivos. A necessidade de depuração é destacada, pois muitos eventos podem resultar em um número exponencialmente maior de cenários. Os critérios para seleção incluem a ligação dos eventos a pelo menos um fato portador de futuro, a agrupação de eventos relacionados e a expressão clara para permitir avaliações objetivas. Esses eventos depurados servirão como instrumentos de consulta aos peritos, que opinarão sobre a probabilidade numérica de suas ocorrências.

Etapa 5: Avaliação dos peritos – por meio do método Delphi, são conduzidas várias consultas aos peritos para obter informações sobre os eventos previamente selecionados. O

¹⁸ Tempestade de ideias.

principal objetivo é identificar as probabilidades individuais de ocorrência de cada evento potencial, além de avaliar a importância desses eventos para os objetivos da análise prospectiva. Em segundo lugar, o intuito é analisar as relações de causa e efeito, considerando a ocorrência de cada evento e as possíveis variações nas probabilidades de outro evento (por exemplo, evento Y) caso ocorra um evento específico (por exemplo, evento X).

Etapa 6: Evolução dos eventos definitivos – a meta agora é escolher os 10 eventos definitivos que serão incluídos nos cenários futuros. Essa decisão cabe ao grupo de controle, que realizará uma nova reunião com base na lista dos 15 eventos em ordem decrescente e nos valores médios de relevância atribuídos pelos especialistas. É importante destacar que o grupo não deve se limitar apenas à ordem decrescente da relevância média na lista dos 15 eventos preliminares. Ao invés disso, eles devem considerar o conhecimento mais aprofundado que possuem sobre o sistema em estudo e as prioridades do tomador de decisões estratégicas.

Etapa 7: Geração da matriz de impactos cruzados – esta etapa, feita em sua maior parte em ambiente virtual, corresponde ao processo de análise dos dados provenientes das consultas aos peritos utilizando o software Puma, seja para avaliação de impacto ou probabilidades. Após ajustes do Grupo de Agentes para corrigir possíveis incoerências nas respostas dos peritos, o software gera uma Matriz de Impactos Cruzados específica, destacando os eventos com maiores probabilidades de ocorrência. A Matriz do Tipo "Impacto" não só identifica os eventos mais influentes na ocorrência dos demais, mas também calcula a motricidade e dependência de cada evento. O software Puma calcula tanto a probabilidade isolada de um evento como a variação dessa probabilidade em função de cada outro evento. O texto destaca a importância de entender a motricidade e dependência dos eventos para uma análise mais completa.

Etapa 8: Geração do mapa de cenários prospectivos – o software Puma utilizará a Matriz de Impactos Cruzados para criar um Mapa de Cenários Prospectivos, organizando-os com base na opinião dos peritos sobre a probabilidade de ocorrência. A construção desses cenários segue a lógica da combinação entre a ocorrência ou não ocorrência dos eventos previamente selecionados. Em outras palavras, o software usa as informações da matriz para gerar diferentes cenários futuros, considerando as possíveis combinações dos eventos e suas probabilidades associadas, conforme percebidas pelos especialistas. Esse mapa oferece uma

visão organizada das potenciais situações que podem se desenrolar, de acordo com as opiniões e análises dos peritos envolvidos no processo.

Etapa 9: Interpretação do mapa de construção de cenários – nesta etapa, os analistas do Grupo de Controle assumem a responsabilidade de interpretar o Mapa de Cenários construído pelo software Puma. Essa interpretação deve estar alinhada com os objetivos do estudo prospectivo, as diretrizes do decisor estratégico e considerar todas as análises realizadas nas etapas anteriores do processo. Seguindo o método Grumbach, sugere-se a seleção de três cenários: o mais provável, o de tendência e o ideal. Isso não implica na exclusão de outras opções que possam representar futuros possíveis, tanto favoráveis quanto desfavoráveis. A agrupação de eventos é crucial e deve abranger questões relevantes para o decisor estratégico, independentemente de serem favoráveis ou desfavoráveis. A seleção desses cenários específicos tem como foco as definições e prioridades do decisor estratégico:

- i) Cenário mais provável: diante de todos os cenários criados e, cruzando com as variáveis detalhadas durante o método, qual é mais provável que de fato se concretize e o porquê? É possível passar de um cenário mais provável para o cenário ideal?
- ii) Cenário ideal: qual seria o cenário ideal diante do que se espera do objeto de estudo? Este cenário deve procurar, mesmo não sendo o mais provável, corresponder a uma possibilidade ao futuro que possa ser de alguma maneira alcançado.

Etapa 10: Redação dos cenários - por fim, o último passo, como já destacado na proposta da metodologia desta pesquisa, faz jus a escrita do cenário com todos os elementos reunidos nas etapas anteriores. Grumbach (1999) enfatizou a importância de o Decisor exercer neste momento o papel de escritor e deixar que sua criatividade e imaginação coloquem cada elemento e variável no lugar certo, a fim de escrever uma narrativa o mais fidedigna possível ao fenômeno estudado.

Apresentada a metodologia de Grumbach, concluo aqui os apontamentos gerais e procedimentos para cada uma das metodologias, compreendendo que, já que não são métodos largamente usados pelas Ciências Sociais, se fez necessário algum nível de detalhamento de como se desenvolve cada um dos métodos que serão usados neste estudo.

Importante também destacar aqui algumas reflexões, fundamentais para esta pesquisa, sob o olhar contra antropológico e SULeado. Krenak (2020), problematiza que devemos tomar cuidado com a ideia prospectiva de estar indo em direção a algum lugar. Para

o autor, “há um horizonte, estamos indo para lá, e vamos largando no percurso tudo que não interessa, o que sobra, a sub-humanidade – alguns de nós fazemos parte dela” (Krenak, 2020, p. 10). O indígena trata por sub-humanidade justamente todos aqueles considerados obsoletos a uma sociedade mercadológica, entre eles, todos os povos originários e as classes menos favorecidas, bem como, as socialmente perseguidas, como negros, população LGBTQAPNI+, dentre outros. Essa é uma leitura eurocêntrica, colonialista, que via no diálogo com estes povos a ideia de uma “sociedade esclarecida indo ao encontro da sociedade obscurecida, trazendo para essa luz incrível” (Krenak, 2020, p. 11), luz essa, provocando a ideia iluminista, que seria a forma de vida do europeu. Sendo assim, a ideia de prospecção deve ter o cuidado de olhar por estes historicamente esquecidos durante a busca por este “horizonte” a ser alcançado.

Na continuidade do capítulo, tratarei da Matriz PESTEL, utilizada para encontrar as variáveis do meu campo de estudo, bem como a forma como construí meu caminho metodológico baseado nos autores apresentados acima.

2.4 Matriz PESTEL

Conforme vimos na descrição das metodologias de prospecção, um dos passos fundamentais para o bom desenvolvimento dos cenários é a visualização das variáveis existentes que podem influenciar, de alguma maneira, o objeto de estudo. Há muitas formas de se olhar uma variável e este é um passo primordial, já que conhecer as variáveis que podem influenciar o objeto de estudo aumenta as garantias de que não haverá surpresas no decorrer da pesquisa e de que o pesquisador compreenda melhor o ambiente onde pisa. Há diversas formas para se elencar as variáveis, optei por utilizar a metodologia da Matriz PESTEL, a qual apresentarei de forma detalhada a seguir.

A Matriz PESTEL é uma matriz de levantamento de variáveis que podem influenciar um cenário estudado. Nela são observadas as áreas: Política, Econômica, Social, Tecnológica, Ecológica e Legal. Para cada um destes recortes são elencadas todas as situações que podem influenciar de alguma maneira, para bem ou para mal, o objeto de estudo. Segundo Melo (2020), inicialmente a metodologia usava o termo PEST que é um acrônimo para Política, Economia, Social e Tecnologia, sendo uma ferramenta utilizada para

examinar as mudanças nessas áreas, em maior uso no contexto empresarial, assim como as metodologias de prospecção. Essa análise proporciona uma visão abrangente das variáveis de ameaças e oportunidades externas. Os quatro elementos - Política, Economia, Social e Tecnologia - compõem a Análise PEST padrão, mas, conforme apontam Camargo (2017) e Melo (2020), alguns acadêmicos adicionam duas letras extras ao acrônimo, formando PESTAL ou PESTEL, onde "A" representa Ambiental e "L" representa Legal. Dessa forma, a análise pode ser chamada de Análise PESTAL ou PESTEL, incluindo também considerações ambientais e legais. A escolha entre essas variações depende dos fatores específicos que uma pesquisa deseja analisar, e ao examinar cada um dos componentes, o pesquisador pode aumentar suas chances de minimizar riscos e aproveitar ao máximo as oportunidades que se apresentam. Essa ferramenta, portanto, oferece uma abordagem sistemática para avaliar fatores externos cruciais. Ao desmembrar esses aspectos, as pesquisas podem formular estratégias mais informadas e adaptáveis, tornando-se mais resilientes diante das dinâmicas do ambiente analisado.

Segundo Melo (2020), a Análise PESTEL é uma ferramenta amplamente utilizada no planejamento estratégico e na estruturação de cenários desafiadores. Ao abordar os pontos-chave de Política, Economia, Social, Tecnologia, Ambiental e Legal ela orienta a avaliação de estratégias e a identificação dos melhores caminhos a seguir. Além disso, a análise contribui para a detecção de oportunidades e ameaças significativas que possam impactar os planos estabelecidos. No contexto desta pesquisa, a Análise PESTEL ofereceu uma visão mais objetiva das variáveis que compõem o cenário de futuro estudado em Dores do Indaiá. O método oferece aos pesquisadores uma compreensão abrangente das mudanças em seu ambiente de atuação. Antecipar mudanças possibilita reações mais assertivas e decisões mais informadas, contribuindo para o sucesso da construção do cenário.

Johnson, Scholes e Whittington (2011) destacam a capacidade da Matriz PESTEL para buscar variáveis externas que podem influenciar o fenômeno estudado. Caso o pesquisador queira também buscar variáveis internas, ele deve lançar mão de outras metodologias, como a Matriz SWOT. A Análise PESTEL difere da Matriz SWOT ao concentrar-se nos fatores macro ambientais externos que podem impactar o objeto de pesquisa, oferecendo uma visão mais abrangente desses fatores que podem influenciar no crescimento, declínio ou na identificação de novas direções para a ambiente. Camargo (2017) e Melo (2020) se posicionam contrariamente à ideia de uma matriz pode substituir a outra, já que ambas as matrizes, SWOT e PESTEL, seriam métodos de planejamento que

fornece uma compreensão dos fatores que podem afetar a execução de planos ou projetos. A PESTEL, ao não considerar os fatores internos, destaca-se na análise aprofundada dos fatores externos, proporcionando uma visão mais ampla para os tomadores de decisão. A sugestão seria integrar ambas as metodologias para uma análise mais completa, já que, embora a SWOT considere fatores internos e externos, não realiza uma análise tão detalhada dos fatores externos quanto a PESTEL. Portanto, Camargo (2017) reforça que a combinação dessas abordagens é recomendada para uma análise mais abrangente e eficaz.

Abaixo, segue quadro com os elementos que podem ser usados em cada uma das áreas da Matriz PESTEL:

Tabela 2 – Tabela Matriz PESTEL.

P	E	S	T	E	L
Fatores Políticos	Fatores Econômicos	Fatores Sociais	Fatores Tecnológicos	Fatores Ambientais	Fatores Legais
Políticas governamentais	Economia local	Taxa de crescimento	Tecnologias emergentes	Regulamentos ambientais	Legislação em vigor
Eleições e tendências políticas	Tributação	Mudanças de gerações	Maturidade da tecnologia	Redução da pegada de carbono	Legislação futura
Mudança do governo	Inflação	Tendências de estilo de vida	Legislação tecnológica	Sustentabilidade	Legislação internacional
Políticas de negociação	Juros	Tabus culturais	Pesquisa e Inovação	Gestão de Resíduos	Órgãos e processos regulatórios
Financiamento, bolsas e iniciativas	Tendências econômicas	Atitudes e opiniões dos consumidores	Informação e comunicações	Poluição	Lei trabalhista
Guerras, terrorismo e conflitos	Problemas sazonais	Padrões de compra do consumidor	Desenvolvimento de tecnologia concorrente		Proteção do consumidor
Problemas políticos internos	Crescimento da indústria	Problemas éticos	Problemas de propriedade intelectual		Normas de saúde e segurança
Relações entre países	Taxas de importação / exportação				Regulamentos fiscais
Corrupção	Comércio internacional				Normas específicas da indústria
	Taxas de câmbio internacionais				

Fonte: CAMARGO, 2017¹⁹

Abaixo irei descrever as questões a serem feitas em cada uma das áreas para se realizar a Matriz PESTEL de um cenário estudado:

Fatores Políticos: referem-se ao nível de intervenção governamental, abordando questões regulatórias específicas impostas pelo governo em um setor. As perguntas direcionadas a fatores políticos fornecem uma compreensão mais profunda do ambiente regulatório e político, auxiliando na tomada de decisões estratégicas. Para explorar esses fatores, podemos formular perguntas específicas, como:

- Quando ocorrerá a próxima eleição e que nível possui de influência sobre o objeto de estudo, e de que forma isso pode

¹⁹ Disponível em <https://www.treasy.com.br/blog/analise-pest/>, acessado em 29/01/2024, às 19h05.

impactar o cenário que esta sendo analisado?

- Qual é a situação política local e de que maneira ela pode influenciar o objeto de pesquisa?
- Quais são os atores políticos no poder, e quais são seus posicionamentos em relação ao objeto de estudo?
- Como o governo lida com questões como as que influenciam o objeto de estudo?
- Há outros fatores políticos que possivelmente passarão por mudanças, e de que forma essas mudanças podem impactar o objeto de estudo?

Os fatores econômicos, na Análise PESTEL, abrangem indicadores como inflação, taxa de câmbio, taxa de juros, emprego/desemprego e outros fatores que impactam o crescimento econômico. Esses fatores têm implicações significativas na condução futura das operações de uma empresa. Por exemplo, as taxas de câmbio influenciam os custos de bens importados e exportados, enquanto as taxas de juros afetam o custo do capital disponível para a organização. Entretanto, Marmol (2023) aponta que existem outros fatores econômicos relevantes que precisam ser considerados para uma análise completa e informada do cenário econômico. Na abordagem desses fatores, podemos formular perguntas específicas, como:

- Como está a economia local atualmente – crescendo, estagnando ou declinando?
- O nível de renda dos clientes do comércio local está aumentando ou diminuindo, e como isso pode mudar nos próximos anos?
- Qual é a taxa de desemprego local?
- Como o acesso ao crédito por parte de consumidores afeta o objeto de estudo?
- A globalização impacta o ambiente econômico local de alguma maneira?

Os fatores socioculturais são muito importantes para compreensão dos possíveis impactos sobre o ambiente de estudo. Johnson, Scholes e Whittington (2011) e Marmol (2023) destacam que muitas vezes esses fatores não são considerados com atenção em pesquisas empresariais e isso pode ser um fator decisivo no fracasso do trabalho de mercado. Na Análise PESTEL, esses fatores englobam diferentes aspectos culturais e demográficos que compõem o macroambiente, como distribuição etária, tamanho da população e seu crescimento, conscientização sobre saúde e segurança. As perguntas dirigidas aos fatores socioculturais proporcionam uma visão abrangente do ambiente social e cultural,

contribuindo para estratégias mais alinhadas ao ambiente de estudo. Ao explorar esses fatores, as perguntas específicas podem ser do tipo:

- Qual é o perfil etário e como isso impactará o objeto de estudo?
- Mudanças geracionais afetarão o objeto de estudo? Se sim, de qual forma?
- As tendências no mercado de trabalho e atitudes em relação ao trabalho variam entre diferentes faixas etárias, e como isso influencia o objeto de estudo?
- Quais atitudes sociais e tabus podem afetar o local, considerando mudanças socioculturais recentes?
- Como as crenças religiosas e escolhas de estilo de vida impactam a população local?
- Existem outros fatores socioculturais impulsionando mudanças que afetarão o objeto de estudo?

O ritmo acelerado do avanço tecnológico exige que o mundo todo esteja constantemente atualizado. Empresas, redes de ensino, equipamentos culturais, Poderes Públicos, centros religiosos, todos devem estar atentos às mudanças que o ambiente virtual proporciona e suas possíveis ameaças. Fatores como mudanças tecnológicas, taxa de obsolescência, automação e inovação são essenciais para análise. As perguntas direcionadas a fatores tecnológicos oferecem uma visão aprofundada do ambiente. Ao explorar esses fatores tecnológicos, é fundamental fazer perguntas específicas, como:

- Existem novas tecnologias que os atores do ambiente estudado poderiam adotar, como softwares de processos, projetos, entre outros?
- Existem inovações tecnológicas que podem ter um impacto significativo no ambiente estudado?
- Existem outros fatores tecnológicos relevantes que o pesquisador deve considerar?

Os fatores ambientais na Análise PESTEL abordam a influência do meio ambiente e o impacto dos aspectos ecológicos, sendo cada vez mais relevantes para qualquer cenário estudado. Marmol (2023) defendeu que uma análise da Matriz PESTEL que não considere fatores ambientais, mesmo diante de tais mudanças que o mundo vive, está fadada a não encontrar as soluções procuradas. Johnson, Scholes e Whittington (2011) afirmam que muitas vezes, por não considerar fatores ambientais como relevantes, as empresas acabam optando por falhar em suas análises sobre ambientes de mercado. Questões como procedimentos de reciclagem, pegada de carbono, gestão de resíduos e sustentabilidade

entram nesse cenário. Estas perguntas direcionadas a fatores ambientais proporcionam uma visão abrangente do comprometimento e das práticas ambientais adotadas por empresas, cidadãos e Setor Público locais, auxiliando na adaptação a padrões e expectativas sustentáveis em constante mudança. Uma análise PESTEL desses fatores pode envolver perguntas específicas, tais como:

- Como as regulamentações ambientais e ecológicas afetam o objeto de estudo ou o ambiente?
- Qual é o esforço para reduzir o impacto ambiental local e promover a sustentabilidade?
- Há uma demanda crescente por produtos "verdes" por parte dos atores envolvidos?
- Existem outros fatores ambientais que podem passar por mudanças e de que maneira impactarão o objeto de estudo?

Os fatores legais na Análise PESTEL requerem que o pesquisador compreenda as leis e regulamentações nos territórios onde irá realizar seu campo de pesquisa, pois qualquer alteração pode impactar significativamente o objeto de estudo. Questões legais, como legislação culturais, direitos da população, leis de segurança, regulamentações e restrições nacionais ou internacionais devem ser consideradas. Estas perguntas focadas em fatores legais oferecem uma compreensão abrangente do ambiente legal, auxiliando na adaptação às mudanças na legislação que podem impactar o ambiente e o objeto de estudo. Para uma análise PESTEL desses fatores, perguntas específicas podem ser:

- Há legislação pendente ou mudanças legais que podem impactar o ambiente de estudo de maneira positiva ou negativa?
- Prevê-se alguma mudança nas leis locais que possa afetar o objeto de estudo?
- Há previsão de alterações nas regulamentações que influenciam o objeto de estudo?
- Qual é o prazo estimado para as mudanças propostas?
- Existem outros fatores legais que provavelmente passarão por mudanças e como isso afetará o objeto de estudo?

Neste ponto da Matriz PESTEL é importante trazer novamente a reflexão dos autores contra antropológicos sobre a ideia de meio ambiente e sustentabilidade. Krenak (2020), aponta que essa proposta foi um mito inventado pelas grandes corporações mundiais como forma de justificar o assalto constante feito a verdadeira natureza, contudo, para ele e para os povos originários tudo o que se consegue pensar é natureza. O autor faz então as seguintes

perguntas provocadoras: “desenvolvimento sustentável para quê? O que é preciso sustentar?” (Krenak, 2020, p. 22). Essas perguntas podem ser respondidas por Santos (2023) ao problematizar o nosso conceito atual de cidade. Ele inicia questionando:

“O que é a cidade? É o contrário de mata. O contrário de natureza. A cidade é um território artificializado, humanizado. A cidade é um território arquitetado exclusivamente para os humanos. Os humanos excluíram todas as possibilidades de outras vidas na cidade. Qualquer outra vida que tenta existir na cidade é destruída. Se existe, é graças à força do orgânico, não porque os humanos queiram” (Santos, 2023, p.8)

Portanto, ao olhar estes fatores da Matriz, é importante ter em mente que essas perguntas padrão devem problematizar o como, caso haja, esses impactos sobre o meio ambiente no estudo também impactam as comunidades rurais e periféricas de Dores do Indaiá, originalmente as primeiras envolvidas na Festa do Rosário.

Santos (2023), lembra também que é preciso pensar que o ambiente urbano das cidades é um local de pensamento colonialista, ou como o autor declara, “é o colonialismo em sua essência” (Santos, 2023, p. 64), o que traz profundo impacto sobre a história negra do Congado. Para o autor:

“Nem todos os povos da cidade são povos colonialistas, mas a cidade é um território colonialista. Há povos vivendo a duras penas nesse território colonialista. Quando falo em povos da cidade, falo de povos eurocrístãos colonialistas, mas do ponto de vista territorial. (Santos, 2023, p. 10, 11)

Para o autor, é preciso ainda aguçar um olhar e uma forma de ser orgânica com a natureza, fugindo da visão humanista:

“Humanismo é uma palavra companheira da palavra desenvolvimento, cuja ideia é tratar os seres humanos como seres que querem ser criadores, e não criaturas da natureza, que querem superar a natureza. Do lado oposto dos humanistas estão os diversos – os cosmológicos ou orgânicos. Se os humanos querem sempre transformar os orgânicos em sintéticos, os orgânicos querem apenas viver como orgânicos, se tornando cada vez mais orgânicos. Para os diversos, não se trata de desenvolver, mas de envolver. Enquanto nos envolvemos organicamente, eles vão se desenvolver humanisticamente”. (Santos, 2023, p.16).

Uma análise da Matriz PESTEL para uma pesquisa que se propõe buscar diálogo com a contra antropologia deve então ser orgânica, levando a reflexão sobre os elementos da Matriz que estão diretamente ligados a vida e aos modos de ser e fazer dos congadeiros,

não na perspectiva de desenvolver a festa, mas de envolver seus participantes de maneira natural.

A compreensão da análise das perguntas feitas na Matriz PESTEL é crucial. Marmol, Camargo (2017) e Melo (2020, 2023) ressaltam que as perguntas fornecidas são modelos para orientação e a adaptação é essencial de acordo com o contexto de estudo. Cada etapa desempenha um papel importante na determinação das variáveis que podem influenciar a pesquisa. Após a coleta de dados extraída por meio das perguntas, é imperativo avaliar as informações, pois nem todos os fatores externos impactam igualmente um objeto de pesquisa como um todo. Identificar os fatores PESTEL é essencial nos passos seguintes desse processo analítico, que é se debruçar sobre todos os fatores alcançados e definir quais deles representam oportunidades ou ameaças. Camargo (2017) orienta a não considerar na pesquisa variáveis que não representem nem ameaças e nem oportunidades, chamadas então “variáveis nulas”.

Apresentado o modelo metodológico da Matriz PESTEL, apresentarei a seguir quais as questões e variáveis elencadas com base na conjuntura de Dorés do Indaiá e, analisando ameaças e oportunidades, quais destas variáveis serão consideradas para o desenvolvimento desta pesquisa.

2.4.1 Quais as variáveis desta pesquisa?

Usando o mesmo modelo adotado por Melo (2020), apresentarei em quadros, divididos por cada um dos seis fatores da matriz, as variáveis selecionadas, usando como referência perguntas condizentes com a conjuntura da cidade de Dorés do Indaiá. Sobre as respostas, utilizei como base minha expertise sobre o local, fruto das idas a campo desde 2018, e a opinião de moradores da cidade envolvidos com a Festa, William Monteiro, Viviane Giordani, Emiliani Giordani, Carmem Fiuza e Guilherme Cesário, assim como outras fontes de informação, a exemplo do website institucional mantido pela Câmara Municipal de Dorés do Indaiá. As entrevistas foram realizadas de forma virtual, pela rede social WhatsApp, durante os dias 23 a 25 de maio de 2023. Optei por fazer as consultas individuais, conforme a área de atuação e conhecimento de cada entrevistado, para não criar um grupo paralelo aos já existentes nas metodologias de prospecção.

Para cada variável encontrada foi analisado se, para o estudo, ela era uma variável nula, uma variável de oportunidade (aquelas que podem beneficiar ou auxiliar na realização da Festa do Rosário) ou uma variável de ameaça (aquelas que podem fazer com que a Festa do Rosário não ocorra ou que possa prejudicar sua realização), sendo então as variáveis nulas desconsideradas nesta pesquisa. Para as perguntas nas quais não foram levantadas variáveis que possam sugerir impacto na Festa, foi usado o termo “não encontrada” e, por sua vez, o tipo de variável como “não se aplica”. Além disso, conforme o passo dois, diagnóstico estratégico da metodologia de Grumbach, para cada variável foi considerada se ela é fraca ou forte, quanto ao seu impacto na Festa do Rosário, e, no caso das fortes, se são “fatores de futuro” ou não.

Para análise dos fatores legais e políticos, também foram feitas pesquisas sobre legislações no portal da Câmara Municipal de Dores do Indaiá, com especial foco sobre aquelas que pudessem trazer algum impacto direto sobre a Festa do Rosário²⁰.

Tabela 3 – Fatores políticos.

Perguntas de referência	Justificativa	Variáveis encontradas	Tipo de variável – diagnóstico estratégico
Sobre a eleição de 2022, que nível de influência possui sobre a Festa do Rosário e de que forma isso pode impactá-la? Houve algum candidato que trazia oportunidades para a Festa e algum que trazia ameaça? Cite quais e por quê.	2022 houve eleição para os cargos de presidente, senadores, governadores e deputados federais e estaduais. Para Dores do Indaiá, os participantes opinaram que esta esfera eleitoral não gerou impactos negativos na Festa, já que há o costume de automática exclusão e descredito a figuras políticas que se opõe à realização dela. Entretanto, também	Não apoio político	Nulo

²⁰ Disponível em <https://www.doresdoindaiia.mg.leg.br/leis/leis-complementares>, acessado entre os dias 04/03/2023 e 06/03/2023.

	não houve candidato que mostrasse apoio à Festa no quesito de preservação cultural ou outros.		
Qual é a situação política local e de que maneira ela pode influenciar a Festa do Rosário?	O atual prefeito, Alexandre Ferreira, é um empresário de sucesso e apoiador do atual governador estadual, Romeu Zema. O mesmo não mostra simpatia pela Festa, contudo não se mostra avesso ao apoio público.	Não simpatia política	Ameaça - Fraca
Quais são os atores políticos no poder, e quais são seus posicionamentos em relação a Festa do Rosário?	Os atuais membros do legislativo e executivo municipal usam a Festa ou como forma de angariar votos ou mesmo por devoção à Nossa Senhora do Rosário. Sendo assim, há um forte apoio público para a Festa por ambos os motivos.	Apoio público a Festa	Oportunidade - Fraca
Como o governo lida com questões como as que influenciam a Festa do Rosário?	Todas as gestões mostram apoio e colaboram com recursos financeiros que são destinados pelo governo do estado através do ICMS Cultura, ou, apoios logísticos como segurança, alimentação, sinalização viária, dentre outros.	Apoio público a Festa	Oportunidade – Fraca
Há outros fatores políticos que possivelmente passarão por mudanças e de que forma essas mudanças podem impactar a Festa do Rosário?	Segundo avaliação dos entrevistados e minha opinião diante do tempo de acompanhamento da Festa, ela encontra-se em um patamar acima das decisões políticas.	Não sofre impactos políticos.	Oportunidade – Forte

--	--	--	--

Fonte: do próprio autor.

A Festa do Rosário em Dores do Indaiá tem uma presença tão marcante entre a população que as figuras políticas raramente se opõem à realização da mesma, inclusive, os que assim o fazem nunca conseguem se eleger ou obter o apoio popular nos pleitos. Emiliani Giordani destaca que esses políticos são rapidamente ignorados ou rechaçados pela comunidade. Recordo que na ocasião da pesquisa de mestrado em Dores, em 2018, ao entrevistar o Capitão Carlinhos, ele contava de um candidato a prefeito que teria surgido na cidade anos atrás com o discurso que acabaria com a Festa. Este não só não foi eleito como acabou por se mudar da cidade no ano seguinte por conta do ódio criado pela população a sua figura política. Ele conta que “dizi que ele foi la pras banda de Abaéte, mas nunca mais ovirum fala”. Alguns entrevistados opinaram que só o aumento expressivo de neopentecostais poderia mudar esse cenário ao inverter o maior público de apoio eleitoral de católicos para os evangélicos, entretanto, ainda assim o entranhar da tradição sobre a população não mostra essa hipótese plausível.

Sobre o poder público local, o apoio é feito todos os anos, sem questionamentos, inclusive é muito comum encontrar vereadores da cidade presentes nas ações da Festa todos os anos. A prefeitura local encarrega-se todos os anos com a segurança pública em efetivo de guardas municipais, policiais militares e equipamentos, como cercados. Também garante o café da manhã de todos os participantes e expectadores no dia da subida do mastro. Custeia os fogos da coroação de Nossa Senhora do Rosário. Junto à Diocese de Luz, custeia a montagem do palco em frente a Igreja do Rosário e os equipamentos de som usados em diversas ocasiões da festa, ademais, os demais momentos são realizados por conta dos ternos.

Existe uma ameaça de que, com o não surgimento de figuras contrárias a Festa, também não surgem candidatos com interesse na sua promoção como forma de registro imaterial do patrimônio ou outras maneiras de salvaguarda. Esta é a única ameaça vista; todavia, em diálogo com os participantes, ela não é considerada uma variável que possa afetar a ponto de acabar com o festejo, já que ele é autogestionado pelos congadeiros há alguns anos. Destaco, conforme minha dissertação de mestrado, que o Congado dorense possui uma afinada organização micropolítica dos congadeiros que de forma autônoma ao

poder público conseguem fazer com que a Festa ocorra em seus moldes tradicionais (Arrebola, 2020).

Sobre o diagnóstico estratégico, dado que os poderes políticos locais não mostram embate com a Festa, assim como dão o apoio necessário e que a organização micropolítica congadeira consegue organizar a tradição por si só, a única variável que pode ser considerada forte é “não sobre impactos políticos”. Todavia, esta ainda não pode ser considerada um fator de futuro, já que a não influência política não mostra força suficiente para, caso haja mudança neste cenário para o enfrentamento político ao Congado, conseguir impedir a realização da Festa.

Tabela 4 – Fatores econômicos.

Perguntas de referência	Justificativa	Variáveis encontradas	Tipo de variável – diagnóstico estratégico
Como está a economia local atualmente - crescendo, estagnando ou declinando?	Durante o período de realização da pesquisa, 2020 e 2021, os comerciantes informaram que a economia se encontrava estagnada e em declínio no período da Festa para itens correlatos a mesma. Da mesma forma, os moradores relataram dificuldades econômicas	Queda da economia local	Ameaça – Forte (fator de futuro)
O nível de renda dos clientes do comércio local está aumentando ou diminuindo, e como isso pode mudar nos próximos anos?	Durante o período de realização da pesquisa, 2020 e 2021, os comerciantes relataram queda na venda de produtos, com exceção de produtos básicos. No período da Festa	Queda de vendas no comércio	Ameaça – Forte (fator de futuro)

	ocorreu queda significativa de produtos que envolvem a mesma		
A globalização impacta o ambiente econômico local de alguma maneira?	Não são observados impactos globais que afetem a economia local que impacte a realização da Festa do Rosário	Não encontrado	Não se aplica
Como o acesso ao crédito por parte de consumidores afeta a Festa do Rosário?	A Festa movimentava a aquisição de variados itens, sobretudo por parte do Reinado que oferece refeições aos ternos. Sem recursos financeiros suficientes, esses acabam por receber menos grupos, ou optam por não receber nenhum. Nos ternos, os congadeiros necessitam de recursos para fazer ou consertar fardas e instrumentos. A falta de acesso ao crédito impede que alguns congadeiros dancem, caso não consigam manter esses itens essenciais	Falta de recursos econômicos	Ameaça – Forte (fator de futuro)
Qual é a taxa de desemprego local?	Não é possível medir esta variável em números exatos no período de 2020 a 2021, por falta de pesquisas qualificadas, contudo, através do relato da população é possível supor que havia um índice de desemprego maior do que os anos anteriores e isso	Não busca de mão de obra informal	Ameaça – Forte (fator de futuro)

	gerou impacto durante o período da Festa do Rosário por falta da não aquisição de mão de obra específica ²¹ .		
--	--	--	--

Fonte: do próprio autor.

Sobre os fatores econômicos, os entrevistados para o levantamento de variáveis, sendo isso reforçado na pesquisa de campo, relataram que os anos pandêmicos foram marcados pelo impacto econômico na cidade, principalmente em relação a aquisição de bens, ou mão de obra, relacionados à Festa do Rosário. Tendo em vista que muitos comerciantes se preparam durante o ano para tal evento, a não realização dele gerou rombos orçamentários no comércio local. Além disso, a queda econômica tanto de comerciantes como de congadeiros e de devotos pode ser uma ameaça à manutenção da Festa, já que é preciso recursos para a aquisição de materiais para os ternos, como tecidos, plumas, enfeites e materiais para instrumentos, assim como para o Reinado, como comida e utensílios de cozinha. A Festa de 2021, mesmo com restrições, sentiu esse impacto com o número expressivo de Reis e Rainhas que optaram em não receber ternos em suas casas pela falta de dinheiro. Conforme relatado, não foi sentido impacto tão grande no ano de 2022. É importante destacar o quão fundamental a alimentação é para o simbolismo da Festa do Rosário, portanto a sua não possibilidade de realização devido aos problemas econômicos é algo grave. Santos (2023) aponta que:

“Toda prática alimentar que se conecta com as festas se torna mais forte. Quando os modos alimentares se desconectam e se deslocam das festas, eles se enfraquecem. O congado é uma defesa contra os colonialistas e tem a grandeza de manter todo um aparato, uma culinária, uma apreciação, uma degustação de comida que faz parte da festa. Sem aquela comida, a festa não pode existir – a festa preserva a comida e a comida preserva a festa”. (Santos, 2023, p. 26, 27)

²¹ Conforme pode ser visto nos relatórios de “Séries históricas de taxa de desemprego”, no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, não há dados de desemprego no estado de Minas Gerais entre o terceiro trimestre de 2020 ao primeiro trimestre de 2022, contudo, o primeiro trimestre de 2020 alcança os níveis de 11,7% da população. Disponível em https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9173-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-trimestral.html?=&t=series-historicas&utm_source=landing&utm_medium=explica&utm_campaign=desemprego acessado dia 12/02/2023, às 22h30.

Além do impacto comercial, a população também relatou perdas econômicas no período e, em especial, nos meses que antecederam a realização da Festa do Rosário, já que muitos moradores de Dorés do Indaiá se dedicam ao trabalho para o festejo, dos mais vários tipos. Portanto, a não procura por este tipo de prestação de serviço informal fez com que muitos sofressem com arrochos econômicos, o que pode impactar a Festa já que os trabalhadores se veem obrigados a garantir outras formas de sustento.

Importante salientar que, sobre o diagnóstico estratégico, todas as variáveis de ameaça econômica podem ser consideradas fortes e fatores de futuro, já que para a realização da Festa é preciso que tanto a população quanto os fornecedores de bens materiais locais tenham recursos suficientes para a aquisição dos bens necessários, fato que será reafirmado pelos peritos participantes da tradição no primeiro encontro deste grupo, que será tratado no capítulo seguinte. Portanto, estas são variáveis que serão analisadas com cuidado no trabalho de campo, tendo em vista que um novo cenário pandêmico pode fazer com que, por meio do déficit da economia local, a tradição possa sofrer maiores impactos.

Tabela 5 – Fatores socioculturais.

Perguntas de referência	Justificativa	Variáveis encontradas	Tipo de variável – diagnóstico estratégico
Qual é o perfil etário e como isso impactará a Festa do Rosário?	Dorés do Indaiá tem um público majoritariamente adulto ou idoso ²² , portanto isso traz uma variável positiva de manutenção da tradição da Festa (1) e uma negativa de falta de oxigenação entre membros mais jovens (2)	1) Manutenção da tradição da Festa do Rosário; 2) Falta de jovens para manter a Festa do Rosário.	1) Oportunidade - Forte 2) Ameaça – Forte
Mudanças geracionais afetarão o objeto de	A perda de membros mais velhos pode acarretar,	Falta de jovens para manter a Festa do Rosário	Ameaça – Forte

²² Dados colhidos através do sistema Datasus, disponível em <<http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/deftohtm.exe?ibge/cnv/popsvsbr.def>>, acessado dia 03/02/2023, às 17h34.

estudo? Se sim, de qual forma?	consecutivamente, nos saberes tradicionais da Festa, entretanto, o público mais jovem é quem irá perpetuar a Festa. Deste modo, a mudança geracional com a troca de saberes imateriais é melhor o caminho. Atualmente, são poucos os ternos que têm em sua composição jovens em posições de liderança.		
Quais atitudes sociais e tabus podem afetar o local, considerando mudanças socioculturais recentes?	Mesmo com sua essência católica e mariana, Dolores do Indaiá tem vivido um aumento exponencial de novas Igrejas neopentecostais, o que faz com que muitos congadeiros desistam de dançar na Festa por influência religiosa.	Mudanças religiosas	Ameaça - Fraca
Como as crenças religiosas e escolhas de estilo de vida impactam a população local?	Por influência da Festa do Rosário e dos Congados, Dolores do Indaiá é uma cidade profundamente religiosa e de devoção mariana, mesmo com o avanço das Igrejas neopentecostais. Devido a esse fator, a cidade vive um clima religioso e festivo.	População religiosa e festiva	Oportunidade – Forte
Existem outros fatores socioculturais impulsionando	Não foram encontrados pelo pesquisador e os entrevistados outros	Não encontrada	Não se aplica

mudanças que afetarão a Festa do Rosário?	fatores socioculturais de impacto na Festa do Rosário		
---	---	--	--

Fonte: do próprio autor.

Com relação aos fatores socioculturais, as questões etárias e religiosas são os maiores destaques. Desde o início de minhas pesquisas esses dois temas sempre estiveram presentes nos comentários de congadeiros e devotos (Arrebola, 2020). Os organizadores da Festa, assim como demais participantes, têm muito apreço pelas tradições presentes e, por conta disso, a presença de membros mais velhos nos ternos é visto com muita atenção e como forma de manutenção dos saberes tradicionais. Também se questiona a pouca presença de jovens nos grupos, em especial em posições de liderança, como capitães e guardas-mor²³. Desta forma, a variável “falta de jovens para manter a Festa do Rosário” pode ser vista ao mesmo tempo tanto como ameaça, pela saída de membros idosos, quanto como oportunidade, desde que haja o processo de transmissão dos saberes tradicionais entre os membros antigos e novos.

Sobre a religiosidade, Dores do Indaiá possui uma ligação muito forte com o catolicismo sincrético, devido a participação de muitos congadeiros em religiões de matrizes africanas, ou, mesmo que não participem diretamente, são simpáticos a alguns aspectos destas. Apesar deste sincretismo, a devoção mariana é muito marcante. Muitos congadeiros e devotos trazem como preocupação recorrente o avanço das Igrejas Neopentecostais, como ressaltado nas falas de Emiliani Giordani no grupo de peritos. Mesmo com essa escalada de abertura de novas Igrejas, a Festa do Rosário ainda tem mostrado maior resistência a outras denominações religiosas na cidade, o que é uma variável de oportunidade, contudo, ainda é preocupação dos simpáticos à festa este maior número de pentecostais na cidade, o que é uma variável de ameaça.

Do diagnóstico de futuro, as variáveis relacionadas a falta de jovens e à manutenção da tradição, bem como o clima religioso e festivo da cidade, podem ser consideradas fortes, sendo que nenhuma delas, contudo, podem ser consideradas fator de futuro. Mesmo com a pouca movimentação juvenil nos ternos, ainda há um número expressivo de participantes

²³ O guarda-mor desempenha a função de fiscalizador das ações do grupo, semelhante a um “vice-capitão” ou “subcapitão”.

adultos e idosos, e, conforme apontado nas falas de devotos e congadeiros, ano a ano o número de ternos e participantes aumenta na cidade. Isso mostra a força de manutenção da tradição. Em minhas pesquisas iniciadas em 2018, o Poder Público local tinha, à época, uma estimativa de 3mil congadeiros só da cidade, sem contar grupos visitantes. Em 2022, a estimativa foi aumentada para 4mil, conforme entrevista com o mesmo secretário de cultura, Eduardo Valente. Por conta do mesmo motivo, a variável “mudanças religiosas”, mesmo sendo uma ameaça à tradição congadeira, não mostra força suficiente para acabar com tal tradição, portanto deve ser considerada como uma variável fraca.

Tabela 6 – Fatores tecnológicos.

Perguntas de referência	Justificativa	Variáveis encontradas	Tipo de variável – diagnóstico estratégico
Existem novas tecnologias que os atores envolvidos na Festa do Rosário poderiam adotar, como softwares, aparelhos, projetos, entre outros?	Recentemente, alguns expectadores da Festa do Rosário passaram a utilizar drones para registrar imagens panorâmicas, como do momento da procissão congadeira. Percebe-se a constante dificuldade com aparelhos de som, que muitas vezes não tem potência suficiente em espaços abertos.	Melhoria de equipamentos necessários	Nula
Existem inovações tecnológicas que podem ter um impacto significativo na Festa do Rosário?	Melhor organização dos ternos através de uso de redes sociais e aplicativos de gestão	Falta de uso de redes sociais e aplicativos	Nula
Existem outros fatores tecnológicos relevantes que o pesquisador deve considerar?	Os festeiros e devotos prezam pela tradicionalidade da Festa, sendo assim, não impacta em sua	Falta de uso de novas tecnologias	Nula

	dinâmica o não envolvimento com novas tecnologias		
--	---	--	--

Fonte: do próprio autor.

Com relação aos fatores tecnológicos, devido ao apreço pela tradicionalidade da Festa, congadeiros e devotos não mostram preocupação com este tema. É perceptível que alguns grupos poderiam organizar melhor suas tarefas com ferramentas digitais, entretanto, mesmo com cronogramas e informações gerais anotadas em papel por alguns fiscais ou guardas-mores, tudo corre conforme o planejado para a execução do festejo.

Dores do Indaiá reúne no período da Festa do Rosário um grupo pequeno, contudo afincos, de expectadores que realiza registros fotográficos e audiovisuais. Em 2022, um destes passou a utilizar um drone de pequeno porte para gravações de alguns momentos do festejo, como a procissão congadeira que forma uma fila de mais de um quilometro com todos os ternos presentes, ou também as subidas e descidas do mastro. O uso destas tecnologias favorece o registro da tradição dos Congados. Lemos e Gosciola (2020) e Albuquerque, Menezes e Silveira (2021) destacam a importância que os registros audiovisuais possuem quando se fala de patrimônios imateriais, sobretudo quando se busca o registro, como é o caso dos congados dorenses. Além disso, Zanardi (2018) destaca que o audiovisual tem um papel preponderante neste processo de registro na etapa técnica do inventário do patrimônio. Segundo a pesquisadora “o audiovisual foi pensado do ponto de vista do registro técnico documental, e menos em relação às narrativas e formas estéticas sobre como se poderia apresentar visualmente um bem como patrimônio imaterial” (Zanardi, 2018, p. 51).

Mesmo assim, refletindo sobre a realização da Festa do Rosário, este não é um fator que pode influenciar a sua realização, apesar da importância desta ação enquanto salvaguarda da tradição. Portanto, para esta pesquisa, será considerada uma variável nula, assim como as variáveis de falta de uso de novas tecnologias ou redes sociais e aplicativos. Nenhuma variável tecnológica tem mostrado potencial de ameaça ou oportunidade relevante para a realização da Festa do Rosário. Como não há nesses fatores variáveis de ameaça ou oportunidade, o diagnóstico estratégico também não aponta fatores fracos ou fortes.

Tabela 7 – Fatores ambientais.

Perguntas de referência	Justificativa	Variáveis encontradas	Tipo de variável – diagnóstico estratégico
Como as regulamentações ambientais e ecológicas afetam a Festa do Rosário?	Não foram encontradas legislações pertinentes na área ambiental que possam impactar a dinâmica da Festa do Rosário.	Não encontrada	Não se aplica
Qual é o esforço para reduzir o impacto ambiental local e promover a sustentabilidade durante a Festa do Rosário?	Pouco é visto durante a Festa do Rosário no sentido de maior sustentabilidade ambiental dela.	Não apreço pela sustentabilidade	Nula
Existem outros fatores ambientais que podem passar por mudanças e de que maneira impactarão a Festa do Rosário?	O município de Dorés do Indaiá possui uma empresa de tratamento de minérios, todavia, esta não está próxima a área urbana da cidade onde ocorre a Festa do Rosário e não possui áreas de risco, como barragens de rejeitos. Além disso, não existem unidades de conservação próximas ou legislações específicas que impactem a festa.	Não apreço pela sustentabilidade	Nula
Há uma demanda crescente por uso de produtos sustentáveis por parte dos envolvidos na Festa do Rosário?	A organização da Festa não apresenta nenhuma demanda por produtos sustentáveis. Em alguns ternos é possível observar	Não uso de materiais sustentáveis	Nula

	que, ao invés do uso de garrafas individuais de água, há um único galão de 20 litros que fica em um carro de apoio. Em alguns outros há o uso de squeezes individuais que ficam em posse do fiscal durante as danças.		
--	---	--	--

Fonte: do próprio autor.

Assim como os fatores tecnológicos, os fatores ambientais também não apresentam nenhuma variável significativa que possa ter relevante impacto sobre a realização da Festa do Rosário. É perceptível que não há entre os participantes um interesse ou cuidado com questões de sustentabilidade, como o uso de materiais biodegradáveis, não uso de materiais poluentes ou materiais que possam ter reuso. Pelo contrário, na Festa é utilizada em larga escala copos, pratos e talheres plásticos de uso único, tintas e papéis que soltam resíduos, como o crepom, dentre outros. A ganho comercial da cidade com o festejo é grande, porém, parte significativa dele é dado com materiais como os mencionados. Além disso, Dorés do Indaiá não possui unidades de conservação, sendo a mais próxima no município vizinho, Guartel Geral. Portanto, não existem legislações de preservação ou conservação ambiental que possam impactar a realização do festejo.

Assim como os fatores tecnológicos, os fatores ambientais também não possuem no diagnóstico estratégico fatores fracos ou fortes.

Tabela 8 – Fatores legais.

Perguntas de referência	Justificativa	Variáveis encontradas	Tipo de variável – diagnóstico estratégico
Há legislação pendente ou mudanças legais que podem impactar a	Atualmente não existem leis que possam impactar a Festa.	Não há ameaças legais	Oportunidade - Fraca

Festa do Rosário de maneira positiva ou negativa?			
Prevê-se alguma mudança nas leis locais que possa afetar a Festa do Rosário?	Há uma proposta de lei para a exigência de não uso de fogos de artifício com som, contudo não há quórum para sua aprovação	Não há ameaças legais	Oportunidade - Fraca
Há previsão de alterações nas regulamentações que influenciam a Festa do Rosário?	Atualmente o Poder Público local não mostra interesse político em alterações legais que possam influenciar a Festa	Não há ameaças legais	Oportunidade - Fraca
Qual é o prazo estimado para as mudanças propostas?	Não há	Não encontrado	Não se aplica
Existem outros fatores legais que provavelmente passarão por mudanças e como isso afetará a Festa do Rosário?	Não há	Não há ameaças legais	Oportunidade - Fraca

Fonte: do próprio autor.

De maneira semelhante aos fatores políticos, onde não existe um enfrentamento pelos Poderes Públicos locais e regionais com relação à Festa do Rosário, também não existem normas jurídicas e/ou projetos de lei que possam impactar a realização do festejo, sendo assim, isso pode ser identificado como uma oportunidade pela falta de impeditivos, contudo, ao analisar o diagnóstico estratégico, essas variáveis são fracas e, portanto, não são fatores de futuro. Santos (2023), ao dialogar com as festas de Congado dos quilombos piauienses, reforça que o “Estado não consegue quebrar os modos de vida quando eles estão envolvidos nas festas”. (Santos, 2023, p. 27)

Por fim, as variáveis consideradas neste levantamento da Matriz PESTEL para a futura construção dos cenários, serão:

Tabela 9 – Fatores e variáveis encontradas.

Fatores	Variáveis
Sociocultural	Falta de jovens para manter a Festa do Rosário.
Sociocultural	Falta de jovens para manter a Festa do Rosário
Sociocultural	Mudanças religiosas
Sociocultural	População religiosa e festiva
Sociocultural	Manutenção da tradição da Festa do Rosário
Econômico	Queda da economia local
Econômico	Queda de vendas no comércio
Econômico	Falta de recursos econômicos
Econômico	Não busca de mão de obra informal
Político	Não simpatia política
Político	Apoio público a Festa
Político	Não sofre impactos políticos.
Legal	Não há ameaças legais

Fonte: do próprio autor

E os fatores de futuro, os quais também serão considerados na construção dos cenários, do diagnóstico estratégico encontrados vinculados aos fatores econômicos, são:

Tabela 10 – Fatores de futuro.

Fatores de futuro
Queda da economia local
Queda de vendas no comércio
Falta de recursos econômicos
Não busca de mão de obra informal

Fonte: do próprio autor.

2.5 MEU PASSO A PASSO METODOLÓGICO

Godet (2000) salienta a importância da dinamicidade das metodologias de prospecção, o que segundo o autor se faz necessário por conta das inúmeras conjunturas existentes nos variados campos de pesquisa. Para o autor, um dos fatores preponderantes para a execução de uma boa análise de futuro é que o pesquisador conheça bem o ambiente estudado. Mediante meus conhecimentos angariados ao longo de seis anos de pesquisas com o Congado em Dorés do Indaiá, somados às opiniões dos envolvidos na Festa do Rosário, fiz então a opção de adaptar da melhor forma a meu campo a metodologia, não seguindo-a a ferro e fogo. Portanto, defendo o seguinte recorte das metodologias para essa pesquisa: a classificação metodológica será da Família dos Cenários, tendo como esqueleto da estrutura básica o método Grumbach, incorporando a Análise Estrutural do Ambiente e a Análise das Estratégias dos Atores do método de Godet, a escolha das tendências e incertezas utilizando as sugestões de Porter e a organização e narração dos Cenários utilizando os princípios do Método de Schwartz. Abaixo, segue considerações sobre cada passo.

a) Análise Estrutural do Ambiente e a Análise das Estratégias dos Atores²⁴

Com relação as variáveis chave de Godet, dado que esta pesquisa busca o estudo de um cenário possível de futuro para o público de Dorés do Indaiá, a variável “evolução do sistema estudado a partir da trajetória mais provável” passa a não fazer sentido, já que o olhar sobre o cenário não permite visualizar uma evolução a uma trajetória provável. Já sobre a variável “atores fundamentais e meios que possuem para alcançar o objetivo”, identifico, conforme será apresentado no capítulo seguinte, os atores serão divididos em 6 grupos, consecutivamente abordados abaixo como: Capitães e Congadeiros; Reinado; Devotos não participantes do Reinado; Comerciantes; Poder Público e; Expectadores.

Considerando como objetivo a realização da Festa do Rosário, o grupo um possui todo o conhecimento tradicional, bem como prestígio e reconhecimento, para realizar cada um dos atos do cronograma da Festa. Como será visto com mais detalhes nos capítulos três e quatro, a população negra participante da Festa do Rosário tem a visibilidade conquistada

²⁴ Usado no lugar do passo “Identificação do sistema”.

no período do festejo pelo seu conhecimento sobre a tradição. O grupo dois compõe os atores que mantêm parte considerável da Festa com recursos financeiros, já que são eles que dão de comer aos ternos, portanto, é o primeiro grupo a investir dinheiro para as ações atreladas necessariamente a manutenção da tradição. O terceiro grupo, assim como o segundo, também pode ter alguma contribuição financeira, realizada em geral diretamente na Igreja por meio do recolhimento de fundos para a Festa, entretanto, os meios que este grupo possui para a realização da tradição é justamente de ter a fé que faz com que toda a tradição congadeira tenha sentido. Sem o devoto não há o porquê haver Congado. O quarto grupo garante os pertences necessários para a realização da Festa, desde materiais para confecção de fardamentos até a manutenção de instrumentos e itens precisos para que o Reinado ofereça de comer, como animais, itens de mercearia e bebidas, dentre outros. O quinto grupo tem o papel crucial de garantir os meios legais para realização dos momentos da Festa, como fechamento de vias, disposição de equipamentos públicos, aumento do contingente de guarda municipal e instalação de serviços públicos necessários, como palco a frente da Igreja do Rosário, compra de fogos de artifício, iluminação, distribuição de café da manhã e outros. Por fim, o sexto grupo de atores não possui papel importante para o alcance da Festa, tendo em vista que os expectadores, por não se envolverem com o cronograma geral da Festa, não a influência de nenhuma maneira. Outras variáveis foram apresentadas no subitem acima, baseadas na metodologia da Matriz PESTEL, e essas serão usadas como base na construção dos cenários e observações de campo.

b) Diagnóstico estratégico

Assim como as variáveis apresentadas na análise da Matriz PESTEL, cada uma delas foi mensurada tendo como parâmetro se pode ser uma variável fraca ou forte diante de um possível impacto sobre a Festa do Rosário. Sobre as variáveis fortes, foram verificadas quais podem ser fatores de futuro, conforme a metodologia de Grumbach, as que tem algum poder de mudança sobre o estudo, sendo então, somente as variáveis econômicas.

c) Visão estratégica

Mediante os fatores de futuro encontrados no diagnóstico estratégico, neste passo elaboro a visão de presente e visão de futuro sobre a conjuntura local. Para a visão de

presente, levando em consideração que todos os fatores de futuro encontrados são fatores econômicos aponto, com base em minha dissertação de mestrado que tratou do tema das políticas culturais de incentivo ao Congado dorense, que a possível solução de médio prazo para este cenário seria o aumento de repasses do ICMS Cultura de Minas Gerais para o município, suprimindo com isso a perda de recursos econômicos locais (ARREBOLA, 2020). Para que haja tal aumento, a Prefeitura de Dolores do Indaiá deve cumprir com alguns quesitos que geram pontos no cálculo do repasse a ser dado a cada cidade, sendo assim, seria um esforço necessário, contudo muito plausível diante da demanda. Além disso, o próprio executivo local pode aumentar seu orçamento para a Secretaria Municipal de Cultura como política de ajuda direta aos ternos, o que para o Poder Público é uma medida assertiva não só pela manutenção da tradição local, mas também para que não haja a perda de receita turística gerada pela Festa do Rosário.

Para a visão de futuro, a longo prazo, a possível solução para tal impacto econômico local seria a geração de créditos populares para a população impactada. A medida é semelhante ao crédito emergencial concedido pelo governo federal durante o auge da pandemia de Covid-19 à população que recebia até um salário-mínimo. Além deste exemplo, muitos outros municípios criaram medidas semelhantes a nível municipal, como foi destaque na cidade de Niterói, Rio de Janeiro, como destacado por Conceição, Freire, Macario, Oliveira e Franco (2020). Além disso, podem ser criados créditos específicos a micro e pequenas empresas, colaborando diretamente com a mitigação do impacto gerado sobre o comércio local. Desta forma, a partir do repasse de renda por vias públicas, a população pode se restabelecer do cenário econômico precário gerado por novas pandemias.

A partir da visão do presente e do futuro somada às falas em tom de confiança trazidas pelos entrevistados sobre a retomada da Festa, assim como ocorrido em 2022 e 2023, os fatores de futuro econômicos se basearam nestas visões para a construção dos cenários.

d) Concepção dos possíveis eventos e evolução dos eventos definitivos

Esta é uma etapa metodológica que foi reformulada nesta pesquisa por compreender que, diferentemente do ambiente administrativo, que é o foco das metodologias de prospecção, para a pesquisa antropológica estes possíveis eventos já foram apontados nas

falas dos entrevistados durante a pesquisa de campo em 2022, e que serão apresentados de forma mais detalhada no capítulo seguinte. Foram contabilizados 13 eventos, que são:

Tabela 11 – Possíveis eventos

Possíveis eventos
Perda econômica
Perda do turismo
Circulação econômica de bens e dinheiro
Perda de mão de obra
Mudanças na estrutura da Festa
Oportunidade de valorizar a Festa
Perda da cultura local
Falta de trocas de saberes
Quebra da estrutura da Festa
Quadros de depressão
Mortes por COVID de devotos ou congadeiros
Invisibilidade social
Descrença para com o futuro

Fonte: do próprio autor.

Nesta adaptação metodológica, foi suprimida a etapa relativa à evolução dos eventos definitivos junto aos entrevistados por compreender a existência de dificuldades no que se refere à complexidade de solicitar aos agentes pesquisados que usassem suas próprias opiniões e as reduzissem em eventos menores. Contudo, ao analisar tais categorias, foi possível aglutinar eventos formando quatro blocos de eventos, que são: i) preocupações econômicas; ii) preocupações com a tradição; iii) preocupações com a saúde e mortes; iv) inviabilidade social. Estes serão então os eventos finais a serem considerados nos cenários de futuro.

e) Formação dos grupos, avaliação dos peritos e impacto cruzado

No último subitem deste capítulo, apresento como se deu a realização, a formação e o encontro do grupo de agentes e o de peritos, de maneira virtual. Sobre o grupo de agentes, irei discorrer sobre esse assunto com mais precisão no próximo capítulo, a exemplo das questões que giram em torno de como se deu o exercício etnográfico em campo no ano de 2022. Para a pesquisa com o grupo de agentes, foi feita a escolha pelas perguntas semiestruturadas e abertas. As semiestruturadas, conforme entendo, elas garantem que a hipótese de pesquisa seja melhor desenvolvida. Para sua aplicação, foi utilizado um modelo de questões onde procurei alcançar o intuito das respostas esperadas, e não um questionário fechado em si. Sobre a entrevista semiestruturada, Duarte (2002) diz que:

“Por mais que se saiba, hipoteticamente, aquilo que se está buscando, adquirir uma postura adequada à realização de entrevistas semiestruturadas, encontrar a melhor maneira de formular as perguntas, ser capaz de avaliar o grau de indução da resposta contido numa dada questão, ter algum controle das expressões corporais (evitando o máximo possível gestos de aprovação, rejeição, desconfiança, dúvida, entre outros), são competências que só se constroem na reflexão suscitada pelas leituras e pelo exercício de trabalhos dessa natureza. (Duarte, 2002, p. 142).

As perguntas abertas, essas as mais utilizadas em campo, permitiram observar as nuances presentes no campo, dado que somente com o total das respostas dos agentes entrevistados foi possível descobrir tais detalhes. DiCicco-Bloom e Crabtree (2006) argumental que as perguntas abertas devem ser preparadas, assim como estruturadas e semiestruturadas, de modo que o ato da entrevista leve o pesquisador à perguntas adicionais, conforme os elementos trazidos em cada resposta, a fim de dar visão mais ampla possível sobre o tema abordado. Mendonça (2014) salienta que a liberdade das perguntas abertas dá ao antropólogo a possibilidade de captar nuances nas informações que podem ser essenciais ao trabalho etnográfico. Dejonckheere, Vaughn (2019) e Mcgrath, Palmgren e Liljedahl (2019) reforçam que as perguntas, mesmo que abertas, devem ter o cuidado de ainda assim não criar questões com termos enviesados que possam fazer com que o entrevistado seja condicionado a responder algo, portanto, termos como “Você não acha...”, “Você não concorda...” devem sempre ser evitados.

f) Impacto cruzado

Para esta etapa, optei por não utilizar o software Puma, dado que nenhuma das etapas foram feitas com programas específicos, bem como, pela minha familiaridade de assertividade com o uso da ferramenta Microsoft Excel em nível avançado. Portanto, com a tabulação dos dados e dada as opiniões e análises dos peritos, usei o parâmetro de 0 a 5 para as respostas dadas, onde 0 era pouco plausível e 5 muito plausível, e usei a fórmula de média da ferramenta para gerar os percentuais de probabilidade: “=média(seleção de valores), %”

g) Análise de tendências e incertezas

A partir dos cenários criados e da sua apresentação em campo, foi possível observar duas tendências distintas que os entrevistados e entrevistadas mostraram sobre eles: primeiro, uma tendência clara em direção ao medo e angústia pela não realização da Festa em decorrência de possíveis novos e longos anos de pandemia. Essa predisposição está ligada ao passado da última pandemia e o receio de quão mais intensa será a próxima. Segundo, uma tendência de preocupação com a manutenção da tradição da Festa. Em todas as entrevistas há, mesmo que pairando no ar, o receio de como manter tal tradição diante de um novo período restrições sanitárias. Muitas falas são propensas a reconhecer a necessidade dos cuidados sanitários, porém, reconhecendo que a falta de realização da Festa pode impactá-la.

Sobre as incertezas, algumas também pairaram sobre esse exercício etnográfico. Mesmo com a certeza de querer manter a tradição e o impulso presente de lutar por ela por conta de um mecanismo de fé, verificou-se, em algumas falas, a incerteza de o que será da Festa em tais possíveis cenários. Da mesma forma, talvez a maior incerteza é a de como os dorenses estarão de saúde após isso tudo: Morrerão muitos? Destes, serão pessoas importantes para a manutenção da tradição? Que haverá muitas mortes e a cidade se verá mais deprimida por conta disso, isso já se mostra como uma certeza, mas o como será essa realidade é uma grande incerteza. Contudo, saliento que, para fins desta pesquisa, essas incertezas não geraram impacto, tendo em vista que realmente era um dos objetivos observar as falas dos entrevistados diante de tais incertezas. Portanto, diferentemente da metodologia proposta por Porter (2000), nesta pesquisa o ambiente de incertezas não impactou os cenários construídos e, sim, auxiliaram sobre o olhar do etnógrafo.

h) Geração e interpretação do mapa de cenários prospectivos e sua redação

Assim como proposto por Schwartz (2003), uma das etapas importantes desta pesquisa é a escrita dos cenários, de forma narrativa, para a leitura a todos os agentes entrevistados em campo, bem como, os peritos que irão validá-lo antes. A perspectiva esperada é que a narração do cenário leve o dorense a um local de futuro imaginado sobre as respostas dadas por eles em campo e, desta forma, colher suas impressões sobre a Dores do Indaiá hipotética para, então, divagar sobre meu objeto de pesquisa, a ruptura tempo x cultura.

2. 6 FORMAÇÃO DO GRUPO DE AGENTES E GRUPO DE PERITOS VIRTUAL

A formação dos grupos entrevistados (agentes e peritos) foi formado por meio de convites pessoais presenciais, nas ocasiões da festa de 2022 e 2023, quanto estive em campo, e também por convites pessoais feitos de forma virtual, pela rede social WhatsApp. O grupo de agentes foi consolidado com os 51 entrevistados durante a festa de 2022. Em todas as entrevistas realizadas, pedi autorização para retomar a entrevista com outros dados no ano seguinte, o que de prontidão foi aceito por todos os participantes.

O grupo de agentes foi entrevistado presencialmente nos anos de 2022 e 2023, na segunda e terça-feira, consecutivamente, antes do início oficial da festa, sempre uma sexta-feira. Sobre as entrevistas e a etnografia com os agentes, elas serão detalhadas com precisão nos capítulos a seguir.

Já o grupo de peritos foi formado em julho de 2023, com convites pessoais virtuais. Para este grupo, conforme apontado na metodologia e reforçado por Grumbach (1999), era fundamental que eu reunisse pessoas com notório saber acerca das temáticas envolvidas na pesquisa. Optei por uma composição mista de participantes ativos da Festa, com olhar amplo sobre as variáveis destacadas na Matriz Pestel, e um grupo de pesquisadores com conhecimento na temática dos Congados e da cultura popular.

A composição feita foi de: a devota Emiliani Giordani, considerando seu envolvimento em temas políticos na cidade; o Rei do Mastro William Monteiro, devido a seus amplos conhecimentos acerca das disputas da Festa e seu histórico com o avô Antônio Martins; a expectadora da Festa do Rosário de Dores do Indaiá (não devota) Ana Paula

Araujo, como um olhar neutro sobre os bastidores, entretanto conhecedora do cronograma tradicional do festejo; e os 3 pesquisadores de cultura popular, sendo dois pesquisadores de Congados: Prof^o Dra. Lilian Ságio, que foi minha orientadora de mestrado em Políticas Sociais na UENF e realizou pesquisas acadêmicas com o Congado de São Sebastião do Paraíso; Prof^o Dra. Ándrea Paiva, que compôs minha banca de mestrado e fez pesquisas acadêmicas com o Congado da cidade de Sem Peixe; Prof^o Dr. Marcelo Fetz, também meu orientador e que acompanha todos os temas da pesquisa em voga. Sendo assim, conforme a metodologia de prospecção, o grupo de peritos corresponde a 11% do grupo de agentes, número ideal para que os dados colhidos no grupo de agentes não sejam sobrepostos às opiniões dos especialistas.

O grupo de peritos foi reunido virtualmente no dia 31 de julho de 2023, para validação dos dados das entrevistas e do cenário criado, e no dia 20 de fevereiro de 2024 para validação final dos dados da pesquisa, logo após nova apresentação ao grupo de agentes, já com o uso dos cenários.

Neste ponto, é importante fazer um destaque sobre o uso de ferramentas digitais na pesquisa antropológica. Com o avanço da globalização e das novas tecnologias, faz-se cada vez mais necessário que o antropólogo lance mão das ferramentas digitais como auxílio a sua pesquisa. Nesta conjuntura, surgem novas metodologias de estudo digital e campos de estudo das ciências sociais, como a Ciências Sociais Computacionais, conforme apontam Pavesi e Valentim (2021). Além disso, alguns obstáculos do presente estudo demandam que o ambiente virtual seja a forma de continuidade de pesquisas, como foi a própria pandemia do COVID-19, como ressaltam Deslandes e Coutinho (2020). Todavia, é preciso que o pesquisador seja cuidadoso neste ambiente de pesquisa. Um dos motivos, entre pesquisadores em Ciências Sociais, dizem respeito a questões do tipo “Esse enfoque preponderante em métodos quantitativos e experimentais nas Ciências Sociais não seria um retrocesso do campo e a retomada de um paradigma científico positivista?” (Pavesi e Valentim, 2021, p. 2)

Algumas preocupações com pesquisas deste tipo são pertinentes, como a fluidez e dinâmica deste ambiente. Sobre isso, Deslandes e Coutinho (2020) apontam:

“Uma das principais características do mundo digital é seu caráter efêmero e volátil, fazendo com que os ambientes por ele produzidos se transformem e se modifiquem de forma acelerada. Assim, faz-se necessário que o pesquisador garanta algum tipo de materialidade ao dado extraído desses ambientes. Se no mundo digital os dados estão na “nuvem”, ou seja, em local de hospedagem que é propriedade de uma empresa que disponibiliza

este espaço por meio de um cadastro pessoal e criação de uma conta, é fundamental que o pesquisador crie um local de armazenamento que não dependa de acesso à Internet, um ambiente digital ou analógico onde ele possa acessar de forma offline independentemente da plataforma que foi extraído”. (Deslandes e Coutinho, 2020, p. 7).

Com relação a uso de redes sociais para fins de pesquisa, como por exemplo a rede WhatsApp, Ferraz (2019) faz um alerta sobre o cuidado do pesquisador no processo de construção de uma identidade virtual que leve o entrevistado a lhe responder conforme o “perfil”. Portanto, é fundamental o uso de uma neutralidade no ambiente utilizado.

Friza-se também a importância deste campo de estudo. Hide (2000), precursora do uso do termo “etnografia digital”, argumenta a favor da eficácia da etnografia virtual como um método para compreender os meios tecnológicos e as culturas formadas pela Internet. Ela destaca que esse método possibilita a compreensão das complexas relações estabelecidas pelas tecnologias em várias esferas, indo além do contexto específico da Internet. Para a autora, “uma vez que pensemos o ciberespaço como um lugar onde as pessoas fazem coisas, nós podemos começar a estudar exatamente o que é que elas fazem e porque, nos seus termos, elas o fazem” (Hide, 2000, p. 21)

A pesquisa no ambiente virtual abre vários leques, tornando-se importante o apoio de outras ferramentas de controle, como o uso dos termos de direito e cessão de imagem em campo, para que assim possa-se realizar gravações e registros que comprovem a veracidade dos dados e informações coletados. Segundo Glitz e Toazza (2017), o não uso de tais mecanismos de controle pode implicar em sérias consequências judiciais caso imagens sejam usadas sem o devido consentimento, mesmo que para fins de pesquisa, já que a Constituição Federal de 1988, em seu artigo quinto, preconiza o direito do indivíduo sobre sua imagem, bem como o uso de autorização, com ciência e assinatura do ator pesquisado, dando ao pesquisador a possibilidade do registro e uso dessa imagem. Segundo os autores:

“Quando o titular do direito à imagem consente com a captação, exposição, reprodução ou divulgação do seu retrato, ele está exercendo o seu direito de autodeterminação sobre a sua imagem. O consentimento prestado é considerado como excludente da própria lesão do direito” (Glitz e Toazza, 2017, p. 370).

Em minha pesquisa, optei pelo uso do ambiente virtual para colher algumas informações e executar algumas etapas da metodologia, tendo em vista minha distância atual

do objeto de pesquisa. No momento em que escrevo este texto e, desde janeiro de 2023, resido no município de Vitória, Espírito Santo, que está localizado à 11h34 de tempo de deslocamento via carro, segundo informações da plataforma Google Maps²⁵, do local de realização do campo de estudos de pesquisa. Sendo assim, torna-se inviável o deslocamento constante ao local pesquisado para colher informações necessárias.

Com o intuito de preservar a ética e o cuidado acerca das informações coletadas ao longo desta pesquisa, optei pelo uso de apenas duas ferramentas. As questões levantadas de forma exploratória e o Grupo de Peritos foram criados na rede social WhatsApp. Fiz opção por esta plataforma já que todos os entrevistados e peritos a utilizam em larga escala, bem como, diariamente, o aplicativo instalado em meu aparelho celular realiza um backup de informações que é enviado diretamente para a nuvem vinculada a meu e-mail pessoal, portanto, sendo possível usar os arquivos anteriores para comprovar informações, garantindo que não irei perdê-las.

Para as reuniões do Grupo de Peritos, optei por utilizar a plataforma de vídeo conferência Google Meet. Essa escolha se deu por considerar, baseado na experiência com ferramentas semelhantes, que ela é a que possui maior facilidade de usabilidade por pessoas sem experiência no uso de mecanismos digitais deste tipo. Além disso, a plataforma, vinculada à minha conta de e-mail pessoal com assinatura do serviço Google Plus, possibilita a gravação das entrevistas com a autorização prévia e gravada de todos os participantes, o que foi realizado em ambas as reuniões com o Grupo de Peritos.

Como destacado por Glitz e Toazza (2017) no que se refere às autorizações prévias e de livre consentimento dos participantes de uma pesquisa, faço uso dos termos de uso e autorização de imagens desde 2018, no início das pesquisas em Dores do Indaiá, onde além da posse de cada termo, tenho também a cópia de cada entrevista realizada, além do registro das mesmas na Unidade Experimental de Som e Imagem de Universidade Estadual do Norte Fluminense – UESI/UENF, laboratório no qual colaborei e atuei durante a realização do mestrado em Políticas Sociais (2018/2020).

25

Disponível

em

<

<https://www.google.com/maps/dir/Vit%C3%B3ria,+ES/Dores+do+Indai%C3%A1,+MG,+35610-000/@-20.1735009,-45.6533555,7z/data=!3m1!4b1!4m14!4m13!1m5!1m1!1s0xb83d5d85374ee9:0x97595e7ea70ed809!2m2!1d-40.3384748!2d-20.3196644!1m5!1m1!1s0x94b2f8adb72b5a65:0xacb17dae2dd30842!2m2!1d-45.5957533!2d-19.4614059!3e0?authuser=0&entry=ttu>> Acessado em 31/01/2024, às 22h38.

Por fim, nos capítulos seguintes, tratarei das visitas a campo e das entrevistas com os agentes em 2022, bem como, da construção dos cenários de futuro e depois da validação, com os peritos, e uso deles na etnografia com mesmos participantes em 2023, com vistas ao desenvolvimento de uma etnografia do futuro. Nestes capítulos, mostrarei a aplicabilidade da metodologia, apresentando também a etnografia sobre a aplicação do método prospectivo de cenários. As variáveis aqui elencadas a partir da Matriz PESTEL serão consideradas, portanto, como parâmetros de avaliação para a criação dos cenários, conforme apontado no próximo capítulo.

CAPÍTULO 3 DORES DO INDAIÁ E A INVERSÃO DO TEMPO – CENÁRIO

*“Faz algum tempo que nós na aldeia Krenak
já estávamos de luto pelo nosso Rio Doce.
Não imaginava que o mundo nos traria esse
outro luto.
Está todo mundo parado”*

(Krenak, A. O amanhã não está à venda, p. 11, 12)

Após termos debatido nos capítulos anteriores os conceitos de tempo e a proposta metodológica utilizados nesta pesquisa, é o momento de olharmos para a unidade empírica investigada, Dolores do Indaiá, pequeno município no centro-oeste mineiro, reduto da riquíssima e secular tradição religiosa dos Congados. Neste capítulo, apresentarei os principais elementos que caracterizam o tempo de festa. Após, abordarei minhas impressões sobre o campo durante e após a pandemia da COVID-19 e como percebi em Dolores do Indaiá o local propício à realização deste estudo. Em seguida, irei contextualizar como foi construído o grupo de agentes e o de peritos e como esse, por sua vez, validou os dados no qual foi construído o cenário que será apresentado ao final deste capítulo.

3.1 O CONGADO DORENSE

3.1.1 Dolores do Indaiá – A Terra do Congado

Dolores do Indaiá é um município localizado na região administrativa de Bom Despacho, centro oeste do estado de Minas Gerais, com população estimada de 12.630 habitantes²⁶, sendo a grande maioria moradora da zona urbana. A cidade surge no século

²⁶ Dados do último censo IBGE, pesquisado em < <https://g1.globo.com/mg/centro-oeste/noticia/2023/06/28/populacao-de-dolores-do-indaia-mg-e-de-12-630-pessoas-aponta-o-censo-do-ibge.ghtml> > acesso em 12/12/2023, às 21h45.

XVII na abertura da Picada de Goyaz, caminho aberto e usado pelos bandeirantes até o centro oeste do território brasileiro para o sequestro de indígenas e busca por outros produtos do local, também chamadas de “especiarias da terra”, como sementes, frutos e plantas medicinais descobertas via conhecimento dos povos originários. No século XVIII, o lugarejo recebe o título de Vila, devido a destacada população na região e a localidade estratégica para a conquista de novos territórios no oeste do estado de Minas Gerais e acesso ao, até então, território do estado de Goyaz, e assim, avançar a exploração aurífera, tráfico de nativos e desbravamento do interior do Brasil. No final do século XIX até as primeiras décadas do XX, recebe estradas de ferro que tornam a cidade, na época com aproximadamente 15mil habitantes, em uma das principais da região e cada vez mais bem quista ao olhar do desenvolvimento local e do território nacional (Catão, 2009).

Dores do Indaiá apresenta clima quente, com muitas árvores características do bioma do cerrado e grandes praças, de terra caracteristicamente vermelha como de todo o centro do Brasil, próxima ao curso inicial do rio São Francisco e localizada no meio da Serra da Saudade, muito próximo a conhecida Serra da Canastra, mais a oeste. Hoje, todos os municípios vizinhos já foram distritos de Dorés do Indaiá, que foi elevada à categoria de município no ano de 1855, com destaque a cidade que leva o nome da Serra, Serra da Saudade, o menor município brasileiro em população, com apenas 850 habitantes e, também, o próprio município de Bom Despacho que, atualmente, possui população maior do que Dorés do Indaiá, com 51.028 habitantes (Corgozinho, 2009).

As Congadas, Congados ou Congado, e, em algumas localidades, ainda conhecida como Reinados, são expressões de religiosidade e cultura popular que envolvem a festas com danças e cantos destes grupos em louvor aos santos e santas negros da Igreja Católica, em especial São Benedito e Santa Efigênia e, ainda, em louvor a Nossa Senhora do Rosário, principal representação da mãe de Jesus Cristo para os Congados e fruto do sincretismo religioso nascido ainda no Brasil Colônia e fortificado no século XVII com as Irmandades Negras (Barbosa, 1964; Santos, 2023).

Em Dorés do Indaiá, os primeiros registros escritos dos Congados e, consequentemente, da Festa de Nossa Senhora do Rosário, datam no século XVIII, com a fundação local da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário em 1832. Estas expressões se fizeram e fazem presentes no cotidiano cultural dos dorenses, bem como sua religiosidade, fortemente mariana. Silva (2012) aponta que os rituais de congados estão conectados a história dos escravizados de Minas Gerais que, por sua vez, se conectam as

suas atuais tradições. Segundo os próprios congadeiros, sobretudo os mais velhos da cidade, as primeiras “danças do Rosário” não eram realizadas no centro da cidade, muito menos onde hoje se localiza a Igreja dedicada a tal santa, mas em área rural, “em um rancho às margens do Ribeirão do Jorge”, como conta o Rei do Mastro William Monteiro, segundo relatos de seu avô, o falecido Capitão Antônio Martins.

3.1.2 Tempo de Festa

As ações dos Congados acontecem em um tempo específico, criado socialmente para que ações como essas, bem como demais importantes para a manutenção da vida social, aconteçam. Leach (1982) denomina esse tempo de “tempo ritual”, onde a vida sociocultural passa a ser modificada com novos simbolismos humanos, como o masculino e o feminino, o sagrado e o profano, a vida e morte, o material e o imaterial. Esse tempo é criado, sobretudo, quando se busca pelo que é inatingível, intocável e imaterial, como as diversas relações sagradas presentes na Festa do Rosário e transmitidas por meio das ações dos ternos e dos congadeiros. As expressões populares e de religiosidade popular vivem absortas no “tempo ritual”. Este é o tempo-espço que dá sentido a sua existência.

Segundo Turner (1974), rituais são ações que acontecem às margens da estrutura social e eles ocorrem para modificar a normalidade da vida humana. Silva (2012) aponta que os rituais são “momentos extraordinários”, como dramas rituais, ritos de passagem, ou encenações e danças dramáticas, como é o caso do que ocorre em expressões de cultura popular, como o Congado. Gell (2014) fez o mesmo apontamento ao estudar os rituais dos Umeda. O autor argumentou sobre a existência de três tipos distintos de tempo: o orgânico, que é aquele onde a vida segue seu ritmo “natural”, sem a influência de criações temporais humanas; o tempo de “duração”, que é a medida de duração para que algum evento aconteça, também de forma natural; e o tempo “simbólico”, socioculturalmente construído, como é o caso dos rituais dos Umedas, e, neste estudo, das ações do Congado. O autor aborda que o tempo simbólico não segue o mesmo ritmo do tempo da “duração”, pois não tem uma ligação necessariamente cronológica, mas, sim, segue o tempo necessário do imaterial, como o tempo preciso para o louvor aos Santos, o cumprimento das promessas, a hora certa de cantar, dançar e louvar.

O tempo “ritual”, ou “simbólico”, ou ainda o “tempo de festa”, é, portanto, carregado de elementos míticos, sagrados e simbólicos, onde o Congado estabelece, por meio das narrativas dos congadeiros, em especial dos antigos capitães, o momento das apresentações, das evoluções de dança, dos cantos certos a serem feitos aos devotos, de subir e descer os mastros, dos devotos darem de comer e de pagar promessas, e tudo mais que envolve as dinâmicas dessa cultura popular.

Pode-se dizer que, além da sua existência em outras esferas sociais, tempo simbólico é uma marca cultural das expressões da cultura popular de cunho religioso. No Brasil, conforme destaca Sanchis (2008), a cultura e a religião podem ser entendidas como sinônimos, uma vez que a história do país soma europeus, africanas e nativos da terra, cada um com suas crenças e mitos, que se juntam e criam marcas culturais profundamente enraizadas no fenômeno religioso.

A religião Cristã Católica, até então imposta sobre os habitantes do território brasileiro, vai com o passar do tempo se adaptando, até no séc. XX se deparar com correntes religiosas que iniciavam pontes de diálogo com outros elementos religiosos, como é o caso da Teologia da Libertação, como aponta Libanio (2008) onde seus seguidores permitem em suas práticas a presença de marcadores simbólico/religiosos como os orixás, cantos afro, danças rituais e todo um arcabouço cultural que aproxima a religiosidade ortodoxa a das tradições populares que tão bem se adaptaram a esse rico hibridismo. Canclini (2013) defende que o hibridismo cultura na América Latina se faz da necessidade de incluir às culturas hegemônicas novas formas de diálogo com as populações locais. Segundo Boff (2012), a Teologia da Libertação se torna então um campo propício para tais diálogos interreligiosas, baseado no princípio do respeito.

Nos Congados pode, portanto, ser considerado o “tempo de festa” o tempo “simbólico”, no qual toda a Doré do Indaiá passa a viver uma nova dinâmica sociocultural onde os tempos de cada ação serão marcados pela imaterialidade dos Santos e Santas, portanto, das tradições congadeiras. Este é um ponto fundamental para a compreensão do ponto 3.3, onde será abordada a ruptura temporal vivida entre os dorenses. Importante antes destacar, contudo, como essa pesquisa foi montada a partir da definição dos grupos que seriam entrevistados, problema esse que será abordado na próxima seção deste capítulo.

3. 2 DORES DO INDAIÁ PANDÊMICA E PÓS-PANDÊMICA – QUANDO O TEMPO PARA

Segundo Viveiros de Castro (2002, 2020), já estamos vivendo a chamada era do Antropoceno, onde a intervenção humana cria uma grande “pegada” no planeta, fazendo com que nossas ações possam ter escala global e, desta maneira, impactando na vida de muitas pessoas de uma única vez, assim como de todos os demais seres vivos. Segundo o autor, essa era começa quando os povos axiais começam a colonização dos chamados povos “pagãos”, hoje compreendidos como os originários das terras onde ainda estão. Para Krenak (2020), o antropoceno é algo alarmante:

“(…) se nós imprimimos no planeta Terra uma marca tão pesada que até caracteriza uma era, que pode permanecer mesmo depois de já não estarmos aqui, pois estamos exaurindo as fontes da vida que nos possibilitam prosperar e sentir que estamos em casa, sentir até, em alguns períodos, que tínhamos uma casa comum, que podia ser cuidada por todos, é por estarmos mais uma vez diante do dilema a que já aludi: excluímos da vida, localmente, as formas de organização que não estão integradas ao mundo da mercadoria, pondo em risco todas as outras formas de viver – pelo menos as que fomos animados a pensar como possíveis, em que havia corresponsabilidade com os lugares onde vivemos e o respeito pelo direito à vida dos seres, e não só dessa abstração que nos permitimos constituir como *uma* humanidade, que exclui todas as outras e todos os outros seres”. (Krenak, 2020, p. 47)

Para o pensador indígena, o Antropoceno é marcado de maneira ainda mais forte por um pensamento de modelo fixo de humanidade e de planeta Terra que não confere abertura às mudanças que são necessárias para que possamos reduzir nosso impacto sobre o planeta. E esta forte intervenção humana já tem sido sentido de maneira real, sobretudo, nas mudanças climáticas e estas, por sua vez, no surgimento e reaparecimento de patógenos capazes de criar casos locais, regionais e globais de doenças como foi o ocorrido com o novo Coronavírus.

Segundo Rabello e Oliveira (2020), o impacto no ambiente antrópico pode ajudar a desencadear novas pandemias. Com o avanço das mudanças climáticas a partir da exploração predatória e capitalista sobre nossos bens naturais, de forma mais célere do que a própria natureza consegue se autorregenerar, será cada vez mais próxima a ameaça do surgimento

de novos patógenos que não temos a compreensão e que poderão desencadear outras grande epidemias ou pandemias. Kishi (2020) destaca ainda que:

“as epidemias surgem de um desajuste e da dominância da sociedade humana sobre a vida silvestre. O desmatamento, a poluição do solo, dos rios, da atmosfera, a caça predatória de animais silvestres, entre outras práticas, têm interferido negativamente no funcionamento do nosso planeta” (Kishi, 2020)²⁷.

A pesquisadora afirma também que, com o avanço do desmatamento na região amazônica e o contato cada vez mais e mais próximo dos seres humanos com animais silvestres, principalmente mamíferos que trazem em seu organismo patógenos que podem ser contraídos por nós, é preciso compreender que a próxima pandemia pode surgir até mesmo no Brasil (Kishi, 2020).

Estudos sobre o efeito estufa nas regiões de calotas polares, como no ártico siberiano, mostram uma séria de novos vírus, com mais de 48 mil anos de congelamento, que podem voltar à vida a qualquer momento. Leal (2022) aponta que esses organismos congelados na camada do Permafrost²⁸ são do período da era do gelo e que os seres humanos já perderam sua resistência natural a eles, sendo assim, não temos como saber quais seriam seus efeitos sobre nosso corpo atualmente. Abergel e Claverie (2014) alertam que, inclusive, alguns destes vírus são “gigantes”, podendo medir 1,5cm e serem vistos sem mesmo o auxílio de microscópios. Os pesquisadores explicam que, como o ambiente do Permafrost não possui oxigênio e é escuro, mesmo depois de tanto tempo os organismos presentes lá permanecem vivos e, caso descongelados, ainda possuem sua habilidade de contágio.

Linda (2021) alerta que é preciso saber que nosso planeta tem recursos finitos, portanto, se utilizarmos dele em velocidade maior do que ele pode se recompor irá nos levar a um caminho sem volta. Segundo a autora, “se não formos capazes de mudar nossos hábitos de consumo a próxima pandemia pode estar a caminho sem que possamos nos preparar” (Linda, 2021, p. 496). Sendo assim, diante de um perigo permanentemente eminente, como o de uma nova pandemia, e, como apresentado nesta tese, é preciso que a antropologia esteja preparada para compreender e dialogar acerca das rupturas temporais que podemos sofrer

²⁷ Matéria acessada da Universidade Federal Rural da Amazônia, disponível em https://novo.ufra.edu.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2669:desmatamento-e-degradacao-ambiental-podem-favorecer-o-surgimento-de-novas-pandemias&catid=17&Itemid=121, acessado em 27/01/2024, às 19h14.

²⁸ Camada permanente de gelo que fica abaixo da terra em regiões como o Ártico.

em decorrência de grandes eventos como estes. Krenak (2020) aponta que “a natureza segue. O vírus não mata pássaros, ursos, nenhum outro ser, apenas humanos. Quem está em pânico são os povos humanos e seu mundo artificial, seu modo de funcionamento que entrou em crise” (Krenak, 2020, p. 81).

Para Krenak (2020), é primordial que todos os seres humanos comessem a compreender de forma imediata, devido ao avançar do processo exploratório sobre o mundo, que nossos padrões de consumo são desnecessários para nossa própria vida e que, se não o frearmos, estamos fadados a marcar nosso próprio fim, pois, segundo o autor, “se sobrevivermos, vamos brigar pelos pedaços do planeta que a gente não comeu” (Krenak, 2020, p. 12). O pajé Feitoza, que nomeia a si e a todos os demais pajés e xamãs como “os médicos formados pela natureza”, avisa que “é o homem da terra que está acabando com o mundo. Saibam eles que se acabarem com a natureza, eles também se acabam”. (Feitoza, 2020, p.84). Este alerta parece obvio demais, porém, vemos na realidade do nosso consumo que ainda não “caiu essa ficha”. A grande falha da humanidade foi, desde o princípio ir “(...) nos alienando desse organismo que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa só e nós, outra: a Terra e a humanidade” (Krenak, 2020, p. 16). Para o pensador indígena “a ideia de nós, os humanos, nos descolarmos da terra, vivendo numa abstração civilizatória, é absurda. Ela suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência, de hábitos” (Krenak, 2020, p. 22). Para o autor, nós somos um microcosmos dentro do planeta Terra e tentar se desgarrar dela, separando-a de nós, é como se tentássemos tirar nosso próprio chão na esperança de que iremos automaticamente flutuar e não precisaremos mais dele.

Krenak (2020), rememorando Milton Santos, lembra que o processo de globalização traz implicações sobre a vida ao passo que influencia a cultura, o trabalho e as próprias ideias de riqueza e pobreza. Milton Santos questionava então o próprio capitalismo por compreender que não poderíamos ter um outro mundo igual a esse. Este projeto já havia dado errado desde que passamos a ver o planeta como somente uma fonte de matéria prima.

Santos (2023) aponta que a proposta do processo de globalização é transformar tudo em uma coisa única, o que o autor difere de “um”, pois o “único” é aquele que deve ter absolutamente o mesmo padrão, como apontado pelo autor, eurocristão.

Dialogando com Foucault, em Vigiar e Punir, e destacado também por Kopenawa (2015), Krenak (2020) ressalta que a sociedade de mercado só considera o ser humano como

útil quando ele é capaz de produzir algo a ser comercializado: bens e serviços. Quando o sujeito não consegue mais produzir nada o sistema capitalista passa a vê-lo como uma despesa e então deve passar a produzir as condições para sua morte própria morte, como adquirir mais medicamentos ou se planejar para um talvez breve plano funerário. Krenak (2020) salienta que essa lógica ocorre encarada de forma comum porque nós somos governados por grandes corporações e se continuarmos neste ritmo, “nós, a humanidade, vamos viver em ambientes artificiais produzidos pelas mesmas corporações que devoram florestas, montanhas e rios” (Krenak, 2020, p. 20) e, eu especulo ainda que, provavelmente, a custos exorbitantes onde somente as populações das classes média alta e alta poderão pagar para “sobreviver”. As tentativas de refazer e copiar a nossa biosfera são constantes, das mais variadas formas, seja para o uso do agronegócio ou da tentativa de criar o que já pode ser encarado como “perdido”, como a reprodução em cativeiro de espécies em vias de extinção. Para Krenak:

“Essa cópia vai ser tão medíocre quanto eles. Se uma parte de nós acha que pode colonizar outro planeta, significa que ainda não aprenderam nada com a experiência aqui na Terra. Eu me pergunto quantas Terras essa gente precisa consumir até entender que esta no caminho errado” (Krenak, 2020, p. 26)

Quando pensamos sobre o Brasil, assim como outros países, não podemos esquecer que parte considerável desta destruição, bem como da matança e perseguição dos povos originários, vem justamente do agronegócio e da especulação fundiária. Krenak (2020) diz que “minério é agro, assalto é agro, roubo do planeta é agro, e tudo é pop. Essa calamidade que nós estamos vivendo no planeta hoje pode apresentar a conta dela para o agro” (Krenak, 2020, p. 23). Santos (2015, 2023) denuncia a luta constante dos quilombos por suas terras, contra grandes fazendeiros e o agronegócio que tentam deslegitimar e negar a existência de outras formas de cultivo de alimentos e animais, e, historicamente, essas lutas se desencadearam em grandes revoltas legitimadas pelo Estado, como Canudos, Pau de Colher, Palmares, Santana e outros.

Kopenawa (2015) aponta que o mundo acredita que tudo é mercadoria. O xamã Yanomami vocifera contra um sistema mercadológico que transforma tudo e todos em algo precificado e, dessa forma, “devora a terra” com suas máquinas em busca de algo a ser colocado à venda. Importante ressaltar que tudo isso é legitimado por um poder político que, como lembra Krenak (2020), “depende cada vez mais da exaustão das florestas, dos rios, das

montanhas, nos colocando num dilema em que parece que a única possibilidade para que as comunidades humanas continuem a existir é à custa da exaustão de todas as outras partes da vida” (Krenak, 2020, p. 46). Para o autor

“(...) estamos sendo desafiados por uma espécie de erosão da vida. Os seres que são atravessados pela modernidade, a ciência, a atualização constante de novas tecnologias, também são consumidos por elas. Essa ideia me ocorre a cada passo que damos em direção ao progresso tecnológico: que estamos devorando alguma coisa por onde passamos” (Krenak, 2020, p. 95)

Krenak (2020), dialogando novamente com Kopenawa (2015), aponta as formas de adiar o fim do mundo e de:

“Suspende o céu é ampliar o nosso horizonte; não o horizonte prospectivo, mas um existencial. É enriquecer as nossas subjetividades, que é a matéria que este tempo que nós vivemos quer consumir. Se existe uma ânsia por consumir a natureza, existe também uma por consumir subjetividades – as nossas subjetividades” (Krenak, 2020, p. 33)

Enquanto para nós, os brancos, o fim do mundo é representado por uma grande destruição planetária, Fu (1991), Kopenawa (2015), Krenak (2020) e Santos (2023) provocam ao afirmarem que pode ser algo muito mais simples do que isso, somente a passagem de um estado de extremo consumo e devastação natural para um estado de consciência de que nós e o planeta estamos profundamente conectados. Para Krenak, “o fim do mundo talvez seja uma breve interrupção de um estado de prazer extasiante que a gente não quer perder” (Krenak, 2020, p. 60). O autor ainda provoca, usando como exemplo a pandemia do coronavírus, dizendo que “nós não estamos com nada: essa é a declaração da Terra” (Krenak, 2020, p. 11). Para o pensador indígena, parar de destruir o mundo é um valor transcendente. Sair do mundo do “povo da mercadoria”, como Kopenawa (2015) nos chama, para outro no qual percebemos nossa profunda relação com o planeta e o cosmos. Fu (1991) diz que precisamos ter a atitude muito simples de entrar na floresta e conhecê-la, pois o mundo natural é o que o autor chama de a “totalidade das totalidades”. O autor alerta que os “conceitos de valor e sacralidade de vida e mundo estão se deteriorando” (FU, 1991, p.7). Fu ressalta também que precisamos entender e aceitar a sacralidade deste mundo e como até mesmo as relações de vida e morte são sagradas. Para o autor africano:

“Reconhecer a sacralidade do mundo natural é o começo de nosso entendimento de ser um com a natureza; ou é ou não é. E dingodingo (dia) kala ye zima, (o processo de viver - ser, aparecer, surgir

no mundo natural) e morrer (sair, desligarse do mundo natural) ou seja acender e apagar, ligar e desligar. Um não existe sem o outro. Nosso mundo natural é sagrado porque ele carrega ambos vida e morte em perfeito equilíbrio para manter toda existência nele em movimento. Destruir esse equilíbrio, sua sacralidade, é causar um fim para ele e para todos nós”. (Fu, 1991, p.8)

Santos (2013) denomina a não relação de pertença com o cosmos de cosmofofia. Ela é caracterizada como sendo uma espécie de mal enraizado no modo de vida capitalista, excluindo os que deveriam ser semelhantes. Segundo o pensador quilombola, “Dentro do reino vegetal, todos os vegetais cabem, dentro do reino mineral, todos os minerais cabem. Mas dentro do reino animal não cabem os humanos. Os humanos não se sentem como entes do ser animal. Essa desconexão é um efeito da cosmofofia”. (2023, p. 8, 9). Aponta ainda que a cosmobofia:

“(...) é o medo, é uma doença que não tem cura, apenas imunidade. E qual é a imunização que nos protege da cosmofofia? A contracolonização. Ou seja, o politeísmo, porque a cosmofofia é germinada dentro do monoteísmo. Se deixamos o monoteísmo e adentramos o politeísmo, nos imunizamos. (Santos, 2023, p.9)

Da mesma forma que destacado por Krenak e Kopenawa, Santos (2023) ressalta que a cosmobofia nasce deste sistema capitalista que transforma tudo em formas econômicas e mercadorias. Segundo o autor:

“A cosmofofia é responsável por esse sistema cruel de armazenamento, de desconexão, de expropriação e de extração desnecessária. A cosmofofia também é responsável pelo lixo. Por que existe tanto lixo? Porque as pessoas acumulam mais do que o necessário, e o tempo passa. Elas precisam de certa quantidade de frutos, mas compram mais que o necessário. O desperdício é um resultado da cosmofofia. A cosmofofia é a necessidade de desenvolver, de desconectar, de afastar-se da originalidade. A cosmofofia é a mesma coisa que o pecado original. E tudo o que é original assusta o eurocristão monoteísta” (Santos, 2023, p.14)

A mudança do planeta é, como colocado por Krenak (2020), “um evento possível o tempo inteiro” (Krenak, 2020, p. 71). O autor chega até mesmo a ter um olhar otimista, ao dizer que ele não percebe “esse momento que estamos vivendo como uma situação-limite, acho que estamos passando é uma espécie de ajuste de foco no qual temos a oportunidade de decidir se queremos ou não apertar o botão da nossa autoextinção, mas todo o resto da Terra vai continuar existindo” (Krenak, 2020, p. 58). Para conseguir fugir deste fim é preciso

uma mudança de pensamentos que mudem hábitos, dos mais simples aos mais “complexos”. O autor aponta que:

“(…) se queremos mudar nossos hábitos de alimentação, podíamos pensar também em mudar nossos hábitos de nascer e morrer. Eu não sou eterno e não quero me eternizar. A ciência e a tecnologia acham que a humanidade não só pode incidir impunemente sobre o planeta como será a última espécie sobrevivente e a única a decolar daqui quanto tudo for pro ralo” (Krenak, 2020, p. 63).

Santos (2023) aponta alguns elementos fundamentais para o adiamento deste fim e desta relação social de mercado. Para o autor, devemos buscar novas possibilidades econômicas que não visam a troca, e sim, o compartilhamento. Pois, desta forma, é possível criar uma rede continua e forte de trocas sucessivas que farão com que o sistema de armazenamento mercadológico passe a não fazer mais sentido.

Assim como Krenak, Santos (2023) acredita em um diálogo de futuro por um olhar para as gerações que virão e, para o autor, é nosso papel fazer esse diálogo com ela. Segundo ele:

“Vamos cuidar da geração neta porque ela é o futuro. Ela é o presente e o futuro, e nós estamos aqui para dialogar. O presente é o interlocutor do passado e o locutor do futuro. Temos que nos defender desta geração sintética e contribuir para que a nova geração também saiba se defender”. (Santos, 2023, p.33).

Neste ponto, é fundamental trazer os conceitos de confluência e transfluência, criados por Santos (2019). Segundo o autor:

“confluência é a lei que rege a relação de convivência entres os elementos da natureza e nos ensina que nem tudo que se junta se mistura, ou seja, nada é igual. Por assim ser, a confluência rege também os processos de mobilização provenientes do pensamento plurista dos povos politeístas. Transfluência é a lei que rege as relações de transformação dos elementos da natureza e nos ensina que nem tudo que se mistura se junta. Por assim ser, a transfluência rege também os processos de mobilização provenientes do pensamento monista do povo monoteísta. É a partir dessas leis que se geram os grandes debates entre a realidade e a aparência, ou seja, entre o que é orgânico e o que é sintético”. (Santos, 2019, p. 89).

Portanto, a confluência esta onde não impera a cosmofofia, já que aqui convivem natureza e homem, num mesmo cosmos, de forma harmoniosa. Santos (2015, 2019, 2023), ao problematizar as relações eurocristãs de desmembrar Terra e Humanidade, só conhece as

relações de transformação de tudo em mercadoria, em objetos, em bens econômicos, portanto, diferente dos povos tradicionais, só sabem viver relações de transfluências. Sendo assim, para o autor, os “meios necessários para chegarmos a esse lugar é transformarmos as nossas divergências em diversidades, e na diversidade atingirmos a confluência de todas as nossas experiências”. (Santos, 2019, p. 91)

Em diálogo com os autores contra antropológicos, a Festa do Rosário de Dores do Indaiá, como destacado nos tópicos anteriores neste capítulo, tem seu tempo ritual próprio, passando por uma longa tradição secular e que cada momento tem o seu significado, seja a esperada subida dos mastros ou uma simples alteração num passo de dança. Segundo o Capitão “Kaka”, “poucas foram as vezes que a festa teve mudanças bruscas e, mesmo quando aconteceu, logo no outro ano voltou ao normal”²⁹.

Ao final do ano de 2019 o mundo começava a assistir, ainda distante das Américas, o surto de uma nova e ameaçadora doença que pouco a pouco foi se espalhando por outros países. China, Japão, Índia, depois, logo no início de 2020, a Europa e África e em pouco tempo estava nas Américas, até que, em março de 2020, chegou ao solo brasileiro, trazendo não só o novo vírus, mas também o medo. Agamben (2020) problematiza que a pandemia pode ser compreendida como uma invenção, uma verdadeira criação, onde o objeto de destaque, nesse caso o vírus, tornou-se um grande mecanismo de geração de medo. Zibechi (2020) aponta ainda que este poderia ser o começo de uma nova ordem mundial na qual grandes crises, como a pandemia e as mudanças climáticas, se fariam cada vez mais presentes e Krenak (2020) lembra o quão interessante era o fato de que o vírus só vitimava os seres humanos e foi uma forma da Terra nos lembrar que ela é tão essencial que o simples fato de nos faltar oxigênio pode acabar conosco. Talvez um dos alertas mais importantes para o ano era o de Preciado (2020), de que deveríamos aprender com o vírus e a sua lógica de transmissão, pois ela podia dizer muito de nossa sociedade cada vez mais autodestrutiva. Retomando Krenak (2020) enfim, importante lembrar que numa sociedade onde “o mundo não pode parar. O mundo parou” (Krenak, 2020, p. 79)

O mundo todo se viu obrigado a fechar portas de comércios, repartições públicas, escolas, lotar hospitais e gradativamente observar com olhos marejados o crescente e assustador número de mortos. Em pouco meses de 2020, no Brasil, já eram mais de 5 mil pessoas mortas, número esse que, somado a um governo negacionista que não se esforçava

²⁹ Entrevista realizada na Sede dos Congados do Bairro São Geraldo, em 13 de agosto de 2022.

pela busca de vacinas e incentivava os cidadãos a não seguirem as orientações sanitárias sugeridas pela Organização Mundial de Saúde, foi crescendo de maneira alarmante, alcançando o expressivo número de 15mil mortos no mês de julho de 2020³⁰. Badiou (2020) destacou que o passar dos dias dos meses de março e abril de 2020 era como narrar cenas do começo de um “fim dos tempos”.

Diante deste expressivo número de óbitos, constantemente governos estaduais e municipais se viam obrigados a realizar ações de lockdown, reduzir horários de abertura de comércio e acesso aos mesmos, fechar rodovias, proibir serviços, exigir o uso de máscaras e outras medidas que pudessem desacelerar a circulação do vírus. Petit (2020) tratou o vírus como uma verdadeira “ação de guerra” e que, sendo assim, os lockdowns se tornaram formas de “sobreviver” a expansão da pandemia. Assim, foi o caso de Dolores do Indaiá, onde, além das medidas adotadas pelo governo municipal, a Diretoria Plena das Associações e Comissões Congadeiras de Dolores do Indaiá³¹, entidade responsável pela organização geral da Festa do Rosário, decidiu, de forma inédita, não realizar a festa no ano de 2020. Ao invés da programação oficial da festa, foi realizada uma carreata, onde o primeiro carro, da Paróquia de Nossa Senhora das Dolores, levava a imagem de Nossa Senhora do Rosário. Segundo relatos dos congadeiros, a carreata reuniu mais de 800 carros que atravessaram a cidade, enquanto eram embalados pelos sons de instrumentos que tocavam a beira das calçadas³². Os capitães e Reis do Mastro contam que a decisão pelo cancelamento da programação oficial foi aguardada até “o último momento”, dado o veredito no mês de julho, um mês antes da programação normal da festa, como conta William Monteiro, pois se sabia que a notícia traria grande impacto e tristeza aos congadeiros e devotos, fato que será destacado no subitem seguinte deste capítulo.

No ano de 2021, com a redução do número de mortes após a aplicação das vacinas disponíveis, e, a flexibilização de algumas medidas sanitárias e de controle da propagação do vírus da COVID-19, a Diretoria Plena decidiu por realizar a festa, contudo com algumas medidas de segurança, as mesmas adotadas por orientação da OMS: espaçamento de 1,5 a 2m entre os congadeiros, uso de máscaras, redução da quantidade de fieis na Igreja de Nossa

³⁰ Dados colhidos em https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html, acessado em 21 de dezembro de 2023, às 14h54.

³¹ Que será tratada em diante somente como “Diretoria Plena”.

³² Registro da página Festa do Rosário – Dolores do Indaiá, disponível em <https://www.facebook.com/festadorosario.doresdoindaiia/videos/1452386144971828>, acessado dia 21 de dezembro de 2023, às 15h09.

Senhora do Rosário e a não realização de alguns momentos que gerariam aglomerações, como o pagamento de promessas em torno da Igreja do Rosário e o passamento das coroas, tendo em vista que nesse momento há troca de objetos de mão em mão.

Além disso, muitos devotos, ainda temerosos com a pandemia que não havia se encerrado por completo, optaram por não receber ternos em suas casas, como foi o caso da devota Viviane Giordani, que a décadas, ela e sua família, recebem muitos ternos para almoçar em sua casa, sendo sua irmã a Rainha da Coroa Grande, porém elas e a família optaram por não receber nenhum grupo em 2021 e, no caso de Viviane, muito menos, sair de sua casa para ir ver os momentos da festa. Segundo a devota “(...) era muito arriscado pra mim ficar exposta aquela doença. Se eu pegasse eu murria!”³³.

Nas entrevistas feitas com os congadeiros, devotos, comerciantes e poder público local em 2022 e 2023, a palavra mais presente em suas narrativas para tratar dos anos de 2020 e 2021 era “tristeza”. Todos, unanimemente, contaram como a cidade toda assumiu um ar melancólico ao saberem da não realização da festa, e, até mesmo, antes ao já temer que a pandemia faria com ela não pudesse ocorrer. Ao longo dos primeiros meses de 2020 e desde agosto do mesmo ano já se sentia a apreensão no semblante dos dorenses ao perceber que a festa sofria com os múltiplos impactos pandêmicos.

Segundo o relato dos devotos e comerciantes, o impacto econômico na cidade também foi sentido de forma brusca, tendo em vista que a realização da Festa do Rosário está atrelada a uma série de aquisições necessárias e serviços prestados, seja pela quantidade de materiais fundamentais para os fardamentos, os alimentos para o Reinado dar comida aos congadeiros, os enfeites para casas e Igrejas, os serviços de costura, cozinha, faxina, jardinagem, preparo de animais, e muito mais. Sem a festa de 2020, somado as restrições sanitárias, muitos comerciantes se viram obrigados a fechar suas portas.

O ano de 2021 também sofreu com os impactos financeiros junto ao comércio local. Mesmo com a realização da festa, ainda pela falta da presença de muitos devotos e, portanto, sem o giro econômico de materiais ligados às refeições e enfeites, os comerciantes sentiram com a falta das grandes aquisições realizadas nos anos anteriores. Muitos Reis e Rainhas, que optaram por receber ternos em suas casas, se viram obrigados a alimentar muito mais pessoas que usualmente, sem a característica fartura de comida como nos anos anteriores.

³³ Entrevista realizada dia 12 de agosto de 2022, na residência da devota.

Além disso, a própria devoção aos santos e santas foi obrigada a passar por modificações, não só pela não realização da festa a seus moldes tradicionais, mas também pelo impeditivo, sobretudo dos devotos mais velhos, de frequentar os principais locais de louvar ao sagrado, como as Igrejas, o Morro da Capelinha, a casa da Rainha Perpétua, a casa dos capitães e Reis do Mastro e a praça da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, onde estavam postos os mastros.

Para congadeiros e devotos outra grande perda foi as mudanças necessárias na estrutura da festa, tendo em vista que, pela tradição, cada momento do “tempo de festa” tem seus marcadores socioculturais próprios, com sua importância e significado singular para todos os participantes. Ao não levantar os mastros, por exemplo, como ocorreu em 2020, é como se a festa em si não tivesse sido oficialmente iniciada em momento algum, ou seja, nem ao menos tivesse existido, mesmo que com a realização da carreata. Quando os devotos do reinado resolveram não receber os ternos em suas casas, como ocorrido em 2020 e 2021, automaticamente sua conexão com o sagrado foi quebrada, já que são os ternos, por meio da presença das sagradas bandeiras e dos cantos e danças, que trazem os anúncios dos santos e santas e suas bênçãos para a casa dos devotos. Sem a realização do pagamento de promessas, tanto devotos como congadeiros viram suas promessas não serem cumpridas, pois não tiveram o momento solene de realizá-las e agradecer aos Santos e Santas, deixando então as mesmas “em aberto” para o ano seguinte ou para cumprir com o combinado de outra maneira ou outro momento sagrado, o que não é a forma prática a quem é devido das divindades presentificadas na Festa do Rosário.

O efeito da pandemia do COVID-19 em Dores do Indaiá pode ser observado, portanto, como uma “ruptura temporal” no tempo ritual da cultura local. Compreendo que este evento paralisa momentos fundamentais do rito sagrado dos Congados e, sendo assim, modifica toda a organização sociocultural dorense. O tempo ritual em grandes eventos como esse, que mudam de forma abrupta relações temporais simbólicas constituídas no longo prazo, congela-se até o momento em que ele possa voltar à “rotina normal” de um tempo anterior, considerando que marcadores culturais como o Congado são tradições seguidas por gerações em um mesmo formato, o que faz sentido simbólico para os seus participantes.

Isso que passamos a denominar como ruptura temporal, vivida entre os dorenses durante a pandemia, é desfeito no ano de 2022, quando se verifica o “descongelamento” de práticas ritualísticas inscritas na temporalidade dorense. A festa retoma seu ritmo normal,

seguindo todos os momentos da tradição da festa, e com euforia dos congadeiros e devotos. Foi possível ver de forma clara os sorrisos e choros de alívio dos que sobreviveram ao vírus ao ver seu cotidiano sociocultural novamente restituído aos eixos. Portanto, os anos de 2022 e 2023 mostraram como a cidade de fato passou por um exercício de temporalidade caracterizada pela paralização de suas práticas festivas devido à pandemia de COVID-19. Posteriormente, se vê liberta para voltar ao tempo que havia ficado em 2019.

3.3 AS ENTREVISTAS DO GRUPO DE AGENTES

No dia 9 de agosto de 2022, uma terça-feira, cheguei na rodoviária de Belo Horizonte, após saída no dia anterior de Cabo Frio, em viagem de ônibus às 9h30 da manhã. Fiz um café em uma padaria atrás da rodoviária e depois me dirigi ao centro da cidade, onde encontraria com Emiliani Giordani, devota e rainha da Coroa Grande, irmã da devota Viviane Giordani, que me acolhe em sua casa desde 2018, quando fui a Dolores do Indaiá pela primeira vez para realizar as pesquisas com o congado. Cheguei ao prédio de Viviane Giordani e logo fui recebido por ela. Subimos ao seu apartamento, para que ela pegasse suas malas, descemos para aguardar um carro de transporte particular, muito comum para o acesso às cidades do centro-oeste mineiro devido a reduzida oferta de ônibus. Às 11h30, o motorista chegou. Arrumamos nossas malas no carro e partimos. Em um bairro no caminho para a BR, pegamos mais uma passageira, mulher branca, aposentada, com 60 anos, e um passageiro, comerciante, branco, com 45 anos. O motorista era um homem branco com 37 anos. 15 minutos depois já nos encontrávamos na BR 262, sentido Dolores do Indaiá.

Durante a viagem, o tema central das conversas no carro girava em torno da Festa de Nossa Senhora do Rosário. O passageiro, as passageiras e o motorista falavam sobre a ansiedade de todos pelo ano que novamente traria a programação convencional da Festa, pós pandemia. Falavam também de suas angústias, a realidade da Festa e da cidade nos anos pandêmicos e suas esperanças para o futuro. Aproveitei as longas 4h de trajeto para dialogar com todos e todas acerca das perguntas da pesquisa.

Primeiro questionei os passageiros sobre o que sentiram no clima da cidade durante os anos de 2020 e 2021, sobretudo com relação a Festa do Rosário. As respostas foram unânimes: profunda tristeza. Alan Santos, o motorista, respondeu que “em 2020, Dolores parecia que era uma cidade morta” e, segundo Catarina Silva, “nunca se viu tanta melancolia

no olhar dos dorenses. Quando chegou o mês da festa então, era de cortar o coração ver a cara das pessoas. Todo mundo só sabia chorar, principalmente os congadeiros”. Em seguida, perguntei quais os impactos que eles e elas acreditavam ter ocorrido na cidade durante estes dois anos. Alan Santos prontamente respondeu que na economia. Segundo ele, “muita gente perdeu muito dinheiro. Os comerciantes venderam muito pouco”. Questionei se houve casos de comerciantes que foram obrigados a fechar seus estabelecimentos. Emiliani Giordani respondeu que “só durante a pandemia, depois abriram de novo. Mesmo assim foi muito dinheiro perdido”. Lucas Monteiro, o outro passageiro, disse também que “a tristeza das pessoas foi um impacto e além de estarem tristes ainda teve muita gente que morreu”. Questionei se a cidade teve um alto número de mortes, Emiliani Giordani ponderou que “alto não, mas se pensar o tamanho pequeno da cidade, foi bastante gente”³⁴. Catarina Silva ainda destacou que a não realização da Festa foi o maior impacto de todos, segundo ela “a vida do dorense é a Festa do Rosário, então quando não teve a Festa foi como se não tivesse mais nem a cidade lá”.

Após estas questões, perguntei a todos e todas sobre como veriam o futuro da Festa caso houvesse uma nova pandemia que durasse três anos. Inicialmente, de forma unânime, todos os passageiros e passageiras interpelaram no carro o seu estarrecimento somente em pensar na possibilidade de que houvesse uma outra grande pandemia, ainda mais se seus efeitos durassem ao longo de três anos. Alan Santos disse que “com certeza algumas coisas teriam que ser mudadas”, mas ele acredita que, por ser três anos, a festa retornaria normalmente depois desse período. Emiliani Giordani concordou com ele. Catarina Silva disse que acredita que tudo permaneceria normal, pois disse que “como muitas coisas não foram respeitadas pela população durante essa pandemia. Não acredito que uma nova pandemia faria diferente”. Por sua vez, Lucas Monteiro disse que também acha que haveria algumas mudanças pequenas, mas que isso não afetaria a lógica da festa depois que a pandemia passasse.

Depois, fiz o mesmo questionamento para uma situação hipotética de uma pandemia que durasse por 5 anos. Novamente, todos e todas as participantes da viagem destacaram sua grande inconformidade com a possível situação. Emiliani Giordani até mesmo brincou que eu não queria que a Festa do Rosário permanecesse em Dorés do Indaiá. Após a

³⁴ Atualmente, Dorés do Indaiá já registrou 28 óbitos. Dados colhidos no Painel Coronavírus, disponível em < <https://covid.saude.gov.br/>> acessado dia 20/01/2023, às 13h59.

descontração, ela respondeu que caso houvesse uma situação como essa, de uma pandemia que perdurasse por 5 anos, ela acredita que “muitas coisas teriam que mudar e que seria necessário haver uma grande atenção do Poder Público com a festa para que a tradição permanecesse na cidade”. Lucas Monteiro ressaltou que as mudanças teriam que ser na estrutura da Festa e que elas seriam muito necessárias. Alan Santos disse que “concorda que muitas mudanças teriam que acontecer para que a Festa não sumisse de vez”. Catarina Silva disse novamente que acredita que pouca coisa mudaria. Segundo ela, “num primeiro momento todo mundo fica assustado, mas depois que o tempo passa volta tudo ao normal”.

Em seguida, questionei como seria a realidade da festa se houvesse uma nova pandemia de 10 anos de duração. Antes da resposta, todos os presentes no carro destacaram que essa era uma possibilidade absurda. Emiliani Giordani disse ser incrédula com tal possibilidade. Alan Santos reafirmou a fala de Emiliani Giordani, contudo disse que caso algo do tipo ocorresse ele acredita que a Festa do Rosário não existiria mais. Catarina Silva e Lucas Monteiro concordaram com Alan Santos, apesar da descrença, também, com tal possibilidade por parte de Emiliani Giordani.

Questionei então como seria a realidade de Dolores do Indaiá e de cada passageiro e passageira caso a Festa do Rosário não existisse mais. Emiliani Giordani e Alan Santos disseram que suas vidas mudariam muito, pois estão muito ligados a festa, já que em alguns anos Alan Santos também é congadeiro. Eles disseram que a cidade certamente se tornaria mais triste, saudosista e provavelmente haveria muitos casos de depressão, sem contar o impacto contundente no turismo e na economia. Segundo Alan Santos, “não adianta, Dolores é uma cidade congadeira”. Catarina Silva e Lucas Monteiro disseram que não iriam sentir muito o impacto do fim da Festa, pois são somente expectadores, porém concordavam que a cidade ficaria mais triste. Lucas Monteiro afirmou que “a cidade na época da Festa é que fica bunita mesmo. Tudo enfeitado, cheio de cor, alegria no rosto das pessoas. É o nosso carnaval”.

Ao final das minhas questões, perguntei então se eles permaneceriam em Dolores do Indaiá caso a Festa acabasse, considerando que Catarina Silva não é moradora fixa da cidade. Mesmo assim, ela de prontidão respondeu que sua filha sim, mas com certeza alguns primos e primas se mudariam para Belo Horizonte, onde esta parte da família. Lucas Monteiro respondeu que permaneceria, mas sabe que não seria a mesma coisa. Alan Santos respondeu

que teria de pensar bem, pois talvez optasse em se mudar. Emiliani Giordani respondeu que certamente se mudaria para Belo Horizonte de vez.

Após as perguntas do questionário, continuei durante a viagem fazendo outras questões a fim de levantar novas e melhores informações sobre os anos de 2020 e 2021, bem como da expectativa para 2022. Às 16h40 chegamos em nosso destino e, logo ao passar o portal de Dores do Indaiá, já víamos casas enfeitadas com bandeiras, fitas, imagens de Santos e Santas e cartazes de agradecimentos a graças alcançadas.

Neste ponto, faço um intervalo para apresentar como vou tratar o restante deste exercício etnográfico, tendo em vista que foram entrevistadas 49 pessoas, assim como, as perguntas padrão que se repetem ao longo do campo. Em 2023, no primeiro semestre, falaram o Capitão Carlinhos e a Capitã Maria Geralda, que foram entrevistados em 2022. Sobre as perguntas, assim como apresentado no capítulo 2, a pergunta acerca dos sentimentos sentidos será marcada como “P.2”, a pergunta sobre os impactos da pandemia será “P.3”, as perguntas sobre as mudanças da Festa por 3, 5, 10 anos ou não existência da festa serão marcadas consecutivamente como “P.4.1; P.4.2; P.4.3 e P.4.4”, por último, a pergunta sobre a permanência em Dores do Indaiá será a “P.5”. Não irei esmiuçar o debate feito em cada uma das 51 entrevistas, mas, sim, uma entrevista com um congadeiro, com a Rainha Perpétua e um Rei do Mastro como forma de apontar as opiniões dos participantes diretos das ações da Festa. Também apresentarei uma entrevista com uma comerciante, mostrando sua opinião sobre o impacto econômico na cidade e uma entrevista com um membro do Poder Público local para exibir as respostas que tocam o papel político diante deste cenário. Não irei focar em mais uma entrevista com devotos ou devotas, levando-se em consideração que Emiliani Giordani já é Rainha da Coroa Grande desde 2018. Ademais, sobre as outras entrevistas, irei fazer destaques pontuais em algumas respostas que merecem atenção a este trabalho, e, no subitem seguinte, apresentarei o resultado de todas as entrevistas.

Ainda na terça-feira, após um café na casa de Viviane Giordani e uma longa conversa com ela, optei por visitar a Rainha Perpétua, Dona Ivani dos Santos, levando em consideração que, quanto mais próximo a Festa, mais intensa é a agenda da Rainha máxima do festejo. Caminhei por cinco minutos, na mesma calçada da casa de minha anfitriã, e logo cheguei à casa da Rainha mor. Fui recebido por uma de suas ajudantes, que sempre estão presentes no período da festa para auxiliá-la. Ela me pediu que aguardasse na sala até que

Dona Ivani concluísse seu café. Pouco menos de 5 minutos depois a Rainha Perpétua me recebeu, sempre muito sorridente e feliz por receber novas visitas em sua casa, o que é muito comum durante o período da Festa, em que congadeiros e capitães visitam a Rainha a todo momento lhe pedindo bênçãos para que tudo corra bem.

Expliquei para a Rainha qual era o intuito de minha pesquisa de doutorado e quais eram as perspectivas das questões que iria fazer. Pedi autorização para a gravação da entrevista, o que como sempre, foi dado de prontidão. Arrumei minha câmera sobre a estante onde estavam os Santos e Santas da Festa e a posicionei com foco lateral na Dona Ivani. Preparado o equipamento, pedi novamente autorização para gravação e pedi que a entrevistada se apresentasse falando seu nome completo e idade. Feito isso, comecei as perguntas, iniciando pela P.2. A Rainha Perpétua respondeu que a cidade vivia um ar de tristeza como nunca se viu igual “(...) era desesperança, não tem outra palavra. Você via os olhos das pessoas sem vida. E eu não estou falando só de congadeiro não. Todos. A cidade inteira estava morta, porque o Congado é vida”.

Segundo a Rainha, Dores do Indaiá está tão misturada ao Congado que sem ele é como se um órgão vital do corpo da cidade estivesse enfermo. Depois, fiz a Rainha a pergunta P.3. Sobre esta, para ela o maior impacto de todos foi a invisibilidade social que as pessoas viveram, principalmente as pessoas negras, pois a Festa do Rosário “é a festa dos negros. É nela que eles aparecem, brilham, são as pessoas mais importantes da cidade. Mais até que o prefeito”. Dona Ivani ressaltou que sem a presença e o conhecimento tradicional dos negros e negras no Congado é impossível a Festa do Rosário perpetuar. Além disso, a Rainha destacou também o impacto sobre a transmissão da tradição, já que alguns dos congadeiros que faleceram no período eram idosos, antigos conhecedores dos saberes da Festa, assim como, neste período o projeto “Congado nas escolas”, momento em que as crianças também aprendem sobre a tradição do Congado, não ocorreu.

Quando fiz as perguntas P.4.1 a P.4.4, a Rainha respondeu que, para ela, a Festa do Rosário não tem como acabar enquanto existir o Congado e, veemente, este jamais acabará, pois Dona Ivani ponderou que os congadeiros são pessoas marcadas por muita fé e isso jamais deixaria com que a Festa esmorecesse, fosse por conta de uma nova pandemia ou outro problema qualquer. Sendo assim, a P.5 foi respondida automaticamente que ela não sairia nunca de Dores do Indaiá, pois tinha confiança na permanência do Congado.

Assim, conclui a entrevista com a Rainha Perpétua, lhe agradei e retornei a casa de Viviane Giordani, já as 22h, momento em que optei por descansar para iniciar logo cedo uma nova rodada de entrevistas. Logo às 8h do dia 10, me levantei, fiz meu café junto com Viviane e Emiliani Giordani e sai para fazer uma nova leva de entrevistas. Neste dia escolhi começar logo pela manhã as entrevistas na comunidade Antônio Martins, já que com o auxílio de William Monteiro, Rei do Mastro e Presidente da comunidade, tinha mais possibilidade de entrada nas casas dos congadeiros para fazer entrevistas antes do início oficial da Festa. Caminhei por 15 minutos até a casa do Rei do Mastro e o encontrei preparando itens para o café que ele proporcionaria durante a alvorada festiva. Fui novamente recepcionado com alegria por William Monteiro. Entrei em sua casa e conversamos um pouco sobre as expectativas para a Festa que, segundo ele, mesmo com o retorno do cronograma completo ainda não seria a mesma coisa, pois, segundo o Rei, “ainda falta um pouco de ânimo nas pessoas, mas isso se resolve logo com o começo da Festa”.

Expliquei a William Monteiro o propósito da pesquisa e pedi a ele alguns minutos para fazer as perguntas. Ele aceitou e me perguntou se eu me importava que ele tomasse uma “cervejinha” enquanto respondia e me disse que eu também teria de beber. Aceitei que ele tomasse a sua e lhe prometi tomar um copo, para não atrapalhar a pesquisa, já que por estar em sua casa percebi que não seria de bom tom lhe pedir que não bebêssemos e compreendia que como a entrevista completa levava em média de 30 a 40 minutos não seria tempo suficiente para que o álcool atrapalhasse.

Aberta a cerveja, uma Império lata de 473ml, bem gelada, sentamo-nos na mesa de madeira de sua cozinha, com a porta aberta para o quintal. Pedi autorização para a gravação, que foi novamente dada, coloquei a câmera sobre a mesa da cozinha, posicionei a lateral de William Monteiro, e comecei a entrevista. Pedi que ele se apresentasse, o que foi feito, e comecei a pergunta P.2. O entrevistado me respondeu, assim como Dona Ivani, que a cidade toda estava triste. Ele disse que, como Presidente da comunidade Antônio Martins, e, participantes da instância máxima de decisão dos congadeiros, que é a Diretoria Plena das Associações e Comissões de Congadeiros, adiou até julho de 2020 a decisão pela não realização da festa. Contou que:

“(...) Todo mundo já sabia que não havia jeito da Festa acontecer, mas ao mesmo tempo ninguém queria aceitar isso. Cada vez que a gente encontrava com um congadeiro na rua o “nego” já virava pra gente e perguntava: “E aí, William, vai te Congado esse ano né?” e você já via na cara da pessoa que

ela tava com cara de choro. Era uma coisa de partir o coração. Dores do Indaiá nunca viu nada assim”.

Fiz então a ele a pergunta P.3. William Monteiro respondeu que o maior impacto foi na perda cultural de não haver a Festa e isso levou a outras perdas, principalmente na economia da cidade, porque não houve as trocas econômicas que a Festa proporcionava, sobretudo de mão de obra, pois nesse período é muito comum pessoas executarem tarefas ligadas ao festejo: “é um que costura uma farda ali, é outro que mata um porco, é jardinagem, cozinha, faxina, marcenaria, de tudo. A cidade precisa dessas pessoas e isso gira a economia”. Neste momento chegou à casa William Monteiro a Carmem Fiuza, amiga do Rei do Mastro e participante do Moçambique da comunidade. Ela é também comerciante de animais de corte, dona de uma fazenda voltada a essa atividade. Após a entrevista de William Monteiro irei tratar da entrevista de Carmem Fiuza, já que, somadas as respostas do Rei do Mastro, ela trouxe elementos importantes em sua fala.

Em seguida, fiz a William Monteiro as perguntas P.4.1 e P.4.2. Para ambas, o entrevistado respondeu que não acredita que haveria grandes mudanças após estes períodos de pandemia, pois, segundo ele, o Congado é “a cachaça do dorense. Não vivem sem!”. Informou também que esta pandemia já ensinou a toda a população muita coisa e o ano de 2022, com tudo voltando ao normal, mostra que uma hora “as coisas se ajeitam”. Contudo, quando fiz a ele a pergunta P.4.3, o entrevistado se mostrou incomodado, seguida de uma gargalhada de Carmem Fiuza. Disse, primeiramente, que uma possibilidade de uma pandemia de tanto tempo não existe. Insisti com ele que pensasse sobre a hipótese para a resposta. William Monteiro então disse que em uma situação dessa, ainda assim, ele acreditava que a Festa continuaria, mas então, aí sim seriam necessárias muitas mudanças: “ia ter que se pensar em tudo né, medidas sanitárias, aglomeração, tudo!”. Depois, fiz a pergunta P.4.4, que foi respondida de pronto com “Po, Daniel. Aí você me quebra né!”. Depois de muitas risadas dos presentes, o entrevistado disse que se caso fosse possível algo que trouxesse o fim da Festa do Rosário, isso com certeza não seria uma pandemia. Teria de haver algo muito mais “fatal”, mas se isso ocorresse, com toda certeza Dores do Indaiá nunca mais seria a mesma:

“Porque é como te falei, isso é a cachaça do dorense. É o carnaval de Dores do Indaiá, é quando a cidade ta feliz, ta colorida. É congadeiro batendo tambor, machucando a mão, o pé, por semanas e rindo de orelha e orelha. Se não tiver isso aqui não tem mais nada pra eles!”

Ao fazer a pergunta P.5, William Monteiro não foi reticente em dizer que sem dúvidas se mudaria. “Já tenho mesmo casa em BH, não teria mais o porquê ficar aqui. Ia vir as vezes pra visitar o sítio do meu avô. Dores sem o Congado passa a não fazer sentido algum pra mim”.

Sobre a entrevista com Carmem Fiuza, assim que ela chegou, e me foi apresentada por William Monteiro, optei por fazer a entrevista concomitantemente, assim como foi feito com os passageiros e passageiras no carro. Como já havia feito ao primeiro entrevistado do dia a pergunta P.2 e P.3, fiz uma breve pausa com ele e fiz as mesmas perguntas a Carmem Fiuza, para após poder fazer as perguntas por igual para ambos. Sobre a P.2, a partir deste ponto, já exemplificado com as entrevistas do carro e de William Monteiro, não irei mais detalhar cada uma, já que, com exceção do devoto Ewamir Souza que respondeu que seu sentimento era de esperança por algo melhor que viria, todos os demais entrevistados responderam que o sentimento foi de tristeza e desesperança e ressaltaram a melancolia presente na cidade, sobretudo em relação a Festa de Nossa Senhora do Rosário.

Quando fiz a pergunta P.3, Carmem Fiuza me respondeu que ela, como comerciante e dona de fazenda de animais para corte, sentiu um grande impacto econômico tanto no período da Festa como os demais dias, pois a aquisição de animais para consumo reduziu durante toda a pandemia, mas frisou que o período festivo do Rosário foi, certamente, o maior impacto, já que nos demais anos ela passava meses fazendo engorda de animais para vender em agosto e em 2020 e 2021 vendou poucos. Ela informou ainda que muitos comerciantes locais tiveram de fechar por algum tempo para conseguir se organizar financeiramente e, mesmo no ano de 2022, as vendas locais não voltaram ao normal, como nos anos anteriores.

Sobre a pergunta P.4.1, a entrevistada apontou que a festa permaneceria, contudo já com algumas mudanças. Segundo ela, a pandemia ajudou a mostrar que temos fragilidades, portanto isso implicaria em nos policiarmos mais com cuidados básicos. A mesma resposta foi dada a pergunta P.4.2. Entretanto, na pergunta P.4.3, Carmem Fiuza se mostrou mais reticente em haver um futuro normal para a Festa. Segundo ela, “isso seria tempo demais para que a Festa sobrevivesse como a gente conhece”. Ao fazer a pergunta P.4.4, a primeira indagação foi: “Deus me livre e guarde”, seguida de outra boa gargalhada de ambos os entrevistados, e depois: “calma aí, deixa eu pegar uma cervejinha também!” e outra gargalhada. Depois, a entrevistada respondeu que sem sombra de dúvida a cidade se

transformaria por completo e teria até mesmo que encontrar outro sentido para si, já que o Congado era “a alma de Dorés”.

Ao contrário do entrevistado anterior, Carmem Fiuza, sobre a pergunta P.5, disse que não deixaria Dorés do Indaiá caso a Festa não mais existisse, tendo em vista que ela ainda teria a fazenda para “ocupar a cabeça” e o sossego da cidade, o que acredita que não encontraria facilmente em outros locais.

Já no encerramento das entrevistas de Carmem Fiuza e William Monteiro, outras duas conhecidas chegaram à residência do Rei do Mastro, fato que é muito comum não só na residência da Rainha Perpétua durante a Festa, mas também na casa dos Reis de Mastro, Presidentes de Associações e Capitães. William Monteiro me apresentou suas amigas e já logo as convidou para participar das entrevistas, o que fiz, já que uma era congadeira e a outra devota e sua prima de primeiro grau.

Concluídas estas entrevistas e, para perpetuar o laço de confiança e amizade com os entrevistados, fiquei por mais alguns minutos na casa do Rei do Mastro para conversar, aproveitando para fazer outras questões sobre a Festa, e apreciando mais uma cerveja gelada, o que foi um bálsamo diante do forte calor que se fazia na cidade. Durante o mês de agosto, um fato que auxiliou a realização da pesquisa de campo é que os dorenses gostam e se sentem animados em falar sobre a Festa do Rosário. Este é um dos temas preferidos e recorrentes em todas as conversas e em qualquer local ou ocasião.

No dia 11 a tarde, ao caminhar pela Praça do Rosário, ao voltar de uma entrevista na casa de um congadeiro no bairro Juiz de Fora, me deparei com Eduardo Valente, então secretário de cultura de Dorés do Indaiá, o qual conheci ainda durante as pesquisas em 2018. Ao me ver, ele logo veio em minha direção e me cumprimentou. Perguntou se eu ainda estava fazendo pesquisas com o Congado ou se apenas “tinha me apaixonado por Dorés”. Sorri e disse que ambos. Perguntei a Eduardo Valente se poderia entrevistá-lo e expliquei o propósito da atual pesquisa do doutorado. Como de costume, ele aceitou a proposta de entrevista. Nos sentamos em um banco da praça e iniciei o questionário, sem a gravação de imagens pela dificuldade de posicionamento da câmera no local. Sendo assim, fiz os registros por gravação de celular, com o aplicativo “gravador Samsung” e anotando os pontos principais da sua fala.

Fiz ao entrevistado a pergunta P.2, com a resposta padrão recebida em seguida. Depois, fiz a questão P.3. Eduardo Valente me respondeu que sentiu um grande impacto no turismo, principalmente o turismo cultural, pois a Festa sempre congregou a presença de moradores das cidades locais e, também, da região metropolitana de Belo Horizonte, fato que durante 2021, com algumas partes da programação da Festa, ainda foi muito pouco. Ele destacou que o Hotel da Regina, um dos poucos da cidade, que sempre ficava lotado, até mesmo neste ano de 2022 estava com muitas vagas disponíveis. Disse também que foram necessárias mudanças na estrutura da Festa, como as limitações de participação dos congadeiros e devotos em alguns espaços, o que modificou diretamente a tradição da Festa. Ele ressaltou que, apesar de parecer algo simples e bobo, não era, pois “já teve anos anterior de congadeiro sair no braço com outro só porque viraram o lado errado da rua. Para eles seguir a tradição à risca é essencial”. Também, observou que houve uma grande perda na economia local, pois se vendiam muitos materiais específicos para a Festa do Rosário, como flores naturais e artificiais ou fogos de artifício, por exemplo. Neste momento, aproveitei que estava em diálogo direto com um membro do Poder Público local, responsável pela pasta da cultura, e perguntei a ele se houve medidas da Prefeitura para auxílio à manutenção das tradições. Eduardo Valente respondeu que não se pode fazer muita coisa, devido ao cuidado que a doença estava exigindo das pessoas e as restrições sanitárias que deviam ser obedecidas. Porém, como forma de garantir que, minimamente, a tradição não morresse durante aqueles anos, foi permitido a realização da carreata com as imagens, em 2020, e a realização da Festa em 2021, mesmo com muitas restrições. Para ele, foi uma forma para que a população visse que a tradição da Festa do Rosário estava “vencendo o vírus”. Destacou que mesmo sendo uma medida simples e paliativa estava tendo grandes resultados entre todos, pois dava novo “gás pra que todos resolvessem seguir em frente e não desistir”.

Para as perguntas P.4.1 e P.4.2, Eduardo Valente disse que pouco crê na possibilidade de que algo assim afete a Festa. Segundo ele, o dorense, mesmo não católico, tem um apego ao Congado e isso faria com que ele se movimentasse para que a Festa ocorresse, mesmo que após algum tempo e com o custo de ter de mudar sua estrutura novamente. Segundo ele, “não é algo como uma pandemia que faria o Congado parar de bater caixa”. Quando fiz a questão P.4.3, o entrevistado, inicialmente, se mostrou incrédulo de que uma pandemia pudesse durar tanto tempo, pois já temos uma medicina muito avançada para que isso acontecesse, porém, caso ocorresse, acha que a Festa precisaria de algumas mudanças de atenção depois, como os cuidados sanitários, mas ainda assim aconteceria algo. Ao ser

deparado com a questão P.4.4, Eduardo Valente disse que não acredita, de maneira alguma, que uma pandemia acabasse com a Festa, pois lembrou que mesmo no período mais acirrado da pandemia atual houve pessoas nas ruas e sem nenhum cuidado sanitário, seguindo suas vidas normalmente. Pedi a ele que imaginasse a hipótese. O secretário respondeu que se, muito dificilmente isso ocorresse, mudaria totalmente as características socioculturais de toda a região, pois o Congado é uma tradição que ocorre a quase dois séculos em todas as cidades da região de Bom Despacho. Ele ressaltou que quando se fala, fora do centro-oeste, sobre Dores do Indaiá, logo as pessoas falam: “Ah, então você é da Terra do Congado?”. Isso é uma marca tão forte na cultura local que toda a população tem algo de cultura popular em seu cotidiano, mesmo que não perceba. Ele exemplificou como é comum andar pelas ruas em qualquer período e encontrar pessoas cantarolando cantos congadeiros.

Por fim, com a pergunta P.5, Eduardo Valente disse que não se vê mudando da cidade por conta disso, mas reconhece que a vida já não seria mais a mesma. Ele informou que mesmo não sendo congadeiro e nem ao menos recebendo ternos em sua residência, o Congado é algo que lhe dá ânimo, portanto tem a ciência de que viver em uma Dores do Indaiá sem a tradição congadeira seria muito triste. Agradei ao secretário de cultura e segui para a casa de Viviane Giordani para fazer o almoço junto com ela, para no período da tarde realizar novas entrevistas.

No dia 13, às 16h30 da tarde, já na programação oficial da Festa do Rosário, assisti a uma apresentação aberta, em frente a sede da Comissão de Congados do Bairro São Sebastião, liderada pelo capitão Derli Batista. Após a apresentação de todos os ternos da comunidade, entrei na sede, que fica na casa do próprio capitão, para entrevistá-lo. Havia marcado, via WhatsApp, a conversa e ele indicou que este seria o melhor momento, tendo em vista que as demais atividades da Festa são muito corridas para o capitão e presidente da comunidade. Ele me levou até algumas cadeiras encostadas em uma parede lateral de uma parte coberta, ao lado de alguns instrumentos que estavam aguardando o momento certo da saída do terno Caixinha e Bombacha. Nos sentamos e ele pediu silêncio a outros congadeiros próximos para a entrevista. Pedi autorização para a gravação, a qual foi dada, e posicionei a câmera sobre uma outra pilha de cadeiras, colocando-as a lateral do capitão.

Realizei a pergunta P.2 seguida da P.3. Derli Batista enfatizou como a pandemia foi prejudicial para a Festa em sua tradição. Segundo o capitão, houve quebras significativas em sua organização, já que momentos muito importantes não puderam acontecer, como o

passamento das coroas que marca o momento no qual os devotos se tornam parte do novo Reinado e, desta forma, cumprem com as promessas feitas. O entrevistado destacou que “para quem tem fé nos santos, não poder cumprir com o seu combinado com eles é algo muito sério”. Outro momento importante não realizado em 2021 foi justamente o pagamento das promessas, quando os ternos dão oito voltas ao redor da Igreja do Rosário para que, em especial os devotos, possam cumprir por vez as promessas, já que é este o momento do cronograma da Festa dedicado a isso. Dar de comer aos ternos é uma das formas de “pagar” o pedido feito. Desta forma, as duas maneiras legítimas de agradecer e “pagar ao Santo” a graça recebida foram descartados da programação oficial.

Para as perguntas P.4.1 a P.4.3, Derli Batista foi firme em sua resposta de que não seria possível não haver a Festa do Rosário em seu formato normal, independente de quanto tempo a pandemia durasse, pois, segundo ele

“a fé nos Santos e Santas é maior do que tudo e isso não pode fazer com que os Congados parem de tocar suas caixas. Pode acontecer quantos anos de pandemia for, o Congado sempre continuará. Até porque, essa não seria a primeira ameaça que nós sofremos, resistimos e sobrevivemos!”

Importante fazer o destaque, dado por Derli Batista, que no passado outros contratempos tentaram “impedir” a realização das apresentações do Congado, como a imposição da Diocese de Luz, o que foi contornado pela atuação do avô de William Monteiro, o “quase lendário” capitão Antônio Martins que levantou mastros em frente a sua casa para que a Festa permanecesse de forma tradicional.

Sobre a pergunta P.4.4, Derli Batista foi reticente em responder à questão, pois, segundo ele, era completamente impossível algo do tipo acontecer. Não sobre a pandemia, mas sobre a possibilidade do Congado parar. O capitão chegou a brincar que “nem uma guerra acaba com o Congado”. Ainda assim, insisti na resposta sobre o que ocorreria caso algum “agente externo” fizesse com que tal fatalidade ocorresse. Derli Batista respondeu que, com o fim do Congado, haveria o fim de muitos congadeiros, já que muitos desses “respiram, vivem e se alimentam de Congado”. Fiz então, por fim, a pergunta P.5. Derli Batista respondeu que certamente ele se mudaria de Dores, pois não haveria mais sentido para ele continuar na cidade sem o Congado.

Concluída a entrevista com o capitão, agradei e fui convidado a acompanhar as visitas dos ternos da comunidade São Sebastião durante o dia seguinte, o que aceitei para

poder entrevistar outros congadeiros. Sai da sede da comunidade e fui até o início da concentração para a procissão congadeira, a qual ocorreria em poucos minutos.

Além das entrevistas destacadas de devotos, congadeiros, Poder Público e comerciantes, houve algumas respostas que merecem destaque para reflexão sobre os dados deste trabalho, em especial, do devoto Ewamir de Souza. Sua entrevista foi realizada durante o último dia da novena de Nossa Senhora das Dores, no coro da Igreja da santa, as 21h30, após a celebração. Ewamir de Souza me concedeu uma entrevista rica, de 1h30, com diversas informações importantes. Dentre elas, destaco, como já dito acima, que sua resposta da pergunta P.2 foi: esperança. Segundo o devoto, muitas pessoas haveriam percebido que a pandemia trazia a esperança de que um momento melhor estava por vir, principalmente para o Congado, pois em anos anteriores a cultura popular se enfraqueceu devido a problemas internos e a inviabilização da realização da Festa pela pandemia fez com que os congadeiros sentissem na pele a sua importância.

Muitas das respostas da pergunta P.3 trouxeram, além das perdas para a tradição do Congado, o tema da inviabilidade social do negro, tendo em vista que eles são os grandes detentores da tradição ancestral desta cultura popular e, por conta disso, são os membros mais importantes da região durante as festas de Congado. Isso mostra também o como esta parte da população é inviabilizada fora dos períodos de festas.

Quanto as perguntas acerca da possibilidade de novos períodos pandêmicos, muitos entrevistados se mostraram, primeiro, incrédulos sobre novas pandemias e, principalmente, que um outro evento pudesse durar tanto tempo. Conforme a pergunta apontava um possível tempo maior de pandemia, mais inconformados com a hipótese o entrevistado ficava e, nitidamente, pelo pensamento de que impacto isso traria à Festa. Sendo que então, na pergunta P.5, muitos dos entrevistados respondiam imediatamente sobre sua mudança da cidade.

A seguir, será tratada de forma generalizada o total das respostas dadas.

3.4 VALIDAÇÃO DOS DADOS E CRIAÇÃO DE CENÁRIOS

Após a realização das visitas de campo em 2022 e 2023, baseado na análise dos anos de 2020 e 2021, e, após entrevistas com o grupo de agentes e validação do grupo dos peritos,

todas as entrevistas foram tabuladas em uma planilha de excel, com as perguntas destacadas no capítulo anterior e chegando nos resultados abaixo para cada uma delas.

39,2% dos entrevistados foram devotos e devotas, seguidos de 15,7% de capitães e 7,8% de comerciantes e congadeiros. Portanto, o perfil majoritário dos entrevistados foi justamente o público que sentiu o impacto da ruptura temporal pandêmica justamente no agenciamento da sua fé. Os membros da comunidade Juiz de Fora foram a maioria dos entrevistados, somando 23,5%, seguidos da comunidade Antônio Martins, com 13,7%, sendo essa a mais periférica da cidade e de maioria de componentes negros. 13,7% dos entrevistados são membros dos catupés, contra 7,8% dos Moçambiques, contudo a maioria dos entrevistados, 72,5%, não compõem ternos. A maior parte dos entrevistados estava na faixa etária de 31 a 50 anos, com 43,1%, seguidos dos membros de 51 a 69, com 31,4%. Os homens foram maioria, com 52,9%, contra 47,1% de mulheres. Dos congadeiros e devotos, 76,5% informaram que foram influenciados pelos pais a serem congadeiros, ou basearem sua devoção nos Congados. Dos que são congadeiros, 54,9% informaram pertencer a algum terno entre 21 e 40 anos. Do total de entrevistados, 58,8% são brancos contra 41,2% de negros.

Podemos afirmar que o perfil majoritário dos entrevistados é composto por devotos que não participam de ternos, sendo muitos residentes do bairro Juiz de Fora, em idade adulta ou idosa, quase equilibrados entre homens e mulheres, brancos e que receberam influência de sua devoção de forma hereditária. Dos congadeiros, são majoritariamente compostos de membros das comunidades Juiz de Fora ou Antônio Martins, a maioria dos Catupes e Moçambiques, adultos ou idosos, quase equilibrados entre homens e mulheres, também influenciados pelos pais, como costuma ocorrer em culturas populares (Arrebola, 2020) e pertencentes a algum terno a ao menos duas décadas, em sua maioria brancos, ainda que na comunidade Antônio Martins se verifique uma maioria de negros.

Segue abaixo os devidos gráficos:

Gráfico 1 – Função dos entrevistados no Congado ou no município

Contagem de FUNÇÃO

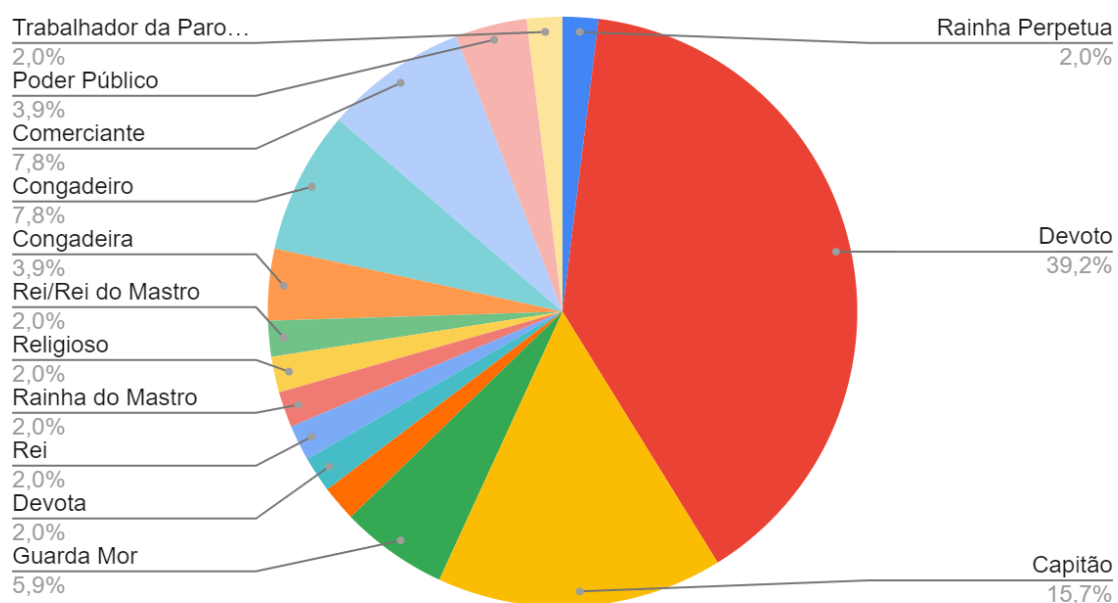


Gráfico 2 - Reino ou comunidade em que os congadeiros atuam

Contagem de REINO

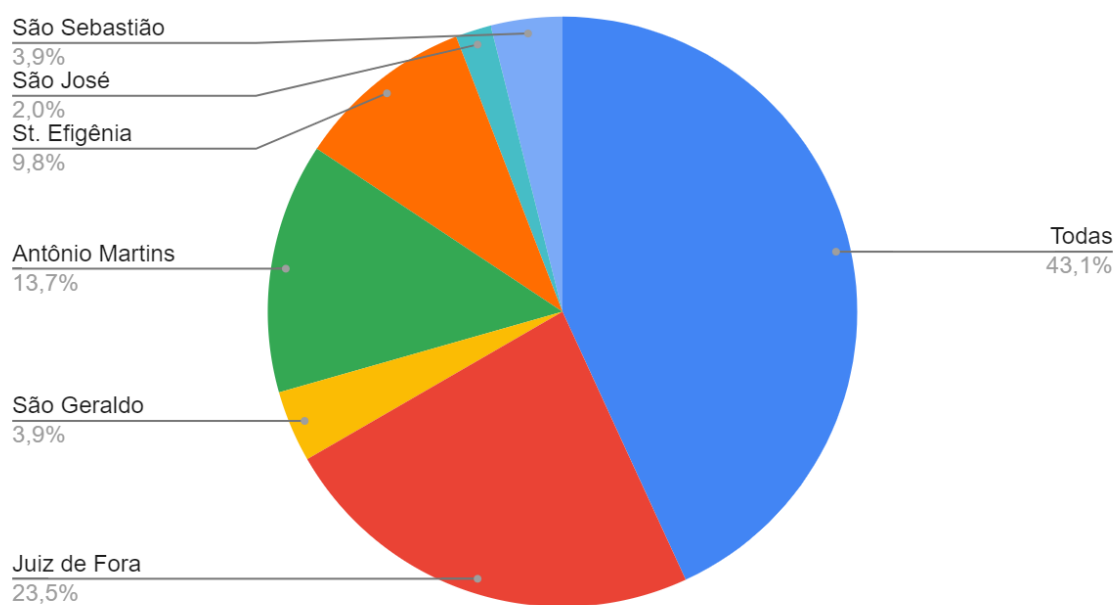


Gráfico 3 - Tipo de grupo que os congadeiros dançam

Contagem de GRUPO

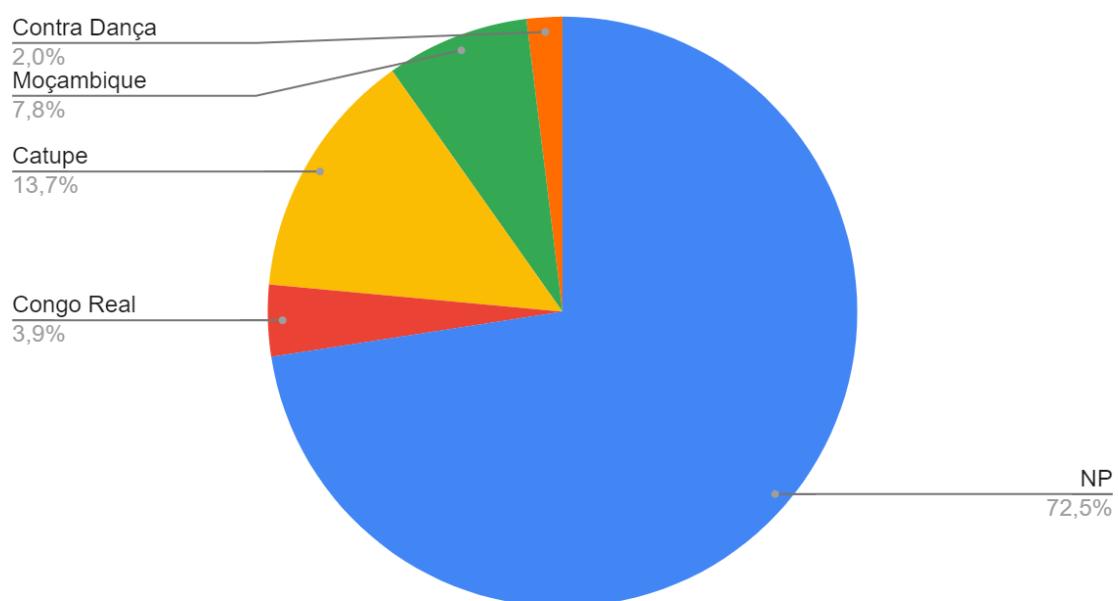


Gráfico 4 – Idade dos entrevistados

Contagem de IDADE

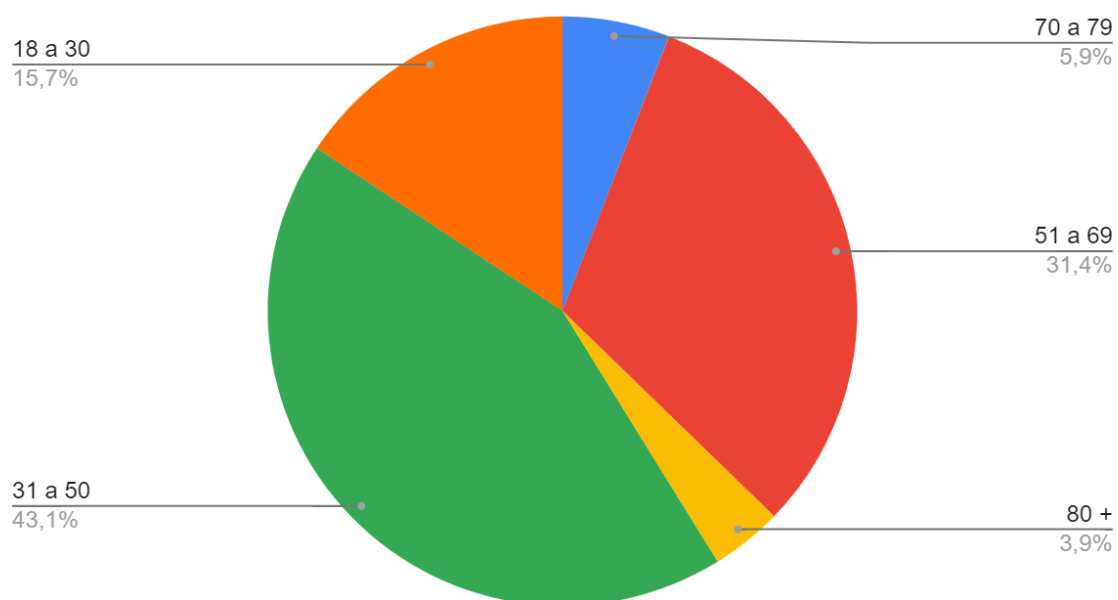


Gráfico 5 – Sexo dos entrevistados

Contagem de SEXO

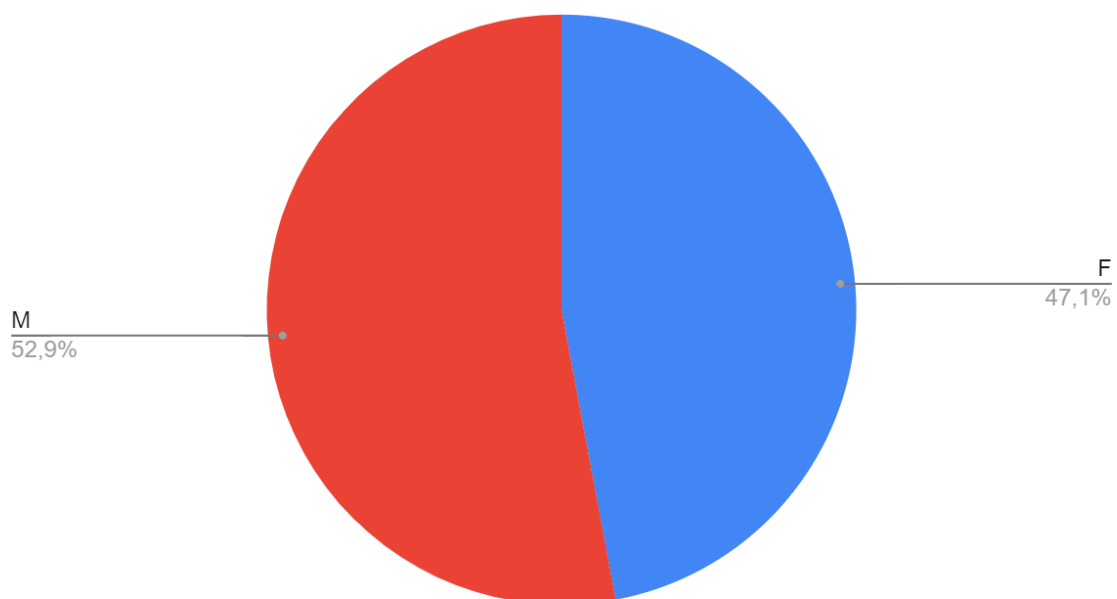


Gráfico 6 - Influência familiar na participação dos ternos ou da Festa do Rosário

Contagem de INFLUÊNCIA FAMILIAR

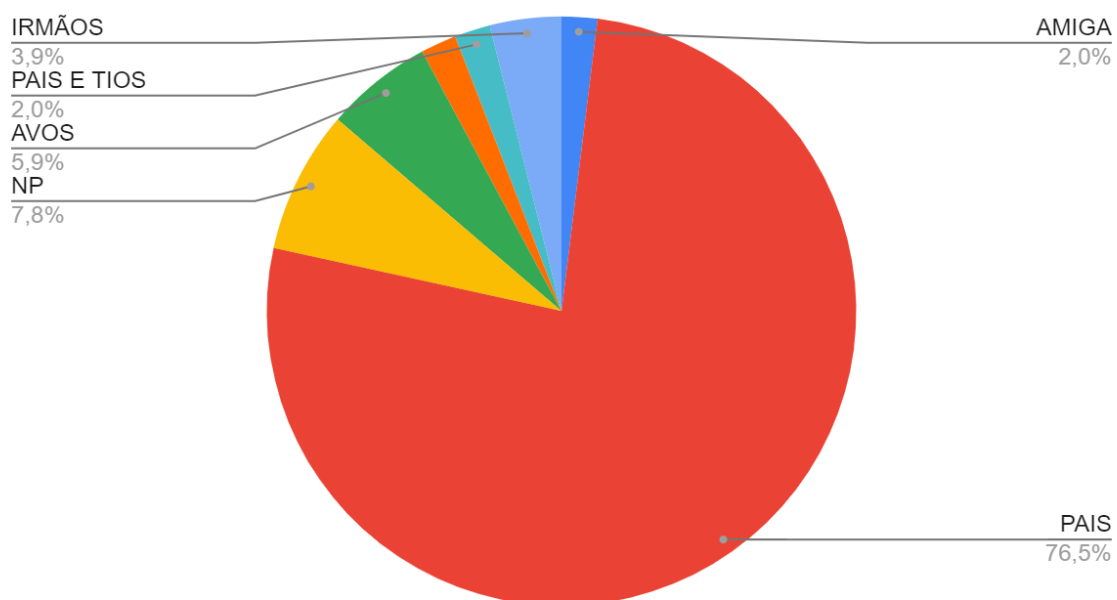


Gráfico 7 - Tempo de participação nos ternos de Congado

Contagem de TEMPO DE CONGADO

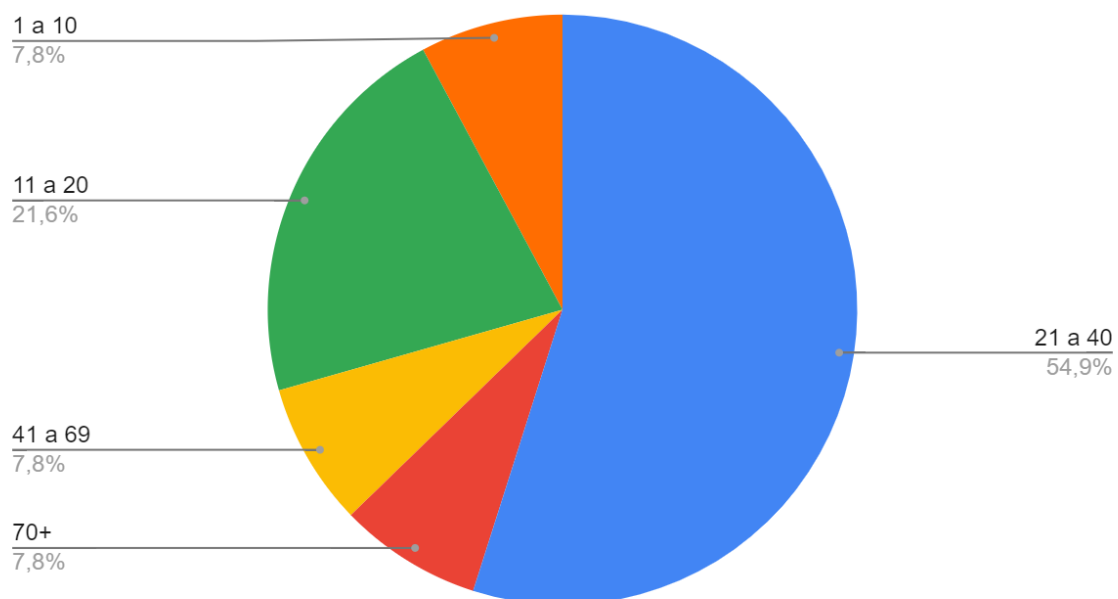
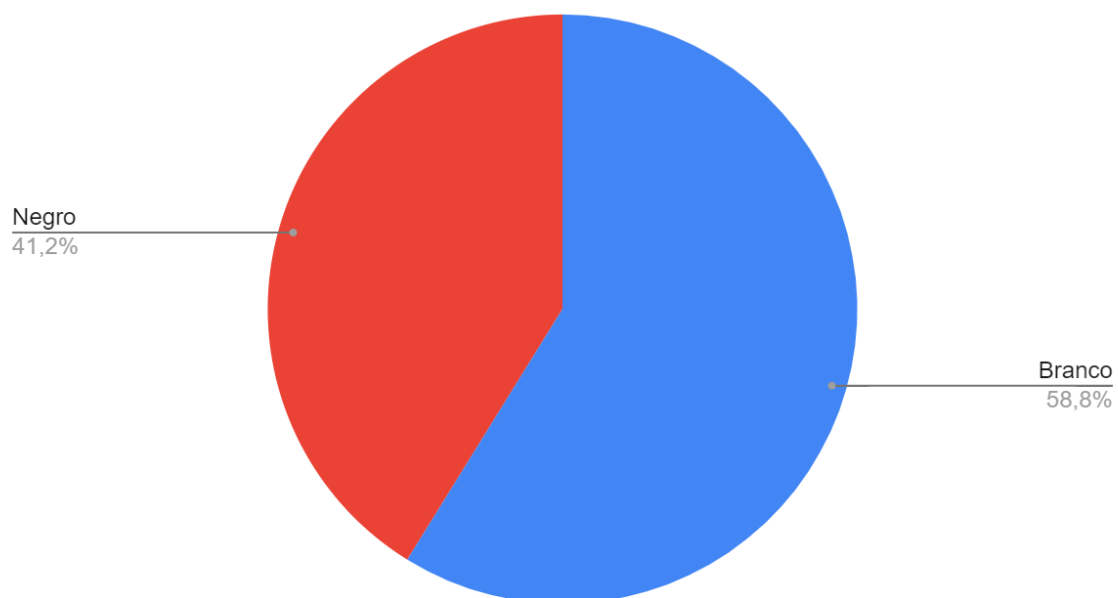


Gráfico 8 – Cor da pele dos entrevistados

Contagem de COR



Ressalto que, no questionário, optei por não utilizar perguntas sobre identidade de gênero e orientação sexual tendo em vista o perfil conservador do local e, também, a dificuldade ao longo dos anos de abertura de portas para a pesquisa de campo, o que facilmente poderia mudar ao tratar de assuntos tabus entre pessoas de idade adulta, religiosas e conservadoras. Como dado, destaco que na eleição de 2018 o candidato conservador, Jair Bolsonaro, foi o mais votado em Dores do Indaiá com 69,58%³⁵ dos votos no segundo turno, e, em 2022, com 59,25% no segundo turno³⁶.

Ainda com estes entrevistados, foram feitas demais questões. A primeira pergunta foi “Quais os sentimentos lhe vêm à mente ao lembrar os anos de 2020 e 2021 em Dores do Indaiá?”, onde apenas um único entrevistado, Ewamir de Souza, disse ter esperança de dias melhores, contra todos os demais que lembraram estes anos com a palavra tristeza, justificando a perda de parentes ou amigos, os efeitos da pandemia, a economia da cidade e sempre ressaltando a não realização da Festa de Nossa Senhora do Rosário no formato convencional.

Em seguida foi questionado “Quais os impactos você acredita que houve nestes anos para a comunidade, o congado e os moradores da cidade?”. Os entrevistados trouxeram em suas falas muitas perdas e impactos, onde se destaca três blocos de temas: econômico, sobre a festa e sobre os efeitos diretos da pandemia. Majoritariamente, aparecem temas ligados à Festa, onde 16,4% se mostraram preocupados com a quebra da estrutura da Festa, enquanto 9,7% se preocupavam com as mudanças causadas pela pandemia. Também 9,7% se preocupavam com a perda de saberes tradicionais, tendo em vista o falecimento de antigos congadeiros e capitães. Ainda nesta linha, 9% informaram haver impactos com a perda da cultura local a partir do momento em que a maior tradição da cidade não estava ocorrendo. 3% disseram que um dos impactos foi a invisibilidade social pela ausência da festa, já que neste período as pessoas negras é que tem destaque e, como disse a devota Emiliani Giordani, “eles é que são os verdadeiros Reis e Rainhas”.

³⁵ Informação disponível no Mapa da Apuração de 2018 da página do Globo.com, disponível em <https://especiais.g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/mapa-da-apuracao-no-brasil-presidente/2-turno/> acessado em 19/01/2023, às 20h59.

³⁶ Informação disponível no Mapa da Apuração de 2022 da página O Globo, disponível em <https://infograficos.oglobo.globo.com/politica/eleicoes-2022/mapa-votacao-municipios-e-estados-do-brasil.html#/presidente?desempenho=geral&estado=MG&municipio=3123205>, acessado em 19/01/2023, às 21h21.

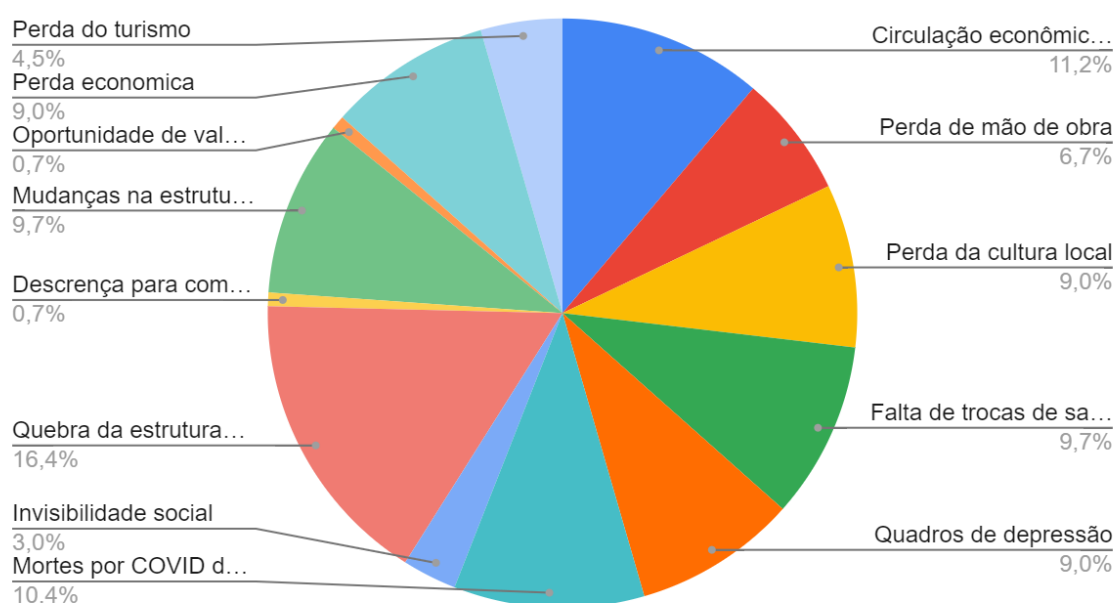
Sobre a economia, 11,2% citaram preocupação com a circulação econômica na cidade, 9% com a perda econômica de lucros sobre vendas, ainda 6,7% se mostraram preocupados com a perda de mão de obra, sobretudo de atividades ligadas a Festa do Rosário, como costura, jardinagem, limpeza e cozinha. Por fim, 4,5% com a perda do turismo, também relacionado a Festa de Nossa Senhora do Rosário, tendo em vista que é o evento que movimenta a maior quantidade de pessoas de fora da cidade.

Sobre os efeitos diretos da pandemia, houve o relato da perda de devotos e congadeiros por 10,4% dos entrevistados e ainda 9% disseram ter havido casos de depressão. 0,7% relataram estar descrentes com o futuro durante os efeitos pandêmicos.

Abaixo o gráfico correspondente a questão:

Gráfico 9 – Impactos sentidos em Dorés do Indaiá durante a pandemia

Contagem de IMPACTOS



Em seguida, os entrevistados foram perguntados se acreditavam que “Caso houvesse outra grande pandemia ou algum outro fator extremo que impedisse a realização da festa por três anos, como você acha que você e a população dorense reagiriam?”, onde 68,6% disseram que a Festa permaneceria normal, enquanto 31,4% disseram que ela permaneceria, mas com mudanças. Já quando feita a mesma questão para um período de cinco anos, 49% opinaram que permaneceria, mas com mudanças, enquanto para 25,5% permaneceria normal, e,

também 25,5% acreditavam que talvez a festa permanecesse sendo realizada. Quando questionados sobre um período de 10 anos, 31,4% dos entrevistados acreditavam que a Festa não existiria mais, depois, 27,5% disse que a Festa talvez permaneceria e 27,5% que permaneceria, mas com mudanças e somente 13,7% disse que permaneceria normal. Por fim, quando questionados sobre “E se ocorresse alguma coisa que impedisse a realização da festa do Rosário para sempre, como você acredita que passaria a ser a realidade e o cotidiano de Dolores do Indaiá? e o seu?”, 62,7% dos entrevistados disseram que sua vida mudaria muito, enquanto 25,5% disseram que mudaria pouco e somente 11,8% afirmaram que sua vida não mudaria nada. Quando questionados “Se por algum motivo a festa não pudesse mais ser realizada, você permaneceria em Dolores do Indaiá”, 60,8% disseram que não permaneceriam em Dolores do Indaiá, 21,6% disseram que permaneceriam e ainda 17,6% ficaram indecisos se permaneceriam ou não.

Abaixo segue os devidos gráficos:

Gráfico 10 - Efeitos da pandemia na festa em 3 anos.

Contagem de P 4.1

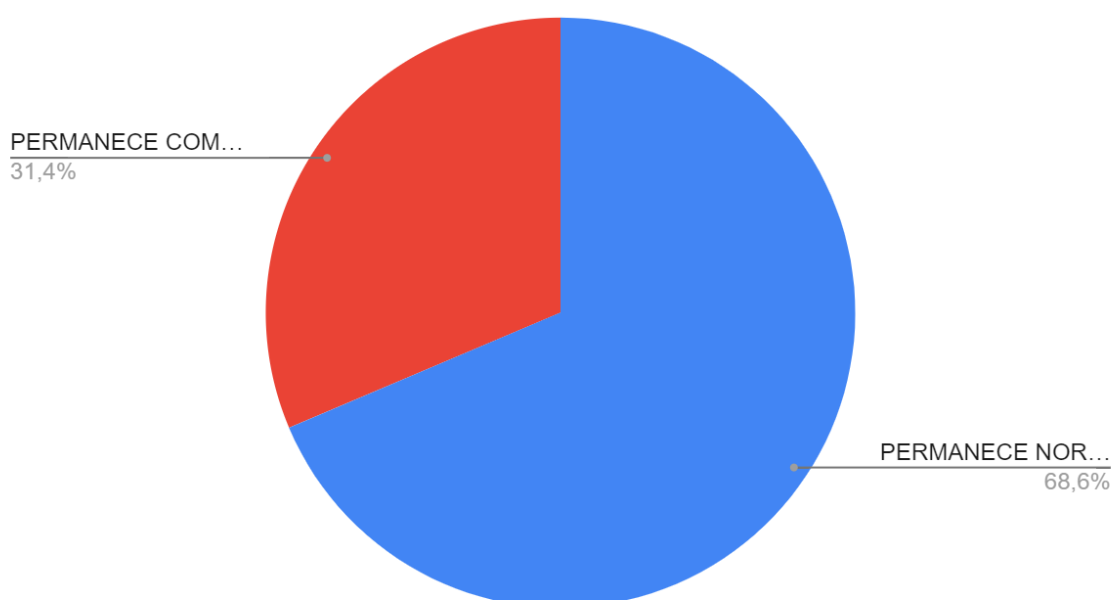


Gráfico 11 - Efeitos da pandemia na Festa em 5 anos.

Contagem de P 4.2

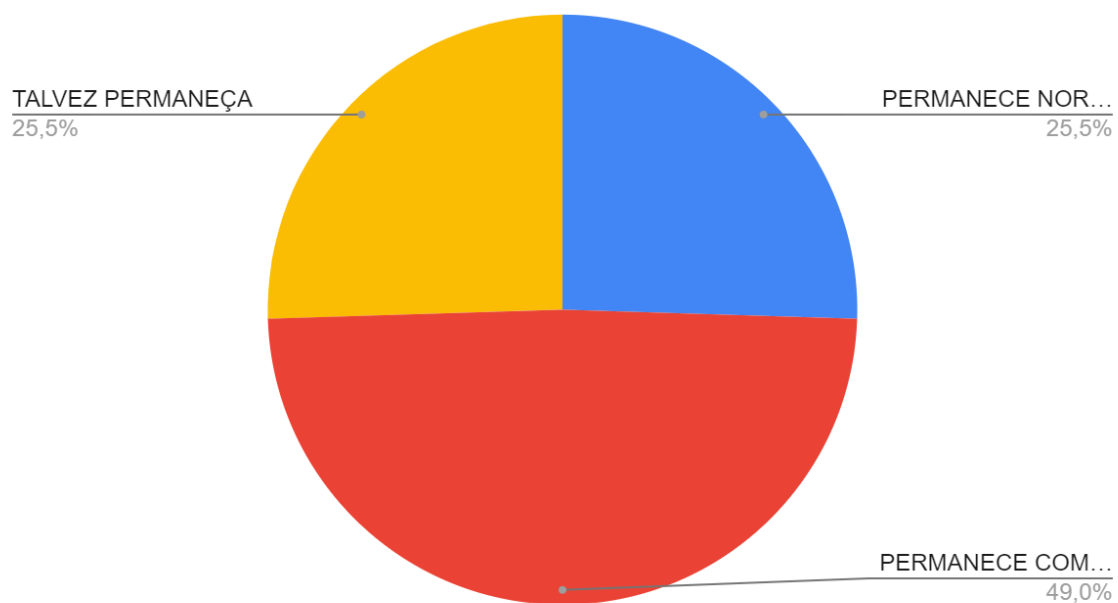


Gráfico 12 - Efeitos da pandemia na Festa em 10 anos.

Contagem de P 4.3

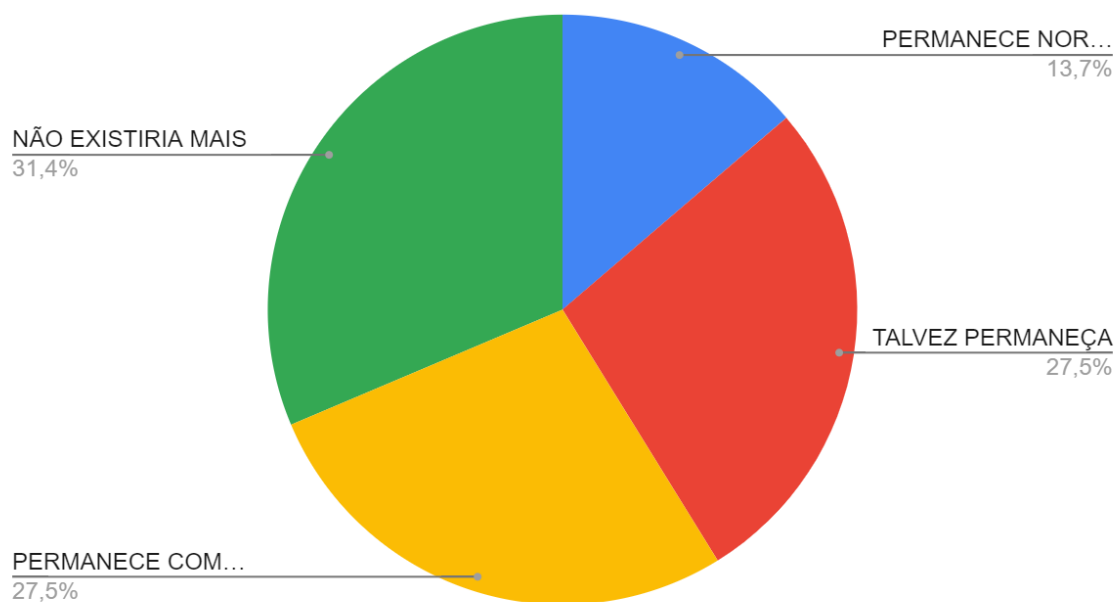


Gráfico 13 - Mudança de vida caso fim permanente da Festa.

Contagem de P 4.4

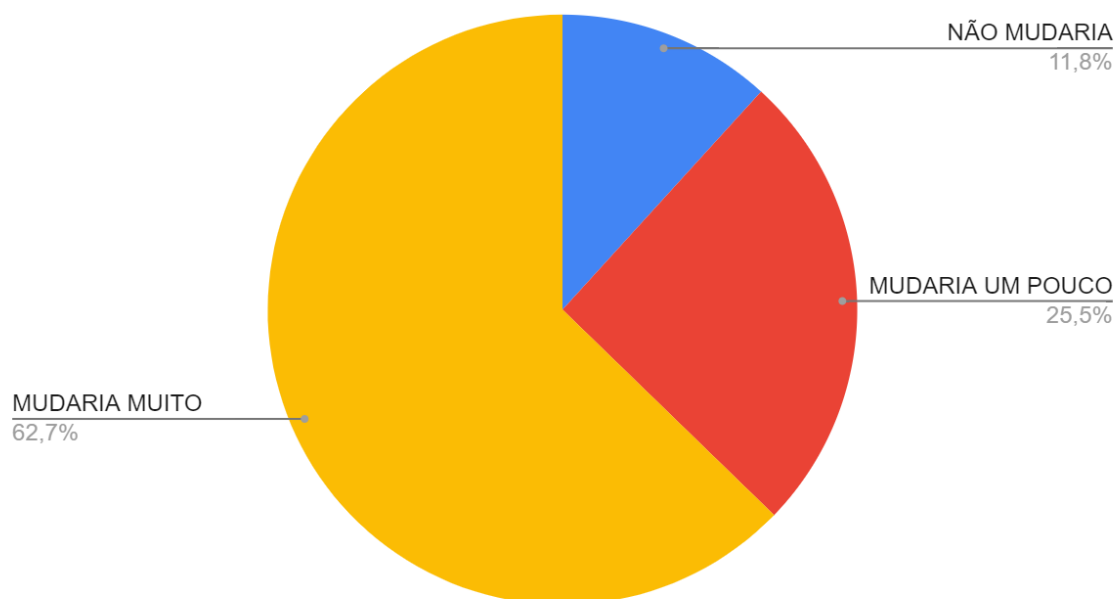
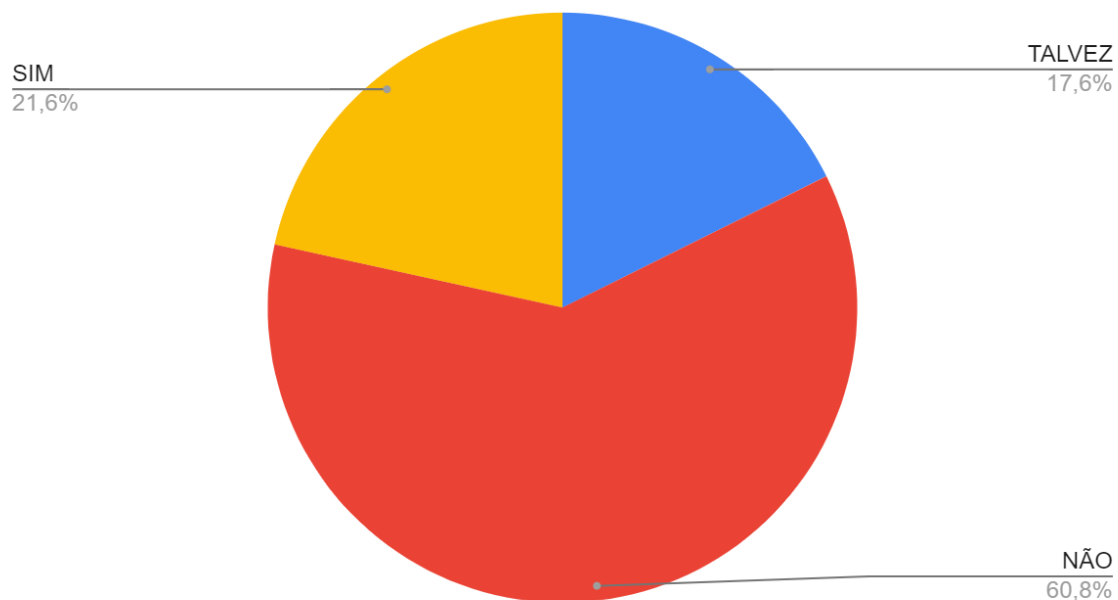


Gráfico 14 - Permanência na cidade caso haja o fim da Festa.

Contagem de P 5



3.4.1 Construção dos cenários de futuro do Congado de Dores do Indaiá

Destas respostas, foram criados os cenários possíveis conforme a nota dada as respostas em maior quantidade, de 0 a 5, sendo 0 o cenário menos provável e 5 o mais provável, onde então o cenário sobre os efeitos pandêmicos de três anos sobre a Festa aparece como o mais plausível, sendo a média de 4,68, contra 4,23 para o cenário de 5 anos de efeitos pandêmicos e 3,76 para 10 anos de efeitos.

Conforme destacado na metodologia, no capítulo 2, a criação dos cenários consiste em um exercício narrativo, baseado nas respostas e no conhecimento sobre o local, bem como, as variáveis dadas pelos agentes na pergunta três.

Sobre o cenário de efeitos pandêmicos sobre a Festa em três anos, foi construído o cenário abaixo:

“Após o período de três anos de uma nova pandemia que obrigou novos períodos de lockdown, restrições sanitárias e ocasionou a morte de devotos e congadeiros, a Festa de Nossa Senhora do Rosário de Dores do Indaiá retomou sua realização com um primeiro ano de flexibilização branda das restrições, permanecendo a necessidade do uso de máscaras, distanciamento e não realização dos atos da Festa que geram aglomeração. Decorrido mais um ano, a Festa retomou sua programação convencional”.

Para este cenário foi considerada a retomada da pandemia atual em Dores do Indaiá, onde em 2022 ainda eram observadas restrições sanitárias e, em 2023, a Festa já seguia seu cronograma convencional, com a participação de todos os grupos, número semelhantes de devotos no Reinado e todos os atos da Festa em sua sequência semelhante. Nesta hipótese, por se tratar de uma pandemia de três anos, não considere as visões do presente e do futuro, apontadas na metodologia de Grumbach.

Em seguida, foi criado o seguinte cenário para a possibilidade de cinco anos de efeitos pandêmicos sobre a Festa:

“Após o período de cinco anos de uma nova pandemia que obrigou a grandes e longos novos períodos de lockdown, restrições sanitárias e ocasionou expressivo número de mortes de devotos e congadeiros, a Festa de Nossa Senhora do Rosário de Dores do Indaiá retomou sua realização com dois primeiros anos de flexibilização branda das restrições,

permanecendo a necessidade do uso de máscaras, distanciamento e não realização dos atos da Festa que geram aglomeração, bem como, uma programação com um dia a menos. Em virtude da pandemia e da grande perda econômica sobre a cidade, muitos devotos optaram, ainda no terceiro ano, já com menos restrições como a de distanciamento e uso de máscaras, mas ainda a não aglomeração, em não servir refeições aos ternos. A partir de um quarto ano, a Festa retomou sua programação convencional e retomou a quantidade natural de ternos e devotos presentes nas festividades, porém sempre evitando grandes aglomerações, sendo assim momentos que reúnem muitos membros dos ternos são feitos em locais mais abertos, como o pagamento de promessas em volta da Igreja de Nossa Senhora das Dores, localizada em uma praça mais ampla”.

Este cenário usou como condição um período maior de restrições, tendo em visto o tempo maior de continuidade da nova pandemia, e considerou também a perda econômica da cidade, usando como base a pandemia atual. Além disso, também considerou as possibilidades locais de não aglomeração. Seguindo a metodologia de Grumbach, neste cenário e nos próximos as visões do presente e do futuro já são consideradas, por conta disso, o texto reforça a perda econômica e considerada anos adicionais para a retomada convencional da programação da Festa, portanto, com o giro econômico local de forma que possa garantir a aquisição de materiais necessários.

Por fim, o cenário baseado em uma pandemia de 10 anos de duração foi:

“Após o grande período de dez anos de uma nova, e agressiva, pandemia que obrigou a grandes, sucessivos e longos períodos de lockdown, restrições sanitárias e ocasionou um alarmante número de mortes de devotos e congadeiros, a Festa de Nossa Senhora do Rosário de Dores do Indaiá retomou sua realização com um primeiro ano na forma de carreata, como ocorrido durante a pandemia de 2020, com ainda baixa adesão de devotos. Depois, nos outros três anos seguintes, houve flexibilização branda das restrições, permanecendo a necessidade do uso de máscaras, distanciamento e não realização dos atos da Festa que geram aglomeração, bem como, uma programação com um dia a menos e com o pedido da Diocese de Luz de quem pessoas com comorbidades, idosas, gestantes e crianças não frequentassem as atividades presenciais da Festa. Em virtude da pandemia e da grande perda econômica sobre a cidade e todo o país, muitos devotos optaram ainda no quarto ano, já com menos restrições como a de distanciamentos, mas ainda com uso de máscaras e a não aglomeração, em não servir refeições aos ternos. A partir de um quinto ano, a Festa retomou sua

programação convencional e retomou a quantidade natural de ternos presentes nas festividades, porém com menos devotos nos espaços abertos, sobretudo os mais idosos, e sempre evitando grandes aglomerações, sendo assim momentos que reúnem muitos membros dos ternos são feitos em locais mais abertos, como o pagamento de promessas em volta da Igreja de Nossa Senhora das Dores, localizada em uma praça mais ampla. Além disso, tornou-se uma preocupação constante do Poder Público local e da Igreja o uso de álcool gel na entrada dos espaços fechados”.

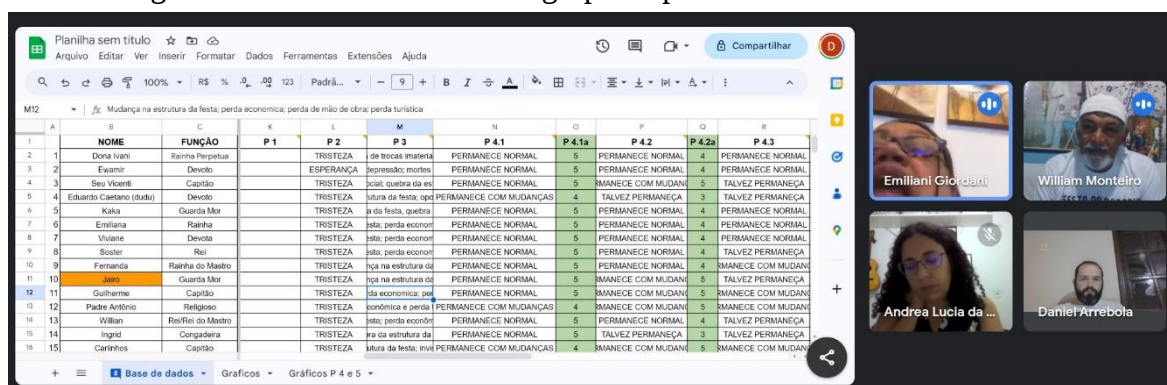
Este último cenário, mais alarmante, baseou-se nos piores cenários da pandemia no Brasil, sobretudo no início do ano de 2021, período no qual foram observados números recordes de mortes diárias e, por conta disso, lockdowns mais restritivos e perdas econômicas graves em alguns locais. Além disso, considerou as estratégias usadas durante a pandemia atual e que poderiam se perpetuar em caso de outras. Como se trata de uma hipótese de maior duração, considerou também a redução da participação de pessoas em quadro de maior risco de contágio no cotidiano da Festa, sobretudo pessoas mais idosas, sendo o público mais frágil a esta situação.

3.4.2 Validação dos peritos

Com os dados do grupo de agentes tabulados, as respostas mensuradas por notas e os possíveis cenários de futuro criados, foi o momento de reunir o grupo de peritos para a validação final.

No dia 31 de julho de 2023 foi realizada a primeira reunião do grupo, de forma virtual, pela plataforma Google Meet. Ao iniciar, todos os peritos e eu se apresentaram e falaram qual a sua relação com a antropologia ou com os Congados. Em seguida, apresentei aos presentes, novamente, qual era a minha proposta de pesquisa e o funcionamento da metodologia de cenários, tendo como premissa a validação dos cenários por parte dos peritos.

Figura 11 – Primeira reunião do grupo de peritos.



Fonte: do próprio autor.

Feitas as apresentações e considerações, os dados tabulados das entrevistas realizadas em 2022. Como forma de facilitar a visualização de todos os dados e sua compreensão, optei por apresentar os gráficos inseridos acima. Discorri sobre cada uma das perguntas e suas respostas.

Solicitei então que cada perito apresentasse sua opinião sobre as respostas dadas pelos entrevistados. Todos os participantes concordaram com as respostas. Emiliani Giordani destacou a resposta dada pelo devoto Ewamir de Souza sobre o sentimento de esperança durante a pandemia, pois segundo ela a cidade teria passado por este momento com mais tranquilidade se todos pensassem desta forma. William Monteiro destacou a importância de olhar sobre o impacto da inviabilidade social do negro pela ausência da Festa. Ele disse que se impressionou com a quantidade de entrevistados que fez este destaque e se sentiu feliz por ver que muitos dos que falaram isso são pessoas brancas.

Dadas estas considerações, apresentei as notas aplicadas a cada uma das possibilidades de cenários e fiz a leitura de cada um deles. Após a leitura de cada um, pedi que os peritos avaliassem o cenário sobre a sua possibilidade, tomando como modelo a metodologia de Grumbach, onde deveria ser pensado qual o cenário mais possível e o ideal. Contudo, diante do tema escolhido para a pesquisa, foi dado o consenso entre os peritos que o cenário ideal seria o que evitasse o acontecimento de novas pandemias, portanto, compreendia-se que entre as propostas nenhuma poderia ser considerada a “ideal”, entretanto, o cenário de três anos, por ser o mais breve, poderia assim ser a “ideal”.

Das quatro avaliações, os cenários sobre os impactos na Festa do Rosário após uma pandemia de três anos e uma de cinco anos, assim como as notas dadas, foram justamente os cenários destacados como mais plausíveis. Portanto, conforme a metodologia proposta, eles avaliaram cada um opinando sobre sua possibilidade, pouca possibilidade, muita possibilidade ou impossibilidade, sendo o cenário de 10 anos considerado pouco possível, o cenário de cinco anos razoavelmente possível e o cenário de três anos possível.

Seguindo a metodologia do grupo de peritos, pedi que novamente todos reavaliassem suas opiniões sobre os cenários. Após nova leitura, todos os peritos reforçaram as escolhas anteriores. Pedi então, que cada um comentasse sobre os cenários escolhidos. Para o cenário de três anos, foi comentado que é uma mudança esperada diante de uma pandemia e que não muda muito a estrutura da Festa. Também que é o cenário mais possível e que as questões financeiras é que serão determinantes. Andreia Paiva comentou que acredita que o avanço da ciência para uma próxima pandemia trará esta resposta rápida.

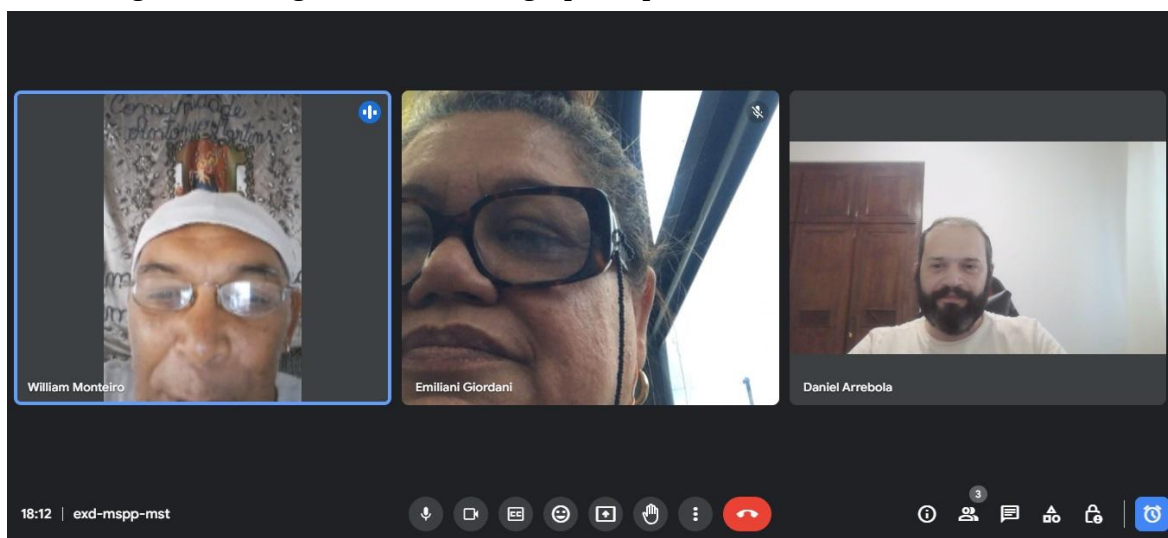
Sobre o cenário de cinco anos, Ana Paula Araujo destacou que as mudanças devem prever um modo de atrair a juventude para a Festa. William Monteiro e Emiliani Giordani opinaram que novamente o impacto financeiro sobre a cidade poderá ser determinante. Andrea Paiva disse que acredita ser pouco provável que a ciência não de conta de uma pandemia por tanto tempo.

Para o cenário de 10 anos, Andrea Paiva reforçou sua opinião sobre o cenário anterior, entretanto, Ana Paula Araujo pontou que isso poderia ocorrer caso tenhamos um ciclo contínuo de várias doenças assolando a população. Emiliani Giordani disse que ainda acha que o que dirá se a Festa voltará ou não ainda será o financeiro, pois com o fim da pandemia de tanto tempo as pessoas teriam de ter dinheiro guardado para realizá-la. Opinou também que se nesse período as pessoas aderirem ao pentecostalismo, isso pode ser uma ameaça a manutenção da Festa, já que atualmente muitas pessoas a abandonam por conta disso.

Feitos os comentários, solicitei novamente aos peritos que fizessem a escolha por dois cenários mais possíveis. Portanto, reforçando as respostas anteriores, os cenários de três anos e cinco anos, consecutivamente, foram os selecionados para revalidação em campo com o grupo de agentes e para uso base na etnografia do futuro, que será tratada no capítulo a seguir.

Na segunda reunião do grupo de peritos, realizada no dia sete de fevereiro de 2024, novamente online via plataforma Google Meet, e, após realizadas as atividades de campo e a etnografia com base nos cenários validados, conforme será descrito no capítulo seguinte, os peritos tiveram como objetivo ver a apresentação dos dados colhidos em campo após a apresentação dos cenários e opinar sobre as falas e resultados. A metodologia usada neste encontro foi a de apresentação dos dados consolidados em slides e debate aberto.

Figura 12 – Segunda reunião do grupo de peritos.



Fonte: do próprio autor.

Neste encontro, eu reforcei com os participantes que, na atividade de campo, foi apresentado aos entrevistados a proposta do cenário hipotético de uma nova pandemia de três anos e uma de cinco anos. Feita essas apresentações, foi aberto o debate com os entrevistados a fim de colher suas impressões sobre tais possibilidades. Ressaltei com todos que as principais reações apresentadas foram de surpresa, medo, preocupação e repulsa sobre a possibilidade de uma nova pandemia que impactasse a vida de todos e a realização da Festa do Rosário. Destaquei também que as principais falas feitas pelos entrevistados diante dos cenários foi de que acreditavam que a Festa e a tradição congadeira retornaria de alguma maneira; de que a Festa e o Congado não acabariam e; de que seriam necessárias mudanças na estrutura da Festa após a pandemia e, mesmo passada essa, seriam precisos novos cuidados contantes.

Apresentados esses dados, solicitei aos peritos que opinassem sobre os resultados. William Monteiro e Emiliani Giordani concordaram com os levantamentos de campo e disseram que concordam com as opiniões dos entrevistados. Ana Paula Pereira destacou que é observado que a devoção dos envolvidos na Festa do Rosário é muito grande e que as opiniões apresentadas parecem condizentes. Emiliani Giordani conclui apontando, novamente, que “é praticamente impossível se acabar com essa Festa.”

Feito, conforme a metodologia apresentada no capítulo dois, a segunda etapa do grupo de peritos e validados os dados colhidos em campo, é o momento então de se debater sobre a etnografia do futuro.

CAPÍTULO 4 ETNOGRAFIA DO FUTURO

Vamos cuidar da geração neta porque ela é o futuro. Ela é o presente e o futuro, e nós estamos aqui para dialogar. O presente é o interlocutor do passado e o locutor do futuro. Temos que nos defender desta geração sintética e contribuir para que a nova geração também saiba se defender.

(Santos, A. B. A terra dar, a terra quer. P. 33)

Este capítulo será dedicado a narrar o que chamo aqui de etnografia do futuro, feita em campo com os congadeiros de Dores do Indaiá na ocasião da Festa de Nossa Senhora do Rosário de 2023, após a validação dos dados com o grupo de agentes realizado em 2022 e com o grupo de peritos em julho de 2023. Tive diálogo de forma mais focal, dos grupos da comunidade Antônio Martins, onde possuo melhor diálogo com o Rei do Mastro, William Monteiro, também membro do grupo de peritos. A escolha foi feita por compreender que, ao conhecer melhor a proposta de pesquisa, William Monteiro me proporcionaria oportunidades de observação mais íntima no cotidiano da festa junto aos congadeiros de sua comunidade, já que alguns momentos são considerados sagrados e secretos.

4.1 AS OBSERVAÇÕES DE CAMPO

Neste tópico, apresentarei inicialmente como foram feitas as observações de campo, a partir da construção dos cenários e de sua apresentação aos entrevistados, filtrando os elementos apontados por eles sobre a possibilidade dos cenários e suas reações diante dos mesmos. Assim como a descrição das entrevistas feitas em 2022, não irei apresentar o debate com cada um dos 49 participantes, concentrando-me então nas falas e observações de campo de maior relevância para a pesquisa. Dos diálogos feitos, optei por apresentar, novamente, a conversa com a Rainha Perpétua Ivani de Souza, já que ela é a figura que se faz presente em todos os momentos da Festa, possuindo um olhar amplo sobre o Congado de Dores do Indaiá.

Além disso, destacarei a conversa com a devota Viviane Giordani, o devoto Ewamir de Souza e com o congadeiro Lourival Batista. Não abordarei aqui as conversas com William Monteiro e Emiliani Giordani por já comporem o grupo de peritos, o que faz com que ambos conheçam previamente os cenários construídos. Na proposta de que esta pesquisa seja SULeada, as falas dos participantes da Festa do Rosário são o principal parâmetro de levantamento de informações.

As observações de campo foram iniciadas em agosto de 2023, como informado, após a validação dos dados obtidos no mês anterior, junto ao grupo de peritos. Para maior tempo em campo e, assim, coletar mais registros, optei por chegar em Dolores do Indaiá com quatro dias de antecedência do início oficial da Festa do Rosário.

Na segunda feira, dia 7 de agosto, cheguei de ônibus na rodoviária de Belo Horizonte e, logo em seguida, consegui pegar o ônibus da Expresso Santa Maria para Dolores do Indaiá. A companhia realiza três viagens diárias a cidade: às 6h, às 14h e às 18h. De Belo Horizonte a Dolores do Indaiá, via BR 262. A viagem de ônibus leva entre 4h30 à 5h. A viagem de ônibus a cidade é a forma menos usada, devido aos poucos horários. Muitos moradores optam por utilizar caronas que são marcadas em um grupo de Whatsapp nomeado “Caronas Dolores do Indaiá. Na ocasião, cheguei em Dolores 12h30 e logo caminhei 10 minutos até a casa de Viviane Giordani, que por mais um ano aceitou me acolher. Fui recebido pela dona da casa e sua irmã, Emiliani Giordani. Durante o almoço, que estava logo pronto, elas me contaram, ansiosas, como a cidade estava mais animada e se preparando para a Festa do Rosário daquele ano, agora com “a cidade cheia de novo”, como disse Viviane Giordani.

Após o almoço, organizei uma mochila com minha câmera e me preparei para ir à casa de William Monteiro, pois sabia que o encontraria lá, montando um novo oratório para as imagens dos Santos e Santas em frente à entrada da antiga casa do Capitão Antônio Martins e, atualmente, sede da comunidade que leva o mesmo nome. No trajeto, feito sempre a pé, passei na residência de Dona Ivanir dos Santos, a Rainha Perpétua, que recebia na ocasião alunos das escolas públicas municipais que estavam realizando o projeto “Congado nas Escolas”, onde cada uma vestia seus alunos com as roupas típicas de um terno de origem e visitavam a Rainha alguns dias antes da subida dos mastros das escolas, realizado na quinta-feira pela manhã que precede o início oficial da Festa do Rosário.

Ao encontrar Dona Ivani, absorva em meio a alegria das crianças, perguntei a ela se poderíamos conversar e, com sua afirmativa, falei sobre a etapa da pesquisa na qual eu

apresentaria dois cenários de futuro possíveis, baseados nas entrevistas feitas em 2022, e que gostaria de saber sua opinião sobre os modelos construídos. Com a concordância da Rainha, fiz a apresentação dos cenários validados, considerando a primeira e segunda opção mais pontuadas, de uma nova pandemia de três anos e uma de cinco anos, consecutivamente. Sobre ambos os cenários, Dona Ivani se mostrou convencida de que novas pandemias trariam a necessidade de uma atenção maior, tanto por parte da sociedade civil como do Poder Público, e por conta disso a Festa do Rosário precisaria do que ela chamou de um “tempo de adaptação” até seu retorno à normalidade. A Rainha disse também que certamente a cidade ficaria muito triste:

“Como foi nestes últimos anos?. Triste. As pessoas estavam assim. A Festa vai voltar? Com toda certeza! Mas vai ser muito difícil mesmo assim a vida do congadeiro. Cinco anos então, nossa! Vai ser lágrimas caindo em cima das caixas quando elas voltarem a bater depois desse tempo. Pode apostar!”

Feita esta consideração, a Rainha afirmou que os cenários eram possíveis, já que ambos apresentavam o retorno da Festa a seus moldes iniciais após um tempo de atenção e de cuidados com a nova doença, o que segundo ela “tem mesmo que ter!”.

Perguntei à entrevistada se ela acreditava que essa tristeza seria maior do que foi durante a pandemia atual. Dona Ivani disse que talvez não na hipótese de três anos, porque já foi mais ou menos o que se viveu agora, mas uma pandemia de cinco anos certamente, inclusive com a grande possibilidade de haver sérios casos de depressão: “é muito tempo pra não se viver algo que se ama tanto. Peço a Nossa Senhora do Rosário que isso não aconteça de novo, porque se acontecer, eu temo pela cabeça das pessoas”, disse a Rainha se referindo a possíveis problemas de saúde mental.

Após estas respostas, percebi que a Rainha Perpétua precisava de mais atenção na atividade com as crianças em seu quintal, pois o coordenador pedagógico da escola vinha perguntar a ela se poderia tirar a foto com as crianças. Considerando que as interpelações da entrevistada sobre os cenários já haviam sido feitas, encerrei a conversa, agradecendo novamente a Rainha por sua atenção à pesquisa. Ela me deu um forte abraço e, como de costume, me convidou para uma ação da Festa, que seria o dia da procissão da Congada Mirim, na quinta-feira à tarde, saindo da escola municipal do bairro Antônio Martins. Agradei seu convite e confirmei minha presença. As opiniões da Rainha Perpétua são marcadas por uma visão panorâmica da realidade do Congado, tendo em vista seu amor pela

tradição e também sendo ela o centro de todas as decisões que remetem a Festa. Em uma análise SULEada, podemos dizer que a Rainha Perpétua compreende de forma ampla o cenário onde esta presente.

Em seguida, deixei sua casa e fui em direção a casa de William Monteiro. Após a tarde de acompanhamento com William Monteiro na comunidade Antônio Martins, às 18h30 retornei à casa de Viviane Giordani. Ao chegar, ela preparava alguns itens que tinha recebido para a alimentação dos ternos daquele ano. A devota estava guardando no freezer sacos com frango caipira, prato que não poderia faltar nas mesas do almoço do Reinado. Esses são os chamados, pelos moradores locais, as “comidas de Festa”. Depois de organizado os alimentos, separou em uma panela alguns pedaços de carne bovina para nosso jantar. Ao final da tarde, segui para a varanda, onde havia uma grande mesa de madeira, onde eu e as irmãs e o convidado Glaucus Lemos nos sentamos para jantar. Aproveitei a ocasião para conversar com Viviane Giordani sobre os cenários de futuro.

Expliquei aos presentes a proposta da pesquisa e a metodologia utilizada, bem como os cenários de futuro. Feitas as contextualizações, apresentei os dois cenários de futuro, sempre iniciando pelo de três anos e aguardando as considerações do entrevistado para, então, apresentar o outro. Após a apresentação dos cenários o clima na mesa foi inicialmente de descontração. Viviane Giordani deu uma risada entre dentes e comentou: “Acho que o Daniel tá querendo sabotar a Festa”. Todos riram. Depois ela disse que achou a pandemia muito perigosa, sobretudo para ela, que teve problemas de saúde em 2021 que a levaram a ter mais cuidados para não se contaminar com o vírus da Covid, contudo, acreditava que a Festa voltaria a ser a mesma em algum momento, seja após três ou cinco anos, portanto os cenários eram, para ela, muito possíveis. Ela observa que:

“Se a gente tivesse mesmo uma pandemia por cinco anos, isso quer dizer que é uma doença muito grave, então ia precisar mesmo ter bastante cuidado com ela até tudo ficar ok, como nós estamos agora. Mas eu acho mesmo que depois de um tempo volta tudo ao normal sim, “bobo”³⁷”. O congadeiro não deixa essa Festa morrer não!

Glaucus Lemos, que conhecia a Festa pela primeira vez, destacou que sentia na cidade o clima de alegria da população com a chegada da festividade. Ele reforçou que “dá pra ver que o povo está feliz, animado, vibrante”. Para ele, algo que deixava as pessoas tão

³⁷ Expressão corriqueiramente utilizando pela população do centro-oeste mineiro como jargão.

felizes dificilmente acabaria, mas com certeza novas pandemias vão sempre exigir maiores cuidados.

Emiliani Giordani lembrou da fala de Ewamir de Souza em sua entrevista quando disse que o sentimento durante a pandemia era de esperança. Ela opinou que havia a tristeza, mas os congadeiros também esperavam que viesse algo melhor. Viviane Giordani disse que não achava que todos tinham esperança, mas a chegada da vacina acendeu isso nas pessoas e que também significou que, em outras situações pandêmicas, o retorno da Festa se daria se houvessem ações de saúde deste tipo.

Após as considerações de todos sobre os cenários apresentados, iniciamos outros debates, também relacionados a Festa, enquanto terminávamos o jantar. Mesmo Glaucus Lemos não sendo um dos 49 entrevistados do grupo de agentes, incluí sua fala pela pertinência da observação, tendo em vista que era sua primeira participação e que a festa não havia começado. Importante destacar também que naquele ano ele recebeu a coroa de Sosthenes Lemos, primo de Emiliani e Viviane Giordani, para ser o Rei da Coroa Grande ao lado de Emiliani Giordani no ano de 2024.

No dia seguinte, logo pela manhã, às 10h, caminhei até a escola municipal do bairro Antônio Martins, onde seria realizada a saída do Congado nas Escolas, junto com a Rainha Perpétua, em direção a Igreja do Rosário. As 10h30 os alunos já formavam uma fila, assim como na procissão congadeira. Alunos vestidos de branco representavam o Moçambique e faziam a guarda da Rainha. Logo, saíram em caminhada, seguidos de professores que soltavam fogos anunciando a saída do “Congado Mirim”. Acompanhei as crianças e Dona Ivani até a praça da Igreja, onde encontrei o devoto Ewamir de Souza e o congadeiro Kaka.

Após a reunião de todas as crianças das escolas municipais na praça e a subida dos mastros mirins, foi realizada uma apresentação de cada escola dentro do galpão da Prefeitura, localizado em frente a praça da Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Após as danças de cada escola e servido o café da manhã a todos com o tradicional pão com molho, fui em direção de Ewamir de Souza, que ajudava a distribuir o café e perguntei se poderíamos conversar um pouco sobre a pesquisa assim que ele concluísse sua tarefa. Como de costume, o devoto aceitou de imediato. Após a distribuição dos lanches a todos, as crianças seguiram de volta a suas escolas e Ewamir de Souza me chamou, ao lado da Rainha Perpétua, para nossa conversa. Caminhamos novamente até a praça e nos sentamos em um banco para o diálogo.

Aproveitei o espaço para posicionar a câmera em um banco vago ao lado. Pedi sua autorização para a gravação, o que foi concedido.

Contextualizei o entrevistado sobre a proposta desta etapa da pesquisa, referente a validação dos cenários construídos a partir das entrevistas feitas em 2022. Fiz a leitura de cada um dos cenários. Semelhante a Viviani Giordani, o devoto respondeu para ambos os cenários que eram válidos e possíveis, pois tinha a certeza de que a Festa permaneceria após o tempo que fosse necessário. Ele apontou que:

“Vê só o que essas pessoas fazem por essa Festa: é dívida pra comprar um mundaréu de comida pra congadeiro comer, é farda, é arruma casa, falta em emprego pra vir lá de Belo Horizonte pra vir pra Festa, é de tudo. Isso é fé! O nome disso é fé! Não é outra coisa. Então a fé vai fazer com que essas pessoas não deixem a Festa morrer. Pode vir a pandemia que for. Vai ser difícil, vai morrer gente, mas uma hora a Festa vai voltar a ser como antes, assim como você vai ver esse ano”

O entrevistado destacou ainda que, mesmo não acreditando na possibilidade de outras grandes pandemias, concordava plenamente que para a manutenção da Festa seria preciso haver muitos cuidados nos anos seguintes, como ocorrido ainda em 2022, com a distribuição de álcool em gel na porta da Igreja do Rosário e a solicitação de uso de máscaras em ambientes fechados. Para ele, “seria preciso um esforço da população, né, e o congadeiro, se ama essa Festa, como eu sei que ama, teria que compreender que são medidas necessárias para a Festa continuar existindo.

Recordei a ele que na ocasião da entrevista de 2022 ele havia me dito que o sentimento de muitas pessoas durante os anos de 2020 e 2021 foi de esperança. Perguntei então se ele acreditava que após três ou cinco anos de uma nova pandemia, esse ainda seria o sentimento. Ewamir de Souza me respondeu que:

“Com certeza tristeza ia ter, como teve na pandemia que passou. Você via o semblante das pessoas triste, mas ao mesmo tempo a gente sabia que elas esperavam algo melhor. Eu acho que nestes casos aí que você tá inventando na sua pesquisa, são mais anos, então seria ainda mais triste pros congadeiros, isso sem dúvida. Mas ainda assim, eu acho que o doreense, o congadeiro, ele é uma pessoa de fé. Se não fosse, não estava aqui machucando a mão pra bater caixa quatro dias, andando igual um doido nesse sol com o pé cheio de bolha. Então eu ainda acho que essa fé que ele tem vai fazer ele acreditar em Nossa Senhora ainda mais e ter esperança sim”

Ewamir de Souza, assim como a Rainha Perpétua, tem um amplo conhecimento da tradição pela sua disposição em colaborar voluntariamente em todos os momentos e espaços possíveis da Festa. Conhecimentos como esses são importantes para pesquisa na medida que levam o antropólogo a conseguir observar com mais detalhes o campo onde ele está, porém não o pertence.

Concluídas estas questões, agradei a Ewamir de Souza pelas respostas e me levantei para pegar a câmera, quando, então, percebi que Kaka ainda estava na praça, conversando com sua filha. Aproveitei o ensejo e atravessei a praça, caminhando até ele. Cumprimentei ambos e perguntei se poderíamos conversar sobre a pesquisa. O presidente da associação respondeu que sim, mas que teria de sair em alguns minutos. Propus então tentar fazer a conversa de forma breve e objetiva, o que foi aceito por ele; ele solicitou a sua filha que fosse adiantar as tarefas da comunidade para que ele ganhasse tempo. Desta forma, fiz opção de tentar um diálogo rápido e em pé mesmo, na calçada da praça.

Falei sobre a proposta da apresentação dos cenários construídos a partir das entrevistas de 2022 e fiz a leitura dos dois cenários de uma vez só, pedindo então para que ele desse a sua opinião sobre cada um deles. Kaka afirmou que, certamente, esse tempo de pandemia não traria como impacto o fim da Festa do Rosário. Mudanças seriam necessárias, mas ele acreditava que algumas permanentes, como por exemplo a necessidade de uso constante de álcool gel, não só na entrada dos espaços festivos, mas também antes do uso de instrumentos ou outros materiais de contato coletivo. Indaguei então se isso não mudaria a tradição da Festa, o congadeiro me respondeu que:

“Não porque não é isso que é a Festa. A Festa é você seguir a tradição do cronograma, louvar os Santos, cortejar a Rainha Perpétua. É isso que é a Festa do Rosário. Agora, você incluir na dinâmica da Festa um material de proteção, pedir um pouco mais de distância entre as pessoas, isso aí não muda nada”

O congadeiro destacou, entretanto, que é fundamental a participação da prefeitura na organização dos espaços que seriam usados, pois muitos deles geram aglomerações, e criticou a concessão pelo Poder Público da praça onde era realizada a Cavallhada do bairro Juiz de Fora, que era muito ampla, perfeita para o evento, e agora pertence a União onde está sendo construído o Tribunal Regional do Trabalho. “Isso aí que complica muito a gente. Se você tem um espaço bom pra uso da Festa e quer manter a tradição, tem que olhar por isso aí”. Feito esse diálogo, agradei a Kaka pelo seu tempo, para que ele pudesse voltar às tarefas

da sua comunidade. Kaka, assim como seu irmão, o Capitão Derli, são antigos participantes da tradição. Sua opinião carrega um grande conhecimento histórico.

No diálogo com os entrevistados é visível como quase todos, logo de início, ficam reticentes ao pensar na possibilidade de novas pandemias, sobretudo com períodos de duração ainda maiores que a atual. Em muitas das entrevistas ouvi exclamações como: “Nossa, Deus me livre!”, “nem quero pensar nisso!”, “não, não. De jeito nenhum!”, “pelo amor de Deus!”, entre outras expressões. Mesmo os entrevistados que creem que a Festa voltará a seus moldes originais, um tempo de adaptação, com restrições, seria necessário. Assim como destacou Krenak (2020) ao tratar da pandemia e das formas de adiar o fim do mundo, que é importante um tempo para que a natureza e as coisas se ajeitem no lugar.

Importante enfatizar que muitos dos entrevistados concordaram com as posturas do governo anterior e até mesmo criticaram as medidas sanitárias. Um jovem congadeiro da comunidade Santa Efigênia chegou a dizer que “não tem serventia nenhuma essa tal de máscara, mas tem que usar né, então a gente usa e se precisar usar de novo”. Assim como destacadas nas falas acima, a paixão dos congadeiros e devotos pela Festa sobrepõe suas posições ideológicas e políticas para a preservação da cultura popular.

Quando questionados o que sentiriam, ou como ficaria a cidade caso a Festa fosse impactada por uma nova pandemia, a palavra tristeza novamente ganha o palco e, com a hipótese de um período pandêmico de cinco anos, ela se soma com sentimentos como medo, insegurança e ansiedade. É perceptível nas falas e, mesmo nas expressões faciais, que uma nova pandemia que interrompa a Festa traz à tona lembranças que levam as pessoas a um lugar para além de somente tristeza e, caso ocorresse, poderia de fato levar a quadros mais críticos do que os gerados na pandemia atual, como casos de depressão, mudanças de cidade ou outras ações mais drásticas.

Poucos entrevistados disseram ter dúvidas se a Festa voltaria ou não ao normal e essas respostas só foram dadas sob a possibilidade de uma pandemia com cinco anos de duração. Um jovem congadeiro do terno Caixinha e Bombacha disse que não achava que “esse tempo todo fosse fazer as pessoas se animarem de novo pra fazer Festa depois. Isso é muito triste e muita gente que morre, principalmente os mais velhos, que são os que conhecem a Festa”. Contudo, a maioria dos participantes afirmam que, para ambos os cenários, a Festa certamente voltaria a sua condição anterior, independente dos cuidados necessários. Segundo a congadeira e comerciante Carmem Fiuza, “se morrem os mais

velhos, tem muito mininu novo saindo em terno por aí já. Essa garotada já aprendeu e não deixa isso morrer mais não”.

Quando questionados se concordavam com o cenário proposto, mesmo os entrevistados que inicialmente se mostravam reticentes com o retorno da Festa após cinco anos, concordavam, pois informavam que podia acontecer também a possibilidade do retorno normal. É possível afirmar que ambos os cenários, portanto, são plausíveis e validados por todos os agentes.

Ao dialogar com os participantes da Festa do Rosário, ouvindo suas opiniões que tem como pano de fundo a experiência da tradição, esta pesquisa fomenta o debate contra antropológico, SULeado, na medida que são esses os dados pilares deste trabalho. Eu, o pesquisador, não estou colhendo as informações de campo e as refinando com outros autores clássicos da antropologia, mas sim, faço o sentido inverso. Verifico se, dos clássicos, há algo que possa ajudar ou não sobre as informações dadas pelos agentes de campo. Caso não, os clássicos aqui são descartados.

Em seguida, tratarei do tema da perda diante da ruptura do tempo da festa, assunto essencial para a compreensão das falas e aflições dos entrevistados diante da apresentação dos cenários de futuro.

4.2 A PERDA E RUPTURA TEMPORAL

Mudanças na estrutura da Festa, impactos econômicos, tristeza, casos de depressão, inviabilidade social e até mesmo mortes. Nas falas dos dorenses esses e outros fatores se tornaram memórias comuns para os anos de 2020 e 2021. Memórias dolorosas que são movimentadas pelo mecanismo da perda, e este é o mecanismo pelo qual se rompe o tempo em Dores do Indaiá.

A perda, tema recorrente em estudos antropológicos, como na Antropologia da Morte, ou mesmo na chamada “Antropologia dos Restos” de Octave Debary, ou como chamou Descola, “a antropologia dos interstícios de Debary” (Debary, 2017, p. 11), entre outras correntes. Para Debary (2017), toda perda leva a existência do resto de algo, que deixamos de lado e assim escapa-se a construção de alguma memória: “(...) esses objetos

que ultrapassaram os limites de seus usos originais, significando uma passagem em outro tempo, retornando a habitar no presente” (Debary, 2017, p. 18). Objetos “obsoletos” deixam então de ser presente e se tornam o resto, o que é uma presença em outra linha temporal, resistindo ao desaparecimento e se tornando outra coisa, como peças de museu, pedaços de obras de artes, itens reciclados. Quando esse tipo de resto é comercializado, ele pode criar memórias através de um mecanismo de transmissão de algo novo, que sai do lugar de somente resto de algo perdido para um objeto ressignificado.

Debary (2017) aponta que todo objeto conta sobre algo que aconteceu, mas sua narrativa pode nem sempre condizer com algo real e, portanto, alguns mecanismos podem ser usados para evidenciar o que é silenciado, como no caso do passado escravista do centro-oeste mineiro, assunto não tratado no cotidiano da Festa, mas que é evidenciado nos cantos dos capitães ou no som das gungas lembrando o choro dos escravizados. Segundo o autor, quando se perde algo, algum objeto, o detentor do resto opta por ou se livrar de tudo pensando no presente, ou selecionar o que convêm a história para criar uma memória de futuro, mas para isso é preciso fazer uma seleção entre todos os restos de quais de fato criaram memórias. Se os restos são parte de algo que desapareceu, a superlotação deles é capitalista e desumana. Contrariando Mary Douglas, Debary não vê a ideia de resíduos como impureza, pois todo resíduo conta a história de algo. Durante a pandemia, e sob a ausência da Festa do Rosário, principalmente no ano de 2020, a perda causada pela doença deixa pelo caminho os restos da estrutura do festejo: alguns carros na rua sendo olhados pelos devotos e congadeiros com uma imagem da Nossa Senhora do Rosário, de São Benedito e Santa Efigênia, alguns fogos explodindo ao passar dos veículos e o som dos cantos de três membros no carro de trás das imagens. Esses poucos restos possibilitaram o reforço da memória sobre a Festa e, como ressaltado por Ewamir de Souza, a esperança sobre seu retorno.

Outro exemplo semelhante sobre a perda foi a destacada por Veena Das (2020) sobre o caso do antropólogo brasileiro Renato Rosaldo que após a morte de sua esposa, também antropóloga brasileira, Michelle Rosaldo, informa ter ligado uma nova chave cognitiva de compreensão sobre a morte, de sua esposa de outros membros durante a pesquisa de campo. Enquanto antes o falecimento era encarado de uma forma meramente observadora, a perda de sua esposa forçou o pesquisador a ter um olhar mais delicado sobre o tema. Assim como o efeito pandêmico sobre a Festa do Rosário. A perda da possibilidade da sua realização fez com que a população dorense passasse a ver o festejo com outra importância e significado e, assim, sua realização em 2022 era celebrada como uma grande vitória e não era difícil ver

lágrimas no rosto de congadeiros e devotos a todo momento. Da mesma forma que Renato Rosaldo destacou a importância de falas e gestos, que antecedem a morte de sua esposa, como verdadeiras chaves de memórias marcadas pela perda, esta mesma lógica leva os congadeiros a guardar com saudosismo os mais simples momentos das festas dos anos anteriores, como frases entoadas pelos capitães e passos da dança em frente as imagens dos santos e santas. Um exemplo, a alegria da devota Emiliani Giordani em um café da manhã com o terno do Moçambique da comunidade Juiz de Fora quando ela disse: “Que saudades que eu tava de um pão com moio. Mas eu não tava com saudades de qualquer um. Eu queria o comer o pão com moio da Festa do Rosário”.

Das (2020) traz à baila também a importância da se tratar, além da perda, do próprio tempo etnográfico, já que para o antropólogo no trabalho de campo o tempo é ativo e múltiplo. O etnógrafo em campo está constantemente movimentando o passado, presente e futuro dos agentes. É fundamental que o pesquisador não use de conceitos sem vida, quebrando assim um ciclo de coexistências complexas no campo onde ele se encontra no presente. Krenak (2020) e Santos (2023) também destacam que é preciso compreender que tudo é vivo e tudo é natureza e, assim, tudo faz parte do cosmos e nós somos cosmos. A perda pode ser um marcador deste tempo etnográfico que traz a todo momento cenas do passado para o presente, como observado no trabalho de campo desta pesquisa quando os entrevistados trazem em suas falas para o presente as dores da perda dos anos pandêmicos, anos em que o tempo de festa foi fragmentado.

Segundo Souza e Souza (2019), as características dadas ao processo de perda e luto estão diretamente relacionadas à forma como as pessoas lhe dão com o próprio desenrolar da vida. Um ritual fúnebre, por exemplo, está ligado a um protocolo social feito para que os participantes consigam lidar com a ideia da perda e assim não sofram danos ainda maiores a sua saúde mental. As características do luto entre os dorenses pela não realização da Festa foi exatamente o inverso do seu cotidiano festivo. Enquanto se preparar e realizar a Festa do Rosário é feito com profunda alegria, a sua ausência resultou em profunda tristeza. Crepaldi, Schmidt, Noal, Bolze e Gabarra (2020) apontaram que a falta do momento da terminalidade, como os funerais durante a pandemia, desencadearam grandes problemas psicológicos em parentes e amigos de falecidos, tendo em vista a quebra do ciclo de luto. Segundo os autores, quando se há a normalidade da ritualidade funerária, esta cumpre o papel social do “ponto final” do ciclo histórico do falecido. Desta forma, um acontecimento abrupto, como a pandemia, impede ações ritualísticas e desestruturam os que dela precisam.

Fontes, Assis, Santos, Maranhão, Lima Junior e Gadelha (2020) e Danzmann, Da Silva e Guazina (2021) ainda destacam que a ausência de uma ritualidade imposta e aceita socialmente pode provocar picos de tristeza e estresse que podem gerar o luto prolongado, o medo e a ansiedade pelo luto antecipado, no qual sempre se espera que a mesma situação, no caso da pandemia, volte a ocorrer. Nas pesquisas em Dores do Indaiá não registrei nenhuma fala de temor pelo retorno de uma nova pandemia, apesar do medo nítido sobre a possibilidade quando questionei os entrevistados sobre os cenários de futuro.

Archangelo, Campanaro e Villela (2020) destacam que a pandemia gerou no mundo todo um corte temporal denominado de *Chronos*. Fazendo alusão ao Deus grego *Chronos*, aquele que dita o tempo medido ao separar céu e terra com a castração de seu pai Urano. O afastamento social exigido pelo período pandêmico nos levou deste tempo cronológico para outro: o tempo que destrói o próprio tempo e recomeça. Os autores apontam que este foi um momento histórico onde nos vimos obrigado a criar temporalidades cíclicas nas quais a ideia de recomeço, que o nascimento de um novo ano traz, precisava ser reconstruída a partir do momento que precisávamos “vencer” a pandemia.

Da mesma forma, criamos paradoxos temporais constantes. Enquanto em casa vivemos o tempo lento do home office, de ver os filhos crescer, de aguardar o fim da doença, do lado de fora, os trabalhadores dos serviços essenciais veem o tempo quase parado diante do medo enquanto abastecem prateleiras ou fazem atendimentos médicos. Em Dores do Indaiá, como destacou o capitão do Congo Real, Guilherme Guimarães, “parecia que o tempo não passava nunca. Que tava tudo parado”. Enquanto a pandemia permanecia, e assim a Festa “normal” não voltava, era como se o ano de 2020, assim como 2021, durassem por décadas. O aguardo trazia aos congadeiros e aos devotos os sentimentos de aflição, medo, tristeza pelo futuro da sua tradição. Arantes (2015) apresenta um outro tempo que surge mais forte neste momento pandêmico, o tempo do Kairós:

“Na mitologia grega, Kairós era visto como um atleta de características obscuras, a qual não se expressava mediante uma imagem uniforme, estática, mas por uma ideia sempre em movimento. Em nenhum momento Kairós refletiria o passado ou pressentiria o futuro; ele simboliza o melhor instante presente: o instante em que se consegue afastar o caos e abraçar a felicidade” (Arantes et al, 2020, p. 215).

A pandemia força o tempo cronológico a ruir e dar lugar ao tempo do presente, do viver o agora e buscar aproveitar os momentos como forma de, também, sobrevivência ao

vírus. Como destacado pelos autores, foi preciso que, para não se enlouquecer diante das incertezas do futuro que a pandemia trouxe, passássemos a cobrir nossas vidas com outras subjetividades que dessem a ela alguma beleza (Archangelo; Campanaro; Villela, 2020). Rosa (2021) problematiza que a pandemia nos obrigou a desacelerar todos os nossos tempos em medida que nos forçou ao aguardo por tudo: a cura, a vacina, a solução e o fim das restrições. Mezan (1998) aponta que os sofrimentos psíquicos podem encontrar neste mesmo ambiente uma “solução” psíquica para criar algo que o alivie. Para o autor: “Este é o momento intermediário no processo vinculador, uma cristalização provisória que por sua complexidade mesma, pela obrigatoriedade de passar por outros canais que não o puro sentir, permite uma poderosa catarse (Mezan, 1998, p. 113).

Archangelo, Campanaro e Villela (2020) apontam que as artes, tradições, culturas, música e outros elementos do tipo nos conectam ao tempo Kairotico, nos levando para o presente e mudando nosso tempo-espaço do tempo *Chronos*. Mesmo diante da ruptura temporal vivida sob a pandemia, ainda assim, portanto, a impossibilidade de vivenciar a tradição congadeira acabou por aprisionar os doreses em um lugar onde nem o tempo cronológico estava presente e nem o tempo Kaíros, justamente pela ausência do tempo de festa e do tempo ritual.

Além disso, sob a ótica das ritualidades de perda latino-americanas e brasileiras, este costuma ser um momento de luto e ao mesmo tempo de união. Ao perder um ente querido, muitas sociedades optam por reunir parentes e amigos e, ao mesmo tempo que chorar o luto, também celebram a vida dos que foram. Essas celebrações são características de povos que usam da Festa como mecanismo de significado a vida, como o caso do Congado.

Diante destes apontamentos trazidos e, das entrevistas e análises de campo feitas nos anos de 2022 e 2023, é possível afirmar que o efeito da pandemia sobre Dores do Indaiá, como nas demais regiões mundo afora, foi de uma grande quebra em tempos específicos: o tempo ritual e o cronológico, que levou a população a obrigação de migrar para um modelo de tempo desacelerado em algumas medidas, entre elas a da chegada de uma nova Festa de Nossa Senhora do Rosário. Esta ruptura temporal fez com que a sensação de estar parado no mesmo lugar, ou ainda, de uma passagem lenta do tempo, para os congadeiros e devotos, fosse constante e amarga, com o sabor da incerteza do futuro.

4.3 POR QUE ESTA É UMA ETNOGRAFIA DO FUTURO?

Apresentado trabalho de campo, é hora de defender o porquê chamo este exercício metodológico de etnografia do futuro. O que mostra que, realmente, esta pesquisa olha para além do tempo presente e é um exercício de campo que perpassa pelo passado, presente e olha para o futuro?

Borges (2021) fez uma pesquisa, talvez pioneira no Brasil, ao investigar o futuro por meio do exercício etnográfico. O jovem antropólogo, então estudante do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (ProPEd/UERJ), realizou ao longo de dois anos estudos com os grupos docente e discente de uma escola pública do município de Nova Iguaçu, localizado na Baixada Fluminense. Em sua pesquisa, Borges questionou seus agentes sobre qual futuro viam para si após a conclusão do ensino médio, para os discentes, e qual futuro viam para a escola e o seu público juvenil, para os docentes. Enquanto os jovens apresentaram respostas de um futuro emprego ou um futuro incerto diante de questões cotidianas como tráfico e a falta de oportunidades no mercado de trabalho, os professores e professoras destacaram seu desânimo e incredulidade no sistema escolar vigente, fosse pela falta de investimentos nos aparelhos públicos de educação ou mesmo pelo desinteresse de alunos e alunas.

Diante de tais questões, Borges (2021) problematiza possibilidades de futuro nos quais, para que haja a continuidade do aparelho escolar público, seria preciso (re)imaginá-los a partir de mudanças em sua estrutura atual, de forma a motivar um público cada vez mais heterogêneo e conectado às mudanças globais e, ao mesmo tempo, permitindo-o conectar-se com um mundo ainda não acessado por meio de novas oportunidades, seja para além da educação básica ou no mercado de trabalho. Também, ajudando-o a enfrentar problemas locais como as desestruturações familiares, os poderes paralelos, o racismo e demais problemas cotidianos.

Em sua metodologia, o autor usou perguntas semiestruturadas e abertas, sempre com foco nas perspectivas de futuro a partir do ambiente escolar presente. Metodologia essa que optei em utilizar em meu campo, porém a partir dos cenários de futuro criados por meio da metodologia de prospecção. Esta escolha foi feita após a análise dos consistentes resultados alcançados pela pesquisa de Borges (2021), verificando o quão frutífero é esse método, já que seu objetivo, que era o de trazer novas possibilidades para o futuro da escola, foi alcançado utilizando o método etnográfico.

Assim como apresentado no capítulo dois desta tese, destaco novamente a importância das perguntas semiestruturadas e abertas para este método de pesquisa, sendo esse o principal mecanismo por meio qual se elaborou a hipótese desta pesquisa: que a pandemia do Coronavírus criou uma ruptura temporal em Dores do Indaiá ao impossibilitar a realização da Festa de Nossa Senhora do Rosário.

Quando falamos em futuro, é importante observar, tomando como ponto de análise Freud (1996), que este período do tempo pode também ser interpretado como uma ilusão. Para o psicanalista, o futuro é uma categoria alegórica pela relação com o desconhecido. Sendo assim, ele possui categorias temáticas e estas, subcategorias, como o trabalho, o aprender, os desejos. A partir deste apontamento, Borges (2021) observou que no trabalho de campo a ideia de futuro “emerge em uma dupla transitividade: o futuro como temporalidade e o futuro como emergência e imaginação das relações sociais dos jovens com o conhecimento escolar e a própria casa” (Borges, 2021, p. 124). O autor aponta que, no trabalho de campo, o futuro aparece como uma categoria etnográfica, pela sua relação com este desconhecido, apontado por Freud (1996) como sendo imagético e subjetivo.

Borges (2021) então, como forma de destacar as categorias de futuro a partir das falas dos alunos, realiza uma divisão em tabelas que mostra como as falas dos entrevistados olham para o horizonte do tempo vindouro, dividido nos temas: trabalho, aprendizado, esperança e sonhos e desejos. Para cada categoria foram elencadas as principais falas dos entrevistados, o que, como modelo, destacarei abaixo sobre a etnografia realizada com os entrevistados em Dores do Indaiá sob os cenários apresentados:

Tabela 12 - Categorias de futuro a partir da etnografia

Categoria	Falas dos entrevistados e entrevistadas
Renda e economia	“Bastante gente vai ficar bem mal de dinheiro, porque a Festa gera muita renda”, Eduardo Caetano – devoto; “Muita gente trabalha no período da Festa e é o momento de fazer um pezinho de meia”, William Monteio – Rei do Mastro; “Certamente os dorenses iam passar um aperto no bolso, porque se movimenta muito dinheiro com as Festa do Rosário”, Dona Ivani – Rainha Perpétua;

	“O comércio e os produtores rurais com certeza iriam sentir. A gente vende muita coisa pra Festa do Rosário”, Carmem Fiuza – Comerciante; “As loja tudo ia te que fica um tempo fechada, porque se você num tem festa, não gira o dinheiro que a Festa traz”, Viviane Giordani – Devota; “Eu não tenho dúvida de que o comércio dorense ia sentir. A Festa é uma grande máquina econômica de Dores também”, Emiliani Giordani – Rainha da Coroa Grande; “Assim como em 2020, o comércio ia sentir sim e os produtores rurais. Muitas dessas fazendas em volta de Dores produzem animais o ano todo para a Festa”, Eduardo Valente – Poder Público; “A gente ia ver o dorense mais pobre, é triste, mas ia porque nessa pandemia o povo perdeu muito dinheiro”, Fabinho – Congadeiro.
Festa e tradição	“O maior impactado seria a própria Festa. Se você fica muito tempo sem manter uma tradição, um dia ela pode acabar”, Ewamir de Souza – Devoto; “A gente ia ter que cuidar muito pra tradição não acabar, porque com essa pandemia que durou dois anos teve congadeiro que desanimou”, Geralda de Oliveira – Congadeira; “Com toda certeza o Poder Público ia ter que garantir que a tradição não acabasse”, Eduardo Valente – Poder Público; “Se não houver Festa por todo esse tempo, pode ser que quando a pandemia acabe a gente tenha algum tipo de problema com ela, mas acabar ela não acaba”, Kaka – Congadeiro; “Já teve Congado em outras cidades que quase acabou. Tem que se cuidar, senão!”, Derli Batista – Congadeiro; “Acho que a nossa principal preocupação ia ter que ser a Festa. Não pode deixar ela acabar de jeito nenhum”, Andressa Fiuza – expectadora;

	“Gente, não pode, eu acredito muito nisso daqui. Essa Festa simboliza muito pra minha fé”, Marcos Silva – Congadeiro.
Invisibilidade social	“Sem a Festa, infelizmente o negro some em Dorés. Ele volta a ser aquele cara qualquer que trabalha dia a dia e só”, William Monteiro – Rei do Mastro; “Com certeza, neste período que você menciona sem a Festa, nós teríamos de tratar da atenção a população negra dorenses, mais do que já é necessário”, Dona Ivani – Rainha Perpétua; “A Festa é a expressão do negro, da tradição negra, então sem ela isso fica esquecido e eles também”, Emiliani Giordani – Rainha da Coroa Grande; “Não pode ficar sem a Festa não, Daniel, porque sem ela quem olha por esse povo sofrido do Antônio Martins”³⁸, Viviane Giordani – devota (fazendo alusão a população majoritariamente negra do bairro mencionado); “Minha preocupação também é com a população negra de Dorés, que já é negligenciada. Eles brilham na Festa”, Sosthenes Moraes – Rei da Coroa Grande.
Saúde	“O povo ia ter que se cuidar demais, porque se for igual foi nessa pandemia de agora vai morrer gente demais da conta”, Viviane Giordani – Devota; “Os cuidados serão necessários com todos: máscaras, distanciamento e tudo mais que for orientado”, Dona Ivani – Rainha Perpétua; “Olha, me preocupa esse tempo todo de pandemia, porque se tem pandemia tem morte né”, William Monteiro – Rei do Mastro; “Nossos congadeiros mais antigos são os que mais conhecem a Festa, então outra pandemia é um risco pra eles e pra nossa tradição”, Emiliani Giordani – Rainha da Coroa Grande;

³⁸ A população residente no bairro Antônio Martins é constituída majoritariamente por pessoas negras.

	“A gente pensa na Festa, mas tem que pensar na saúde também, então essa nova pandemia é um risco a vida em primeiro lugar”, Derli Batista – Congadeiro; “Ai, eu tenho muito medo disso, porque quanto pior a pandemia mais mortes a gente tem né”, Fernanda Fernandes – Rainha da Bandeira do Mastro; “Eu me preocupo muito com a saúde dos mais velhos, que são os mais devotos, aqueles que ficam ali na rua vendo a procissão congadeira passar” Ingrid Resende – Congadeira;
Sentimentos	“Se a Festa sofre, o congadeiro sofre também”, Derli Batista – Congadeiro; “O congadeiro vai se entristecer, isso é um fato. A Festa é a alegria de Dorés”, Dona Ivani – Rainha Perpétua; “Eu tenho certeza que o povo de Dorés vai ficar muito triste. Eu também vou”, Padre Antônio – Religioso; “Nossa, nem me fala, isso vai ser triste demais. Só de pensar em Dorés sem Festa de novo já dá um nó na garganta”, Guilherme Cesário – Congadeiro; “Nois vai sofrer muito, isso você não tenha dúvida”, Ulisses Cesário – Congadeiro; “Vai ser choro sem parar, você pode apostar. Nessa pandemia já foi”, William Monteiro – Rei do Mastro; “Ah, vai se triste demais. Dorés sem Festa de novo é tristeza na certa”, Ranna Moura – Congadeira; “A gente se sente triste durante o ano já esperando a Festa né, imagina esse tempo todo sem”, Deybit Costa – Congadeiro; “Olha, eu tenho certeza que a gente vai ver muito dorense em depressão, viu”, Kaka – Congadeiro.

Fonte: do autor.

Depreende-se da tabela que: i) há uma relação entre as categorias saúde, Festa e tradição na medida em que compreende-se que o público mais frágil, os idosos e idosas, são

os maiores detentores dos saberes tradicionais da Festa; ii) há também uma relação entre as categorias saúde e sentimentos, tendo em vista que a ausência da Festa é vista como um gatilho para quadros de grande tristeza e depressão; iii) a ideia de uma nova pandemia está diretamente ligada à certeza de um cenário econômico fragilizado e do agravamento da tristeza por parte da população, sobretudo os congadeiros; iv) que a possibilidade de uma nova pandemia prediz a necessidade do cuidado com a manutenção da Festa e suas tradições.

Nas falas trazidas pelos entrevistados e entrevistadas vemos destaques que, mesmo comuns, são subjetivos: sobre a renda, seus sentimentos em relação a não realização da Festa, a preocupação com a saúde, com a manutenção da tradição a qual se tem fé, dentre outros. Bhabha (2011) sinaliza que, sendo o futuro uma categoria aberta e um interstício do passado e do presente de cada indivíduo, falar sobre futuro então é falar sobre si, e, da mesma forma, disputá-lo torna-se uma disputa individual. Desta maneira, quando confrontados com os cenários, os entrevistados trazem não só o olhar coletivo sobre a Festa ou a realidade da cidade, mas também seus sentimentos e anseios que se somam em uma possibilidade futurista sobre a narrativa trazida.

Diferente da pesquisa de Borges (2021), no cenário de Dorés do Indaiá não observamos nas falas dos entrevistados e entrevistadas o futuro como mecanismo de medida de algo que há de vir, mas sim, o futuro como incerteza e preocupação, e, ao mesmo tempo, de pessimismo sobre os cenários apresentados. Percebemos esse tipo de futuro presente, sobretudo, nas preocupações financeiras, na visibilidade da população negra, na saúde, sobre os sentimentos e a manutenção da tradição da Festa.

O futuro se faz presente na etnografia quando os agentes trazem a categoria econômica em suas respostas por meio da preocupação com a renda: qual será a realidade econômica da cidade? Do comércio? Dos moradores? Será como na pandemia anterior? As projeções dadas nas respostas levam sempre a um lugar de fragilidade financeira, tendo em vista os problemas já vividos em 2020 e 2021, segundo as entrevistas feitas em 2022 e reforçado na apresentação dos cenários em 2023.

Sobre a saúde e sentimentos, novamente o futuro etnográfico é de um lugar de preocupação. Na pandemia atual muitos congadeiros e devotos, sobretudo mais velhos, não resistiram a doença. Com eles, parte da tradição se foi. Alguns destes falecidos, inclusive, eram antigos capitães de ternos de origem. Para além da morte, perde-se a possibilidade da salvaguarda destes saberes pela ausência de registros, entrevistas, gravações e imagens.

Sendo assim, a saúde afeta diretamente a manutenção da tradição e os cenários apresentados levam os entrevistados e entrevistadas ao lugar incerto de como a Festa irá perpetuar se outros importantes membros do Congado não resistirem? O ano de 2023 foi marcado pelo falecimento do Capitão Carlinhos, do Moçambique do Bairro Juiz de Fora, figura emblemática da história do Congado de Dores do Indaiá e das cidades vizinhas e, também, da Capitã Geralda, que além de ser a liderança do Catupé Feminino Pérolas do Rosário, também foi a idealizadora da recente comunidade Santa Efigênia, inaugurada em 2022. Mesmo não falecendo em decorrência da COVID-19, durante a Festa deste ano era muito comum ouvir entre congadeiros ou devotos a preocupação com a manutenção dos seus ternos, dado então a cargo da coordenação do Moçambique a três dos seus filhos e do Catupé ao sua Guarda-mor. Por sorte, tudo correu como o esperado, segundo membros dos próprios grupos e demais, contudo a preocupação esteve presente todos os dias. Neuzinha, bandeireira do Moçambique do Juiz de Fora, enfatizou que “não teve o que fizesse com que o Moçambique parasse”.

A tristeza marca outro lugar do futuro como preocupação. Diante do cotidiano vivido na cidade em 2020 e 2021 sob a ausência da Festa, sempre que trazido os cenários durante a etnografia a primeira fala feita faz alusão a tristeza, iniciando por exclamações ou jargões de descrença e revolta. Este futuro incerto traz, conectado a tristeza, o medo da possibilidade de que tal fato, como outra pandemia, venha mesmo a ocorrer. As lembranças do passado levam os agentes a um lugar de futuro nebuloso onde não se sabe o que será, mas sabe-se que será um lugar de lágrimas e uma sofrida e intensa espera.

Importante também destacar o futuro de preocupação com o lugar do negro na sociedade dorense. Muitos entrevistados e entrevistadas, negros e brancos, destacaram a importância dada a população descendente dos antigos escravizados para a Festa. Eles são os protagonistas e detentores maiores do saber tradicional. Os anos de ausência da Festa também foram de apagamento destas pessoas. Munanga (2016; 2019), Gonzalez (2018) e Gomes (2016) apontam que não podemos esquecer a grande contribuição dada a cultura brasileira pela população escravizada que aqui chegou, contudo, não se pode deixar de lado também o fato de como ainda há em curso um projeto de nação que invisibiliza essa população. Também não podemos esquecer que é por conta das antigas irmandades negras que surgem manifestações de cultura popular como o Congado, como destacado na introdução. Contudo, Gonzalez (2018) lembra que “tudo isso é encoberto pelo véu ideológico do branqueamento, é recalçado por classificações eurocêntricas do tipo “cultura

popular, folclore nacional”, etc, que minimizam a contribuição negra” (Gonzalez, 2018, p. 322).

A teoria crítica sobre a ideologia da cultura popular, de Gonzalez, aborda a intersecção de raça, classe e gênero na sociedade brasileira. Em suas análises, a autora destacou como a cultura popular brasileira, muitas vezes celebrada por sua diversidade e riqueza, é profundamente enraizada nas contribuições afro-brasileiras. No entanto, essas contribuições são frequentemente apropriadas e despolitizadas pela cultura dominante, mascarando as lutas e resistências das comunidades negras. Gonzalez (2018) argumenta que a cultura popular no Brasil não pode ser plenamente compreendida sem reconhecer o papel central da diáspora africana. Para ela, elementos como a música, a dança, a religião e a culinária brasileira, as manifestações culturais como o Congado, estão impregnados de influências africanas, mas essas influências são muitas vezes invisibilizadas ou romantizadas de maneira que desconsidera as realidades sociais e históricas de opressão enfrentadas pelos negros e negras brasileiros e brasileiras. Essa ideologia da cultura popular serve, portanto, para sustentar um status quo que continua a marginalizar e explorar essas comunidades, enquanto celebra superficialmente suas expressões culturais.

Gonzalez (2018) enfatiza a necessidade de uma revalorização crítica da cultura popular, que não apenas reconheça, mas também empodere as vozes e práticas das comunidades negras. Isso envolve uma conscientização sobre como a cultura popular é utilizada tanto como forma de resistência quanto de opressão. Para a autora, é crucial que os movimentos sociais, especialmente aqueles focados na igualdade racial e de gênero, trabalhem para desmascarar essas dinâmicas e promovam uma cultura popular que seja verdadeiramente inclusiva e representativa das experiências e contribuições afro-brasileiras.

Dialogando com Gonzalez, Carneiro (2005) e Nascimento (2019) alertam o como a estrutura social racista do Brasil ainda cria mecanismo para que a população negra, mesmo quando é essencial, seja colocada em lugar de inviabilidade para que o negro não usufrua de seus beneméritos. A inviabilidade dessa população na verdade é algo historicamente construído e exercido cotidianamente e, em escassos momentos em que são destaque como nas culturas populares, a sua inviabilização é então duplamente exercida ao não se reconhecer que eles são os construtores de tais culturas.

Por fim, com o auxílio dos pesquisadores apontados e do método empregado por Borges (2021), em sua pesquisa etnográfica no ambiente escolar, sob a apresentação dos

cenários criados no método de prospecção em campo, é possível afirmar que esta é uma etnografia do futuro, dividido nas vertentes: futuro de incerteza e futuro de preocupação. Ambas ancoradas aos sentimentos de tristeza, temor e medo dos agentes entrevistados. Diferentemente do proposto nesta pesquisa até o momento de sua qualificação, o futuro apresentado aqui não é o de agente, mas sim, de lugar. Um futuro de um local já pisado durante a pandemia atual, entretanto não possível de se compreender por não saber o impacto que seria gerado por uma nova pandemia.

4.4 ETNOGRAFIA DO MÉTODO

Como esta é uma pesquisa pioneira ao somar o resultado de metodologias aplicadas previamente, como a metodologia de prospecção, com as análises etnográficas de campo sobre os cenários construídos, é fundamental a adoção de um recurso reflexivo e discorrer sobre uma etnografia do próprio método aplicado.

Durante o exercício etnográfico em campo um grande desafio estava o tempo todo à espreita da pesquisa: como construir uma etnografia baseada em um futuro probabilístico? E ainda: como apurar o olhar do antropólogo para captar tal informação e poder afirmar que foi feita uma etnografia do futuro? Para que conseguisse este feito, algumas afirmações se faziam necessárias sobre a pesquisa de campo: i) era preciso ter a certeza de que as reações e respostas dadas pelos agentes saiam do tempo presente; ii) os cenários apresentados deveriam basear estas reações e respostas; iii) mesmo em respostas abertas, a fala dos entrevistados e entrevistas deveriam sair do presente e olhar para o futuro; iv) como os cenários tratam de uma possível nova pandemia, era então preciso que os agentes olhassem para o passado como fio condutor com o futuro apresentado a eles e elas.

Posso comprovar, a partir das entrevistas em campo, que todas as afirmações foram validadas. Em todas as entrevistas feitas os agentes conseguiram se concentrar sobre os cenários apresentados, com respostas sempre voltadas para os futuros propostos nas duas hipóteses pandêmicas. Mesmo quando alguma fala não era direcionada diretamente para o futuro, ela estava nascendo no passado dos últimos anos de pandemia, como gatilho sobre a memória criada neste período, para, então, levar o agente a pensar sobre um tempo vindouro e incerto, portanto, a ponte entre passado – futuro se fazia presente. A cada resposta recebida,

era perceptível nas expressões, olhares, indagações e falas que os agentes conseguiam sair daquele lugar da Festa do Rosário de 2023 e ir até uma nova Dorés do Indaiá, novamente pandêmica, para conjecturar sobre tal situação. Na maioria das vezes, quando a resposta não era dada por uma exclamação de susto ou medo, como apontadas anteriormente, ela era precedida de uma careta, um fechar de olhos cerrados, um cerrar de dentes, um entortar no pescoço, uma coçada na nuca e outros cacoetes que denotam desagrado ou incomodo. E todas estas reações estavam intimamente ligadas aos cenários propostos.

Ekman (2003) aponta que as expressões faciais são baseadas em contração, relaxamento, simetria e assimetria de ações musculares isoladas ou que podem ser combinadas. Willis e Todorov (2006) informam que o ser humano leva um milésimo de segundo para identificar o que uma expressão humana está querendo dizer, se é uma simpatia a informação recebida, confiabilidade a ela, atratividade, repulsa, entre outras. Devido ao estoque de conhecimentos na forma de informações e memórias sobre as expressões humanas, este pequeno fragmento de tempo se torna suficiente para que seja identificado o propósito de uma (re)ação. Além disso, os autores apontam que poucas vezes nossa suspeita sobre uma expressão facial esteja errada, justamente por este arquivo de memória criado ao longo de séculos de convívio social. Ekman, Friesen e Hager (2002) destacam ainda que, independentemente de mudanças culturais, há um grupo de sete expressões faciais básicas que são orientadas por um mesmo grupo de musculatura, sendo elas as reações a: alegria, tristeza, raiva, aversão, surpresa, medo e desprezo. Segundo os autores, essas reações acontecem também de forma involuntária, muitas vezes nem são percebidas pelo interlocutor que recebe a informação. A partir da aplicação das entrevistas em Dorés do Indaiá sobre os cenários e, tomando em consideração o futuro por eles apresentado, é possível afirmar que as reações dos agentes podem ser tipificadas nas seguintes categorias: tristeza (sobretudo quando recordavam os anos anteriores), aversão, surpresa, medo e desprezo.

Segundo Haggard e Isaacs (1966), há ainda um subgrupo de expressões chamado, por eles, de expressões micro momentâneas, que são expressões emocionais muito rápidas e que movimentam uma parcela menor de musculatura facial. Mesmo em se tratando de expressões rápidas e sensíveis, ainda assim são passíveis de percepção se os agentes estiverem atentos durante as interações sociais.

Quando aplicado este modelo de análise das expressões sobre a etnografia, a pesquisa de Eyerman (2007), ao analisar a pesquisa de Pollak (2009), evidenciou como as

emoções se manifestam sempre em ações e reações e essas, por sua vez, são comunicadas por meio de expressões faciais. Pollak et al (2009), ao realizarem uma etnografia com crianças inseridas em ambientes familiares de conflito, observaram suas reações diante de imagens de outras expressões faciais de pessoas em locais de conflitos diversos. Em suas análises, constataram que o olhar sobre todas as reações gerava em seus agentes outras ações, semelhantes às observadas. Com a evolução da pesquisa, perceberam que isso se dava, entre outros fatores, pela memória das emoções sentidas em seu próprio ambiente conflituoso.

Guerini e Staiano (2015) realizaram um estudo etnográfico das expressões faciais geradas por pessoas ao lerem conteúdos diversos em mídias sociais. Foi possível observar como informações geraram reações semelhantes às listadas no grupo das sete expressões faciais básicas, ligadas as emoções sentidas sobre cada texto lido. Desta forma, foi possível mapear um grupo de emoções ligadas à forma como a informação midiática virtual era recebida pelos interlocutores. Segundo os autores, estas emoções também estavam ligadas a forma como o texto entonava uma determinada informação.

Em minha pesquisa, tive o cuidado de não usar termos carregados de negatividade sobre os cenários, somente destacando adjetivos de grandeza sobre o período de tempo ou o possível impacto pandêmica sobre esse, como “longo período de tempo”, sobre o cenário de cinco anos ou “expressivo número de mortes”, tomando em consideração os impactos causados por uma pandemia que perdure por um longo período e usando como parâmetro o número de mortos da atual pandemia, mesmo em países que tomaram medidas orientadas pela OMS. Ainda assim, foi possível identificar, diante de tais cenários, as expressões dos agentes em desagrado a estas hipóteses. Portanto, é plausível afirmar que o exercício etnográfico sobre os cenários conectou os agentes diretamente ao texto, como modelo proposto por Guerini e Staiano (2015), e, desta forma, a um tempo futuro hipotético.

Ainda é possível afirmar a aplicabilidade frutífera do método de prospecção tendo em vista que os cenários criados foram baseados em observações sobre o efeito da pandemia em Dores do Indaiá e totalmente extraído das respostas dadas pelos próprios agentes durante a etnografia de 2022, sendo validado pelo grupo de peritos em 2023. Sendo assim, seguindo as etapas propostas pela metodologia de prospecção e cenários, a etnografia realizada em 2023 segue perfeitamente o passo a passo metodológico que comprova sua efetividade, assim como, é totalmente construído a partir das opiniões dos envolvidos na Festa do Rosário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Tudo, aliás, é a ponta de um mistério, inclusive os fatos. Ou a ausência deles. Dúvida? Quando nada acontece há um milagre que não estamos vendo”.

(Rosa, J. G. O Espelho, 2014, p. 28)

Quando falamos sobre futuro, como bem nos lembrou Guimarães Rosa (2014), é sempre um mistério. A pandemia do novo Coronavírus, apesar dos anúncios de diversos cientistas, como apontado anteriormente, sobre o surgimento de novos vírus e o avanço das mudanças climáticas, pegou todo o mundo de surpresa. Parte significativa da população não imagina que, desde a gripe espanhola, sofreríamos por uma nova doença em todo o planeta e muito menos que teríamos de criar uma verdadeira operação de guerra contra ela por dois longos anos. Ainda hoje, em 2024, nos vemos obrigados a ter cuidados sanitários direcionados ao novo coronavírus, com o medo de que ele possa voltar em larga escala com o surgimento de novas cepas, ainda mais fortes do que as anteriores.

Como pudemos ver nos dados apresentados nos capítulos anteriores, o efeito pandêmico em Dorés do Indaiá foi sentido de maneira severa por toda a população, sobretudo pela ruptura causada no tempo ritual da Festa do Rosário. Congadeiros e Congadeiras, Reinado, devotos e devotas, espectadores e espectadoras, Poder Público e comerciantes, todos e todas sofreram física e psicologicamente durante os dois anos sem as batidas de tambores, as visitas às casas, as danças para os Santos e Santas, os pagamentos de promessas, as corridas de cavalcadas e todo o mais que a Festa simboliza e faz no sentido da vida dos dorenses.

RUPTURA TEMPO X CULTURA

Antes de outros apontamentos, é importante destacar que esta tese não tratou o estudo de caso como um exemplo de entropia social, mas sim de ruptura, pois no caso da entropia

social, conforme apontam Herscovini (2005) e Zorzi (2022), trata-se de uma expansão natural dos sistemas sociais que causa desordem em um macrossistema na medida em que modifica os microssistemas. Essa expansão ocorre de forma já esperada, pois há uma ação contínua que gera tal grau de aumento. Nesta pesquisa, não estou tratando de algo já “esperado”, mesmo que a ocorrência de uma pandemia possa ser algo natural, contudo, compreendo que as ações humanas, como no caso do avanço das mudanças climáticas e de interações entre humanos e sistema natural, forçam o surgimento de novos problemas, sendo assim, o que vivenciamos nos últimos anos pode ser encarado como uma ruptura, ou seja, uma ação repentina e brusca sobre o nosso sistema social.

Através da metodologia de prospecção e a etnografia do futuro, baseada nos cenários criados, eu apresento nesta tese uma nova visão antropológica acerca da possibilidade de novas rupturas, e, como intensão, esta pesquisa servirá de base para a investigação de outras possíveis rupturas causadas por grandes eventos, como o rompimentos das barragens de mineração e seus consequentes grandes impactos sobre o cotidiano das populações atingidas (ORGANON, 2015; Losekkan, 2018; Krenak, 2020), pela construção de grandes empreendimentos como hidrelétricas e estradas (Simões e Valentini, 2020; Rowiechi e Coltro, 2021; Ribeiro, 2021), na eminência de grandes guerras ou conflitos armados (Menezes e Reis, 2013; Ferraro, 2022); na aceleração das mudanças climáticas, no surgimento de novas doenças de impacto contundente, dentro outros.

Conforme apontado nos relatos dos entrevistados e das observações etnográficas, podemos afirmar que o efeito inesperado e severo de ações como essas, assim como foi a pandemia, podem ser compreendidas como rupturas temporais que terão ligação direta com a esfera sociocultural dos grupos sociais. E, diante dos nossos padrões de relação com o planeta, novas situações como esta sempre serão passíveis de ocorrer.

Aqui é importante retomar a ontologia que marca essa pesquisa, conforme destacado na introdução, e observar mais afundo a opinião dos autores contra antropológicos sobre o tema e do ponto de vista do eixo Sul.

Nessa intensa relação de desgaste entre o humano e a natureza, em uma sociedade capitalista de relações transfluentes e cosmoatómicas, novos acontecimentos abruptos, como pandemias, serão sempre possíveis e, mesmo que compreendamos isso, essas ações irão nos pegar de surpresa e muitas vezes despreparados, fazendo com que a sua ocorrência seja sentida como uma rápida facada que gerará um profundo corte nas rotinas culturais diárias,

como ocorrido em Dolores do Indaiá. Os cenários criados juntos aos entrevistados e, validados com os peritos, mostram como a população dolorense, mesmo esperançosa do não desaparecimento total da cultura popular congadeira, se sentiu temerosa acerca dos efeitos de uma nova pandemia sobre a Festa do Rosário.

A atual pandemia impactou as esferas econômica, religiosa, cultural, a saúde e as esferas social e racial da cidade na medida em que a população negra foi esquecida em muitos momentos ao longo destes dois anos. Emiliani Giordani ressaltou em sua fala que “esta foi a minha maior preocupação. Essas pessoas “sumirem” mesmo estando aqui”. A Festa do Rosário é um momento de grande visibilidade social a população negra pelo reconhecimento dos seus saberes sobre a tradição do ritual congadeiro. O racismo brasileiro fez ao longo do tempo com que as pessoas negras fossem “automaticamente” encaradas como invisíveis. Elas são só lembradas quando se precisam delas para funções consideradas essenciais, mas que o branco, muitas vezes não faz. No caso de Dolores, ao perpetuar a tradição congadeira por mais de um século e resistir pela existência do congado, como fez o “herói” negro congadeiro Antônio Martins quando a Diocese de Luz proibiu a realização da manifestação do Congado por considerá-la “não cristã”, durante a década de 60. Portanto, a população negra dolorense é muito bem quista por todos durante o período de realização do festejo.

O Dossiê SULear, fala da importância da compreensão de mundo a partir do lugar onde estamos. Diante de ações bruscas que possam desestabilizar nossa compreensão de mundo e, fazer com que de forma célere tenhamos de nos “reinventar”, ainda assim passaremos por um período que precisaremos ter a consciência do novo momento em que estamos para então “mudar as regras do jogo” e conseguir voltar a seguir algum novo escopo sociocultural. Ao compreendermos o mundo e a nossa relação com ele, como apontado por Freire (2003), Krenak (2020) e Santos (2023), teremos um arcabouço para saber como mudar as regras mais rápido e com menos impacto em nossas vidas.

As rupturas temporais causadas por eventos inesperados podem fazer com que sejamos obrigados a deixar de lado ações da nossa esfera sociocultural de grande importância para nossas formas de vida, como um território ancestral no caso do rompimento de uma barragem (Losekkan, 2015; Krenak, 2020), nossas ideologias em uma guerra (Ferraro, 2022), nossas manutenções de fé em uma pandemia como vimos em Dolores do Indaiá. William Monteiro apontou nas entrevistas como, para os congadeiros e congadeiras, era

triste o simples fato de não poder entrar na Igreja de Nossa Senhora do Rosário para dançar em frente à imagem dos Santos e Santas. Para ele “é algo que você não vê, você só sente. Você sente a dor dessas pessoas de não poder exercer a sua fé. Isso é forte demais”. A Rainha Perpétua, Dona Ivani, disse que a impossibilidade do exercício da fé pelos atuantes na Festa do Rosário causou “as marcas mais profundas da pandemia” e mostrou que uma cultura tão viva traria maior ausência do que se poderia imaginar.

Ao aplicar as questões sobre a pandemia em 2022, bem como, os cenários entre os entrevistados em 2023, é preciso apontar os medos que intervieram no momento da pesquisa, retomando o passado recente da pandemia. Ao falar sobre cenários possíveis de pandemia mais duradoras foi perceptível como somente a menção sobre tal possibilidade abalou os congadeiros e congadeiras que recentemente estavam sorrindo aliviados com a retomada da Festa do Rosário. E este abalo não se deu somente pelo medo de uma nova não realização da Festa, mas também das novas possíveis mortes, tanto de congadeiros e congadeiras, como de devotos e devotas, ou mesmo conhecidos da cidade. Muito destacado nas entrevistas foi o temor com o falecimento de pessoas idosas, sendo que muitas destas são as detentoras dos saberes tradicionais do Congado.

Os cenários apresentados, mesmo que plausíveis, conforme a metodologia de prospecção aplicada, ainda assim são cenários de incertezas, sobretudo para os congadeiros e as congadeiras. Pensar uma situação que não se sabe quando e como poderá ocorrer é como tatear no escuro para procurar uma agulha. Essa, por sua vez, pode nos machucar se pisarmos sobre ela, mas não saberemos em que momento acontecerá. Os entrevistados, além dos medos destacados acima, também se mostravam preocupados justamente com essa incerteza trazida pelo cenário, o que gerou respostas iniciais como: “Não sei responder, isso só Deus sabe”, dada por Kaká em um primeiro momento.

Por meio da aplicação da metodologia de prospecção, que criou cenários plausíveis, pude realizar em campo uma etnografia de cenários futuros que mostrou as preocupações e a esperança acerca da manutenção da tradição junto aos participantes do Congado de Dores do Indaiá. É possível afirmar que grandes eventos abruptos podem gerar rupturas temporais que impactarão diretamente a esfera sociocultural local. Com os dados apresentados ao longo da pesquisa, é possível afirmar que Dores do Indaiá foi um dos exemplos onde o corte no tempo ritual da Festa do Rosário gerou marcas profundas na vida dos dorenses, nas esferas econômicas, sociais, religiosas e culturais. Marcas essas que, com aporte dos autores contra

antropológicos e, principalmente, da fala dos próprios entrevistados, devem ser evitadas e precisamos, enquanto sociedade e seres que vivem em relação direta com nosso planeta, nos fazer alertas sobre o cuidado com ele. Temos de ter o cuidado de não permanecermos cosmo-fóbicos.

Enquanto encararmos nosso planeta sob o viés de uma eterna caixa onde tiramos recursos naturais e transformamos em bens de consumo, estaremos sempre abertos ao risco de novas ameaças globais que teremos de escorar no “susto”, mesmo que tentemos nos preparar por elas. Gerando continuamente novas e novas rupturas sobre nossos tempos.

É urgente também, enquanto cientistas sociais e antropólogos, abrir diálogos acadêmicos, nossas pesquisas e as portas de nossas universidades para as “sub-humanidades” historicamente esquecidas e invisibilizadas. Não podemos mais deixar de ouvir as vozes dos povos tradicionais, da comunidade negra, LGBTQIPNA+, periferias, comunidades rurais, movimentos sociais, atingidos e atingidas por barragens e todos e todas outros e outras que estão “as margens do mundo”. O exercício de escuta é fundamental, mas é preciso ir para além disso, a antropologia tem o dever social de se SUlear por total e deixar até mesmo de ler as vezes os chamados “clássicos” quando nossos povos têm muito mais a dizer sobre nós. Estes atores devem se tornar cada vez mais comuns até o momento que não os encaremos mais como contra antropologias, mas sim, como uma nova antropologia onde a “sub-humanidade” realiza trabalhos frequentes e, desta forma, auxilia nosso campo da ciência a gerar caminhos que a tirem deste lugar de “sub” para encará-la como humanidade.

Esta é uma maneira de evitar novas rupturas em nossos tempos e nossas culturas, pois será um caminho onde poderemos aprender mais com elas e desta forma deixarmos de ser cosmo-fóbicos, entendendo-nos como parte do cosmos, da Terra, e passando a ter uma relação mais harmônica com o planeta, de forma verdadeiramente sustentável. Abrir o olhar para cosmovisões alternativas é a forma de compreender que os autores “clássicos” da antropologia não são os únicos detentores de saber e, muitas vezes, seus estudos já estão até mesmo defasados diante dos avanços socioculturais impostos em um mundo globalizado. Neste trabalho, quando optei por manter o debate entre autores contra antropológicos e os clássicos europeus e estadunidenses, o fiz por compreender que todas as pesquisas na antropologia podem se cruzar em algum momento, gerando uma grande teia colaborativa em nossa ciência. Quando um autor, por exemplo francês não possui mais uma pesquisa que possa contribuir para o Brasil, fiz o exercício de tentar olhar seus estudos de forma mais

molecular na tentativa de procurar “algo que ainda pode ser usado aqui”. São nesses cruzamentos, com as análises contra antropológicas, que estes autores foram muito úteis a esse trabalho. Da mesma forma, as falas dos entrevistados e entrevistadas de Dores do Indaiá precisaram sempre ser a porta de entrada para que fossem buscados os autores que dialogariam com seus apontamentos.

Sobre estes entrevistados e entrevistadas, é fundamental também destacar que, ao ir a campo para o diálogo com eles, eu, o antropólogo, tenho a ciência que também fui o responsável por inserir em campo outros tempos: o tempo do pesquisador, o tempo das questões, o tempo da produção de imagens, o tempo dos cenários de futuro, o rememorar um passado não positivo. Ao estar em campo, todo pesquisador e pesquisadora será um novo marcador temporal, sobretudo, em meu caso, vindo de outro estado, outra compreensão de mundo, outros intencões em campo e outros olhares sobre a própria Festa do Rosário. Seria leviano de minha parte não reconhecer que ao tratar dos cenários de possíveis novas pandemias, eu mesmo criei pequenas rupturas temporais ao levar os entrevistados e entrevistadas de foram abrupta a um outro tempo que, eles mesmos, não tinham o desejo de rememorar.

Ao estar em campo para a execução desta pesquisa, mesmo trazendo outros muitos tempos para o local, tive o cuidado de mais ouvir do que questionar os entrevistados. Isso possibilitou não só reduzir a minha intervenção em cena, como também, aglutinar mais elementos trazidos pelos tempos de Dores do Indaiá. Olhando sob a ótica SULeada, os tempos dos congadeiros e congadeiras são profundamente marcados pelas suas relações socioculturais com aquele local: a pequenina Dores do Indaiá, o chão vermelho e seco do cerrado mineiro, os modos de vida simples e interioranos, a fé profunda nos Santos e Santas negros e negras, os costumes culinários (que, diga-se de passagem, já estou com saudades), as cores vibrantes, a alegria expansiva da Festa.

Enfim, concluo clamando para que esta pesquisa auxilie futuros antropólogos e demais pesquisadores a criar novas antropologias do tempo que compreendam outras formas de temporalidade, distante de um viés alocrônico. Antropologia essa que deve ser escrita de fora para dentro, da “sub-humanidade” que deve se tornar ator principal, humanidade, para que um dia não esqueçamos que as margens fazem parte da elipse da “boca do copo” vista ao redor da mesa onde se sentam outros Márcio Campos com seu amigo Paulo Freire e com eles Davi Kopenawa, Ailton Krenak, Antônio Bispo do Santo, Carolina Maria de Jesus,

Beatriz Nascimento, Abdias Nascimento, Alfred Gell, Joannes Fabian, Leila Gonzalez, Cheikh Anta Diop, Aime Cesaire, Ronald Mallet, Kwame Anthony Appiah, William Monteiro, Emiliani e Viviane Giordani, Ewamir de Souza, Capitão Carlinhos, Ivani dos Santos, congadeiros e congadeiras, devotos e devotas, capitães negros, Rainhas da bandeira e Reis do mastro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABERGEL, C.; CLAVERIE, J. M. Pithovirus sibericum: awakening of a giant virus of more than 30,000 years. *Medecine sciences: M/S*, v. 30, n. 3, p. 329-331, 2014.

AGUIAR, K. A relação dialógica, a pesquisa e a construção do encontro. In: *Saberes plurais e epistemologias aterradas [recurso eletrônico] : caminhos de pesquisa na psicologia e ciências humanas / Abrahão de Oliveira Santos (organizador)*. – Niterói : Eduff, 2020.

AGUIAR, J. O. As filosofias de Ailton krenak e Antonio Bispo dos Santos: pensamento criativo surgido da relação com a Terra no Brasil da Nova República. *RBFH ISSN 2447-5076 (Brasil)*, v. 12, n. 4, p. 1637-1651, out.-dez., 2023.

ALBUQUERQUE, D. E. M. de; MENEZES, D. M. S.; SILVEIRA, M. A. A. de. Bens imateriais em processo de instrução para registro no iphan: tensões sociais em torno da salvaguarda na região nordeste do brasil. *Encontros Bibli: Revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação*, Wed, 07 Jul, 2021.

ALEXANDER, S. *The Jazz of Physics: The Secret Link Between Music and the Structure of the Universe*. Editora: Basic Books; 1ª edição, 2016.

AMADEO, P. (ed.). *Sopa de Wuhan: Pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemias*. [s.i]: Editorial ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatório), 2020.

ANN-JACKSON, S. A sinfonia do Universo. Palestra proferida na série Científica Charlie Rose: O Imperativo da Ciência. Disponível em <<https://web.archive.org/web/20090201025812/http://www.charlierose.com/view/interview/9027>> Acessado em 13/11/2021, às 10h25.

APPIAH, K. A. *The Ethics of Identity*. Editora Princeton University: Princenton, 2007.

ARCHANGELO, A.; CAMPANARO, C. R.; VILLELA, F. C. B. Chronos, Kairós e a temporalidade da pandemia - Confronto entre deuses e possibilidade de reinvenção do setting. *JORNAL de PSICANÁLISE* 53(98), 27-40. 2020.

ARREBOLA, D. L. Danças, festas e reconhecimento: estudo de caso da micropolítica dos congados de Dores do Indaiá – MG. Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais. Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes, defendido em 02/2020.

BARBOSA, Waldemar A. *Dores do Indaiá do Passado*. Editora Santa Maria: Campinas, 1964.

BARRETO, J. P. *Wai-mahsã: peixes e humanos – um ensaio de antropologia indígena*. Universidade Federal do Amazonas: Manaus, 2013.

BHABHA, H. *O bazar global e o clube dos cavalheiros ingleses*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2011.

BITTER, D. *A bandeira e a máscara. Circulação de objetos rituais nas Folias de Reis*. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2010.

BOFF, L. *Jesus Cristo libertador*. Petrópolis: Editora Vozes de bolso, 2012.

- BONTEMPO, M. T. Análise comparativa dos métodos de construção de cenários estratégicos no planejamento ambiental. Dissertação de mestrado. São Paulo: FEA-USP, 2020.
- BORGES, L. P. C. O futuro da escola: (re)imaginando uma etnografia sobre a relação dos jovens estudantes com o conhecimento escolar. Appris Editora: Curitiba, 2021.
- BRASILIANO, A C R. 2007. Cenários Prospectivos. Disponível em www.brasiliano.com.br/revistas/edicao_33.pdf, Acessado em 02 de Abril de 2011.
- BULL, P. Contra-antropologia, contra o estado: uma entrevista com Eduardo Viveiros de Castro. REVISTA HABITUS | IFCS – UFRJ | VOLUME 12 – N. 2 – 2014.
- CAMARGO, R. F. de. O que é análise Pest e como elaborar uma matriz Pestel? Treasy. Disponível em: <<https://www.treasy.com.br/blog/analise-pest/>>, Acessado em 12 de março 2021.
- CANCLINI, N. G. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 4º edição, 2013.
- CARNEIRO, A. S. A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser. Feusp, 2005.
- _____. A cor do preconceito. São Paulo: Ática, 2006
- _____. Racismo, Sexismo e Desigualdade no Brasil. São Paulo: Selo Negro, 2011.
- CÉSARIE, A. Cahier D'un Retour Au Pays Natal . Editora EDUSP: São Paulo, 2021.
- CHAVES, Z. Por um ensino que diz da gente. In.Saberes plurais e epistemologias aterradas [recurso eletrônico] : caminhos de pesquisa na psicologia e ciências humanas / Abrahão de Oliveira Santos (organizador). – Niterói : Eduff, 2020
- CLEGG, B. How to Build a Time Machine: The Real Science of Time Travel. Editora St. Martin`s Griffin, New York, 2013.
- COELHO, G M; SANTOS, M M; SANTOS, D M; FILHO, L F. Prospecção de tecnologias de futuro: métodos, técnicas e abordagens. Apostila Mestrado Profissional Política Ciência e Tecnologia e Inovação em Saúde, 2009.
- COEN, M. Zazen: a prática essencial do zen. São Paulo: Comunidade Zen Busdista Zendo Brasil, 2018.
- CONCEIÇÃO, M. R.; FREIRE, R. P.; MACARIO, F. C.; OLIVEIRA, R. A. T.; FRANCO, C. M. Covid-19 – um exercício de coordenação e articulação municipal efetiva: a experiência de Niterói. Saúde debate | Rio de Janeiro, v. 44, n. especial 4, p. 281-292, 2020.
- CORGOZINHO, Batistina M. S; CATAO, Leandro P.; PEREIRA, Mateus H. F. Histórias e Memórias do Centro Oeste Mineiro: Perspectivas. Ed. Crisálida: Belo Horizonte, 2009.
- CREPALDI, M. A.; SCHMIDT, B.; NOAL, D. S.; BOLZE, S. D. A.; GABARRA, L. M. Terminalidade, morte e luto na pandemia de COVID-19: demandas psicológicas emergentes e implicações práticas. Estudos de Psicologia (Campinas), 37, e200090, 2020.
- CUNHA, M. B. da. Para saber mais: fontes de informação em ciência e tecnologia. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2001.

DANZMANN, P. S.; SILVA, A. C. P. da; GUAZINA, F. M. N. Implicações da morte e luto na saúde mental do sujeito frente à pandemia . Id on Line Rev.Mult. Psic., vol.15, n.55, p. 33-51, Maio/2021.

DAS, V. *Textures of the Ordinary: Doing Anthropology after Wittgenstein*. New York: Fordham University Press, 2020.

DEBARY, O. *Antropologia dos restos: da lixeira ao museu*. Pelotas: UM2, 2017.

DELEUZE, G., & GUATTARI, F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia* (Vol. 1). Rio de Janeiro, RJ: Ed. 34, 1995.

DESLANDES, S.; COUTINHO, T. Pesquisa social em ambientes digitais em tempos de COVID-19: notas teórico-metodológicas. *Cad. Saúde Pública*, 2020.

DIOP, C. A. *Civilization or Barbarism: An Authentic Anthropology*. Editora Chicago Review Press: Chicado, 1991

DIOP, C. A. *Precolonial Black Africa*. Editora Chicago Review Press: Chicado, 1988.

_____. *The African Origin of Civilization: Myth or Reality*. Editora Chicago Review Press: Chicado, 1989.

Dossiê SUEar (SUEar). Org.: CAMPOS, M. D. *Revista Interdisciplinar SUEar*. Ano 2, No 2 (Set./2019).

DUARTE, R. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. *Cadernos de Pesquisa*, n. 115, março/ 2002 *Cadernos de Pesquisa*, n. 115, p. 139-154, março/ 2002.

DURKHEIM, E. *As formas elementares da vida religiosa*. Editora Paulus: São Paulo, 2001.

EKMAN, P. *Emotions revealed: recognizing faces and feelings to improve communication and emotional life*. New York, NY: Times Books, 2003.

_____; FRIESEN, W. V.; HAGER, J. C. *The Facial Action Coding System*. (2nd ed.) Salt Lake City, UT: research Nexus ebook, 2002.

EINSTEIN, A. *A Teoria da Relatividade: sobre a teoria da relatividade restrita e geral*. L&PM Pocket, 2015.

_____. *Einstein's 1912 manuscript on the special theory of relativity: a facsimile*. New York: George Braziller, 1996.

ESTEVAM, C. A vida noturna: Os sonhos. In: ESTEVAM, C. *Vida e Obra de Freud*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

EVANS-PRITCHARD, E. E. *Os Nuer*. 2º edição, Editora Perspectiva: São Paulo, 2011.

EYERMAN, R. Emotions and social movements. In: FLAM, H.; KING, D. (org.). *Emotions and social movements*. Routledge, 2007.

FABIAN, J. *O tempo e o outro: como a antropologia estabelece seu objeto*. Petrópolis: Vozes, 2013.

FERRACIOLI, N. G. M.; OLIVEIRA, W. de A.; OLIVEIRA-CARDOSO, E. A. de; CORRADI-WEBSTER, C. M.; RISK, E. N.; SANTOS, M. A. dos. Comportamento suicida: o paradoxo vida e morte em meio à pandemia de Covid-19. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*. Londrina, v. 12, n. 2, p. 75-100, ago. 2021.

FEITOZA, C. S. “Eu sou um aprendiz”: aprender começa pelo respeito aos antepassados e pelo conhecimento das lutas. In: *Saberes plurais e epistemologias aterradas [recurso eletrônico] : caminhos de pesquisa na psicologia e ciências humanas / Abrahão de Oliveira Santos (organizador).* – Niterói : Eduff, 2020

FERRARO, V. A guerra na Ucrânia: Uma análise do conflito e seus impactos nas sociedades russa e ucraniana. *Scielo* 25 Preprints, 2022.

FERRAZ, C. P. A etnografia digital e os fundamentos da Antropologia para estudos em redes on-line. *Aurora: revista de arte, mídia e política*, São Paulo, v.12, n.35, p. 46-69, jun.-set.2019

FONTES, W. H. de A.; ASSIS, P. C. P. de; SANTOS, E. P. dos; MARANHÃO, T. L. G.; LIMA JÚNIOR, J.; GADELHA, M. do S. V. Perdas, Morte e Luto Durante a Pandemia de Covid-19: Uma Revisão da Literatura. *Id on Line Rev. Mult. Psic.*, vol.14, n.51, p.303-317, Julho/2020.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.* São Paulo: Paz e Terra, 2003.

FREUD, S. *A interpretação dos sonhos. Vol. IV Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud edição standard brasileira.* Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FU, K. *Self Healing Power e Therapy* (p.111), Vantage Press, Inc., N.Y, 1991.

GELL, A. *A antropologia do tempo: construções culturais de mapas e imagens temporais.* Petrópolis: Vozes, 2014.

_____. *Arte e agência.* Editora Ubu: São Paulo, 2018.

GLEISER, M. *A Ilha do Conhecimento.* 2º ed – Rio de Janeiro: Record, 2014.

_____. *O caldeirão azul: o universo, o homem e seu espírito.* Rio de Janeiro: Record, 2019.

GLITZ, F; TOAZZA, G. B. O contrato para disposição da imagem na perspectiva dos direitos da personalidade. *JUSTIÇA DO DIREITO* v. 31, n. 2, p. 358-385, maio/ago. 2017

GODET, M., ARCADE, J., MEUNIER, F., ROUBELAT, F. “Structural Analysis with the ‘MICMAC Method & Actors’ Strategy with MACTOR Method”, *Futures Research Methodology*, V 2.0. AC/UNU Millennium Project, 1994. 147, 1994.

GODET, M. “A caixa de ferramentas da prospectiva estratégica – problemas e métodos”. Trad. J. Dias & P. Ramalhe. *Cadernos do Centro de Estudos de Prospectiva e Estratégia*, Lisboa, 2000.

_____. “The Art of Scenario and Strategic Planning”, *Technological Forecasting and Social Change*, 2001.

GONZALEZ, L. Mulher negra. In: NASCIMENTO, E. L. (Org.). *Guerreiras de natureza: mulher negra, religiosidade e ambiente.* São Paulo: Selo Negro. p. 29-47, 2008.

_____. *Racismo e sexismo na cultura brasileira.* In: *Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos.* Brasília: ANPOCS, 1983.

GRUMBACH, R J S; MARCIAL, E C. Cenários Prospectivos: como construir um mundo melhor. FGV. 5ª edição revista e ampliada , 2009.

_____. Prospectiva: a chave para o planejamento estratégico. São Paulo: Catau, 1999.

_____. Cenários Prospectivos: Como construir um futuro melhor. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

_____. Planejamento Estratégico Brazshipping 2006, elaborado em 2002.

GRÜNEWALD, L. Em torno de uma “antropologia indígena”: elementos de uma contra-antropologia. Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 326-338, jan./jul. 2020.

GUERINI, M; STAIANO, J. WWW Companion, May 18–22, 2015, Florence, Italy. ACM 978-1-4503-3473-0/15/05, 2015.

HAGGARD, E. A., ISAACS, K. S. Micro-momentary facial expressions as indicators of ego mechanisms in psychotherapy. in I. A. Gottschalk & A. H. Auerbach (eds.), *Methods of research in psychotherapy* (pp. 154-165). New York: Appleton-Century-Crofts, 1996.

HAWKING, Stephen. Breves respostas para grandes questões. 1. ed – Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

_____. O universo em uma casca de noz. Editora Intrínseca: Rio de Janeiro, 2016.

_____. Uma breve história do tempo. Editora Intrínseca: Rio de Janeiro, 2015.

HERSCOVINI, A. Historicidade, Entropia e Não-Linearidade: algumas aplicações possíveis na Ciência Econômica. *Revista de Economia Política*, vol. 25, nº 3 (99), pp. 277-294, julho-setembro/2005.

HINE, C. *Virtual Ethnography*. London: sage, 2000.

KRENAK, A. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2020

_____. O amanhã não está à venda. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KILIAN, R. J. Cénarização: a ferramenta essencial para uma estratégia efetiva. Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado em História Comparada) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, defendido em 03/2009. https://www.defesa.gov.br/.../rudibert_kilian-ferramenta_estrategia_efetiva.

KOPENAWA, D.; ALBERT, B. A queda do céu. Palavras de um xamã Yanomami. São Paulo: Companhia das letras, 2015.

JESUS, C. M. de. Quarto de despejo: diário de uma favelada. Organização e apresentação de Audálio Dantas. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1960.

JOHN, S. O manuscrito de Einstein de 1912 como pista para o desenvolvimento da teoria da relatividade restritiva. *Sci. stud.* vol.3 no.4 São Paulo, Oct./Dec. 2005

JOHNSON, G.; SCHOLLES, K.; WHITTINGTON, R. Fundamentos de estratégia. Porto Alegre: Bookman, 2011.

LEAL, G. C. O degelo do ártico e os microrganismos adormecidos. *Revista Blog do Profissão Biotec*, v.9, 2022. Disponível em: <<https://profissaobiotec.com.br/degelo-artico-microrganismos-adormecidos/>>, Acessado em 19 de abril de 2023.

LÉVI-STRAUSS, C. O cru e o cozido. São Paulo: Cosac & Naify, 2014.

LIBANIO, J. B. Em busca da lucidez: o fiel na balança. Rio de Janeiro: Editora Loyola, 2008.

LINDA, J. O consumo de um planeta finito: bem-estar, convergência, divergência e a nascente economia verde. *Economia de Recursos Ambientais*; 55 : 475-499, 2013.

LOSEKANN, C. Não foi acidente! O lugar das emoções na mobilização dos afetados pela ruptura da barragem de rejeitos da mineradora Samarco no Brasil. In: Zhouiri A, editor. *Mineração, violências e resistências: um campo aberto à produção do conhecimento no Brasil*. Marabá: Iguana; p. 67-112, 2018.

KOPENAWA, D. ALBERT, B. A queda do céu. Editora Companhia das Letras: São Paulo: 2015.

LEMO, U.; GOSCIOLA, V. Memória, identidade e digitalização de bens culturais: o legado da Missão de Pesquisas Folclóricas no Brasil. *Em Questão*, Porto Alegre, v. 26, p. 181-205, Edição Especial Dossiê Patrimônio e Culturas Tradicionais, 2020.

LOBÃO, Ronaldo. FABIAN, Johannes. [1983]. The Time and the Other: how anthropology makes its object. UNESP – Araraquara: *Cadernos de Campo* n 13, 189-192, 2005.

MACHADO, V. S. O cajado de Lemba: o tempo no Candomblé de Nação Angola. FFCLRP/USP: São Paulo, 2015.

MALLET, Ronald; HENDERSON, Bruce. *Time Traveler: A Scientist's Personal Mission to Make Time Travel a Reality*. Basic Books, New York, 2006.

MALVAVALA. N. Uma fonte de estado comprimido usando rigidez induzida por pressão de radiação. *Rev. A* 73 , 2006.

_____. WOLCHOVER, N. Gravitational Waves Discovered at Long Last. *Rev. Quanta Magazine*, february, 11, 2016. Disponível em <<https://www.quantamagazine.org/gravitational-waves-discovered-at-long-last-0160211/#>> Acessado em 23/01/2023, às 13h45.

MARMOL, T. *Análise PESTEL: Compreender e planejar o seu ambiente de negócios*. Namur: Editora 50minutes, 2023.

MELO, J. P. da S. Proposta de um planejamento estratégico organizacional: estudo de caso em um pequeno negócio de artesanato. - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Departamento de Administração. Natal, RN, 2020.

MENEZES, T. S.; REIS, R. R. Direitos humanos e refúgio: uma análise sobre o momento pós-determinação do status de refugiado. *Revista Brasileira de Política Internacional*, Brasília, v. 56, n. 1, p. 144-162, 2013.

MEZAN, R. Tempo de muda: ensaios da psicanálise. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MORITZ, G O; PEREIRA, M F. 2005. Planejamento de Cenários: A evolução do pensamento prospectivo. *Revista de Ciências da Administração*. v.7, n.13, 2005.

MOURA, R. J. de. Expropriação dos saberes pela universidade. In. *Saberes plurais e epistemologias aterradas [recurso eletrônico] : caminhos de pesquisa na psicologia e ciências humanas / Abrahão de Oliveira Santos (organizador)*. – Niterói : Eduff, 2020.

MUNANGA, K.; GOMES, N. L. O negro no Brasil de hoje. São Paulo: Global Editora, 2016.

_____. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil – Nova edição: Identidade nacional versus identidade negra. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2019.

NASCIMENTO, A. O quilombismo: documentos de uma militância Pan-Africanista. Editora Perspectiva: São Paulo, 2019.

NASCIMENTO, B. Uma história feita por mãos negras. Organização de Alex Ratts. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2021.

OKORAFOR, N. Africanfuturism defined. In: *Nnedi's Wahala Zone Blog*. 19 out. 2019.

ORGANON, Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão em Mobilizações Sociais. Impactos socioambientais no Espírito Santo da ruptura da barragem de rejeitos da Samarco: relatório preliminar. Vitória: Organon; 2015.

PASSOS, E. Nova paisagem universitária e renovação dos modos de conhecer. In. *Saberes plurais e epistemologias aterradas [recurso eletrônico] : caminhos de pesquisa na psicologia e ciências humanas / Abrahão de Oliveira Santos (organizador)*. – Niterói : Eduff, 2020

PAVESI, P. P.; VALENTIM, J. Ciências Sociais Computacionais: um novo paradigma para as Ciências Sociais? *Simbiótica*, v.8, n.4, set.-dez./2021

POLLAK, S. D; MESSNER, M; KISTLER, D. J; COHN, J. F. Recognizing emotion in faces: developmental effects of child abuse and neglect. Feb 1. Published in final edited form as: *Cognition*. Feb; 110(2): 242–247, 2009.

PORTER, A. ET AL. Technology futures analysis: toward integration of the field and new methods. *Technological Forecasting & Social Change*, v. 71, n. 3, p. 287-303, 2004.

PORTO, C A. Construção de Cenários e Prospecção de Futuros. Editora Treinamento Conceitual, 1988.

PRANDI, R. O candomblé e o tempo: concepções de tempo, saber e autoridade da África para as religiões afro-brasileiras. *Rev. bras. Ci. Soc.* 16 (47) • Out 2001.

PRESCOD-WEINSTEIN, C. *The Disordered Cosmos: A Journey Into Dark Matter, Spacetime, and Dreams Deferred*. Editora: Bold Type Books, 2021.

RABELLO, A. M.; OLIVEIRA, D. B. Impactos ambientais antrópicos e o surgimento de pandemias. Unifesspa: Painel Reflexão em tempos de crise. 26 mai. 2020.

RIBEIRO, F. L. O impacto social da transposição do Rio São Francisco. Editora Apris: São Paulo, 2021.

ROCHA, M. O. O contra-arquivo na arte: O poder xamânico de uma antropologia reversa. *Palíndromo*, v.9, n.18, p.10-28, mai/ago 2017.

ROSA, H. La Sociedad ante la desaceleración forzada: una interpretación sociológica de la crisis del coronavirus. *Diferencia(s) Revista de Teoría Social Contemporánea*, v. 11, n. 11, pp. 19-32, 2021.

ROSA, J. G. *Primeiras Estórias*. São Paulo: Editora Global, 2014.

ROWIECHI, J., COLTRO, F. L. Z. Impactos da construção da hidrelétrica de Belo Monte na teia da vida: uma análise sob a perspectiva da ecologia-mundo. *Revista Gestão & Conexões*, 9(3), 74-96. 2021.

SANTOS, A. B. dos. *A terra da, a terra quer*. Ubu editora: São Paulo, 2023.

_____. *Colonização, quilombos. Modos e significados*. Instituto de inclusão no Ensino Superior e na pesquisa. Universidade Federal de Brasília: Brasília, 2015.

_____. *Fazer um retorno: contribuição ao caminho de pesquisa*. In: *Saberes plurais e epistemologias aterradas [recurso eletrônico] : caminhos de pesquisa na psicologia e ciências humanas / Abrahão de Oliveira Santos (organizador)*. – Niterói : Eduff, 2020

SANTOS, J. T. O Tempo na narrativa platônica da Criação. *Hypnos* (São Paulo) , S. Paulo, v. 18, n.1, p. 42-55, 2007.

SCHWARTZ, P. *A arte da visão de longo prazo: Planejando o futuro em um mundo de incertezas*. Editora Best Seller, 2000.

_____. *Cenários: as Surpresas Inevitáveis*. Ed. Campus, 2003.

SILVA, Rubens A. *A atualização de tradições: performances e narrativas afrobrasileiras*. São Paulo: LCTE Editora, 2012.

SIMÕES, M. V. L.; VALENTINI, J. Memórias invisíveis: a construção da Transamazônica nos relatos dos povos tradicionais. *Revista Temporis [Ação]* (Revista Acadêmica de Conexões Multidisciplinares em Educação da Universidade Estadual de Goiás). Cidade de Goiás; Anápolis. v. 20, n.2, p. 1-16, e-200204, jul./dez., 2020.

SOBRINHO, P. J. C. A pesquisa e os saberes tradicionais. In: Saberes plurais e epistemologias aterradas [recurso eletrônico] : caminhos de pesquisa na psicologia e ciências humanas / Abrahão de Oliveira Santos (organizador). – Niterói : Eduff, 2020.

SOUZA, C. P.; SOUZA, A. M. Rituais Fúnebres no Processo do Luto: Significados e Funções. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 35, 2019.

SPIVAK, G. C. Pode o subalterno falar?. Editora UFMG: Belo Horizonte, 2018.

SUTTER, Paul. How to Die in Space: A Journey Through Dangerous Astrophysical Phenomena. Editora Pegasus Books, Harper Collins, 2020.

TEGMARK, Max. The Multiverse Hierarchy. arXiv: 0905.1283v1 [physics.pop-ph], maio 2019.

VIVEIROS DE CASTRO, E.; DANOSSKI, D. Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins. Editora Isa: Curitiba, 2014.

VIVEIROS DE CASTRO, E. “O Nativo Relativo”. *Mana* [online], vol.8, n.1, 2002.

WHEELER, John A; FORD, Kenneth. Geons Black Holes and Quantum Foam. Ed. W. W. Norton, 2000.

WILLIS, J.; TODOROV, A. First impressions: Making up your mind after 100 ms exposure to a face. *Psychological Science*, 17, 592-598, 2006.

WOMACK, Y. Evolution of a Space Ca- det. In: *Afrofuturism: The World of Black Sci-fi and Fantasy Culture*. Chicago: University of Chicago Press, 2013.

ZANARDI, P. P. Os cortadores de pedra na Chapada da Diamantina. Narrativas visuais sobre o patrimônio cultural. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, mestrado profissional em preservação do patrimônio cultural, rio de janeiro, 2017.

ZORZI, F. B. Democracia e entropia: uma teoria decolonial dos sistemas sociais e um estudo empírico sobre desigualdade no BrP/FURGS: Porto Alegre, 2022.